

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE ARQUITETURA, ARTES E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ARQUITETURA E
URBANISMO

FELIPE PERPETUO COSTA

VIDA, AÇÃO E CONSTRUÇÃO DE MUNDO NA FAVELA CAFEZINHO

CAMPINAS

2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE ARQUITETURA, ARTES E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ARQUITETURA E
URBANISMO

FELIPE PERPETUO COSTA

VIDA, AÇÃO E CONSTRUÇÃO DE MUNDO NA FAVELA CAFEZINHO

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Linha de pesquisa: Projeto, Inovação e Gestão em Arquitetura e Urbanismo. Grupo de Pesquisa: EU:CA – Estudos Urbanos, Cultura e Arquitetura.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Santana Luz

CAMPINAS

2025

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C837v	Costa, Felipe Perpetuo Vida, Ação e Construção de Mundo na Favela Cafezinho / Felipe Perpetuo Costa. - Campinas: PUC-Campinas, 2025. 320 f.il. Orientador: Vera Santana Luz. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Escola de Arquitetura, Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2025. Inclui bibliografia. 1. Arquitetura popular. 2. Periferias urbanas. 3. Poética dos comuns. I. Luz, Vera Santana. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Arquitetura, Artes e Design. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.
-------	--

FELIPE PERPETUO COSTA

“VIDA, AÇÃO E CONSTRUÇÃO DE MUNDO NA FAVELA CAFEZINHO”

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.
Área de Concentração: Urbanismo.
Orientador(a): Profa. Dra. Vera Santana Luz

Dissertação defendida e aprovada em 25 de junho de 2025 pela Comissão Examinadora constituída dos seguintes professores:



Profa. Dra. Vera Santana Luz
Orientador da Dissertação e Presidente da Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Profa. Dra. Luisa Angélica Paraguai Donati
Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Profa. Dra. Doriane Azevedo
UFMT

Dedico este trabalho à minha mãe Izildinha, que sempre enxergou a
beleza do habitar

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

Agradeço aos meus padrinhos, Fernando e Paula, que desde criança me ajudaram com os conteúdos da escola e graças a eles me tornei engenheiro civil. À minha irmã, Carol, que sempre esteve comigo nos momentos de mudança e sempre pronta com alguma coisa engraçada. À minha mãe, Izildinha, que desde o primeiro dia se entusiasmou com a pesquisa e guardava sempre um abraço especial. À minha companheira Amyla, sempre me apoiando com afeto e ideias de como valorizar a pesquisa.

Agradeço à minha orientadora, Dra. Vera Santana Luz, pela paciência e o carinho em me acolher e acreditar que eu poderia contribuir com o projeto de pesquisa. Graças a essa confiança, acho que construímos algo muito precioso.

À Profa. Mirtes Luciani, que me disse uma vez que eu era um “engenheiro com coração de arquiteto”.

Agradeço aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas, em especial a Dra. Vera Santana Luz, Dra. Jane Victal, Dra. Luisa Paraguai Donati, Dra. Patrícia Rodrigues Samora, Dr. Manoel Lemes da Silva Neto, Dra. Ana Paula Farah, Dr. Wilson Ribeiro dos Santos Junior e Dr. Dirceu Piccinato, que conduziram discussões que contribuíram com a estruturação e melhora da pesquisa. À Ana Paula Freitas pela paciência em auxiliar com a parte burocrática acadêmico-administrativa e aos funcionários da Instituição.

Agradeço ao NAU (Núcleo de Apoio ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da PUC-Campinas) e aos colegas de pós-graduação, especialmente os momentos de descontração com a Maria Clara, a Marina Vieira, o André Paiva, o Guilherme Ferraresi e a Fernanda Cintra.

Agradeço à Cássia Oliveira pelo grande apoio durante a pesquisa e à sua mãe pelo café com bolo quando estivemos em sua casa. À Déia, por colaborar em estabelecer o contato em rede na Favela Cafezinho, e a todos os moradores que conversaram comigo durante os dias de pesquisa, gostaria de ter escutado a história de todos.

Aos meus amigos Thainan Silva, Guilherme Zanetti, Eric Matsuda e Cristina Melo, pelo apoio constante e pelo incentivo durante todo o processo desta pesquisa. Ao Assaédes, pela fundamental contribuição que viabilizou a conclusão do meu mestrado e deste trabalho.

“A gente cresceu na luta, né? Assim é. Eu sempre digo, assim, que eu fui formada por mulheres, mulheres muito fortes, não é? É, foram mulheres à frente do seu tempo. Assim, porque dentro das comunidades é... a força vem da mulher.”

Vitória, [Entrevistada, nome fictício]

RESUMO

De maneira sistêmica, áreas urbanas informais e vulneráveis são alvo de discriminação, sendo submetidas à desvalorização e desprestigiadas culturalmente, como saber coletivo. Tanto o fator de localização da terra urbana, como a informalidade, são recorrentes e apresentam a dura estratificação socioespacial dos territórios invisibilizados pelo Estado e pelo *establishment*. Entretanto, nossa pesquisa busca mostrar que tais tecidos desvalorizados e desprovidos de infraestrutura e qualidade espacial podem apresentar, pelo contrário, a expressão máxima da luta por moradia concretizada nas pequenas casas, em sua morfologia, seus quintais e seu arcabouço erguido, ocultando, ou melhor, revelando, nos espaços domésticos e exteriores, toda uma forma de vida cotidiana e de fazer a cidade, como um processo cultural, em oposição às formas de fazer do capital hegemônico. A Favela Cafezinho, nosso estudo de caso, compõe a região convencionada pelo nome de Vila Moscou, aglomerado de bairros inseridos na zona nordeste de Campinas, nas bordas do tecido urbanizado. Trata-se de uma área que apresenta vulnerabilidades significativas e se caracteriza por construções realizadas de modo informal, em sua maioria residenciais, o que comparece como uma contradição diante do estatuto legal urbanístico. Como metodologia, o arcabouço teórico da presente pesquisa concebe a casa, de modo arquetípico, como cerne da memória simbólica e de acolhimento, que compreende a poética subjacente da casa primordial, como um estado de topofilia, inerente à própria condição do habitar. Nossa fundamentação também assinala a “linha abissal” em semelhança concernente aos territórios do Sul Global em relação ao Norte, porém em escala local, como uma reverberação de separação na cidade, incluídos os campos epistemológicos e culturais. Nos baseamos, ainda, na premissa que pressupõe que espaços urbanos se submetem a lógicas transversais e agentes sociais relacionados a sua inserção socioterritorial, ou seja, diferem, no mundo globalizado, conforme se inserem em países centrais ou periféricos. Como objetivo, intentamos revelar como se dão, concretamente, as morfologias de ocupação deste ambiente periférico, que têm sua memória enraizada na luta pelo direito à moradia, à cidade e à cidadania, no recorte do estudo de caso proposto. Pretendeu-se, a partir de procedimentos indutivos, trazer à luz determinadas formas presentes, na realização destas casas, em movimento de autoconstrução e luta por garantia de posse, com uma exemplaridade, que busca apontar caminhos para configurações concretas e significados simbólicos assentados nesse modo de vida das periferias brasileiras.

Palavras-chave: Favela Cafezinho, Campinas; vulnerabilidades periféricas; arquitetura popular; poética dos comuns; ecologia dos saberes.

ABSTRACT

In a systemic way, informal and vulnerable urban areas are the target of discrimination, being subjected to devaluation and cultural discredit, as collective knowledge. Both the location of urban land and informality are recurrent factors and present the harsh socio-spatial stratification of territories made invisible by the State and the establishment. However, such devalued fabrics, lacking infrastructure and spatial quality, present, on the contrary, the maximum expression of the struggle for housing embodied in small houses, in their morphology, their backyards and their erected framework, hiding, or rather, revealing, in domestic and outdoor spaces, an entire form of daily life and of making the city, as a cultural process, in opposition to the ways of doing things of hegemonic capital. The Favela Cafezinho, our case study, makes up the region conventionally called Vila Moscou, a cluster of neighborhoods located in the northeast zone of Campinas, on the edges of the urbanized fabric. This is an area that presents significant vulnerabilities and is characterized by informal constructions, mostly residential, which appears as a contradiction in view of the urban planning legal status. As a methodology, firstly, the theoretical framework of this research conceives the house, in an archetypal way, as the core of symbolic memory and reception, which comprises the underlying poetics of the primordial house, as a state of topophilia, inherent to the very condition of dwelling. Our foundation also highlights the “abyssal line” in similarity concerning the territories of the Global South in relation to the North, but on a local scale, as a reverberation of separation in the city, including the epistemological and cultural fields. We also base ourselves on the current trend that assumes that urban spaces are subject to transversal logics and social agents related to their socio-territorial insertion, that is, they differ, in the globalized world, according to whether they are inserted in central or peripheral countries. Our objective is to reveal how the morphologies of occupation of peripheral environments, whose memory is rooted in the struggle for the right to housing, the city and citizenship, take place in the context of the proposed case study. We intended to shed light on certain forms present in the construction of these houses, in a movement of self-construction and struggle for guaranteed ownership,

with an exemplary approach that seeks to point out paths for concrete configurations and symbolic meanings based on this way of life in Brazilian peripheries.

Keywords: Favela Cafezinho, Campinas; socio-territorial vulnerability, popular architecture; poetic of the commons; Brazilian peripheries; ecology of knowledge.

RESUMEN

Las zonas urbanas informales y vulnerables sistemáticamente son objeto de discriminación, siendo devaluadas y descreditadas culturalmente, como conocimiento colectivo. Tanto el factor de ubicación del suelo urbano como la informalidad son recurrentes y presentan la dura estratificación socio espacial de los territorios invisibilizados por el Estado y el *establishment*. Sin embargo, nuestra investigación busca mostrar que tales tejidos devaluados, desprovistos de infraestructura y calidad espacial, pueden presentar, por el contrario, la máxima expresión de la lucha por la vivienda realizada en las casas pequeñas, en su morfología, sus patios y su estructura construida, ocultando, o mejor dicho, revelando, en los espacios domésticos y exteriores, toda una forma de vivir cotidianamente y de hacer ciudad, como proceso cultural, en oposición a las formas de hacer del capital hegemónico. Favela Cafezinho, nuestro caso de estudio, conforma la región conocida como Vila Moscó, un conjunto de barrios ubicados en la zona noreste de Campinas, en los bordes del tejido urbanizado. Se trata de una zona que presenta importantes vulnerabilidades y se caracteriza por construcciones realizadas de manera informal, en su mayoría residenciales, lo que parece contradecir el estatus legal urbano. Como metodología, el marco teórico de la presente investigación concibe la casa, de manera arquetípica, como núcleo de memoria simbólica y acogida, que comprende la poética subyacente de la casa primordial, como un estado de topofilia, inherente a la condición misma de habitar. Nuestro razonamiento también destaca la “línea abisal” en similitud entre los territorios del Sur Global en relación con el Norte, pero a escala local, como una reverberación de separación en la ciudad, incluidos los campos epistemológicos y culturales. Nos basamos también en la premisa que supone que los espacios urbanos están sujetos a lógicas transversales y agentes sociales relacionados con su inserción socioterritorial, es decir, se diferencian, en el mundo globalizado, según estén ubicados en países centrales o periféricos. Como objetivo, pretendemos revelar cómo, concretamente, se producen las morfologías de ocupación de este entorno periférico, que tienen su memoria enraizada en la lucha por el derecho a la vivienda, a la ciudad y a la ciudadanía, en el ámbito del estudio de caso propuesto. Se

pretendió, mediante procedimientos inductivos, sacar a la luz ciertas formas presentes en la creación de estas casas, en un movimiento de autoconstrucción y de lucha por garantizar la posesión, con una ejemplaridad, que busca señalar caminos hacia configuraciones concretas y significados simbólicos basados en este modo de vida en la periferia brasileña.

Palabras clave: Favela Cafezinho, Campinas; vulnerabilidades periféricas; arquitectura popular; poética de los comunes; ecología del conocimiento.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Região de localização da Vila Moscou, em Campinas. Fonte: Google Earth trabalhada pelo autor. Acesso em: 07 jul. 2025.....29
- Figura 2: Áreas objeto de processos de Programa de Regularização Fundiária Urbana, em Campinas. Fonte: Campinas, s.d.. Acesso em: 08 jan. 2025.31
- Figura 3: Campinas: loteamentos irregulares, favelas e ocupações. Fonte: Prefeitura Municipal de Campinas, 2008, publicado em Campinas, 2011a, com anotações do autor.32
- Figura 4: Região da Vila Moscou assinalada sobre a região de Campinas correspondente aos Polos Estratégicos de Desenvolvimento Unicamp/ Polo II/ CIATEC e Área Central. Fonte: Campinas, 2018b, trabalhada pelo autor.36
- Figura 5: Superior: Quadro relativo ao Agrupamento 01 do PNH de Campinas, correspondente à região conhecida como Vila Moscou, onde se encontra a Favela Cafezinho (Núcleo 04). Assinalado o atual Parque Chico Mendes, antigo Parque Anhumas. Inferior: Perímetro da Favela Cafezinho, segundo o PNH de Campinas. Fonte: Campinas, 2011b, p. 28 e 36 com anotações do autor.....38
- Figura 6: Paraisópolis e edifício no Morumbi, São Paulo. Foto: Tuca Ferreira. Fonte: Machado, 2019, s.n.39
- Figura 7: Leitura de linhas abissais (delineadas em azul) que separam os núcleos da Vila Moscou do condomínio Chácaras São Quirino e, a oeste, do Ribeirão Anhumas do Condomínio Residencial Gallery. Fonte: Google Earth, trabalhada pelo autor Disponível em: Acesso em: 07 jul. 2024.....40
- Figura 8: Favela Cafezinho e arredores e leitura de linha abissal (delineada em azul) que separa o Condomínio Chácaras São Quirino dos bairros populares. Fonte: Google Earth, trabalhada pelo autor. Acesso em: 07 jul.. 2024.41
- Figura 9: Fotografia dos muros que cercam o condomínio Chácaras São Quirino, em relação aos bairros populares envoltórios, Campinas. Fonte: autoral. Data: 13 mar. 2024.41
- Figura 10: Fotografia dos muros que cercam o condomínio Chácaras São Quirino, Campinas, separando o Bosque Chico Mendes de interações com o condomínio, com muros de aproximadamente 5 metros de altura com cercas eletrificadas e câmeras de segurança. Fonte: autoral. Data: 13 mar. 2024.....42
- Figura 11: Fotografia do muro que cerca o condomínio Chácaras São Quirino, Campinas, separando o Bosque Chico Mendes de interações com o condomínio. Fonte: autoral. Data: 13 mar. 2024.....42

Figura 12: Fotografia dos muros que cercam o condomínio Chácaras São Quirino, Campinas, em relação aos núcleos populares vizinhos. Fonte: autoral. Data: 13 mar. 2024.

.....43

Figura 13: Fotografia de cerca eletrificadas câmeras de segurança e iluminação noturna que percorrem a extensão do muro que faz divisa entre o condomínio Chácaras São Quirino, Campinas, e o Bosque Chico Mendes. Fonte: autoral. Data: 13 mar. 2024.44

Figura 14: Autoconstrução do Jardim Josely, Arujá. Fonte: autoral. Data aproximada: anos 1990.....48

Figura 15: Jardim Josely, na atualidade. Fonte: autoral. Data: dez. 2023.48

Figura 16: Programa de Regularização Fundiária Urbana-REURB do Município de Campinas (REUB-Campinas) na área do estudo de caso. Fases correspondentes: 1 – Núcleo Residencial Jardim Novo Nilópolis (REUB-S/ regularização concluída); 2 - Núcleo Residencial Nilópolis (REUB-S/ Elaboração de Fase 1 – Projetos da REURB); 3 - Núcleo Residencial Jardim Santana/ Novo Horizonte (REUB-S/ Elaboração de Diagnóstico Jurídico, Urbanístico, Social e Ambiental); 4 – Núcleo Residencial Vila Gênese (REUB-S/ regularização concluída); 5 – Núcleo Residencial Capadócia (REUB-S/ Elaboração de Diagnóstico Jurídico, Urbanístico, Social e Ambiental); 6 – Núcleo Residencial Cafezinho (REURB-S/ Fase 1: Projetos da REURB); 7 – Núcleo Residencial Independência – 1ª Fase (Fase 4 – Registro Imobiliário Junto ao Cartório de Imóveis); 8 – Núcleo Residencial Novo Jardim Santana (REUB-S/ regularização concluída); 9 – Área de APP junto ao Ribeirão Anhumas compreendida no Núcleo Residencial Gênese; 10 – Núcleo Residencial Dom Bosco (REURB-S/ Fase 1: Projetos da REURB); 11 – Núcleo Residencial Parque São Quirino (REUB-S/ remoção concluída); 12 – Núcleo Residencial Getúlio Vargas – Fase 2 (RURB-S/ regularização concluída); 13 - Núcleo Residencial Getúlio Vargas – Fase 1 (RURB-S/ regularização concluída); 14 – Núcleo Residencial São Quirino ((RURB-S/ regularização concluída); 15 – Núcleo Residencial Vila Nogueira (REUB-S/ remoção concluída); 16 – Núcleo Residencial Parque Social IZA (RURB-S/ regularização concluída). Fonte: Campinas, s.d., trabalhada pelo autor.57

Figura 17: Expansão urbana da cidade de Campinas. Fonte: Silva; Matias, 2017, p. 13, trabalhada pelo autor. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320982086_Vetores_de_expansao_urbana_analise_da_cidade_de_Campinas_SP#fullTextFileContent>. Acesso em: 03 set. 2023.....61

Figura 18: Imagem aérea do município de Campinas, indicando a área de estudo de caso no retângulo vermelho. Fonte: Google Maps, trabalhada pelo autor. Acesso em: 06 set. 2023.....62

Figura 19: Região da Vila Moscou e áreas envoltórias. Fonte: Google Earth trabalhada pelo autor. Acesso em: 07 jul. 2025.65

Figura 20: Imagem aérea das áreas livres, equipamentos e pontos de ônibus presentes na Vila Moscou, assinalando pontos de ônibus e a Favela Cafezinho. Espaços livres: 1- áreas privadas; 2 – Praças; 3 – Ginásio Municipal Dep. Nabi Abi Chedid/ Arena Cafezinho; 4 –

Bosque Chico Mendes; 5 – áreas envoltórias do Ribeirão Anhumas, compreendendo a APP; 6 – áreas envoltórias de córrego aflorado. Equipamentos e Instituições: A – CEI Recanto da Alegria; B – CEI Fadinha Azul; C – Associação Anhumas Quero Quero; D – AEUPU – Associação Espiritualista de Umbanda Pai Urupiaba; E – Igreja Santa Terezinha do Menino Jesus/ Paróquia Sant’Ana de Campinas – Arquidiocese de Campinas; F – Igreja Família Cristã Jardim Santana; G – CEI São João Batista; H – Igreja Evangelho Quadrangular; I – Assembleia de Deus Madureira Parque São Quirino; a – Clube Associação Desportiva Polícia Militar do Estado de São Paulo - Regional Campinas. Fonte: Google Earth trabalhada pelo autor.66

Figura 21: Entrada do Bosque Chico Mendes pela Rua Comendador Herculano Graciele. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.....68

Figura 22: Bancos e mesa para jogos, no interior do Bosque Chico Mendes. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.....68

Figura 23: Trilha interna ao Bosque Chico Mendes Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.69

Figura 24: Área de descarte irregular de lixo, nas dependências do Bosque Chico Mendes, próxima à Rua Moscou. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.....70

Figura 25: Campo de futebol da Arena Cafezinho. Partida válida do Campeonato Amador Sub 20 entre Associação Jardim Nilópolis e Celta de Vila na Arena Cafezinho. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.....71

Figura 26: Diagrama da Metodologia da Roda, preconizada pela Associação Anhumas Quero-Quero. Fonte: Associação Anhumas Quero-Quero, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_XSvmHyIFN8&t=29s>. Acesso em: 13 jan. 2025...73

Figura 27: Anexo I Mapa do Macrozoneamento do PD de Campinas, assinalando a Favela Cafezinho. Recorte parcial trabalhado pelo autor. Fonte: Campinas, 2018d. Disponível em: <https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/timeline/timeline/59_mapas_finais_pd2018/anexol_macrozoneamento.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.....76

Figura 28: Esquerda: Anexo III Mapa das Áreas de Planejamento e Gestão (APGs) do PD de Campinas assinalando a localização da Favela Cafezinho. Recorte parcial trabalhado pelo autor. Fonte: Campinas, 2018d. Disponível em: <https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/timeline/timeline/59_mapas_finais_pd2018/anexol_II_areas_planejamento_gestao.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024. Direita: Anexo IV Mapa das Unidades Territoriais Básicas (UTBs) e Unidades Territoriais Rurais (UTRs) do PD de Campinas, assinalando a localização da Favela Cafezinho. Recorte parcial trabalhado pelo autor. Fonte: Campinas, 2018e. Disponível em: <https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/timeline/timeline/59_mapas_finais_pd2018/anexol_V_utb_utr.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.77

Figura 29: Anexo VI Mapa da Rede Estrutural de Mobilidade – Eixos do DOT do PD de Campinas assinalando a localização da Favela Cafezinho. Recorte trabalhado pelo autor. A – Rodovia D. Pedro I; B1 – Av. Lafayette de Arruda Camargo/ B2 - Av. Diogo Álvares/ B3 -

R. Tóquio/ B4 - R. Moscou; C1 – Rua Nuno Álvares Pereira; C2 - Av. Diogo Álvares; C3 – Av. Dr. Júlio Soares de Arruda; C4 – R. Henrique Oswald; C5 – Rua Eunice Virgínia Ramos Navarro; C6 – Rua Zerillo Pereira Lopes e Rua Rute Ferraz de Angelis; C7 – Av. Guilherme Campos; D – Av. José Bonifácio Coutinho Nogueira; 1 – Rodovia Gov. Dr. Adhemar Pereira de Barros e Rod. Eng. Miguel Noel Nascentes Burnier; 2a – Rua Dr. Antônio Duarte da Conceição 2b – Rua Eng. Francisco Bento Homem de Mello; 2c – Rua Prof. Alexandre Chiarini; 2d – Rua Eduardo Nogueira; 2e – Rua Cônego Pedro Bonhomme; ; 3a – Rua Moscou; 3b – Rua Dona Luísa de Gusmão; 4a – Av. Carlos Grimaldi; 4b – Av. Nossa Senhora de Fátima; 4c – Rua Barão de Itapura; 5 – Rua Dr. João Quirino do Nascimento; 6a – Rod. Prof. Zeferino Vaz; 6b – Rua Carolina Florence/ Rua Funilense; 6c – Rua Carolina Florence e Rua Dr. Buarque de Macedo; 7a – Av. Cônego Antônio Roccato; 7b – Av. Brasil; 8a – Av. Júlio Prestes; 8b – Av. José de Souza Campos; 9 – Rua Ary Barrozo. Fonte: Campinas, 2018f. Disponível em: <https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/timeline/timeline/59_mapas_finais_pd2018/anexo_VI_eixos_dot.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.....78

Figura 30: Zoneamento da região envoltória da Vila Moscou, assinalando a Favela Cafezinho. Fonte: Campinas, 2021. Recorte trabalhado pelo autor.79

Figura 31: Topografia da Favela Cafezinho. Fonte: Campinas, 2021, Ortofoto PMC Campinas, jul. 2014. Disponível em: <<https://zoneamento.campinas.sp.gov.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2025.80

Figura 32: Perímetro da Favela do Cafezinho para o estudo de caso. Fonte: Autoral, a partir da plataforma Google Earth. Acesso em: 07 jul. 2025.81

Figura 33: Parcelamento da Favela Cafezinho. Fonte: Campinas, 2021, com anotações do autor. Disponível em: <<https://zoneamento.campinas.sp.gov.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2025.82

Figura 34: Fotografia de uma das casas da Rua Bruna Ventura Di Grazia, Favela Cafezinho, Campinas. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.....83

Figura 35: Fotografia de uma das casas da Rua Julian Brice Mac Fadden, Favela Cafezinho, Campinas. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.....83

Figura 36: Fotografia de uma das casas da Rua Sebastião Marcelino de Freitas, Favela Cafezinho Campinas. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.....84

Figura 37: Fotografia de uma das casas da Rua Sebastião Marcelino de Freitas, Favela Cafezinho, Campinas. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.....84

Figura 38: Fotografia da área de serviço, realizada desde a entrada pelo corredor, registrada pelo olhar de Catarina. Fonte: Catarina (moradora entrevistada, nome fictício), 08 dez. 2024.....88

Figura 39: Fotografia de ambiente de serviços no interior da casa, registrada pelo olhar de Catarina. Fonte: Catarina (moradora entrevistada, nome fictício), 08 dez. 2024.....89

Figura 40: Fotografia da cozinha, registrada pelo olhar de Catarina. Fonte: Catarina (moradora entrevistada, nome fictício), 08 dez. 2024.	91
Figura 41: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Catarina. Fonte: Catarina (moradora entrevistada, nome fictício), 08 dez. 2024.	92
Figura 42: Fotografia de Dulce, na sala, registrada pelo olhar de Catarina. Fonte: Catarina (moradora entrevistada, nome fictício), 08 dez. 2024.	93
Figura 43: Fotografia da casa de Cláudio e Mari, disponibilizada por Cláudio, para a pesquisa. Fonte: Cláudio (morador entrevistado, nome fictício), datada de em torno de 2002.	97
Figura 44: Fotografias da casa de Cláudio e Mari, como memória em um álbum de família, disponibilizada por Cláudio para a pesquisa. Fonte: Cláudio (morador entrevistado, nome fictício), datada em torno de 2002.	98
Figura 45: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Mari. Fonte: Mari (moradora entrevistada, nome fictício), 08 dez. 2024.	99
Figura 46: Fotografia da frente da casa e loja. Fonte: Autoral, 08 dez. 2024.	100
Figura 47: Folha de rosto do projeto da casa de Cláudio e Mari, disponibilizada por Cláudio, para a pesquisa. Fonte: Cláudio (morador entrevistado, nome fictício), 2002.	102
Figura 48: Plantas dos pavimentos térreo e superior da casa de Cláudio e Mari, disponibilizada por Cláudio, para a pesquisa. Fonte: Cláudio (morador entrevistado, nome fictício), 2002.	102
Figura 49: Elevação da escada e armários da casa de Cláudio e Mari, disponibilizada por Cláudio, para a pesquisa. Fonte: Cláudio (morador entrevistado, nome fictício), 2002. ...	103
Figura 50: Fotografia da casa de Cláudio e Mari disponibilizada por Cláudio para a pesquisa. Fonte: Cláudio (morador entrevistado, nome fictício), 2002.	104
Figura 51: Autoconstrução do Jardim Josely, Arujá, bairro onde o autor morou na infância. Fonte: autoral. Data aproximada: anos 1990.	109
Figura 52: Fotografia de uma das casas da Rua Julian Brice Mac Fadden, Favela Cafezinho, Campinas, que mantém a morfologia original, em duas águas, conforme projeto do prefeito Toninho. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.	112
Figura 53: Fotografia de uma das casas da Rua Julian Brice Mac Fadden, Favela Cafezinho, Campinas, que mantém a morfologia original, em duas águas, conforme projeto do prefeito Toninho. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.	112
Figura 54: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Elisangela. Fonte: Elisangela (moradora entrevistada, nome fictício), 04 out. 2024.	118

- Figura 55: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Elisangela.
Fonte: Elisangela (moradora entrevistada, nome fictício), 04 out. 2024. 118
- Figura 56: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Elisangela.
Fonte: Elisangela (moradora entrevistada, nome fictício), 04 out. 2024. 119
- Figura 57: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Elisangela.
Fonte: Elisangela (moradora entrevistada, nome fictício), 04 out. 2024. 120
- Figura 58: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Elisangela.
Fonte: Elisangela (moradora entrevistada, nome fictício), 04 out. 2024. 121
- Figura 59: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Elisangela.
Fonte: Elisangela (moradora entrevistada, nome fictício), 04 out. 2024. 122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Campinas, em dados de 2010.	62
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
1. INQUIETAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	24
2. VILA MOSCOU EM CAMPINAS, SÃO PAULO.....	55
3. DEFINIÇÃO DO RECORTE CIRCUNSTANCIADO DA FAVELA CAFEZINHO.....	74
4. ESTUDO DE CASO: FAVELA CAFEZINHO	85
4.1. PROPOSTA METODOLÓGICA	85
4.2. APROXIMAÇÃO, LEITURA E DIÁLOGO.....	87
4.2.1. O PAI A MÃE E A FILHA	87
4.2.2. UMA HISTÓRIA DE AMOR.....	95
4.2.3. TAL PAI, TAL FILHA.....	106
4.2.4. JARDIM DE SONHOS	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS: EM DIREÇÃO AO ENTENDIMENTO DE UMA ARQUITETURA POPULAR	124
A CASA COMO ESPAÇO EXISTENCIAL E POÉTICO.....	124
ECOLOGIA DE SABERES E RESISTÊNCIA	124
URBANIZAÇÃO PERIFÉRICA E LÓGICAS TRANSVERSAIS	125
PERGUNTAS PROVOCADAS PELA PESQUISA EMPÍRICA	125
REFERÊNCIAS	127
ANEXOS.....	134
ANEXO 1: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS REALIZADAS	134
TRANSCRIÇÃO – CATARINA E DULCE.....	134
TRANSCRIÇÃO – CLÁUDIO E MARI.....	152
TRANSCRIÇÃO – CLÁUDIO E MARI PARTE II.....	180
TRANSCRIÇÃO – VITÓRIA	185
TRANSCRIÇÃO – ELISANGELA	206

ANEXO 2: CÓPIA DO PROCESSO REALIZADO JUNTO AO COMITÊ DE ÉTICA	235
ANEXO 3: IMAGENS DA FAVELA CAFEZINHO	274

INTRODUÇÃO

De maneira sistêmica, áreas urbanas informais e vulneráveis são alvo de discriminação (Maricato, 2000), sendo submetidas à desvalorização e desprestigiadas culturalmente, como saber coletivo e como instância de valor simbólico (Boaventura, 2007; 2018). Tanto o fator de localização da terra urbana (Villaça, 2001), como a informalidade, são recorrentes e apresentam a dura estratificação socioespacial dos territórios invisibilizados pelo Estado e pelo *establishment* (Kowarick, 1979; Rolnik, 1997). Entretanto, nossa pesquisa busca mostrar que tais tecidos desvalorizados e desprovidos de infraestrutura e qualidade espacial apresentam, pelo contrário, a expressão máxima da luta por moradia, concretizada nas pequenas casas, em sua morfologia, seus espaços livres e recuos e seu arcabouço construído, ocultando, ou melhor, revelando, nos espaços domésticos e exteriores, toda uma forma de vida cotidiana e de fazer a cidade, como um processo cultural, em oposição às formas de fazer do capital hegemônico. Por vezes, este comportamento transborda para as calçadas adjacentes, ofuscando limites estritos entre público e privado —, como índices de compartilhamento, aparecem vasos de plantas, roupas penduradas, cadeiras ao sol.

Para a estruturação deste trabalho, o estudo territorial combinou análise morfológica, observação participante e trabalho de campo, privilegiando o diálogo com os moradores para capturar suas narrativas e práticas cotidianas. Por meio de procedimentos indutivos, buscou-se revelar as estratégias de autoconstrução, a organização dos quintais e a materialidade das moradias, como expressões concretas da luta por moradia e pela cidadania. Do ponto de vista teórico, a pesquisa se apoiou na "ecologia dos saberes", preconizada por Boaventura de Souza Santos (2007), para valorizar, como princípio, os conhecimentos locais, em contraste com as imposições do urbanismo hegemônico. Dessa forma, o estudo visa não apenas mapear vulnerabilidades, mas destacar a potência cultural e arquitetônica desses territórios, propondo uma leitura que os reconheça como espaços de invenção e direito à cidade. Bachelard (1993) se fez presente, na medida em que vislumbra o caráter simbólico da casa, bem como Caldeira (2016), que aponta graus de diversidade nos tecidos periféricos empobrecidos. Salientamos que a presente pesquisa compõe o grupo de estudos EU:CA (Estudos Urbanos, Cultura e Arquitetura), portanto o trabalho está inserido em um conjunto de temas que dialogam com este trabalho e com a Favela Cafezinho.

Como estruturação da dissertação, foram organizados quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo apresenta as fundamentações teóricas que norteiam a pesquisa. A noção de "linha abissal", que explica a divisão epistemológica entre o Norte Global (regulação/emancipação) e o Sul Global (apropriação/violência), que encontramos reproduzida nas cidades por meio da segregação socioespacial. As periferias urbanas, como a Favela Cafezinho, são territórios subalternizados, marcados pela informalidade e pela ausência do Estado, configurando o que podemos denominar como um "fascismo social" (Santos, 2007). Como contraponto, propõe-se, à luz de Santos (2007), uma "ecologia dos saberes", valorizando conhecimentos marginalizados e práticas locais de resistência. A urbanização periférica é um processo transversal, onde os moradores constroem suas casas e bairros fora das lógicas oficiais, mas em constante negociação e conflito com o Estado. Esses territórios, heterogêneos, dinâmicos e criativos, também reproduzem desigualdades. A segregação, de forma concreta e imediata, se materializa ao redor, em muros, condomínios fechados e infraestrutura precária, como observado na Vila Moscou, em contraste com áreas privilegiadas. A casa, como entidade comum, foi analisada como um espaço de memória, afeto e resistência, por meio da "topoanálise" (estudo da relação emocional com o espaço) e da "topofilia" (apego ao lugar), seguindo Bachelard (1993). A pesquisa buscou capturar, através de narrativas dos moradores, como as moradias da Favela Cafezinho expressam modos de vida, sonhos e lutas cotidianas, com o objetivo de revelar como as moradias autoconstruídas da periferia desafiam as lógicas hegemônicas, constituindo-se não apenas como espaços de precariedade, mas também de invenção, resistência e pertencimento.

O segundo e terceiro capítulos apresentam uma contextualização territorial da Vila Moscou, área periférica localizada em Campinas (SP), onde se insere a Favela Cafezinho, objeto central desta pesquisa, os quais se alinhavam mediante a aproximação sucessiva da escala mais abrangente ao recorte específico do estudo de caso. Campinas, polo econômico e tecnológico de relevância nacional, que abriga contrastes socioespaciais marcantes: enquanto a cidade possui um alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-M 0,805) e infraestrutura avançada, suas periferias enfrentam vulnerabilidades históricas, como precariedade habitacional e exclusão urbana. A Vila Moscou, situada próxima a eixos estratégicos, como a Rodovia Dom Pedro I e o Polo Unicamp/CIATEC II, é um enclave marcado por barreiras físicas (córregos, rodovias) e simbólicas (segregação socioespacial). Apesar de sua proximidade com muitas áreas de alto poder aquisitivo, configurados em

bolsões auto segregados do entorno, o território carece de equipamentos públicos básicos — como unidades de saúde e escolas, — e sofre com a lentidão nos processos de regularização fundiária. A presença de condomínios de alto padrão, como as Chácaras São Quirino, evidencia a "linha abissal" (Santos, 2007), que separa realidades distintas dentro da mesma cidade. Na análise urbanística, destacam-se iniciativas locais de resistência, como a Associação Anhumas Quero-Quero — que promove ações socioeducativas baseadas na "Metodologia da Roda" —, exemplificando a "ecologia dos saberes" proposta por Santos (2007). Examina-se, também, a morfologia do bairro, seus espaços verdes subutilizados (como o Bosque Chico Mendes) e a Arena Cafezinho, equipamento esportivo que serve como ponto de convivência comunitária.

O quarto capítulo sintetiza as reflexões realizadas a partir do processo de aproximação empírica da pesquisa, buscando articular as narrativas dos moradores da Favela Cafezinho com os referenciais teóricos que embasaram o estudo. Através das histórias de Catarina, Dulce, Cláudio, Mari, Elisângela e Vitória (na verdade coautores deste trabalho), revela-se a casa popular não apenas como um espaço físico, mas como um lugar de afeto, memória e resistência. A materialidade precária contrasta com a riqueza simbólica dessas moradias, onde o íntimo e o coletivo se entrelaçam. A casa emerge como um "projeto inacabado", carregado de sonhos (como o novo andar desejado por Elisângela) e de luta (como os mutirões que solidificam o direito à moradia). Na pesquisa também se evidencia a ambivalência do lar: refúgio afetivo, mas também espaço de vulnerabilidade, como na história do irmão de Vitória. Ao dialogar com Bachelard (1993), Caldeira (2016) e Santos (2007), o estudo procura reforçar que a autoconstrução periférica é um ato político e epistemológico, que desafia as lógicas hegemônicas do urbanismo. As casas da Favela Cafezinho, assim como as do Jardim Josely (onde o autor cresceu), são "poemas" escritos com tijolos e memórias, revelando que a arquitetura popular é, acima de tudo, uma prática de existência e transformação.

1. INQUIETAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

As referências condutoras principais desta pesquisa se estabeleceram a partir de Caldeira (2016), Santos (2007; 2018; 2021) e Bachelard (1993). Caldeira discute que espaços urbanos se submetem a lógicas transversais e agentes sociais que se relacionam conforme sua inserção socioterritorial, ou seja, diferem em áreas centrais ou periféricas do mundo globalizado. Santos, por sua vez, ao comparar os territórios submetidos ao conceito de Sul global, perante as lógicas dos países do Norte, chega ao pressuposto de uma “linha abissal” que os divide. Desse modo, “deste lado da linha”, nos países periféricos, ocorreria uma submissão através da lógica de apropriação e violência, que Santos denomina como pensamento abissal. Este permaneceria enraizado nos dias atuais, incluindo o campo epistemológico. Santos (2021) estabelece como eixos de opressão, três matrizes de longa duração, de certa forma ressoando na contemporaneidade: o capitalismo; o patriarcado e o colonialismo. Por consequência, consideramos que isto ocorra inclusive na fabricação dos espaços urbanos, mais especialmente nas periferias — ou seja, nas relações de subalternidade entre áreas centrais e periféricas haveria, assim, uma subalternização, não só de fornecimento de infraestruturas e qualidades do espaço, como na própria leitura objetiva e subjetiva de significado dos lugares.

Como indicação de ruptura destes processos, Santos (2007; 2018) aponta para as Epistemologias do Sul, ou seja, a valorização dos saberes tradicionais, banais, ancestrais que são submetidos à invisibilidade, propondo uma possível “ecologia dos saberes” — pluralidade de conhecimentos na troca ou choque epistemológico que possa suavizar a linha abissal.

A inação ou projeto de não priorização do Estado perante esses territórios — submetidos a condições de informalidade e vulnerabilidade — pode se aproximar do que Santos (2007) predica como fascismo social, que floresce na “ausência” do Estado e estabelece uma forma de *apartheid* social. Nesse sentido, conforme Caldeira (2016), a heterogeneidade dos espaços produzidos de modo informal, ao se desenvolverem através da temporalidade, e, na medida em que estes tecidos urbanos se fazem mais ou menos consolidados, acabam por tornar-se, por sua vez, refratários a populações pobres que os assomam em busca de moradia.

Outra referência que conduz o percurso deste trabalho é Bachelard (1993), na medida em que pretendemos “pedir licença” para entrar em algumas casas da Favela Cafezinho, na busca por trazer à luz as memórias desses lugares em seus cotidianos. Para Bachelard, este acesso se daria, por exemplo, por uma “topoanálise” e, mais profundamente, por um estado de “topofilia”, inerente à condição do habitar, da casa, da poética subjacente à casa primordial como memória de acolhimento — em certa medida profundamente arraigada em cada um de nós. Através dessas memórias pessoais de moradores de nosso recorte de estudo, que trarão significados ocultos aos espaços de nossa investigação, pode ser possível vislumbrar perspectivas sobre a urbanização periférica como um caminho embrionário para uma epistemologia das periferias. Tentaremos, pois, a seguir, esclarecer conexões entre estas referências elencadas, que possam conduzir pistas para nossa metodologia investigativa.

O pensamento abissal, segundo Boaventura de Souza Santos (2007; 2018), consiste no estabelecimento de que existe uma distinção hierárquica entre os saberes e, portanto, haveria os conhecimentos que podem ser considerados como válidos, os “deste lado da linha”, ou seja, do que denomina como Norte Global, e os pensamentos marginalizados ou fora da área hegemônica do Ocidente, os “do outro lado da linha”, correspondentes ao Sul Global — território este, de certa forma, compreendido pelos países periféricos subalternizados. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha.

Para nosso entendimento, vamos denominar inversamente “lado de cá da linha” justamente onde estamos, ou seja, o Sul Global e, por sua vez, “lado de lá”, o Norte Global.

Segundo Santos (2007; 2018), as distinções visíveis e invisíveis de ambos os lados da linha se promovem a partir do surgimento das sociedades metropolitanas, de sorte que, como desdobramento da mesma base, as distinções visíveis fundamentam tanto os conflitos modernos quanto fatos substantivos, como o plano dos procedimentos. Contudo, implicitamente a esta distinção existe outra, invisível, que se funde à anterior. Esta distinção se dá, grosso modo, entre as sociedades metropolitanas e territórios de matriz colonial, até a contemporaneidade. Seu funcionamento, conforme destaca o autor, se dá de duas formas distintas e dicotômicas; enquanto nas sociedades metropolitanas (Norte), é prioritária a dinâmica regulação/emancipação, nos territórios de origem colonial, aplica-se a

apropriação/violência que, por sua vez, seriam inconcebíveis “daquele lado da linha”, ou seja, no Norte.

O pensamento abissal, para Santos (2007), esclarece que a lógica moderna faz distinção entre as formas científicas e não-científicas, concedendo à ciência moderna o monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso. Há tensões entre ciência, filosofia e teologia historicamente evidentes, mas todas têm lugar daquele lado da linha ao qual o autor denomina Norte Global. Em contrapartida, os conhecimentos populares desaparecem como relevantes, se tornando opacos, por se encontrarem além do universo do verdadeiro e do falso. Para Santos, no Sul Global, mediante esta estrutura predominante, não há validação de conhecimento real; existiriam crenças, opiniões, magia, que podem mesmo vir a se constituir como hipóteses, ou se tornar objetos para inquirição científica. Logo, a incomunicabilidade moderna, que separa a ciência da filosofia e da teologia — estas últimas como conhecimentos incomensuráveis — do lado de cá da linha abissal torna invisível e aparta conhecimentos incompreendidos, por não obedecerem aos critérios científicos de verdade.

No campo do direito moderno, o lado da linha denominado Norte Global determina o que seria legal ou ilegal, de acordo com o direito oficial do Estado ou com o direito internacional. Assim, o legal e o ilegal seriam as duas únicas formas relevantes de existência perante a lei e, portanto, a distinção entre ambos passa a ser uma distinção universal. Esta lógica serve como princípio organizador de todo um território social onde ela seria impensável, isto é, o território considerado sem lei — a saber, o Sul Global — ou mesmo teria a prerrogativa de conferir o sentido do legal e do ilegal de acordo com os direitos oficialmente reconhecidos. Assim, a linha abissal invisível determina o domínio do legal do não-legal, amparando a dicotomia visível que, do lado de lá da linha organiza o domínio do direito.

Nesse sentido, nossas áreas periféricas informais, que por vezes predominam inclusive em quantidade nas cidades, estariam regidas pela ilegalidade protocolar (Rolnik,

1997; Villaça, 1998), servindo como um eco de estrutura colonial, travestido de contemporaneidade, haja vista nosso déficit habitacional sistêmico (FJP, 2024)¹.

Para Santos (2007), existiu originalmente uma localização territorial que coincidiu historicamente com uma localização simbólica, submetida a poderes externos a ela: a zona colonial. Dentro da lógica do pensamento abissal, tudo o que não pudesse ser entendido como verdadeiro ou falso, de legal ou ilegal, seria descartado e esta dicotomia ocorria na zona colonial. Segundo o autor, ao contrário do pensamento jurídico convencional, foi justamente a linha global separando Velho Mundo do Novo Mundo que tornou possível a emergência do direito moderno e do direito internacional, daquele lado da linha, como um paradoxo.

Santos (2007) argumenta que os fenômenos de apropriação e violência tomam diferentes formas em relação à linha abissal. Enquanto a apropriação envolve incorporação, cooptação e assimilação, a violência implica destruição física, material, cultural e humana. A apropriação vai desde o uso de habitantes locais como guias, e do cooptação dos mitos e cerimoniais locais, à pilhagem de conhecimentos dos povos originários sobre a biodiversidade, ao mesmo tempo que a violência se estabelece através da proibição do uso de línguas próprias, adoção forçada de nomes cristãos, da destruição de símbolos e lugares de culto, e de outras formas de marginalização cultural e racial.

As tensões entre apropriação e violência têm relação direta com a extração de valor: tráfico de escravos e trabalho forçado, uso manipulador do direito, pilhagem de recursos naturais, guerras e tratados desiguais, entre outros. Enquanto do lado de lá impera a regulação/emancipação e, portanto, a distinção clara entre o direito das coisas e das pessoas, a lógica da apropriação/violência reconheceria apenas as coisas em si, sejam elas humanas ou não, para aplicação de um direito discricionário de posse.

A tese do autor é que esta realidade é tão verdadeira hoje quanto era no período colonial. Segundo Santos (2007), o pensamento moderno ocidental ainda opera mediante linhas abissais, dividindo o mundo humano do sub-humano. Outrora, as colônias

¹ Segundo a Fundação João Pinheiro (FJP, 2024), a partir de dados do censo do IBGE de 2022, há, no Brasil, um déficit habitacional total de 6.215.313 habitações, sendo, deste, 7,5% correspondentes à Região Sudeste, dos quais 6,3% estão em Campinas (1.170 habitações precárias; 7.787 coabitações; 65.545 ônus excessivo com aluguel, perfazendo 74.502 domicílios).

representavam um modelo de exclusão radical que, contudo, permanece atualmente no pensamento e práticas modernas ocidentais. A criação e ao mesmo tempo a negação do outro lado da linha fazem parte dos princípios hegemônicos. Existem situações de grande escala até muita outras de escala média, como, milhões de pessoas em situação de discriminação racial ou sexual, seja na esfera pública ou privada, nas zonas periféricas das grandes cidades, guetos, nas prisões, no trabalho infantil, na exploração da prostituição e nas novas formas de escravidão.

Partimos da premissa, na eleição do nosso estudo de caso — o território periférico da Vila Moscou, em Campinas (Figura 1), e, de modo mais específico a Favela do Cafezinho — que esta discriminação ocorra no tecido intra-urbano, atingindo a escala local. De maneira recorrente, áreas que são alvo de discriminação socioterritorial seriam submetidas à desconsideração de valores próprios, incluindo os mais evidentes, que são justamente o direito fundiário de posse e à moradia, embora sejam estes garantidos constitucionalmente (Brasil, 1988, arts. 6, 182 e 183) e referendados por decreto (Brasil, 2001). Salientamos que Mastrodi e Batista (2017), tecem argumentação jurídica defendendo que a posse é superior à propriedade, ao discutir o direito à moradia. Desdobrando o argumento, tanto o valor de localização (Villaça, 1998) da terra urbana, como a informalidade, são recorrentes e, por vezes, invisibilizados, na cidade (Rolnik, 1997; Maricato, 2000). Nosso debruçar sobre o estudo de caso vai em busca de detectar valores cotidianos nos modos vida e do fazer das habitações, além de sua evidente precariedade, procurando por à luz sua importância.



Figura 1: Região de localização da Vila Moscou, em Campinas. Fonte: Google Earth trabalhada pelo autor. Acesso em: 07 jul. 2025.

No universo contemporâneo neoliberal, segundo Mamdani (1996), há uma tendência de que o Estado abdique de sua centralidade como poder e regulação das relações capital/trabalho e da volatilidade do capital financeiro, e que as próprias forças do capital hegemônico passem a ter papel dominante, como uma espécie de “novo governo indireto”, contudo sem prescindir do Estado. Para Mamdani (1996), o novo governo indireto promove uma forma de despotismo descentralizado, de tal modo que este não choca com a democracia liberal, tornando-a progressivamente mais irrelevante para a qualidade de vida de populações cada vez mais vastas. Sob as condições deste novo governo indireto, referenda Santos (2007), o pensamento abissal moderno iria além da regulação dos conflitos sociais, mas, ao contrário, passaria a suprimir estes conflitos e ratificar a impunidade do lado de lá da linha, como sempre sucedeu deste lado da linha (Sul Global). Assim, pressionado pela lógica da apropriação/violência, o próprio conceito de direito moderno encontrar-se-ia em mudança. Essa mudança conceitual tenderia a um novo tipo de direito, o *soft law*, ou “direito brando” — apresentado como a manifestação mais benevolente do ordenamento regulação/emancipação, que, no entanto, traz consigo a lógica de apropriação/violência sempre que estejam envolvidas relações discrepantes de poder. Trata-se, portanto, de um direito cujo cumprimento é voluntário, que vem sendo

usado no campo das relações capital/trabalho, por exemplo. Para Santos (2007), o *soft law* apresenta semelhanças intrigantes com o direito colonial, cuja aplicação dependia mais da vontade do colonizador do que qualquer outra coisa. Logo, segundo o autor, as relações sociais que regula seriam, se não um novo estado de natureza, uma zona intermédia entre estado de natureza e a sociedade civil, onde o fascismo social prolifera e floresce.

Para Santos, o pensamento abissal, que, do lado de lá da linha, vem sendo chamado para regular as relações entre os cidadãos, entre estes e o Estado, é agora convocado nos domínios sociais sujeitos à lógica de apropriação/violência, para lidar com os cidadãos como se fossem não-cidadãos, e como se tratassem de perigosos selvagens coloniais. O fascismo social coexiste com a democracia liberal, segundo o autor, em que o estado de exceção coexiste com a normalidade constitucional, a sociedade civil coexiste com o estado de natureza e o governo indireto coexiste com as premências do direito. Segundo Santos (2007), este estado de coisas é o projeto original da moderna epistemologia e legalidade, mesmo que a linha abissal que, desde o primeiro momento determinou o metropolitano do colonial tenha sido deslocada, transformando o colonial numa dimensão interna do metropolitano.

Então, se formava um território confuso, atravessado por uma linha abissal sinuosa; para Santos, uma cartografia confusa conduziria a práticas confusas e a regulação/emancipação é desfigurada pela presença cada vez mais latente da apropriação/violência no seu interior. Porém, essas tensões não são completamente percebidas, pelo fato de este lado da linha ter sido, desde o princípio, incompreensível, como um território sub-humano, de formas distintas. O terrorista e o trabalhador imigrante são ambos ilustrativos da pressão lógica de apropriação/violência, mostrando a inabilidade do pensamento abissal, para perceber esta pressão como algo estranho à categoria regulação/emancipação.

Para o autor, o movimento principal, neste momento, é o regresso do colonizador, que implica em retomar formas de governo colonial, tanto nas sociedades metropolitanas, agora incidindo na vida dos cidadãos comuns, como nas sociedades colonizadas. Santos, designa esse processo como nova forma de governo indireto, praticada nas antigas colônias britânicas. Emerge quando o Estado se retira da regulação social e os serviços públicos são privatizados; então, poderosos atores não-estatais adquirem controle sobre as vidas e o bem-estar das populações, controle da saúde, das terras, água, florestas ou da

qualidade ambiental. A obrigação política que ligava o sujeito de direito ao *Rechtsstaat*², o Estado constitucional moderno, que prevaleceu no lado de lá da linha, estaria, então, submetida por obrigações contratuais privadas e despolitizadas, nas quais a parte mais fraca estará à mercê da parte mais forte.

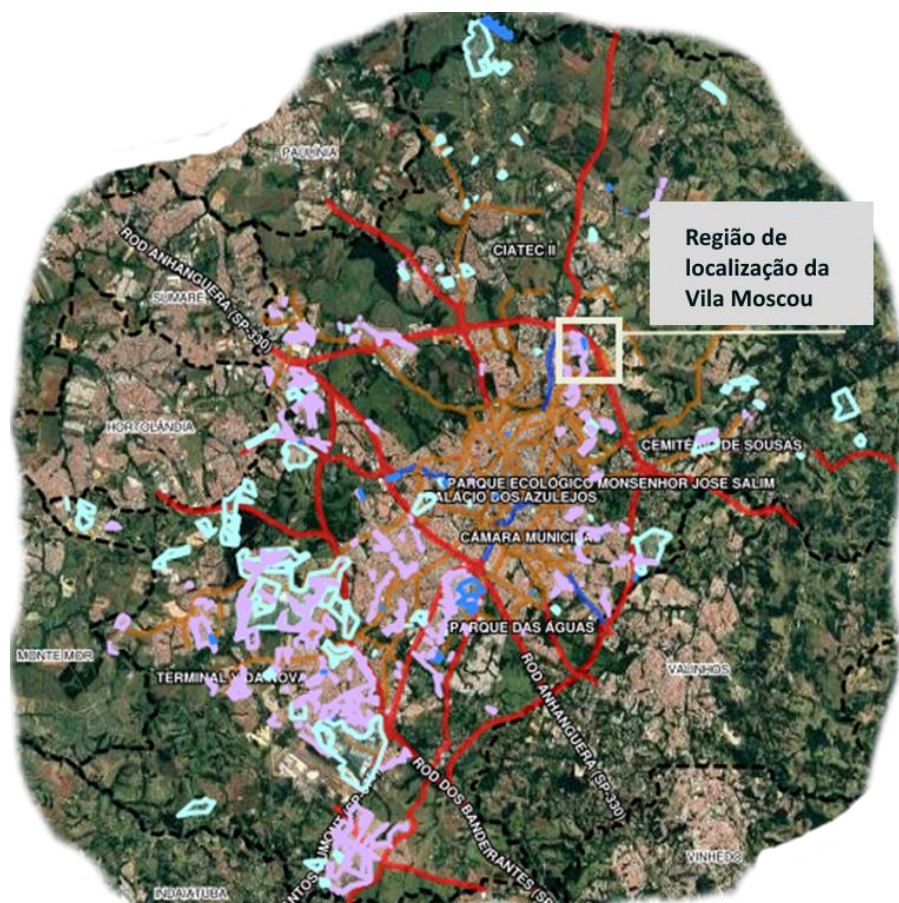


Figura 2: Áreas objeto de processos de Programa de Regularização Fundiária Urbana, em Campinas.
Fonte: Campinas, s.d.. Acesso em: 08 jan. 2025.

Com o intuito representar os fenômenos dessa natureza, a Figura 2, acima, apresenta as áreas de mais recentes do Programa de Regularização Fundiária Urbana-REURB do Município de Campinas REURB-Campinas,, a partir da Lei de regularização fundiária de 2017 (Brasil, 2017), o que evidencia o longo tempo de informalidade destes territórios, que é, sobretudo, uma constante nos países periféricos. Destacamos, no nosso caso, que o último Plano Municipal de Habitação de Campinas (PMH) data de 2011 (Campinas, 2011a), o qual mapeou favelas e o que denominou como loteamentos

² *Rechtsstaat* (Estado de direito), foi um conceito utilizado, primeiramente, por Robert von Mohl, no início do século XIX, que descreveu o funcionamento das instituições político-jurídicas alemãs (Baldin, 2002).

clandestinos/ irregulares, que seriam objeto de políticas públicas. Conforme o PMH (Campinas, 2011a):

[A] RMC viu crescer entre 1991 e 2000 o número de chefes de domicílio abaixo da linha da pobreza, que aumentou de 86.900 para 105.900 em 2000. A expulsão dos trabalhadores da sede metropolitana acarretou a formação de uma “nova periferia metropolitana” concentrada [...] nas porções oeste e sul da RMC. A Via Anhanguera, vetor pioneiro do desenvolvimento econômico da região, tornou-se uma verdadeira “cordilheira da pobreza”, separando as famílias ricas das pobres e de migrantes. (Campinas, 2011a, p. 17)

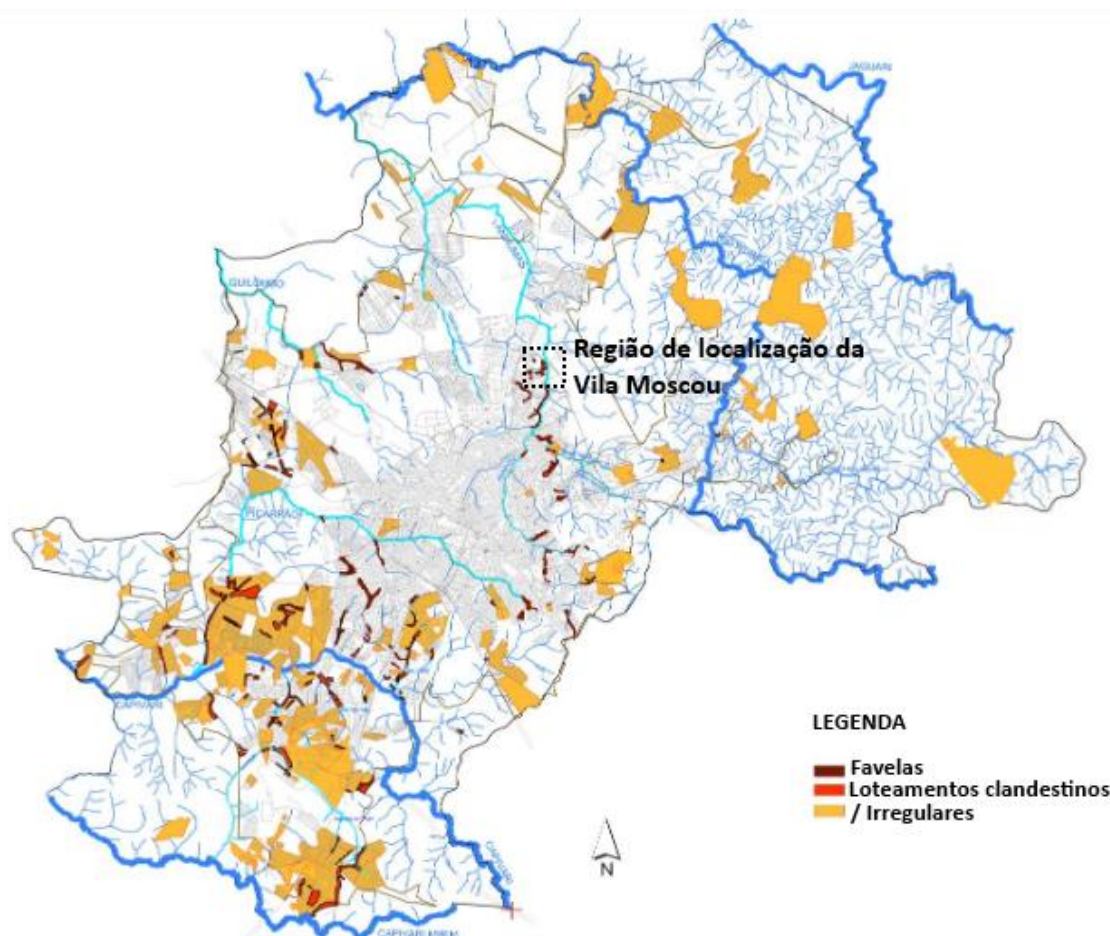


Figura 3: Campinas: loteamentos irregulares, favelas e ocupações. Fonte: Prefeitura Municipal de Campinas, 2008, publicado em Campinas, 2011a, com anotações do autor.

Observa-se, na Figura 3, acima, no mapeamento oficial municipal realizado, datado de 2008, a localização da região da Vila Moscou. Segundo o PNH (Campinas, 2011a), na ocasião foi registrado:

Um total de 234 assentamentos precários classificados como favelas, ocupações ou loteamentos irregulares. Destes, 193 correspondem aos assentamentos do tipo

favela (82,48% do total) e 41 são loteamentos irregulares (17,52% do total). Além de mais numerosas, as favelas tendem a ser mais densas e concentrar maior precariedade urbanística, evidenciada pelas situações de risco que praticamente inexistem nos loteamentos irregulares. (Campinas, 2011, p. 298)

Santos descreve uma situação de ascensão do fascismo social, que seria um regime de relações de poder extremamente desiguais que concedem à parte mais forte o poder sobre o modo de vida da parte mais fraca. Uma dessas formas é o “fascismo do *apartheid* social”; trata-se da segregação social dos excluídos através de uma cartografia urbana dividida entre zonas selvagens e zonas civilizadas. As zonas selvagens seriam zonas de guerra civil interna, como em muitas megacidades em todo o Sul global. Já, as zonas civilizadas, seriam zonas do contrato social e viveriam sob ameaça das zonas selvagens. Então, para se defenderem, transformam-se em castelos neofeudais, fortalezas que caracterizam as novas formas de segregação urbana (cidades privadas ou condomínios fechados). Para o autor, a divisão entre essas zonas estaria se transformando em uma forma geral de sociabilidade, constituindo um novo espaço-tempo hegemônico, que atravessa as relações sociais, econômicas, políticas e culturais, portanto, comum à ação estatal e não-estatal.

Como salienta Caldeira (2000) em “Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo”, a segregação, em suas múltiplas dimensões social e espacial, constitui elemento estrutural no processo de conformação das cidades contemporâneas. Conforme propõe a autora, o espaço urbano é organizado por regras que, longe de neutras ou meramente funcionais, operam como dispositivos de diferenciação e separação, revelando os princípios que orientam a vida pública e, simultaneamente, regulam a interação entre os diferentes grupos sociais. Tais regras, cultural e historicamente situadas, delineiam uma gramática da cidade que expressa os modos pelos quais o social se espacializa.

Ao longo do século XX, a cidade de São Paulo — que no presente trabalho se cita como exemplo — teria experimentado, segundo a autora, três formas distintas de expressão da segregação social em sua tessitura urbana. A primeira, vigente entre o final do século XIX e a década de 1940, configurou uma cidade compacta, na qual os diversos grupos sociais compartilhavam uma área urbana restrita, ainda que segregados internamente por modalidades habitacionais. A moradia, portanto, funcionava como principal marcador da diferenciação dentro de um território comum.

A segunda forma, hegemônica entre os anos 1940 e 1980, consolidou o modelo centro-periferia: um urbanismo extensivo, no qual a distância física passou a ser o principal vetor de separação entre as classes sociais. A centralidade, dotada de infraestrutura e serviços, foi apropriada pelas elites e camadas médias, enquanto as periferias, carentes de equipamentos e acessos, tornaram-se o território dos pobres, frequentemente deslocados para áreas urbanas precárias e distantes, marcadas pela autoconstrução e pela ausência do Estado — situação estudada também por diversos autores, como Rolnik (1997) e Maricato (2000).

Contudo, a partir da década de 1980, Caldeira (2000) identifica o advento de um novo padrão de segregação espacial, que, longe de substituir o anterior, o sobrepõe e o complexifica. Trata-se de um modelo paradoxal, no qual a proximidade física entre grupos sociais convive com a ausência de interação e circulação compartilhada. Esta nova lógica é materializada no que a autora denomina “enclaves fortificados”: espaços privatizados, fechados, vigiados e altamente controlados, voltados à residência, ao consumo, ao lazer e ao trabalho. Sua principal justificativa reside no medo, sobretudo o medo do crime violento, que reconfigura as práticas urbanas e redefine a esfera pública, agora esvaziada de convivência interclassista.

Estes enclaves, frequentemente habitados por camadas médias e altas, são projetados como ilhas de segurança em meio à cidade, percebida como perigosa e desordenada. Tal configuração espacial não apenas aprofunda as desigualdades urbanas, como desloca o convívio para esferas privadas, excludentes e blindadas. O abandono da rua, um símbolo tradicional da vida pública, por parte desses grupos, produz uma cisão radical entre os que podem se isolar e os que permanecem expostos: os pobres, os marginalizados e os sem-teto.

Em suma, as transformações verificadas em São Paulo refletem uma dinâmica que, embora localmente específica, insere-se em um padrão global de reconfiguração urbana que, segundo a autora, é marcado pelo avanço da segregação socioespacial e pela retração da esfera pública como lugar do encontro entre diferenças. A cidade fragmentada não é apenas resultado de decisões de planejamento, mas expressão de medos, estratégias de defesa e ideologias de exclusão que orientam a produção do espaço em escala planetária.

Em analogia ao exposto por Caldeira (2000), em nosso estudo de caso, o acesso relativamente facilitado a rodovias, faculdades, *shoppings* centers e hipermercados e mesmo à área central — isto devido ao sistema viário e rodoviário existente, porém a Vila Moscou resulta em um tecido incrustado, não contando com ligações diretas, em sua maioria, ou transportes públicos suficientes ou de qualidade. Estas características tornam a região da Vila Moscou um potencial para especulação imobiliária. Contudo, essa região ainda não foi explorada, provavelmente, pelo fato de o zoneamento, até o momento, ser restritivo a edifícios em altura (23 metros no máximo, o que corresponde a aproximadamente 7 pavimentos), cujo mínimo de testada é 16 metros e área mínima de mil metros quadrados — o que corresponderia ao remembramento de vários lotes, desde que regularizados (Campinas, 2018a; 2018b)³ ou, talvez, porque, em se tratando de uma cidade espraiada, há ainda outras oportunidades de exploração pelo capital imobiliário. À luz de Santos as forças hegemônicas ainda não se apropriaram daquele território, mas a partir do momento que tal ação seja interessante aos agentes, a lógica de apropriação/violência deste lado da linha será posta em prática. Pelo Plano Diretor (Campinas, 2018a, art. 23), as áreas definidas como Polos Estratégicos de Desenvolvimento são o Aeroporto Internacional de Viracopos, a área central e a Unicamp/ CIATEC II. A Favela Cafezinho está relativamente próxima deste último (Figura 4).

³ A área do estudo de caso é classificada como ZM1- Zona Mista 1 (Campinas, 2018c, art. 65): “zona residencial de baixa densidade habitacional, com mescla de usos residencial, misto e não residencial de baixa e média incomodidade compatíveis com o uso residencial e adequados à hierarquização viária, observado que: a) o CA min será equivalente a 0,25 (vinte e cinco centésimos); e b) o CA max será equivalente a 1,0 (um);” sendo permitidos os usos: HU – “habitação unifamiliar destinada a uma única habitação por lote e suas construções acessórias”; HMH – “habitação multifamiliar horizontal, edificações residenciais isoladas ou geminadas;”; H MV - habitação multifamiliar vertical, edificação com no mínimo uma residência sobreposta, sendo as residências agrupadas verticalmente, em um ou mais blocos; CSEI - não habitacional, destinada ao comércio, serviço, institucional e/ou industrial;” e HCSEI - mista, destinada à habitação, comércio, serviço, institucional e/ou industrial.” (Campinas, 2018c, arts. 70 e 71). A tipologia H MV, na ZM1, deverá ter altura máxima menor ou igual a 23 metros, testada mínima de 16 metros, área mínima de mil metros quadrados e máxima de 32 mil metros quadrados e densidade habitacional mínima de dez unidades habitacionais por hectare e máxima de 220 unidades habitacionais por hectare (Campinas, 2018c, arts. 84 e 85).

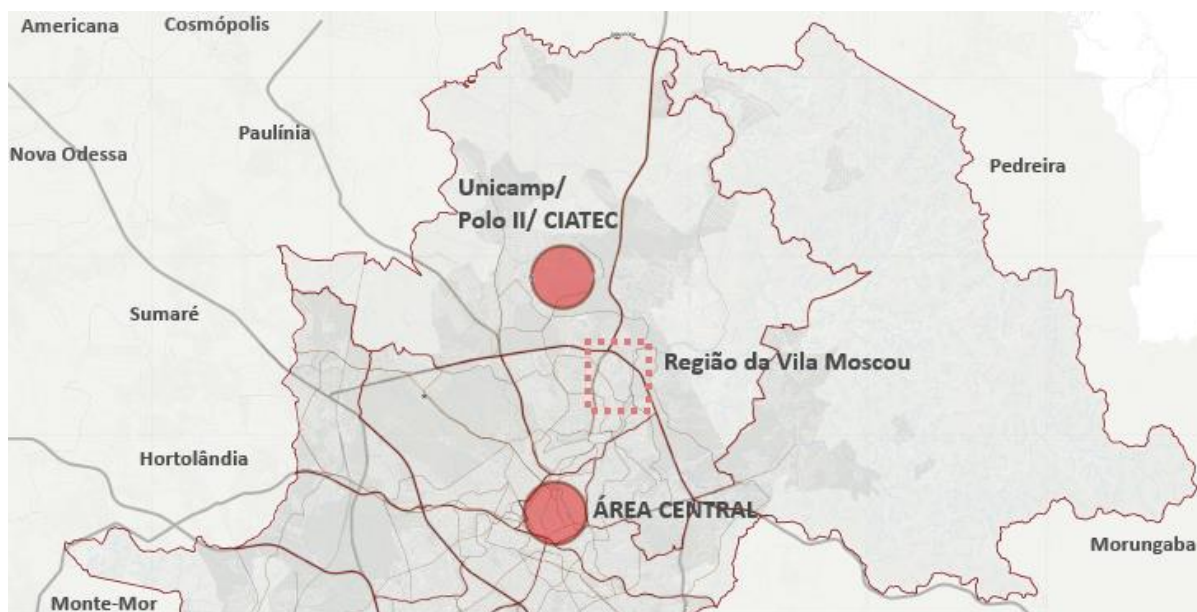


Figura 4: Região da Vila Moscou assinalada sobre a região de Campinas correspondente aos Polos Estratégicos de Desenvolvimento Unicamp/ Polo II/ CIATEC e Área Central. Fonte: Campinas, 2018b, trabalhada pelo autor.

À luz dos argumentos utilizados por Santos (2007), o pensamento abissal continuará a se auto reproduzir, por mais excludentes que sejam as práticas que o originam. Logo, a resistência política deve ter como eixo central a resistência epistemológica. Para o autor, não existe justiça social global sem justiça cognitiva global. Isto significa que a tarefa crítica que se avizinha não pode ser limitada à proposição de alternativas, requerendo então, de fato, um “pensamento alternativo de alternativas”, ou seja, a proposta é que seja necessário um pensamento pós-abissal. É neste sentido que pretendemos realizar, neste trabalho, uma pequena contribuição.

O pensamento pós-abissal, para o autor, parte do pressuposto de reconhecer que a exclusão social, no sentido mais amplo, apresenta diferentes formas que são determinadas por uma linha abissal ou não-abissal e, enquanto a exclusão abissalmente definida persistir, não será possível nenhuma alternativa pós-capitalista progressista. No sentido do conceito de cidadania, o autor reivindica que os direitos dos cidadãos não estarão seguros enquanto qualquer não cidadão sofrer um tratamento sub-humano. O pensamento pós-abissal seria um pensamento não-derivativo, que pressupõe uma ruptura radical com as formas ocidentais modernas de pensamento e ação, de modo que a emergência do ordenamento da apropriação/violência só poderia ser enfrentada se a perspectiva epistemológica na experiência deste lado da linha, do Sul global não-imperial, se concebesse como a metáfora

do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo.

Em face desta radicalidade, predicada pelo autor, o pensamento pós-abissal pode ser sumariado como um aprender com o Sul, usando uma epistemologia do Sul, que confrontaria a monocultura da ciência moderna com uma “ecologia de saberes”. É, portanto, uma ecologia que se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos e nas interações e dinâmicas entre estes.

Como primeira condição para um pensamento pós-abissal, o autor aponta para a co-presença radical, que implica que as práticas e os agentes de “ambos os lados da linha” são contemporâneos em termos igualitários, em simultaneidade. A ecologia de saberes e o pensamento pós-abissal têm, como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo e o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico.

Nosso trabalho não terá esse grau de radicalidade. Seu alcance pressupõe que possa haver, subjacente a um pequeno recorte de um tecido urbano periférico e subalternizado, traços epistemológicos e simbólicos importantes, tanto nas histórias de vida pessoais e familiares como em sua possível concretização no universo das arquiteturas, estas formadas na luta e na contracorrente do *status quo* da urbanização oficial. Procuramos delimitar, portanto, algumas indicações sobre significados impressos em arquiteturas populares, domésticas e anônimas, como componentes inerentes à cidade, constitutivos e que podem revelar, pelo avesso, a presença ou ausência de direitos conquistados.

O PNH (Campinas, 2011b, p. 28-29) apresentou o seguinte quadro com respeito à região conhecida como Vila Moscou, denominada como Agrupamento 01, que contava com os antigos núcleos: Nilópolis; Gênese, Jardim Santana/ Novo Horizonte, Cafezinho, Independência, Parque São Quirino, em duas áreas, Vila Nogueira e Guaraçaí — todos definidos como favelas — perfazendo 1.576 domicílios, sendo 327 passíveis de remanejamento, 343 de reassentamento e 906 de urbanização simples. O perímetro que compreende a Favela Cafezinho foi considerado delimitando a área de 11.544,07m², com domicílios em APP, sem risco, predicando a urbanização simples de 64 domicílios (Figura 5).

AGRPAMENTO 01



- | | |
|---|--------------------------------|
| 01 - Nilópolis (08) | 06 - Parque São Quirino (06 B) |
| 02 - Gênese (124) | 07 - Parque São Quirino (06 B) |
| 03 - Jardim Santana / Novo Horizonte (10) | 08 - Parque Social Ita (05 A) |
| 04 - Cafezinho (07 A) | 09 - Vila Nogueira (05 B) |
| 05 - Independência (07 B) | 10 - Guaraçai (21) |

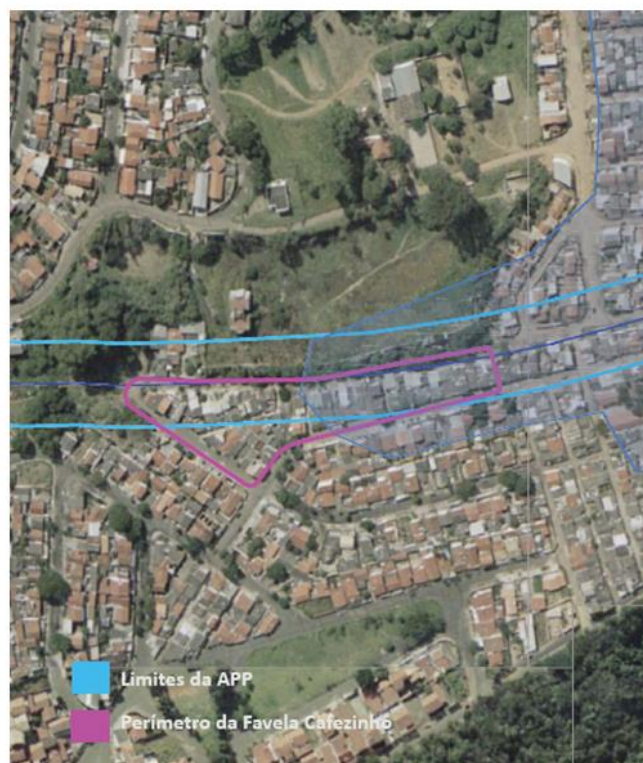
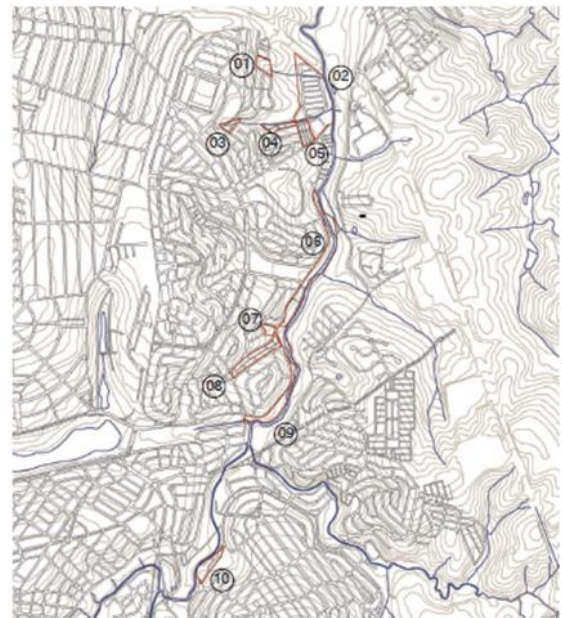


Figura 5: Superior: Quadro relativo ao Agrupamento 01 do PNH de Campinas, correspondente à região conhecida como Vila Moscou, onde se encontra a Favela Cafezinho (Núcleo 04). Assinalado o atual Parque Chico Mendes, antigo Parque Anhumas. Inferior: Perímetro da Favela Cafezinho, segundo o PNH de Campinas. Fonte: Campinas, 2011b, p. 28 e 36 com anotações do autor.

As linhas abissais definidas por Santos são observáveis nas interações regionais, seja em Campinas ou em diversas periferias do Sul global. Tal realidade remonta, no contexto da cidade de São Paulo, à foto de Tuca Vieira que mostra Paraisópolis e o prédio de luxo no Morumbi, que rodou o mundo e virou símbolo de desigualdade social, conforme salientou Machado (2019) (Figura 6).



Figura 6: Paraisópolis e edifício no Morumbi, São Paulo. Foto: Tuca Ferreira. Fonte: Machado, 2019, s.n.

Observando a área de estudo, é possível enxergar onde estão as linhas abissais locais intra-urbanas (Figuras 7 e 8):



Figura 7: Leitura de linhas abissais (delineadas em azul) que separam os núcleos da Vila Moscou do condomínio Chácaras São Quirino e, a oeste, do Ribeirão Anhumas do Condomínio Residencial Gallery.
 Fonte: Google Earth, trabalhada pelo autor Disponível em: Acesso em: 07 jul. 2024.



Figura 8: Favela Cafezinho e arredores e leitura de linha abissal (delineada em azul) que separa o Condomínio Chácaras São Quirino dos bairros populares. Fonte: Google Earth, trabalhada pelo autor. Acesso em: 07 jul.. 2024.

Nas imagens acima, observamos um condomínio de alto padrão que, embora esteja localizado no coração da Vila Moscou, tem sua morfologia e situação de segregação, realizada por muros altos, guaritas, cercas elétricas e câmeras de segurança por todo o perímetro, que indicam a ausência de propósito em estabelecer conexões e permeabilidades com o território do entorno; essa realidade se escancara nos muros que cercam todo o condomínio, apresentada pelas imagens abaixo (Figuras 9 a 13).



Figura 9: Fotografia dos muros que cercam o condomínio Chácaras São Quirino, em relação aos bairros populares envoltórios, Campinas. Fonte: autoral. Data: 13 mar. 2024.



Figura 10: Fotografia dos muros que cercam o condomínio Chácaras São Quirino, Campinas, separando o Bosque Chico Mendes de interações com o condomínio, com muros de aproximadamente 5 metros de altura com cercas eletrificadas e câmeras de segurança. Fonte: autoral. Data: 13 mar. 2024.



Figura 11: Fotografia do muro que cerca o condomínio Chácaras São Quirino, Campinas, separando o Bosque Chico Mendes de interações com o condomínio. Fonte: autoral. Data: 13 mar. 2024.

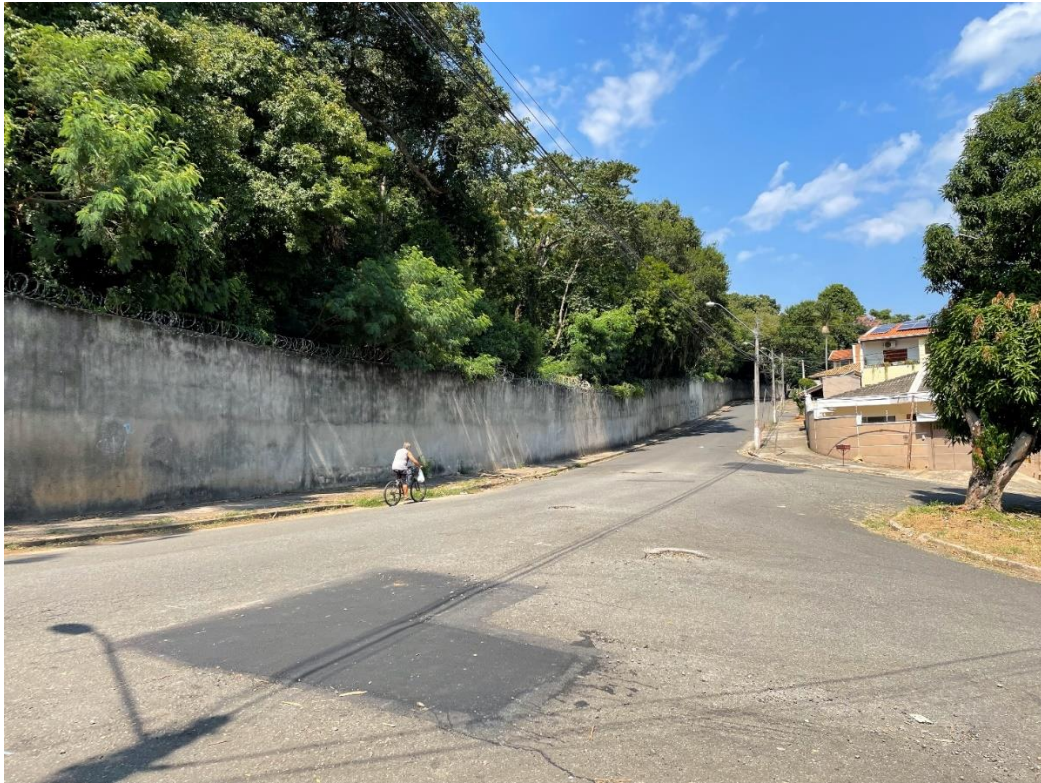


Figura 12: Fotografia dos muros que cercam o condomínio Chácaras São Quirino, Campinas, em relação aos núcleos populares vizinhos. Fonte: autoral. Data: 13 mar. 2024.



Figura 13: Fotografia de cerca eletrificadas câmeras de segurança e iluminação noturna que percorrem a extensão do muro que faz divisa entre o condomínio Chácaras São Quirino, Campinas, e o Bosque Chico Mendes. Fonte: autoral. Data: 13 mar. 2024.

Seguimos esta reflexão a partir da noção de urbanização periférica que Caldeira (2016) expõe no artigo “Peripheral urbanization: autoconstruction, transversal logics, and politics in cities of the global South”, que, conforme a autora, seria recorrente no Sul global. A autora argumenta que diferentes cidades ao redor do mundo são construídas pelos residentes, os quais, não somente fazem as próprias casas, mas que, frequentemente, formam a vizinhança como um todo, o que não ocorre necessariamente de forma clandestina e muito menos isolada. Durante este processo, essas populações interagem com o estado e suas instituições, embora isto aconteça de forma transversal. Enquanto os habitantes têm expectativas e planejam cuidadosamente cada etapa, suas ações escapam dos olhos do planejamento oficial, dado que eles operam dentro do mercado de terras, mas normalmente em espaços fora da lógica dominante do estado. Nesta forma de construir cidades e casas, muitos tomam consciência da cidadania, e agentes políticos se tornam fluentes no assunto sobre direitos e exigem a cidade para si. O modo de produção das urbanizações periféricas é complexo, e Caldeira (2016) joga luz sobre as instabilidades desse processo nas cidades do Sul global — estruturas ambíguas e contestadas que estão em constante transformação.

A perspectiva para o entendimento das práticas das urbanizações periféricas e alçar propostas de teorização significa, no texto de Caldeira, desloca e descentraliza a teoria urbanística convencional, a partir da leitura e interpretação do urbanismo moderno de formação das cidades industriais do Norte global e oferece uma caracterização ousada dos modos de produção de espaço, que são diferentes entre si e diversos do padrão internacionalista. A autora argumenta que as urbanizações periféricas não somente produzem heterogeneidade, mas que este processo varia consideravelmente de uma cidade para outra.

Em síntese, Caldeira se apoia em três condicionantes para constituição de um método de análise: primeiro, cada uma das cidades deve ser entendida de forma única, trazendo, para a discussão, conhecimentos fora da perspectiva do Norte global; segundo, as cidades são muito diversas entre si, suas histórias, conhecimentos, modos de fazer e condicionantes políticas, mas, embora estejam em contextos distintos, podem ter pontos em comum; e, terceiro, cada caso pode tratar de importantes processos de transformação das urbanizações periféricas e apontar para diferentes futuros.

Caldeira argumenta que, em termos temporais, as paisagens periféricas são marcadas por construções de elaboração e conclusão diferentes entre si. Desse modo, áreas mais antigas são melhor acabadas, enquanto áreas mais recentes são mais precárias, nas características individuais das casas e nas infraestruturas do entorno; a vizinhança cresce junto dos tecidos urbanos assentados, ruas são pavimentadas aos poucos, bem como o provimento de água, eletricidade e esgotamento sanitário; e o comércio local paulatinamente se expande — logo, urbanização periférica produziria espaços heterogêneos.

À medida que as periferias vão se desenvolvendo, tendem a se tornar, conforme sua consolidação, mais inacessíveis aos cidadãos mais pobres, pois, segundo Caldeira (2016), a urbanização periférica é um processo que sempre é produzido em qualquer lugar que a terra seja barata, precária e de difícil acesso.

No caso tela, vamos nos debruçar sobre o recorte territorial da Favela Cafezinho, articulado a uma série de bairros no extremo nordeste de Campinas, conhecidos genericamente como Vila Moscou, em que ocorre fenômeno semelhante, pois permanece em constante transformação, na luta por garantia fundiária, confecção das casas e superação de vulnerabilidades, incluso nisto a dotação de infraestruturas.

Embora esteja nas franjas da área urbanizada de Campinas, não se pode dizer que a Vila Moscou esteja em condição periférica absoluta, dado que o tecido urbano é contínuo e bastante próximo à área central, o que faz com que se possa indagar, como mencionado, porque esta região ainda não foi alvo de gentrificação. Diversos bairros próximos são condomínios de alta renda e há equipamentos de porte regional nas áreas de influência direta e indireta, como *Shopping Center*, Hipermercado, indústrias, universidades, um grande parque público e a denominada Cidade Judiciária. Entretanto, na Vila Moscou, se alternam bairros com maior ou menor consolidação, construções relativamente precárias e áreas de favelas.

Para Caldeira (2016), não se trata simplesmente de olhar para a localização espacial na cidade — em partes — mas para a forma de produção dos espaços que pode se dar em diversos lugares. O que torna esse processo periférico não é a localização física, mas o papel dos residentes na produção dos espaços e como esse modo de urbanização se desenrola lentamente, transversalmente em relação às lógicas oficiais, em meio a

contestações políticas, de tal forma que é predominante, ocorrendo em várias cidades do Sul, guardadas suas diferentes histórias de urbanização e especificidades políticas. A autora preconiza a necessidade de entender a urbanização periférica como uma interrelação de processos, para formular não somente análises e teorias mais precisas, mas também para aprimorar os planos de urbanização, na prática.

Caldeira (2016) sintetiza, portanto, que urbanização periférica se refere menos à determinação de espaços geográficos, como o binômio centro-periferia, e que as práticas apontam para diversidades caso a caso, e não a uma teoria universalizante, privilegiando os modos de produção dos espaços dos pobres na cidade, que resultam em alguns eixos recorrentes: (a) operam com temporalidade e agentes específicos; (b) engajam transversalidade através de lógicas oficiais; (c) geram novos modos de políticas; e (d) criam grandes desigualdades e cidades heterogêneas⁴.

Apresentamos às Figuras 14 e 15, a seguir, dois momentos de outro bairro, o Jardim Josely, local de moradia na infância, deste autor, onde se vê um certo espelhamento do que este texto busca descrever.

⁴ Tradução própria do texto original: "(a) operate with a specific temporality and agency, (b) engage transversally with official logics, (c) generate new modes of politics, and (d) create highly unequal and heterogeneous cities. (Caldeira, 2017, p. 4)



Figura 14: Autoconstrução do Jardim Josely, Arujá. Fonte: autoral. Data aproximada: anos 1990.



Figura 15: Jardim Josely, na atualidade. Fonte: autoral. Data: dez. 2023.

Segundo Caldeira (2016), portanto, as urbanizações periféricas seguem uma lógica transversal, ou seja, por vezes não seguem lógicas oficiais, ex.: propriedade ou posse

legalizada, regulação do estado e mercado de imóveis. Embora tais lógicas não sejam contestadas diretamente, é gerada uma série de problemas relacionados, de regulação, ocupação, planejamento e especulação, que formam urbanizações heterogêneas e consequências políticas. Entender esse processo de maneira dualística, regular vs irregular, residência legal vs favela, seria um equívoco, pois as desigualdades geradas do processo de urbanização transversal exibem múltiplas formas complexas de interação entre os agentes envolvidos. Enquanto os residentes são os agentes principais na formação de novos espaços, os governos estão presentes na regulação, planos, infraestrutura e segurança. Frequentemente, o estado age após o fato para modificar os espaços que já foram construídos e habitados — com procuramos evidenciar em nosso estudo de caso.

De acordo com Caldeira (2016), o processo de urbanização periférica pode, paradoxalmente, gerar cidadania, potencializar reivindicações e contestações, através de um tomar consciência de natureza política complexa. A presença pouco efetiva do estado, as condições inadequadas de infraestrutura, o processo de estigmatização e descriminalização contra esses residentes, fez dos espaços periféricos um lugar de invenção de novas práticas democráticas.

Isto de reflete no nosso estudo de caso, no território da Vila Moscou, que tem uma história de luta longa por direitos, remontando às primeiras ocupações, na década de 1960 (LABIS, 2010). Nossa interface com a comunidade foi conduzida por uma liderança local, Cássia Oliveira, com a qual houve diversas interfaces e colaborações acadêmicas anteriores⁵. Veremos, no transcorrer deste trabalho, os diferentes graus de consciência política que esta pequena amostra de moradores pode revelar. No entanto, nosso estudo

⁵ O contato com Cássia Oliveira se deu, inicialmente, nos anos 2015, a partir de uma ex-aluna do Trabalho Final de Graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas, da orientadora da presente dissertação — Profa. Dra. Vera Santana Luz —, que reside na Vila Moscou. Segundo depoimento da professora e pesquisadora, foram realizados diversos trabalhos na Disciplina de Desenho do Objeto II mediante colaboração mútua entre os professores da Disciplina, entre as quais a depoente, e os alunos, e Cássia Oliveira, compreendendo visitas de campo, apresentação e discussão de propostas e apresentação final dos trabalhos, oferecidos como repertório para possíveis reivindicações da comunidade. Mais tarde, Cássia Oliveira passou a colaborar com o Curso de Especialização em “Habitação de Interesse Social e ATHIS”, coordenado pela Profa. Dra. Ana Cecília Mattei de Arruda Campos, no qual a professora Vera Santana Luz integra a participação em uma Disciplina — “Habitação de Interesse Social: Abordagem Sistêmica e Multidisciplinar”, resultando em diversos produtos e conexões institucionais (Depoimento de Vera Santana Luz, durante orientação do presente mestrado, ao autor, em 18 set. 2023).

busca uma aproximação desde o mais íntimo, do interior da casa ao imediatamente público, a rua defronte, como um pequeno microcosmos de significação coletiva e pessoal.

Em termos de James Holston, seriam “espaços de cidadãos insurgentes” (Holston, 2008 apud Caldeira, 2016, p. 8). Em várias partes do mundo surgiram diversos movimentos de luta por moradia, criando novos discursos sobre direito e impondo demandas básicas para esses novos cidadãos, formulando novas constituições, experimentações de administração local, aproximando políticas sociais planejadas com participação popular, a partir do que a autora usa, como exemplo, diversas cidades, entre as quais São Paulo, todas elas contemplando processos distintos de luta por moradia, afetados pelas lógicas locais. Nossa busca é verificar, em certa medida, as especificidades de nosso estudo de caso.

Na defesa das particularidades da urbanização periférica, a autora sinaliza que as periferias são ambientes de transformação, criativos e dinâmicos. Porém, isso não apaga as diferenças que esses grupos têm para outros espaços urbanos; ao contrário, essas diferenças tendem, segundo a autora, a aumentar. Caldeira (2016) argumenta que, nos últimos 50 anos, diversos estudos apontam o crescimento da heterogeneidade dos bairros periféricos, especialmente na América Latina. Esses bairros gradativamente estão crescendo e se desenvolvendo, dependendo de várias condições, especialmente no que diz respeito ao nível de participação e engajamento das organizações populares.

Seguindo alguns eixos centrais de Caldeira (2016), as condições que permitem a continuidade do desenvolvimento das periferias preservando a possibilidade dessas populações de habitar os espaços urbanos e as metrópoles que eles criam, haveria duas condições essenciais: as forças da organização popular; e, como essas iniciativas conduzem o estado a se comprometer com os princípios de justiça social. Nosso escopo não pretendeu, a princípio, alçar voo até a verificação do grau de politização dos sujeitos, mas entender a morfologia das arquiteturas confeccionadas e sua interação com o cotidiano das pessoas, compreendendo os espaços públicos de influência imediata. No entanto, ao longo dos discursos e narrativas, esta condição não deixa de aflorar em maior ou menor grau, como condicionante.

Em síntese, a partir de Caldeira (2016), não se trataria de unificar um modelo de “urbanismo do sul”, mas, eventualmente, até seu oposto e este ato de fazer cidades, muito

disseminado, resulta de especificidades políticas e históricas que podem se apresentar em um processo de múltiplas camadas.

Esta dissertação pretende investigar determinadas formas que se fizeram presentes, na realização de suas próprias casas, em processos de autoconstrução e luta por garantia de posse, no estudo de caso em tela, como um pequeno recorte demonstrativo das epistemologias envolvidas, limites e possibilidades desta condição de precariedade. Esse recorte busca revelar como se dão, concretamente, as morfologias de ocupação de contingentes periféricos, em sua luta pela conquista da moradia. Isto abarca aspectos de agenciamento das habitações em sua interface público/privada, a organização dos elementos construídos e espaços livres, bem como a interioridades das habitações.

Nesse sentido, vamos tentar relativizar, em nosso estudo de caso, as evidências pesquisadas e verificar, até que ponto, as anotações anteriores de Sérgio Ferro ([1969] 2006) sobre a casa popular operária — realizada a partir da cidade de São Paulo e tendo como referência pesquisa dos professores Carlos Lemos e Maria Ruth Sampaio⁶. Interessamos verificar em que medida tais formulações, densamente descritas, ainda ressoariam nas práticas e formas habitacionais dos dias atuais, tendo nosso estudo de caso como primeira indagação.

A partir da descrição minuciosa, que percorre os eixos do construtor, dos materiais, da técnica, do produto, do uso e do valor de uso social, Ferro (2006) delineia uma tipologia da casa popular operária cujas características são atravessadas por determinações econômicas estruturantes. O fazer da casa, nesse contexto, é resultado direto da escassez: escassez de recursos financeiros, de tempo, de técnicas especializadas e de infraestrutura. Trata-se de uma produção artesanal, marcada pela urgência e pela funcionalidade estrita, que se traduz em uma estética da precariedade. A opção por materiais elementares, tijolos e telhas de barro, madeira, portas e janelas sem vidro, não seria deliberada, mas imposta por uma racionalidade econômica severa, que condiciona a forma final da edificação à possibilidade de aquisição fracionada, ao alcance físico e à manipulação individual, sem intermediações técnicas ou maquinárias.

⁶ A pesquisa foi publicada em 1978: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. Habitação popular paulistana autoconstruída. São Paulo: USP, 1978.

A técnica construtiva, por sua vez, não seria aprendida formalmente, mas assimilada no convívio comunitário, surgindo como um saber tácito, reiterado e transmitido de maneira quase orgânica entre os pares. A casa não seria, portanto, objeto de invenção, mas de reprodução: repetiria o que já foi feito, evitaria o risco, priorizaria o conhecido. A ausência de tempo contínuo para a construção levaria a uma prática fragmentada, onde o acúmulo de tijolos seria o gesto arquetípico de uma técnica que remonta, como o próprio autor assinala, a formas pré-históricas de edificação.

O resultado, conforme argumenta Ferro (2006), é uma moradia mínima, utilitária, desprovida de ornamentos e marcada pela crueza material. A casa é utensílio, abrigo elementar, ajustado ao estrito cumprimento de funções vitais: proteção, preparo de alimentos, descanso. Não há lugar para o fetiche da mercadoria ou para a estetização da forma, pois tal relação entre o sujeito e o espaço é direta, instrumental, desprovida de mediações simbólicas. A espacialidade interna é organizada conforme a função: a cozinha, espaço de múltiplos usos, torna-se o núcleo doméstico. A casa expressa, em sua materialidade, a posição social do morador e o faz pela via da escassez, e não da ostentação.

A noção de “valor de uso social”, proposta por Ferro (2006), ressignifica essa precariedade não como expressão de individualidade, mas como manifestação coletiva de uma condição compartilhada. A produção, embora realizada para atender às necessidades particulares, revela uma matriz comum que atravessa os sujeitos de uma mesma classe: os “danados da terra”, como evoca o autor. Assim, o particular assume um estatuto social, pois a privação, ao nivelar os modos de produção e consumo, gera formas habitacionais reiteradas, semelhantes entre si, delimitadas pelas mesmas forças estruturais.

Ao revisitar esse referencial, nosso intuito foi verificar, à luz do caso empírico aqui analisado, se estas premissas em que medida resistiriam. Que continuidades e rupturas se evidenciam nas práticas de autoconstrução contemporâneas? A precariedade ainda define o projeto da moradia popular, ou novas mediações, formas de agência e processos técnicos reconfiguram essa equação? As respostas, ainda que parciais, surgiram no cruzamento entre teoria e prática que propusemos ao longo deste trabalho.

Consideramos importante, como contraponto, realizar, alguns apontamentos a partir do clássico estudo de Bachelard (1993), especialmente buscando uma aproximação a seus

argumentos sobre a casa humana, no sentido de abarcar aspectos subjetivos e existenciais. É, para nós, indissociável da localização e configuração urbana, do próprio agenciamento edificado e de espaços livres, o ambiente interior das residências da Favela Cafezinho, pois lá está o aspecto íntimo — em uma atitude de atenção multiescalar. Logo, no que se refere às ideias de Bachelard (1993), salientam, inicialmente, o que é caracterizado pelo autor como “topoanálise”, ligada à natureza poética, à essência íntima, porém concreta, que seria um modo de captar aspectos expressivos de nossos valores singulares de intimidade protegida, na estruturação de um ambiente doméstico. Estes espaços são denominados pelo autor como “espaços de linguagem”. Dessa forma, uma topoanálise estaria preocupada com as nuances de um fenômeno psicológico estrutural, lançando luz sobre a construção de imagens íntimas singulares em relação aos espaços habitados e seu significado.

Independentemente da tipologia específica de habitação, Bachelard (1993) argumenta que sua proposta fenomenológica pretende abarcar o esforço de compreensão do cerne da felicidade, central, segura e imediata, que o autor associa à condição arquetípica da morada. Se todos os espaços de intimidade se designam por uma atração, o autor reitera que o ser do espaço é o bem-estar — dessa forma, a topoanálise traz a marca de uma topofilia. Estes conceitos — topoanálise e topofilia — seriam os substratos mais centrais para nossa investigação, no diálogo com os moradores da Favela Cafezinho. Se há possibilidade de transportar o elemento fenomenológico topoanálise para o campo metodológico e se serão encontrados traços de topofilia nos moradores.

Porém, se quisermos encontrar a realidade profunda de nuances do apego ao lugar de morar destas pessoas, seria necessário que expressem como habitam seu vital com as contradições da vida, como se enraízam, todos os dias, num “canto do mundo”. Pois a casa seria seu canto do mundo. Isto se daria como uma constante, caracterizando uma essencialidade que pertence a todos, onde classe, riqueza, ou qualquer outra distinção não impediria. Bachelard (1993) situa, como inerente à psique humana, esta condição no sonhar, ou, mais precisamente, no devaneio e na memória. Nossas pistas metodológicas buscarão tatear um caminho de aproximação a ver se será possível desvendar, nas narrativas e na expressão edificada e espacial concreta das moradas, elementos de memória, devaneio ou sonho — que revelem esta construção de canto do mundo ou canto no mundo.

Para Bachelard (1993), sempre que evocamos as lembranças, nós adicionamos valores de sonhos, portanto, nunca somos verdadeiramente historiadores, somos, em certa medida, poetas. Assim, sobre os maiores benefícios, diríamos que a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. O autor afirma, então, que a casa é uma das maiores (forças) que integram os pensamentos, lembranças e os sonhos do homem. Nesse sentido, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano e, sem ela, o homem seria um ser disperso.

Através do horizonte, antes, da pousada se revelarão, segundo o autor, concretamente, os valores do espaço habitado — o não-eu que protege o eu. A imaginação que constrói paredes como sombras impalpáveis e que se reconforta, sob a sensação de proteção, ou que treme atrás de grades ou muros, constitui a mais intensa dialética do ser abrigado, sensibilizado pelos limites do seu abrigo. Viver-se-ia a casa em sua realidade e sua virtualidade através dos sonhos. Para Bachelard (1993), todos os refúgios, todos os abrigos, todos os aposentos têm valores oníricos e os verdadeiros bem-estares têm um passado, moradas de nossas vidas que guardam os tesouros dos dias mais antigos, uma síntese do imemorial, ou pré-textual, com a lembrança.

Uma das premissas desta pesquisa é a de buscar o acesso aos ambientes domésticos da Favela do Cafezinho, no sentido de contemplar, através depoimentos, memórias e poéticas contidas naquele lugar, como que descortinando algo sobre aqueles espaços, posto que, como nos indica Bachelard (1993), o espaço reteria o tempo comprimido. Para o autor, toda pessoa deveria fazer o cadastro de seus campos perdidos, pois, não há intimidade que repila. Nesse sentido, o cuidado, durante a pesquisa, ao ser permitido o acesso a essas memórias, traz consigo a responsabilidade em respeitar os espaços íntimos dos moradores da Favela do Cafezinho.

2. VILA MOSCOU EM CAMPINAS, SÃO PAULO

Embora não seja escopo direto da presente pesquisa, apresentamos, no sentido de contextualização, alguns aspectos territoriais multiescalares de nosso estudo de caso.

Em 2000, foi criada a Região Metropolitana, sendo uma região econômica estratégica do país, que contava com um parque industrial extenso, presença de empresas multinacionais em diversos segmentos, estrutura agrícola considerável e polos de pesquisa e desenvolvimento consolidados, além de excelência internacional.

Campinas é um município do interior paulista, localizado a 100km da capital, São Paulo, diverso e relevante para o estado de São Paulo. Compreende uma área de 794,571 km² e a população de 1.139.047, em dados do último censo de 2022 (IBGE, c2023), sendo cidade polo da Região Metropolitana (RMC), que compreende vinte municípios (São Paulo, s.d.).

A região compreende uma malha viária diversa e integrada com rodovias importantes, como Anhanguera, Bandeirantes e Dom Pedro I e um dos maiores aeroportos de carga da América Latina, Viracopos, para o qual são propostos projetos de expansão e modernização, se mantendo entre os aeroportos mais relevantes do mundo.

Conforme o processo de realização do Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado (PDUI) da RMC (São Paulo, s.d.):

Nos últimos anos, a região vem ocupando e consolidando importante posição econômica nos níveis estadual e nacional. Contígua à Região Metropolitana de São Paulo, a RMC comporta um parque industrial moderno, diversificado e composto por segmentos setoriais complementares. Possui uma estrutura agrícola e agroindustrial bastante significativa e desempenha atividades terciárias de expressiva especialização. Destaca-se, ainda, pela presença de centros inovadores no campo das pesquisas científica e tecnológica, bem como do Aeroporto de Viracopos, localizado no município de Campinas, o segundo maior do país em transporte de carga. Em 2015, foi a maior porta de entrada de mercadorias importadas. (São Paulo, s.d., p. 1)

De acordo com o processo de elaboração do PDUI com respeito às questões metropolitanas:

Há questões estratégicas no âmbito das funções públicas de interesse comum (FPICs) definidas pelo Conselho de Desenvolvimento da RMC para serem consideradas na elaboração do PDUI, que devem atentar para a potencialidade de desenvolvimento da Região, bem como para enfrentar a magnitude dos problemas existentes. Estas FPICs foram organizadas em cinco eixos que contemplam aspectos estruturantes, tais como: Habitação e Vulnerabilidade Social [...] Desenvolvimento Econômico, Social e Territorial [...] Meio Ambiente, Saneamento e Defesa Civil [...] Mobilidade, transporte e Logística [...] Governança e Identidade Metropolitana [...] (São Paulo, s.d., p. 1)

No que se refere a Habitação e Vulnerabilidade Social, destacamos o que é predicado para o PDUI: **“Quais são os principais problemas habitacionais da RMC? Entender quais são as principais necessidades no contexto das dinâmicas da produção pública de moradia, as ações em curso ou propostas para melhorar a qualidade das habitações precárias e tratar a questão das áreas ocupadas de forma inadequada.”** (São Paulo, s.d., p. 1, grifo no original). No que concerne às cinco FPIC, foram estruturadas considerando a Habitação como uma destas (Planejamento e uso do solo; Mobilidade (transporte e logística); Meio Ambiente, saneamento e defesa civil, no que couber na discussão de risco; Habitação; e Desenvolvimento econômico, no que couber dentro do planejamento territorial) (São Paulo, s.d., p. 1).

Quanto a propostas em construção sob o aspecto da Precariedade Habitacional Urbana, o processo de construção do PDUI da RMC salienta ações de: Identificação e Qualificação de Assentamentos Precários e Atualização de Diagnósticos, Requalificação de Áreas Centrais e Encortiçadas e Regularização Fundiária (São Paulo, 2022, p. 29).

De fato há programas estaduais de apoio a regularização fundiária urbana em curso e Programa de Regularização Fundiária Urbana-REURB do Município de Campinas (REUB-Campinas). Nossa área de estudo contempla ações de REURB-S, como é possível, com suas devidas fases, visualizar à Figura 16, a seguir:



Figura 16: Programa de Regularização Fundiária Urbana-REURB do Município de Campinas (REUB-Campinas) na área do estudo de caso. Fases correspondentes: 1 – Núcleo Residencial Jardim Novo Nilópolis (REUB-S/ regularização concluída); 2 - Núcleo Residencial Nilópolis (REUB-S/ Elaboração de Fase 1 – Projetos da REURB); 3 - Núcleo Residencial Jardim Santana/ Novo Horizonte (REUB-S/ Elaboração de Diagnóstico Jurídico, Urbanístico, Social e Ambiental); 4 – Núcleo Residencial Vila Gênese (REUB-S/ regularização concluída); 5 – Núcleo Residencial Capadócica (REUB-S/ Elaboração de Diagnóstico Jurídico, Urbanístico, Social e Ambiental); 6 – Núcleo Residencial Cafezinho (REURB-S/ Fase 1: Projetos da REURB); 7 – Núcleo Residencial Independência – 1ª Fase (Fase 4 – Registro Imobiliário Junto ao Cartório de Imóveis); 8 – Núcleo Residencial Novo Jardim Santana (REUB-S/ regularização concluída); 9 – Área de APP junto ao Ribeirão Anhumas compreendida no Núcleo Residencial Gênese; 10 – Núcleo Residencial Dom Bosco (REURB-S/ Fase 1: Projetos da REURB); 11 – Núcleo Residencial Parque São Quirino (REUB-S/ remoção concluída); 12 – Núcleo Residencial Getúlio Vargas – Fase 2 (RURB-S/ regularização concluída); 13 - Núcleo Residencial Getúlio Vargas – Fase 1 (RURB-S/ regularização concluída); 14 – Núcleo Residencial São Quirino ((RURB-S/ regularização concluída); 15 – Núcleo Residencial Vila Nogueira (REUB-S/ remoção concluída); 16 – Núcleo Residencial Parque Social IZA (RURB-S/ regularização concluída). Fonte: Campinas, s.d., trabalhada pelo autor.

Com respeito aos processos de regularização fundiária, a Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB) de Campinas, disponibiliza informações georreferenciadas (Campinas, s.d.), conforme o Programa de Regularização Fundiária do município — REURB-Campinas⁷.

De acordo com a Lei Federal nº 13.465 (Brasil, 2017), a Regularização Fundiária Urbana – REURB é classificada em 02 (duas) modalidades:

I - Reurb de Interesse Social (Reurb-S) - - regularização fundiária aplicável aos núcleos urbanos informais ocupados predominantemente por população de baixa renda, assim declarados em ato do Poder Executivo municipal; e

II - Reurb de Interesse Específico (Reurb-E) - regularização fundiária aplicável aos núcleos urbanos informais ocupados por população não qualificada na hipótese de que trata o inciso I deste artigo. (Brasil, 2017, art. 13)

De acordo com a Prefeitura de Campinas (Campinas, s.d.), o processo de Regularização Fundiária Urbana - REURB, de ambas as modalidades, é composto pelas seguintes fases:

Fase 1 – Elaboração dos projetos da REURB;

Fase 2 – Execução de obras de risco, se houver;

Fase 3 – Aprovação mediante emissão da Certidão de Regularização Fundiária - CRF;

Fase 4 – Registro imobiliário da REURB junto ao competente Registro de Imóveis;

Regularização concluída [...];

Fase 5 – Regularização concluída. (Prefeitura de Campinas, s.d., p. 1)

⁷ Segundo a Prefeitura de Campinas (s.d.), “O processo de Regularização Fundiária Urbana – REURB abrange medidas jurídicas, urbanísticas, ambientais e sociais destinadas à incorporação dos núcleos urbanos informais consolidados ao ordenamento territorial urbano do Município e à titulação de seus ocupantes.”

No entanto, como já mencionado, o último Plano Municipal de Habitação de Campinas, data de 2011 (Campinas, 2011). O Plano Diretor, por sua vez (Campinas, 2018) estabelece, com respeito às Políticas de Habitação, entre seus objetivos:

II - orientar a elaboração de projetos de empreendimentos de interesse social em áreas situadas em regiões atendidas pela Rede Estrutural de Mobilidade, observando, especialmente:

a) o desenho urbano e a arquitetura de qualidade;
b) a conectividade e a integração regional; [...]

d) a diversidade de tipologias habitacionais e de faixas de renda dos moradores [...];

IV - incrementar a melhoria das unidades habitacionais nos núcleos urbanos informais de interesse social a fim de reduzir o déficit habitacional qualitativo; [...] (Campinas, 2018a, art. 56)

E, entre as diretrizes:

I - garantia do direito à moradia digna, promovendo o atendimento habitacional adequado e definitivo às famílias de baixa renda e prevendo o atendimento habitacional emergencial e transitório nos casos em que forem necessárias respostas imediatas, quando a solução definitiva não estiver disponível;

IV - promoção da requalificação urbanística e a regularização fundiária ambientalmente sustentável dos núcleos urbanos informais de baixa renda passíveis de consolidação, dotando-os de infraestrutura, equipamentos públicos, serviços urbanos, erradicando riscos e revertendo o processo de segregação socioespacial;

VI - implantação de programa de assistência técnica e de financiamento para reforma, ampliação e melhoria da edificação, promovendo convênios com a Cohab e com os conselhos profissionais (CAU, CREA) e entidades ligadas à arquitetura e engenharia civil, utilizando sempre profissionais habilitados;

VIII - promoção de parcerias com cooperativas, associações, universidades, entidades de classe, organizações da sociedade civil e a iniciativa privada para atuar em estudos, projetos e obras que deem suporte a programas habitacionais;

X - desenvolvimento, nos programas habitacionais, de alternativas, tais como a locação social, auxílio-moradia, indenização por benfeitorias, financiamento para construção e reforma, de forma a diversificar as formas de acesso à moradia;

XI - identificação, caracterização e classificação dos núcleos urbanos informais de interesse social, dos de interesse específico e dos empreendimentos habitacionais de interesse social, incluindo os dados no Sistema Municipal de Informação, a fim de orientar o planejamento das ações públicas, o acompanhamento e a análise de sua evolução e a elaboração de indicadores de monitoramento;

XII - instituição de cadastro social dos beneficiários de programas habitacionais de interesse social e dos moradores de núcleos urbanos informais de interesse social e atualização contínua do Cadastro Municipal de Interessados em Moradia - CIM, a serem integrados a um sistema único e informatizado;

XIV - revisão das normas municipais no que tange:

- a) à regularização fundiária de interesse social;
- b) à regularização de interesse específico;
- c) aos empreendimentos habitacionais de interesse social; e
- d) ao Plano Municipal de Habitação; [...] (Campinas, 2018, art. 57)

A disparidade entre o estatuto legal e programas e ações concretas é evidente.

A região de interesse de nosso estudo de caso, como anteriormente mencionado, está relativamente próxima à definição do Plano Diretor, de dois Polos Estratégicos de Desenvolvimento, Unicamp/CIATEC II e Área Central — o que não a caracterizaria, propriamente, como uma zona periférica. No entanto, trata-se de uma área que apresenta vulnerabilidades significativas, o que comparece como um paradoxo diante do estatuto legal urbanístico, salientando que, entre as diretrizes do Polo Unicamp/CIATEC II, consta: “VI - proteção das áreas de maior suscetibilidade à inundação, decorrentes das planícies e várzeas características da região.” (Campinas, 2018, art. 24), que é uma das características da referida área.

Mediante o exame da expansão da mancha urbana de Campinas, nota-se que, já em 1940, existiam bairros dispersos — fato este que se intensifica até o registro de 1965. A partir de 1979, estes bairros dispersos foram sendo incorporados à mancha urbana principal (Figura 17) (Silva; Matias, 2017).

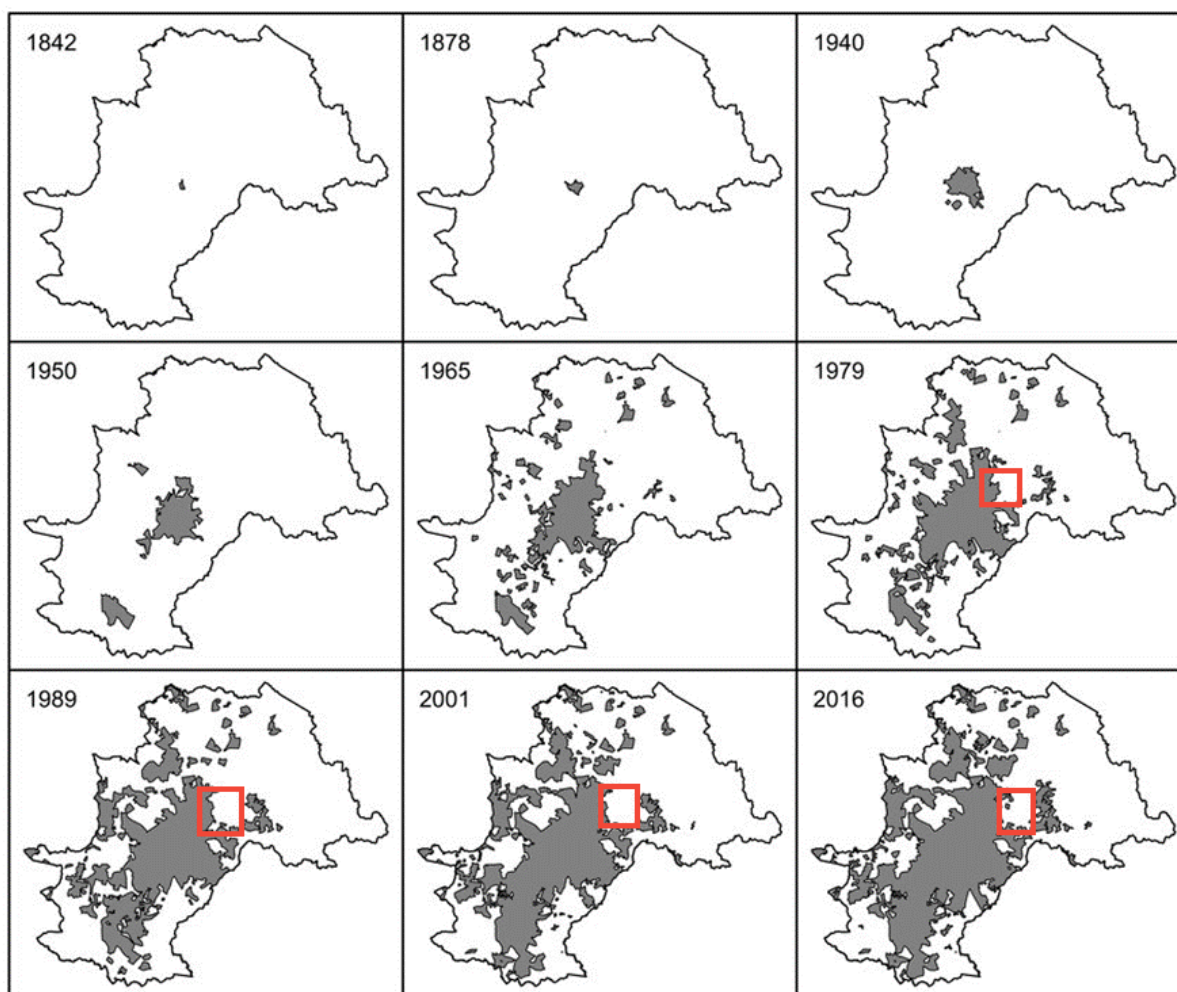


Figura 17: Expansão urbana da cidade de Campinas. Fonte: Silva; Matias, 2017, p. 13, trabalhada pelo autor. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/320982086_Vetores_de_expansao_urbana_analise_da_cidade_de_Campinas_SP#fullTextFileContent>. Acesso em: 03 set. 2023.

Ao examinar o tecido urbano mais recente, é visualizável que a área de interesse do estudo de caso desta pesquisa se encontra às suas frondes finais, limitada pela Rodovia D. Pedro I, a norte e, a leste, pelo Ribeirão Anhumas e, em cota superior, pela Rua Dr. Antônio Duarte da Conceição, tendo também, a seguir, a presença da Rodovia D. Pedro I, a partir do que — a norte e a leste — se dispersam fragmentos urbanizados, com presença mais intensa ao longo da Rodovia Campinas-Mogi Mirim, e a uma profusão de áreas livres vegetalizadas (Figura 18, abaixo). Do ponto de vista da expansão urbana, esta área permaneceu praticamente a mesma, enquanto a região sudoeste da cidade se expandiu de modo evidente, bem como algumas áreas esparsas a sudeste e norte, como é visualizável na Figura 17, acima.

Pode-se considerar a estrada de ferro (antiga Companhia Mogiana de Estradas de Ferro), também, como um fator limitante, aliada ao córrego Anhumas, bem como a diferença

topográfica entre o vale deste córrego e o entorno imediato, mais alto, e, posteriormente, como dito, a Rodovia D. Pedro I, passa a emoldurar a região, também como um limitador.



Figura 18: Imagem aérea do município de Campinas, indicando a área de estudo de caso no retângulo vermelho. Fonte: Google Maps, trabalhada pelo autor. Acesso em: 06 set. 2023.

Tabela 1: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Campinas, em dados de 2010.

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) (2010)	
IDH-M	0,805
IDH-M - RENDA	0,829
IDH-M EDUCAÇÃO	0,731
IDHM- LONGEVIDADE	0,860

Fonte: ATLASBR. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, s.d. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/consulta/planilha>. Acesso em: 10 out. 2024.

Com Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) classificado muito alto (IBGE, s.d.), em dados de 2010, incluindo seus desdobramentos (renda/ educação/ longevidade), Campinas apresenta bons indicadores (Tabela 1, acima).

Embora Campinas seja uma cidade com os índices considerados excelentes, é necessário observar com atenção a desigualdade que acompanha o desenvolvimento econômico da cidade. Pois como será apresentado a seguir, os contrastes socioeconômicos acompanham essa região, tal como tantas outras do Brasil.

Conforme apresentam Antonini e Capoulade (2021):

Desde o início da pandemia da Covid-19, o número de famílias em situação de extrema pobreza aumentou 17%, em Campinas, segundo a Secretaria Municipal de Assistência Social, Pessoa com Deficiência e Direitos Humanos de Campinas. Em comparação entre os anos de 2019 e 2021, o número de famílias que se sustentam com uma renda per capita de até R\$ 89 passou de 37,33 mil para 44,77 mil. (Antonini; Capoulade, 2021, p. 1)

Observando o quadro de desigualdade através do Índice de Gini da renda domiciliar per capita, relativo a 2010, equivalente a 0,5782, este demonstra a falta de distribuição de renda sobre o território de Campinas (Ministério da Saúde, s.d.).

Embora Campinas apresente historicamente uma trajetória de desenvolvimento — primeiramente impulsionada pela produção do café, seguida pela indústria de manufatura

e, mais recentemente, se posicionando como um polo gerador de conhecimento, inovação, tecnologia e logística — a cidade avançou pouco em democratizar o acesso ao desempenho econômico. Por contemplar várias rodovias estaduais e o Aeroporto Internacional de Viracopos, tornam Campinas um centro urbano atrativo para negócios.

Recorrendo ao PIB a preços correntes, em dados do IBGE, Campinas, em 2021, estava com o 4º índice mais alto do Estado de São Paulo e 12º do país (IBGE, s.d.).

O tecido urbano da Vila Moscou não é uniforme. Ao longo de sua variação morfológica, é possível perceber uma segmentação dos espaços. O traçado e o parcelamento do solo se deram conforme foram se consolidando. Desenvolvendo em paralelo ao Ribeirão Anhumas, está a Rua Moscou, que dá alcunha ao bairro. A sul, a via continua como Rua Dona Luísa de Gusmão, seguindo até a Praça Arautos da Paz — região de estratos sociais de renda superior — e, a norte, a via se articula à Rua Comendador Herculano Graciele, que termina abruptamente pela passagem da Rodovia Dom Pedro I, a qual não dá acesso ao bairro (Figura 19).

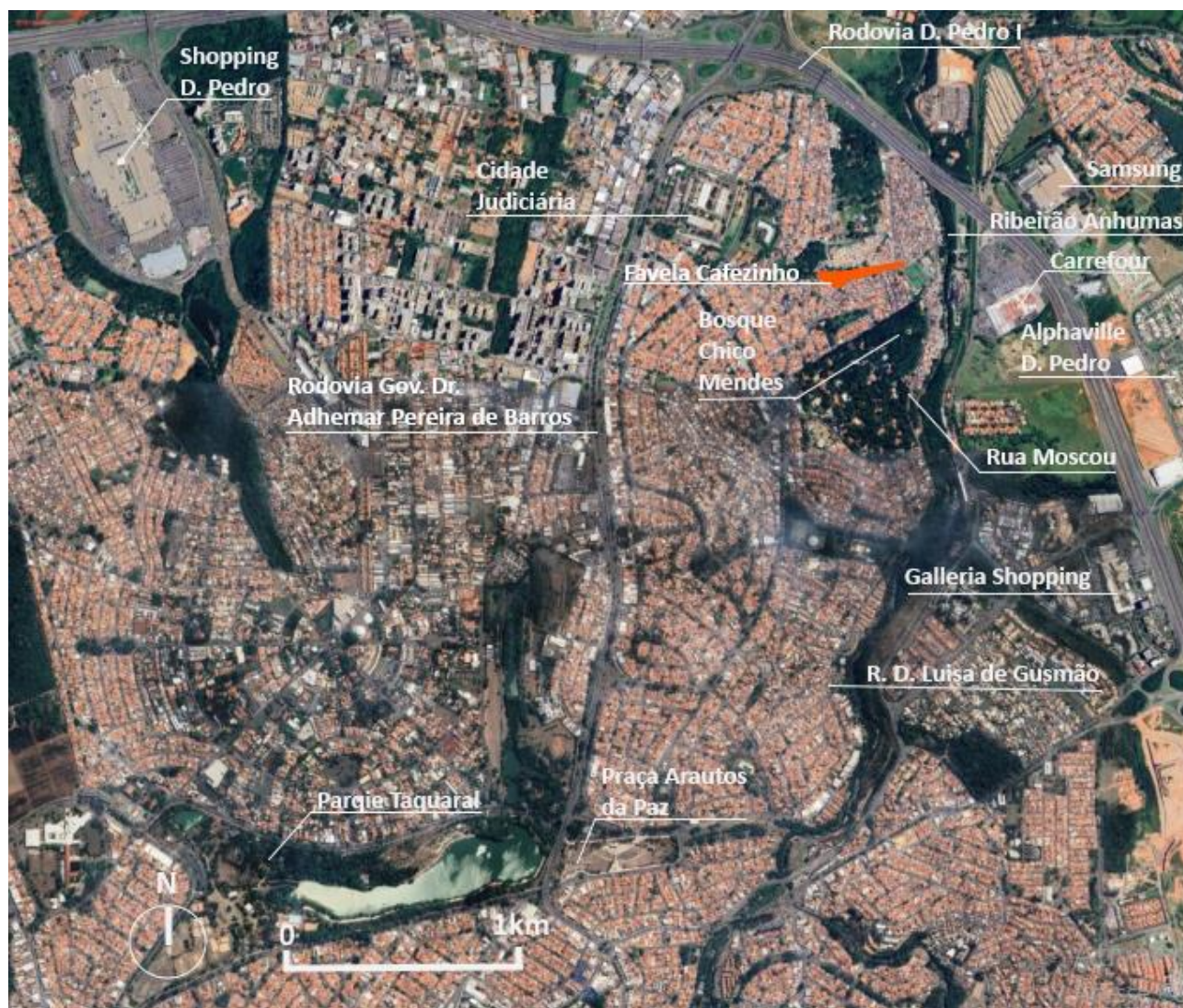


Figura 19: Região da Vila Moscou e áreas envoltórias. Fonte: Google Earth trabalhada pelo autor. Acesso em: 07 jul. 2025.

A partir da observação da configuração da região, é possível notar como o tecido urbano da Vila Moscou é excluído das demais regiões da cidade. Como mencionado, a Rodovia Dom Pedro I, a norte, exerce uma barreira sobre o território e, a leste, é limitado pelo Ribeirão Anhumas que corre no sentido sul-norte, neste trecho, sem ligações com sua margem oposta — a menos de uma passarela improvisada. Se encontra, também sem conexão com a Rua Doutor Antônio Duarte da Conceição, que se localiza a leste, em cota mais elevada, e que também se estrutura no sentido norte-sul — em paralelo à linha férrea do atual Passeio Maria Fumaça (antiga ferrovia da Companhia Mogiana) —, sendo uma importante conexão com a região central, como também constitui fácil acesso à Rodovia Dom Pedro I. As áreas a leste desta rua são providas de equipamentos de grande porte, como o supermercado Carrefour, a fábrica da Samsung, o Shopping Galleria, entre outros. Da mesma forma, configura acesso a uma série de condomínios fechados de alta renda.

Ou seja, a Vila Moscou se constitui como um enclave, rodeada por barreiras e por tecidos urbanos de renda alta ou média alta (Figura 20).

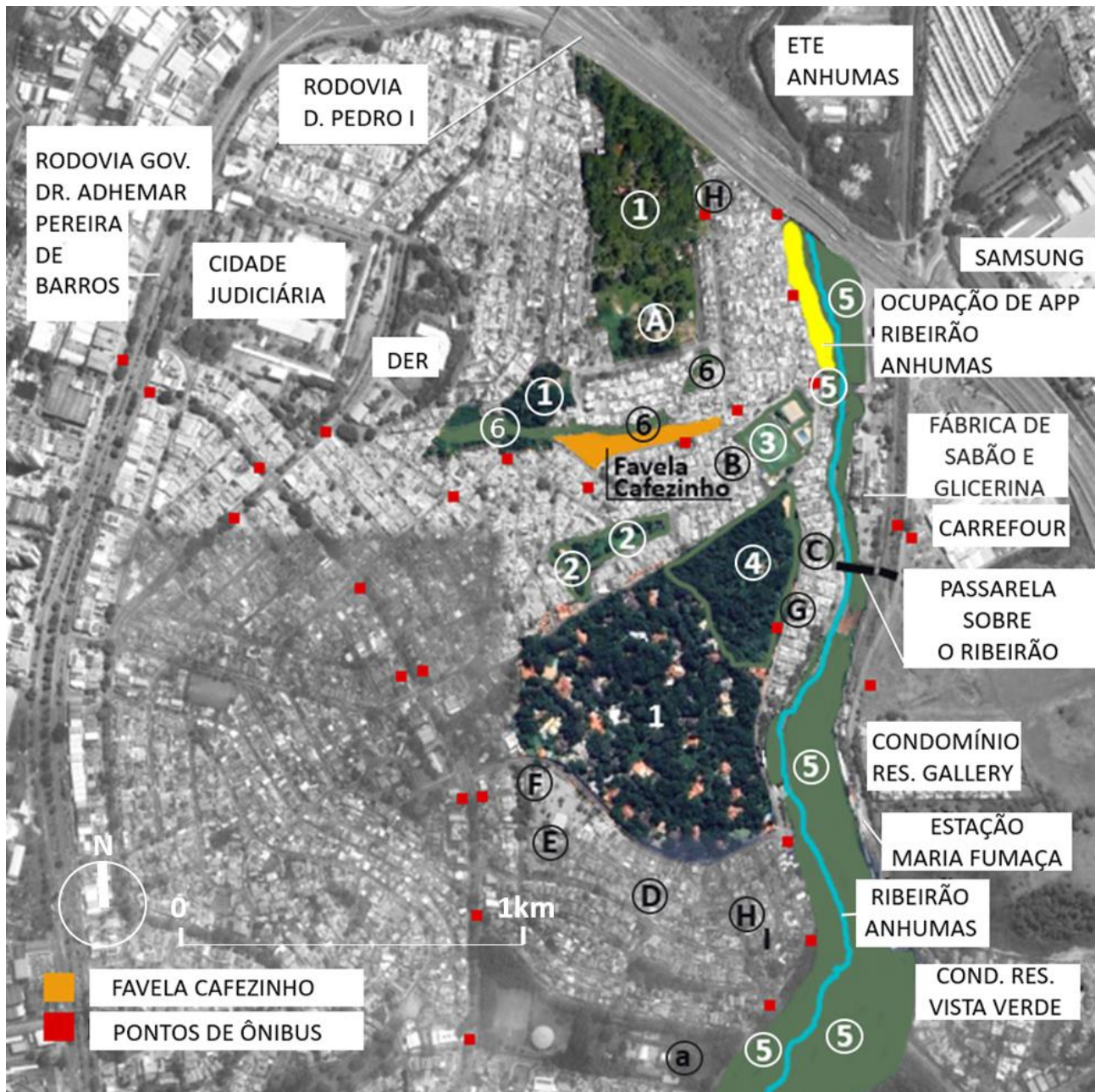


Figura 20: Imagem aérea das áreas livres, equipamentos e pontos de ônibus presentes na Vila Moscou, assinalando pontos de ônibus e a Favela Cafezinho. Espaços livres: 1- áreas privadas; 2 – Praças; 3 – Ginásio Municipal Dep. Nabi Abi Chedid/ Arena Cafezinho; 4 – Bosque Chico Mendes; 5 – áreas envoltórias do Ribeirão Anhumas, compreendendo a APP; 6 – áreas envoltórias de córrego aflorado. Equipamentos e Instituições: A – CEI Recanto da Alegria; B – CEI Fadinha Azul; C – Associação Anhumas Quero Quero; D – AEUPU – Associação Espiritualista de Umbanda Pai Urupiaba; E – Igreja Santa Terezinha do Menino Jesus/ Paróquia Sant’Ana de Campinas – Arquidiocese de Campinas; F – Igreja Família Cristã Jardim Santana; G – CEI São João Batista; H – Igreja Evangelho Quadrangular; I – Assembleia de Deus Madureira Parque São Quirino; a – Clube Associação Desportiva Polícia Militar do Estado de São Paulo - Regional Campinas.

Fonte: Google Earth trabalhada pelo autor.

Desde a formação da Vila Moscou, a área está em situação de estratificação perante seu entorno, conforme se desvela, ainda hoje, sendo uma das condições que reiteram a vulnerabilidade de sua população, incluindo não só a dificuldade de acessibilidade — com poucas linhas de ônibus — como, salienta-se, a ausência quase total de equipamentos públicos.

O bairro não contempla nenhuma Unidade Básica de Saúde (UBS) (estando a mais próxima a aproximadamente 2,1 km de distância), escolas de ensino fundamental, ensino médio, contando apenas com três Centros de Educação Infantil (CEI), um centro comunitário — a Associação Anhumas Quero-Quero, o Ginásio Municipal Deputado Nabi Abi Chedid — popularmente conhecido como Arena Cafezinho e um parque, o Bosque Chico Mendes, bem como duas áreas de praças próximas e diversas instituições religiosas.

Observa-se a disponibilidade favorável de áreas verdes na Vila Moscou, considerando o bosque e as duas praças mencionadas. As praças apresentam poucos equipamentos, como alguns bancos para descanso e uma quadra cercada, com parca presença de lixeiras. O Bosque Chico Mendes contempla uma área considerável e arborização expressiva, contando com uma trilha para caminhadas, alguns bancos para descanso e bebedouros. Mesmo assim, é pouco utilizado pelos moradores, sendo, um dos motivos alegados, a falta de iluminação e segurança nas dependências do bosque (Figura 23).

A trilha do bosque tem aproximadamente 500 metros de extensão, com trechos onde a vegetação é mais cerrada, fechando um pouco a caminhada, o que dificulta a circulação constante de pedestres em sentidos opostos (Figura 22). Há pouca disponibilidade de bebedouros para os usuários. Verificou-se somente um destes equipamentos, defronte à edícula localizada próxima à Rua Moscou.

O Bosque conta com duas entradas, a principal localizada na Rua Moscou e uma entrada lateral pela Rua Comendador Herculano Graciele, ambas fechadas no período noturno (Figura 21).



Figura 21: Entrada do Bosque Chico Mendes pela Rua Comendador Herculano Graciale. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.

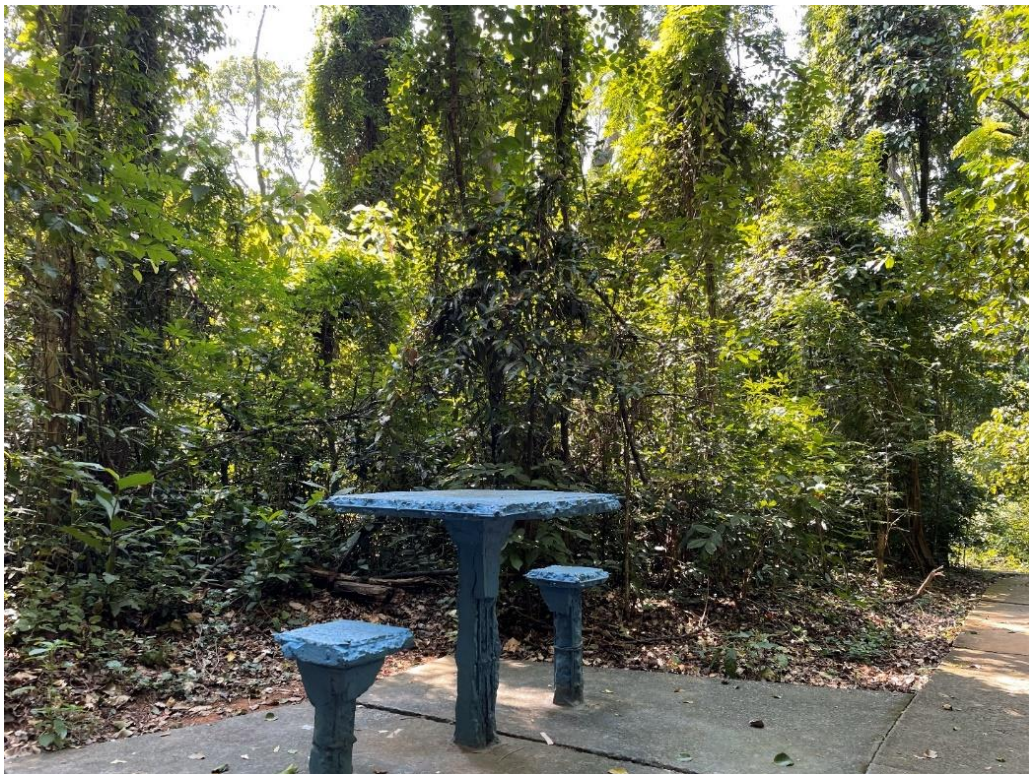


Figura 22: Bancos e mesa para jogos, no interior do Bosque Chico Mendes. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.



Figura 23: Trilha interna ao Bosque Chico Mendes Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.



Figura 24: Área de descarte irregular de lixo, nas dependências do Bosque Chico Mendes, próxima à Rua Moscou. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.

Embora haja placas de sinalização realizadas pelos próprios moradores, o Bosque Chico Mendes é utilizado para descarte irregular de lixo (Figura 24).

Como instrumento de integração regional, é importante a Arena Cafezinho (Ginásio Municipal Dep. Nabi Abi Chedid) (Figura 25) que abriga estádio coberto, campo de futebol ao ar livre e piscina olímpica, e encampa uma diversidade de eventos em datas comemorativas, como Páscoa, festas juninas e Natal, como também eventos de caráter religioso, além das partidas de futebol regional e oportunidades de peneiras para clubes maiores, como o Ponte Preta.



Figura 25: Campo de futebol da Arena Cafezinho. Partida válida do Campeonato Amador Sub 20 entre Associação Jardim Nilópolis e Celta de Vila na Arena Cafezinho. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.

A Associação Anhumas Quero-Quero é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que conta para sua gestão participativa com participação ampliada das famílias — crianças, adolescentes e adultos — atendidos e do território, que atua desde os inícios dos anos 2000 (2001 – Associação Projeto Quero-Quero e 2005 – Associação Projeto Anhumas; 2011 – Fusão das duas associações). Atende mais de 500 crianças diariamente, em contra turno dos períodos escolares, propondo como missão “Criar continuada e sistematicamente,

oportunidades de convivência e desenvolvimento de habilidades e aptidões para a formação de cidadãos conscientes, desde a infância, em grupos considerados em risco social.”, na busca de reduzir o risco social da rua e “ [...] proporcionar a crianças, adolescentes e suas famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social, oportunidades para superação e melhor qualidade e expectativa de vida, com foco em Desenvolvimento de responsabilidade, empatia, superação de limites de Crianças e Jovens e suas famílias criando vínculos para a Convivência pacífica.” (AAQQ, c2020, s.n.). Atua em dois programas: o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos — com Atividades Socioeducativas, para faixas de idade entre 6 a 14 anos (Aprendendo a Caminhar, Reciclarte, Corpo em Movimento e Vencendo Desafios) e Intergeracionais (Roda de Convívio Comunitário, Música, Artesanato, Informática e Dança), sob custeio da Prefeitura Municipal de Campinas; e o Programa Formação do Cidadão Consciente, a partir de investimento social, editais e doações, contemplando cinco projetos permanentes — Ser Digital (Informática Lúdica Microcamp); Comunikai (Jovem Jornalista e Meu Caderno Diário); Mudança de Vida (O Ouro tá na Favela, Musicalizando e Dançando); Mãos (Costura Criativa, Culinária, Rodas Artesanais e Criando seu Próprio Negócio); e Comunidade em Foco (Rodas Virtuais sobre Saúde Mental, Rodas de Conversa “um Ponto um Conto”, Gincana da Família e Fotografia do Território). Suas ações se pautam pela “Metodologia da Roda”⁸ que (Figura 26):

Consiste numa Roda mestre que é a Roda da Cidadania composta radialmente por outras sete rodas que giram e incorporam a cada giro mais adeptos que sonham com um mundo melhor. No centro da Roda, a AAQQ, "Construindo um Cidadão Consciente", interconectando através de oficinas e encontros estimulando a diversidade e vigiando, como as aves Anhumas e os Quero Quero, para que as Rodas nunca deixem de girar... (AAQQ, c2020, s.n.)

⁸ “Idealizada pela Sra. Kátia Hamra Rached Pereira, Fundadora da Associação Anhumas Quero–Quero, inspirada na Composição “Redescobrir “de Luiz Gonzaga Junior”. (AAQQ, c2020, s.n.). Disponível em: <<https://aaqq.org.br/metodologia-da-roda/>>. Acesso em: 13 jan. 2025.



Figura 26: Diagrama da Metodologia da Roda, preconizada pela Associação Anhumas Quero-Quero. Fonte: Associação Anhumas Quero-Quero, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XSvmHyIFN8&t=29s>. Acesso em: 13 jan. 2025.

Este é um belo exemplo, concreto, de Epistemologia do Sul e horizontalização dos saberes, tal qual teorizado por Santos (2007; 2018a; 2018b), que vemos pulsar no território do estudo de caso.

3. DEFINIÇÃO DO RECORTE CIRCUNSTANCIADO DA FAVELA CAFEZINHO

Nosso recorte busca revelar como se dão, concretamente, as morfologias de ocupação deste contingente periférico, que têm sua memória enraizada na luta pelo direito à moradia, à cidade e à cidadania. Busca-se apresentar uma pequena envoltória de um tecido vulnerável dentro deste conjunto de núcleos residenciais que conformam um bairro igualmente vulnerável, mas já mais consolidado, e proceder à leitura desse pequeno arcabouço. Pretende-se que aflore, na presente investigação, determinadas formas que se fizeram presentes, na realização de suas próprias casas, em movimento de autoconstrução e luta por garantia de posse, com uma exemplaridade que busca apontar caminhos para configurações concretas e significados simbólicos assentados nesse modo de vida de uma periferias urbanas brasileiras, como uma amostra de vida, ação e construção de mundo.

Seguindo com a análise do território da Favela do Cafezinho, foi objeto de estudo o Plano Diretor Estratégico de Campinas (Campinas, 2018a), que nos traz que o território deste projeto de pesquisa está localizado na Macrozona de Estruturação Urbana, que “abrange região situada integralmente no perímetro urbano, possui áreas reconhecidamente consolidadas e outras em fase de consolidação” (Campinas, 2018a, p. art. 5) (Figura 27). Seus objetivos são (Campinas, 2018a):

- I - valorizar e ampliar as áreas públicas, promover a ocupação das áreas vagas e a qualificação das áreas vulneráveis sob os aspectos socioeconômico, urbanístico ou ambiental;
- II - incentivar o uso misto;
- III - fomentar centralidades atreladas às estruturas de transporte coletivo, com possibilidade de uso e ocupação mais intensos do solo;
- IV - promover o adensamento nas regiões mais bem estruturadas e ao longo da rede estrutural de transporte público;
- V - promover a regularização fundiária de interesse social dos núcleos urbanos informais passíveis de consolidação e orientar a regularização fundiária de núcleos urbanos informais de interesse específico;
- VI - promover e estimular a produção de empreendimentos habitacionais de interesse social;

VII - requalificar urbanística, social e ambientalmente a área central. (Campinas, 2018a, art. 8)

Tais objetivos podem ser impactantes à Vila Moscou e, em particular à Favela do Cafezinho. Os itens III e IV pode abrir um flanco para a gentrificação, e, paradoxalmente, o item V, que, como vimos, está em realização, embora seja indubitavelmente uma conquista do ponto de vista da garantia de direitos, facilita a venda dos imóveis mediante pressões do capital imobiliário e a eventual expulsão dos moradores. O mesmo se verifica com respeito às diretrizes da Macrozona de Estruturação Urbana, que são, em si favoráveis, mas não sem contemplar ambiguidades. Nestas tem-se:

I - incentivo à ampliação da oferta de moradia, reabilitação dos espaços públicos e dos bens históricos e culturais;

II - promoção de intervenções na estrutura viária e de transporte para correção dos problemas de descontinuidade entre bairros;

III - estabelecimento de usos mistos compatíveis com o uso residencial no interior dos bairros residenciais;

IV - urbanização dos núcleos urbanos informais de interesse social passíveis de consolidação e a titulação dos ocupantes;

V - adoção de medidas visando compelir os responsáveis a regularizar as áreas de interesse específico, quando tecnicamente possível;

VI - reserva de áreas para produção de habitação de interesse social com oferta adequada de serviços, equipamentos e infraestruturas urbanas. (Campinas, 2018a, art. 9)

Embora a Vila Moscou esteja nas franjas da área urbanizada de Campinas, não se pode dizer que sua condição seja de periferia absoluta, dado que o tecido urbano é contínuo e bastante próximo à área central, o que faz com que se possa indagar porque esta região ainda não foi alvo de gentrificação, como já mencionado. Salienta-se os diversos condomínios próximos de alta renda e equipamentos de porte regional nas áreas de influência direta e indireta. Entretanto, na Vila Moscou se alternam os núcleos com maior ou menor consolidação, construções relativamente precárias e áreas de favelas.

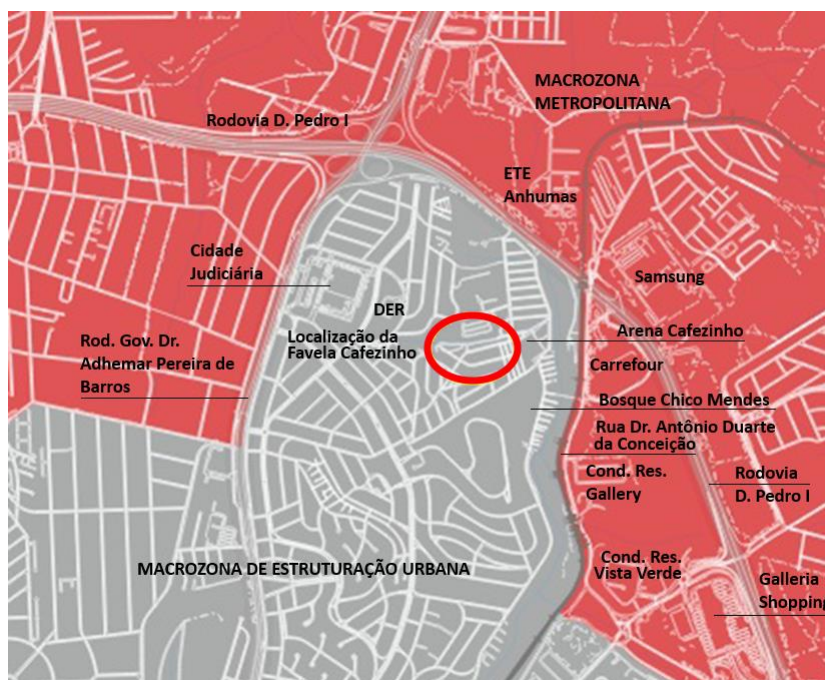


Figura 27: Anexo I Mapa do Macrozoneamento do PD de Campinas, assinalando a Favela Cafezinho.

Recorte parcial trabalhado pelo autor. Fonte: Campinas, 2018d. Disponível em:

<https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/timeline/timeline/59_mapas_finais_pd2018/anexol_macrozoneamento.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.

O município de Campinas é dividido em Áreas de Planejamento e Gestão (APGs) cujo objetivo principal é “[...] a gestão do território de forma integrada, possibilitando o acompanhamento, monitoramento e avaliação das normatizações e ações do Poder Público e das alterações das dinâmicas socioeconômicas ao longo do tempo, tanto pelo Poder Público como pela sociedade.” (Campinas, 2018a, art. 15). As APG são subdivididas em “setenta e quatro Unidades Territoriais Básicas - UTBs, para as áreas inseridas no perímetro urbano, e oito Unidades Territoriais Rurais - UTRs, para as áreas rurais” (Campinas, 2018^a, art. 16).

A Favela do Cafezinho se localiza na APGs do Taquaral e na Unidade Territorial Básica EU-19, que abrange os núcleos Vila Nogueira, Jardim Santana e Jardim Madalena (Figura 28).

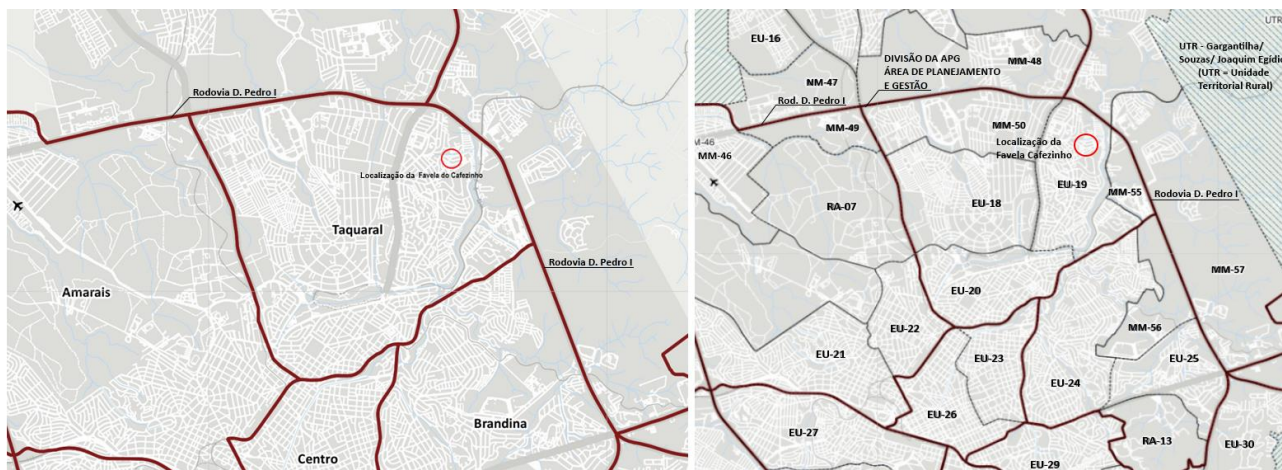


Figura 28: Esquerda: Anexo III Mapa das Áreas de Planejamento e Gestão (APGs) do PD de Campinas assinalando a localização da Favela Cafezinho. Recorte parcial trabalhado pelo autor. Fonte: Campinas, 2018d. Disponível em:

<https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/timeline/timeline/59_mapas_finais_pd2018/anexoIII_areas_planejamento_gestao.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024. Direita: Anexo IV Mapa das Unidades Territoriais Básicas (UTBs) e Unidades Territoriais Rurais (UTRs) do PD de Campinas, assinalando a localização da Favela Cafezinho. Recorte parcial trabalhado pelo autor. Fonte: Campinas, 2018e. Disponível em: <https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/timeline/timeline/59_mapas_finais_pd2018/anexoIV_utb utr.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.

Os elementos estruturadores do ordenamento territorial preconizados pelo PD de Campinas são: perímetro urbano; parcelamento, uso e ocupação do solo; Centralidades; Polos Estratégicos de Desenvolvimento; Rede Estrutural de Mobilidade; e Sistema de Áreas Verdes e Unidades de Conservação (SAV-UC) (Campinas, 2018a, art. 17). A Rede Estrutural de Mobilidade, através do Desenvolvimento Orientado pelo Transporte (DOT), prevê eixos importantes próximos a menos de 2km da Favela Cafezinho, a Rodovia Governador Dr. Adhemar Pereira de Barros e a Rua Doutor Antônio Duarte da Conceição, conforme **evidencia** a Figura 29, a seguir:

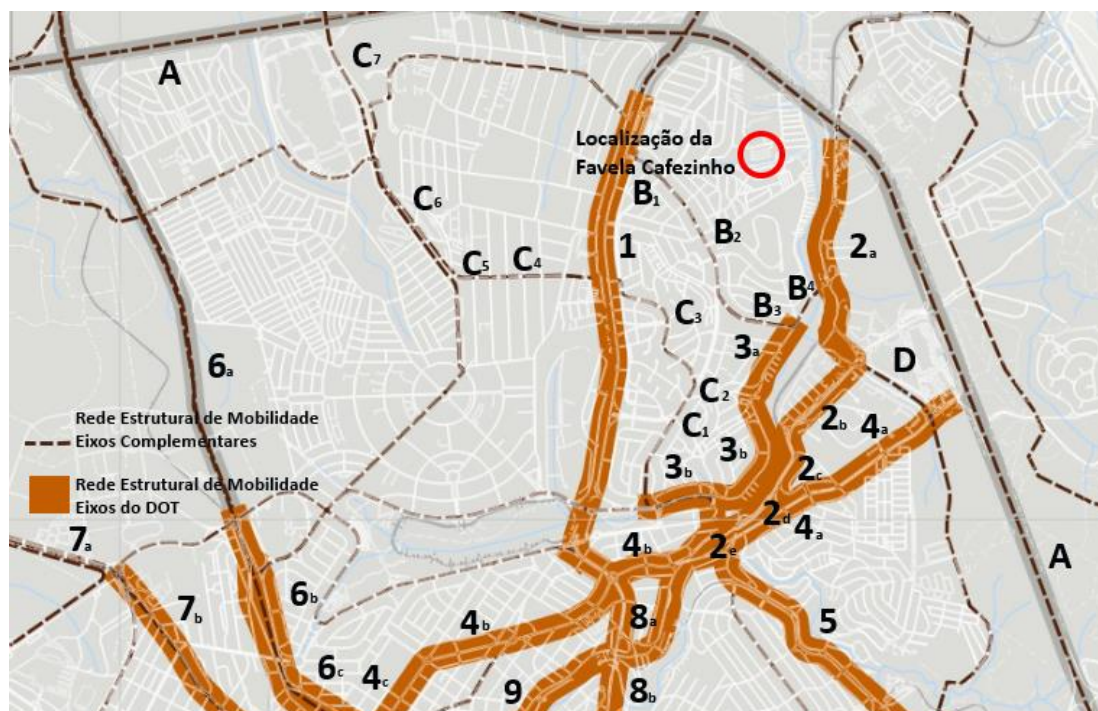


Figura 29: Anexo VI Mapa da Rede Estrutural de Mobilidade – Eixos do DOT do PD de Campinas assinalando a localização da Favela Cafezinho. Recorte trabalhado pelo autor. A – Rodovia D. Pedro I; B1 – Av. Lafayette de Arruda Camargo/ B2 - Av. Diogo Álvares/ B3 - R. Tóquio/ B4 - R. Moscou; C1 – Rua Nuno Álvares Pereira; C2 - Av. Diogo Álvares; C3 – Av. Dr. Júlio Soares de Arruda; C4 – R. Henrique Oswald; C5 – Rua Eunice Virgínia Ramos Navarro; C6 – Rua Zerillo Pereira Lopes e Rua Rute Ferraz de Angelis; C7 – Av. Guilherme Campos; D – Av. José Bonifácio Coutinho Nogueira; 1 – Rodovia Gov. Dr. Adhemar Pereira de Barros e Rod. Eng. Miguel Noel Nascentes Burnier; 2a – Rua Dr. Antônio Duarte da Conceição 2b – Rua Eng. Francisco Bento Homem de Mello; 2c – Rua Prof. Alexandre Chiarini; 2d – Rua Eduardo Nogueira; 2e – Rua Cônego Pedro Bonhomme; ; 3a – Rua Moscou; 3b – Rua Dona Luísa de Gusmão; 4a – Av. Carlos Grimaldi; 4b – Av. Nossa Senhora de Fátima; 4c – Rua Barão de Itapura; 5 – Rua Dr. João Quirino do Nascimento; 6a – Rod. Prof. Zeferino Vaz; 6b – Rua Carolina Florence/ Rua Funilense; 6c – Rua Carolina Florence e Rua Dr. Buarque de Macedo; 7a – Av. Cônego Antônio Roccato; 7b – Av. Brasil; 8a – Av. Júlio Prestes; 8b – Av. José de Souza Campos; 9 – Rua Ary Barrozo. Fonte: Campinas, 2018f. Disponível em: <https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/timeline/timeline/59_mapas_finais_pd2018/anexoVI_eixos_dot.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.

O artigo 19 do Plano Diretor de Campinas (2018a) determina as regras de influência dos eixos do DOT, conforme a seguir:

§ 1º As áreas de abrangência da Rede Estrutural de Mobilidade - Eixos do DOT e das Centralidades serão delimitadas por lei específica, observando o seguinte regramento:

I - a delimitação da área de abrangência da Rede Estrutural de Mobilidade - Eixos do DOT compreende as quadras contidas nas faixas de cento e cinquenta metros de cada lado do eixo e quadras tocadas por essa faixa e contidas em outra, de trezentos metros de cada lado;

II - a delimitação da área de abrangência nas Centralidades compreende as quadras contidas num raio de trezentos metros medida a partir do seu ponto central, e

aquelas tocadas por esse raio e contidas em outro de quinhentos metros. (Campinas, 2018a, art. 19).

Embora a Favela do Cafezinho não esteja dentro dessas áreas de influência é visto que o Plano Diretor impactará sobre o território, com a previsão de investimentos na malha estrutural, o que pode vir a surtir efeito sobre a mobilidade urbana das populações da Vila Moscou no acesso a região central e, paradoxalmente à valorização destes tecidos, podendo haver pressões de gentrificação e expulsão dos moradores. A Figura 30, abaixo, apresenta o zoneamento da região:

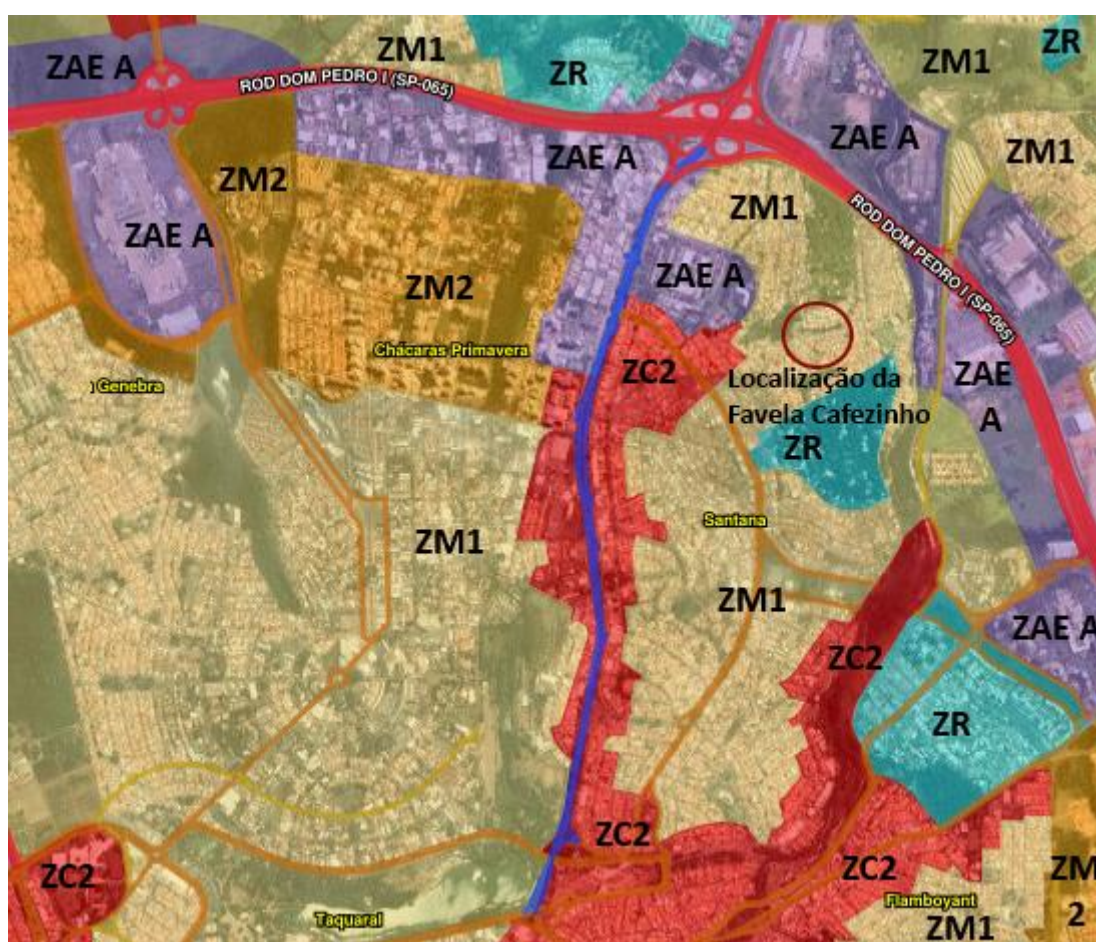


Figura 30: Zoneamento da região envoltória da Vila Moscou, assinalando a Favela Cafezinho.
Fonte: Campinas, 2021. Recorte trabalhado pelo autor.

Em contrapartida, entende-se que o parâmetro urbanístico do coeficiente de aproveitamento máximo impede o adensamento e a verticalização desta área, a menos do remembramento de lotes. De acordo com a Lei de Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo de Campinas (Campinas, 2018c), a região conhecida como Vila Moscou está na Zona Mista 1 (ZM1), definida como:



Figura 32: Perímetro da Favela do Cafezinho para o estudo de caso. Fonte: Autoral, a partir da plataforma Google Earth. Acesso em: 07 jul. 2025.

Nosso perímetro do estudo de caso abrange uma área maior do que a oficialmente delimitada como Favela Cafezinho (ver Figura 32, anterior), pois levamos em conta como os moradores estão habituados a considerar este perímetro. Neste perímetro contabilizamos 115 casas (Figura 32, acima), sendo os lotes contabilizados a partir de Campinas (2021) ($19 + 32 = 51$) e as residências do perímetro estrito do Núcleo Residencial Cafezinho definidas por Campinas (s.d.) como contemplando $11.544,07 \text{ m}^2$ e estimativa de domicílios de 64 unidades habitacionais. Esta delimitação se faz pela Rua Sebastião Marcelino de Freitas (junto ao Núcleo Residencial Capadócia e lindeira ao córrego aflorado), seguindo por parte da Rua Ipê da Várzea, faz deflexão pela Rua Bruna Ventura di Grazia e nova deflexão pela Rua Pau D'Alho, flete para a Rua Julian Brice Mac Fadden, flete para outra parte da Rua Bruna Ventura di Grazia e, para a Rua Odilon Maudonnet, contorna área livre verde a oeste e se encontra, fechando a delimitação, na Rua Sebastião Marcelino de Freitas (Figura 33).

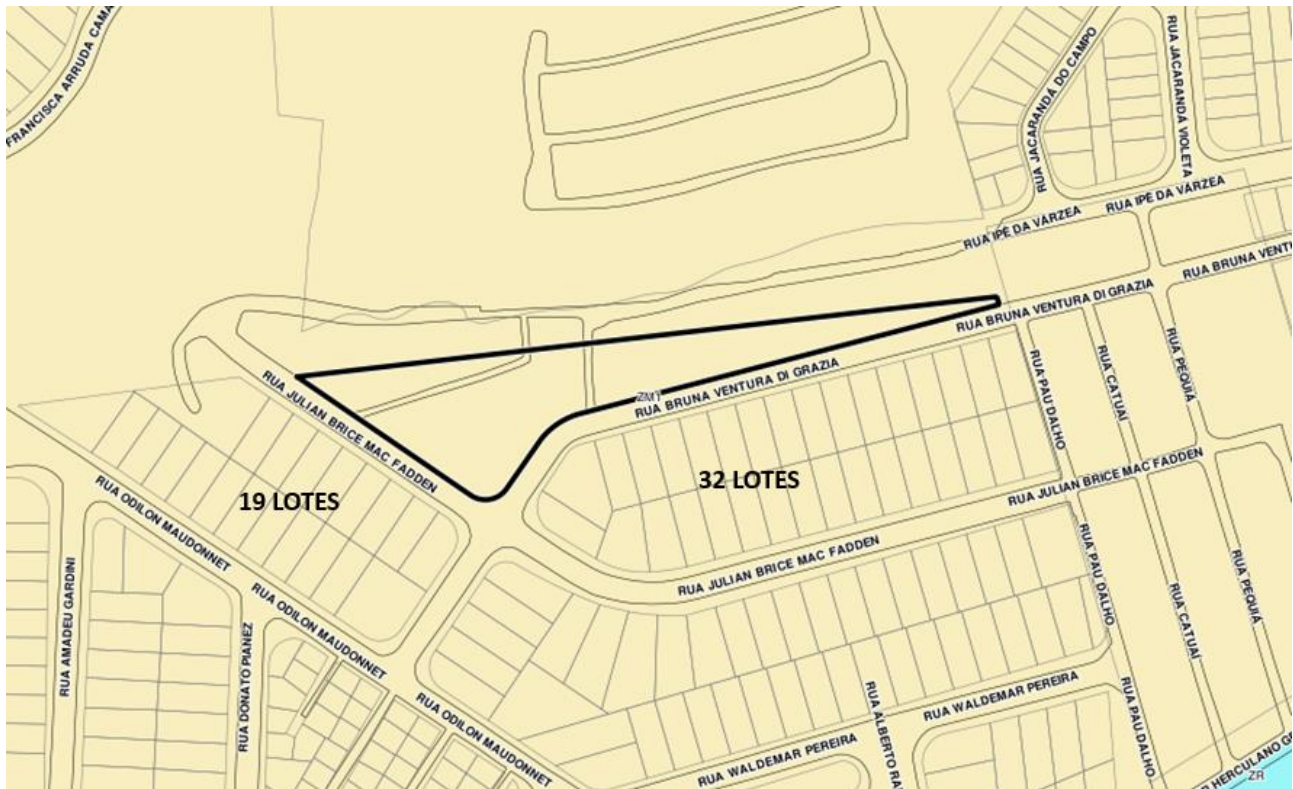


Figura 33: Parcelamento da Favela Cafezinho. Fonte: Campinas, 2021, com anotações do autor. Disponível em: <<https://zoneamento.campinas.sp.gov.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

Abaixo, apresentamos algumas imagens externas de residências desse recorte pretendido (Figuras 34 a 37).



Figura 34: Fotografia de uma das casas da Rua Bruna Ventura Di Grazia, Favela Cafezinho, Campinas.
Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.



Figura 35: Fotografia de uma das casas da Rua Julian Brice Mac Fadden, Favela Cafezinho, Campinas.
Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.



Figura 36: Fotografia de uma das casas da Rua Sebastião Marcelino de Freitas, Favela Cafezinho Campinas. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.



Figura 37: Fotografia de uma das casas da Rua Sebastião Marcelino de Freitas, Favela Cafezinho, Campinas. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.

As edificações lindeiras à Rua Bruna Ventura di Grazia e Julian Brice Mac Fadden se mostram em situação menor precariedade, enquanto, na aproximação ao curso d'água, à Rua Sebastião Marcelino de Freitas, tendem a aumentar apresentar maior precariedade. Nota-se a presença de vedações com revestimentos ou, muitas vezes, apenas pintura. Identificou-se, também, alguma ocorrência de ornamentos e a existência de vegetação, mesmo na Rua Sebastião Marcelino de Freitas, que é uma ruela estreita, sem o comparecimento de calçadas, apenas um piso único — o que não impediu que houvesse a presença de vegetação em escala menor e lixeiras.

Algumas residências, especialmente as mais próximas ao curso d'água ocupam espaços que seriam destinados à calçada, como uma extensão dos domicílios, para vasos de plantas, estender varais de roupa ou áreas de descanso. Com relação ao material das coberturas a utilização de telhas de fibrocimento é mais frequente, mas observa-se a presença de telhas de barro em menor escala (Figura 37).

4. ESTUDO DE CASO: FAVELA CAFEZINHO

4.1. Proposta metodológica

Os processos metodológicos se pautaram pela fundamentação teórica, e análise territorial relativa ao estudo de caso, compreendendo aspectos físicos, urbanos e sociais, baseadas em referências bibliográficas e documentais mediante cartografias e imagens aéreas.

Foi realizado o estudo de campo de determinadas edificações selecionadas, da Favela Cafezinho, com participação da líder comunitária, sendo que os passos seguidos foram:

- Primeiro contato com objeto de pesquisa, entendimento das estruturas locais; equipamentos públicos, infraestruturas e comércios;
- Registros fotográficos de todas as fachadas do recorte delimitado, compreendendo suas características externas, sua interface com os espaços públicos;
- Aproximação com o território, busca por estabelecer um primeiro contato com uma liderança local, que conhecesse os moradores da Favela Cafezinho, acompanhado da líder comunitária da Vila Moscou;
- Estabelecer um contato em rede, pedindo aos moradores que sugerissem outros vizinhos que se interessariam em participar da pesquisa;
- Primeira abordagem com os moradores; explicação dos objetivos da pesquisa e a importância de registrar as histórias de luta por moradia e da comunidade.

Após o contato com os moradores, foram realizadas, junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-Campinas⁹, as documentações para as entrevistas nas residências selecionadas. Os documentos protocolados foram: Carta de autorização a Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da PUC-Campinas; Declaração de custos; Declaração de infraestrutura; Declaração de responsabilidade do pesquisador; Projeto de pesquisa; Cronograma; Declaração de responsabilidade da orientadora;

⁹ CAAE: 82302824.0.0000.5481. Número do Parecer: 7.033.882.

Instrumento de coleta de dados; Termo de consentimento livre e esclarecido; Termo de autorização de uso de imagem e voz; Termo de consentimento para tratamento de dados pessoais.

A partir da liberação junto ao CEP, a pesquisa seguiu com as entrevistas de campo. A líder comunitária acompanhou quatro entrevistas (Mari, Cláudio, Dulce e Catarina), uma entrevista com a liderança da comunidade (Vitória) e uma entrevista feita somente com o pesquisador (Elisangela).

Durante as entrevistas, buscou-se, mediante convite, adentrar os ambientes internos e, através da observação direta, localizar o agenciamento, organização e uso, arranjos de mobiliário e ambiência das casas. Com as entrevistas semiestruturadas com os moradores, procurou-se captar aspectos subjetivos e da história afetiva dos mesmos, bem como qualidades e fragilidades destas moradias. As entrevistas foram registradas sonoramente, em meio eletrônico, para posterior análise.

Ao final das entrevistas, foi pedido aos moradores que registrassem os ambientes da casa, da forma que se sentissem mais confortáveis. O pesquisador entregou um equipamento telefônico nas mãos dos entrevistados e, sem interferência, os moradores registraram alguns ambientes da casa conforme suas preferências.

O processo de interpretação dos dados seguiu os seguintes passos:

- Escutar as entrevistas gravadas, interpolando com aspectos da fundamentação teórica e com as fotografias registradas pelos moradores;
- Interpretação das conversas e interpolação dos depoimentos com temas tratados na fundamentação teórica, buscando aproximações, a partir do que a pesquisa empírica pode contribuir como experiência vivida, concreta e simbólica.

4.2. Aproximação, leitura e diálogo

4.2.1. O pai a mãe e a filha

Catarina e sua mãe, dona Dulce¹⁰, desde o primeiro momento, foram doces em nos receber para as conversas em sua casa. Passaram-se alguns meses até que voltássemos a sua casa e elas prontamente lembraram de nossa primeira conversa, na qual explicamos os objetivos da pesquisa. Ao chegarmos, elas, surpresas, disseram que achavam que não iríamos mais voltar e que estavam ansiosas para poder participar. Ao entrar na residência, noto que não estamos sozinhos, um dos sobrinhos de Catarina, vestindo uma camisa do Flamengo, vem nos receber na porta, mas logo se vai, sua brincadeira era mais importante. O portão baixo de entrada na casa dá diretamente para um corredor que está na divisa do lote, separado da rua por uma grade que chega até a altura do telhado. Caminhando no corredor que dá acesso aos cômodos, que além de passagem também abriga, de modo aparentemente provisório, uma série de objetos e plantas, percebi ao entrar na área de serviços, que ali se apresentava um lugar de descanso, que disputava seu espaço, pois há, nele, de modo meio apertado, duas cadeiras em meio a enfeites natalinos; este ambiente também se conecta com o anexo que é de uso de um dos irmãos. Ao fim da conversa, pedi para Catarina realizar fotografias de onde se sentia confortável em sua casa (Figura 38, 39, 40, 41 e 42).

¹⁰ Os nomes de todas as pessoas entrevistadas são fictícios, para a devida proteção de dados das mesmas, conforme processo referido na nota 9, acima, realizado junto ao CEP – Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Campinas (Ver Anexo 2).



Figura 38: Fotografia da área de serviço, realizada desde a entrada pelo corredor, registrada pelo olhar de Catarina. Fonte: Catarina (moradora entrevistada, nome fictício), 08 dez. 2024.



Figura 39: Fotografia de ambiente de serviços no interior da casa, registrada pelo olhar de Catarina.
Fonte: Catarina (moradora entrevistada, nome fictício), 08 dez. 2024.

Catarina e Dulce nos levaram até a sala — um ambiente pequeno e aconchegante, com dois sofás de dois lugares cada um, uma cadeira e uma estante de televisão, cujo acesso se dá, também pelo corredor de entrada. Durante a conversa, transitamos pela origem da mãe, que veio da Bahia e conheceu seu companheiro na cidade de Ouro Verde, no interior de São Paulo; de lá, migraram para Campinas, já que havia alguns irmãos dele que tinham vindo morar na cidade. Durante o diálogo, ambas intercalaram suas memórias, fluindo através das histórias que cada uma carregava consigo. As duas falavam ao mesmo tempo, com dizeres e silêncios, mas sem disputa pelo espaço sonoro, como um ser contínuo contido pelas duas, em uma intimidade profunda. Então, dona Dulce contou como era o barraquinho de “tauba”, pequeno, cercado de mato e com sapos que cantarolavam ao anoitecer, não deixando ninguém dormir. Ela também contava sobre as taboas que existiam ali, próximas, no hoje denominado Residencial Gênese, e que, durante a escavação da sua casa, jorrava água do chão, deixando todos sujos, de tão molhado que era o solo, completa ela: “Aqui foi sofrido”.

Dona Dulce conta que, primeiro, ela e o marido, Jorge, moraram com o cunhado; depois fizeram o barraco na Cafezinho e estão aqui até hoje. Dulce lembra que eles mesmos fizeram tijolo por tijolo¹¹ da sua casa e que, como eles e os vizinhos tinham criações de galinhas, era necessário que não as deixassem subir nos tijolos que ainda estavam secando, pois elas poderiam quebra-los. O marido, seu Jorge, conhecia o ofício de moldar tijolos; então, ele os preparava ao amanhecer, antes de sair para o serviço — ele era jardineiro da prefeitura. Até a hora do almoço, Dulce colhia os tijolos da manhã, amassava mais barro e colocava o restante para secar na parte da tarde. Jorge aprendeu isto com o irmão, que tinha uma olaria em Ouro Verde e, “quando vieram pra cá”, assim o fez para construir sua casa e, como era necessário economizar, preparava os próprios tijolos.

Catarina completa, dizendo que seu pai era muito curioso e adorava mexer “nessas coisas”. Ela já se lembra somente da casa de tijolos; à época do barraquinho, era muito nova e, depois que ela nasceu, que os pais construíram a casa de alvenaria. Catarina e Dulce contam, também, que as casas do bairro foram construídas a partir de mutirões, em meados de 1988. Elas contam que a construção demorou bastante e que, em determinados momentos, a família precisava parar para juntar dinheiro e, quando era preciso, conseguiam obter os materiais “no fiado”¹². A casa de materiais de construção “Elo”, localizada até hoje em uma avenida próxima, ajudou o pai de Catarina, que ia pagando aos poucos, enquanto finalizava a casa.

Quando avançamos no assunto sobre a construção da casa, elas contam que foram feitas, pouco a pouco, ampliações para acomodar a família que crescia. A sala, que era pequena — e elas mostram onde estava a antiga parede, que fora demolida para ampliação — e, mais ao lado, onde hoje é a garagem, era outro quarto. A partir desse momento uma presença começa a se manifestar na conversa: Jorge não gostava de uma sala e cozinha

¹¹ Ficou claro que estes tijolos eram blocos maciços realizados simplesmente com barro em uma forma, sem cozimento.

¹² Usualmente entende-se por comprar “no fiado”, um jeito de comprar sem pagamento, com compromisso boca-a-boca, de pagamento. Na origem etimológica tem-se: participio de *fiar*, ter confiança. Ver Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2025. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/fiado>>. Acesso em: 18 fev. 2025.

pequena; então, ele contratou um amigo para fazer uma reforma nesses cômodos. Para Catarina, seu pai puxava as melhorias que faziam, “sempre foi ele que definia como ia ser feito”.

Catarina conta que mexer na casa seria como alterar o legado do seu pai:

Agora a gente fica assim, depois que meu pai faleceu a gente fica meio presa porque a gente não quer mudar o que ele fez, a gente acha como se tivesse, entre aspas, traindo a memória dele, então a gente faz é só manter o que ele deixou. Então, a gente as vezes pinta a casa, fecha um burquinho, mas grandes reformas a gente não faz não. Meu pai morreu há 7 anos, só conservar o que ele deixou. (Catarina [Entrevistada, nome fictício], 8 dez. 2024)



Figura 40: Fotografia da cozinha, registrada pelo olhar de Catarina. Fonte: Catarina (moradora entrevistada, nome fictício), 08 dez. 2024.

Quando falamos sobre os espaços preferidos da casa, dona Dulce disse que o lugar que ela estava naquele momento era o seu lugar favorito, em um canto do sofá onde estava sentada, na sala. Ali, ela pega o *tablet* e pode “ficar brincando”, enquanto a Catarina vai

trabalhar na escola pública estadual. Formada em contabilidade, Catarina ainda trabalha em seu quarto, no período noturno, e, quando precisa descansar, escolhe seu quarto para passar o tempo livre. Pergunto a elas se havia algum espaço que evitassem e elas disseram que não — então, elas completam que, por vezes, ficam nos cantinhos que o Jorge ficava, por estar lá às vezes.



Figura 41: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Catarina. Fonte: Catarina (moradora entrevistada, nome fictício), 08 dez. 2024.

Conversamos, também, se a casa era acolhedora para elas; então, Catarina e Dulce explicam o porquê. Nas palavras de Dulce:

Nossa casa é nosso porto seguro, ah a gente vê assim é o que Deus preparou pra gente, é o cantinho que Deus nos deu pra ficar, teve muito sofrimento pra poder construir, pra poder construir foi muita batalha pra 'tá no o ponto que 'tá hoje, então o tanto que eles batalharam pra ter o ter o que tem hoje, pra ter uma carinha dessa é reconfortante. Porque "nóis" lutou bastante, "nóis" não tinha dinheiro, fazer tijolo, e ele saia catando asfalto então "ponhe" aquele chapisco, aí pegava a "carrióia" com

minha “fia” e arrastava aquelas coisa, aí a gente fazia a casa, foi muito sofrido.
(Dulce, [Entrevistada, nome fictício], 8 dez. 2024)

Elas ainda completam que para ambas, acolhem-se uma à outra.

Sobre a vizinhança, relatam que os vizinhos são “muito bons”, desde que chegaram aqui todos estão para ajudar um ao outro. Quando Dulce teve Covid, em 2021, uma das vizinhas vinha trazer comida para ela, sopa, fubá e bolos; elas completam, dizendo que são vizinhos maravilhosos. A mudança que notam é que, como alguns vão morrendo, a relação não é a mesma com os novos moradores, mas permanece igual com quem já estava aqui.



Figura 42: Fotografia de Dulce, na sala, registrada pelo olhar de Catarina. Fonte: Catarina (moradora entrevistada, nome fictício), 08 dez. 2024.

A entrevista com Dulce e Catarina revela uma imbricação entre espaço físico, memória, afeto e identificação profunda, permitindo uma análise sob a perspectiva trazida por Bachelard (1993) — é preciso desvelar se este espaço de habitar chega ao estatuto de arquétipo, por assim dizer, da casa como entidade primeira revivida para sempre, no presente, ou seja, um certo lugar seguro onde se pode sonhar, em um estado de topofilia.

A casa seria um "cantinho no mundo", segundo o autor, um refúgio que abriga sonhos e recordações. Dulce e Catarina reforçam essa ideia ao descrever sua casa como um "porto seguro", um lugar conquistado com muito esforço. A história da construção — desde o barraco de “tauba” até a casa de tijolos — mostra que o espaço não foi apenas erguido materialmente, mas construído simbolicamente através do trabalho e da persistência. O relato de Dulce sobre os tijolos feitos à mão, o barro amassado e as galinhas que ameaçavam os tijolos ainda frescos, evidencia a materialização do afeto no espaço doméstico e na sua própria fatura, ou seja, o trabalho, neste caso, não é alienado, porém indissociável da vida, a partir do qual se dá um puro valor de uso, ao revés de qualquer instância de valor de troca do ambiente conquistado — seria, talvez, uma linha de fuga perante a interpretação de Sérgio Ferro (2006) que afirmou que a casa operária seria vítima da urgência, sem espaço para o universo simbólico ou mesmo poético.

Além disso, a casa carrega a presença ausente de Jorge, o pai e marido falecido. Catarina expressa um sentimento: a casa como "um corpo de memórias". A resistência em reformar a casa, por medo de "trair a memória" do pai, revela que o espaço físico é também um monumento afetivo, onde Jorge permanece simbolicamente vivo em cada parede que ele ajudou a erguer.

O lar não é apenas um abrigo, mas um espaço de acolhimento e continuidade geracional. Isso se manifesta na entrevista, quando Dulce e Catarina falam ao mesmo tempo, com dizeres e silêncios, como um “ser contínuo”. Essa cumplicidade revela que a casa não é apenas um lugar de moradia, mas um espaço de coexistência, onde histórias se entrelaçam.

O canto do sofá onde Dulce se sente confortável e o quarto de Catarina, onde ela trabalha e descansa, são exemplos de "cantos" — espaços íntimos, que abrigam a individualidade dentro da convivência. A casa, assim, não é homogênea: ela se fragmenta em microespaços de pertencimento, cada um com sua função afetiva.

De outra sorte, a história da construção em mutirão, do financiamento "no fiado" e da ajuda dos vizinhos, reforça a ideia de que a casa é também um espaço de resistência social. Podemos associar esse processo de autoconstrução transversal, ao dito por Caldeira (2016), que explora essa dimensão política, ao observar a fala de Dulce — "aqui foi

sofrido" — que mostra que a casa é um território conquistado, um símbolo de luta e sobrevivência.

Além disso, a referência aos vizinhos como "maravilhosos" e a descrição da solidariedade durante a pandemia de Covid-19, revelam que a casa não existe isoladamente: ela se insere em uma rede de afetos comunitários. A vizinhança, assim, funciona como uma extensão do lar, reforçando a noção de que a casa é um espaço de acolhimento mútuo, contudo, político.

A análise, à luz de Bachelard (1993), permite compreender que a casa de Dulce, Catarina e Jorge não é apenas um conjunto de paredes, mas um organismo vivo, impregnado de histórias, afetos e lutas. Ela é:

- Um arquivo de memórias (a construção, a presença de Jorge, as reformas no tempo);
- Um espaço de proteção (o "porto seguro", os cantos preferidos);
- Um território de resistência (a luta pela construção, a ajuda dos vizinhos).

Assim, a casa, nas palavras das entrevistadas, "é o que Deus preparou pra gente", mas também o que elas mesmas construíram, ou seja, preparam para si, tijolo por tijolo, com suor, amor e saudade. Essa dualidade — entre o dado e o construído — sintetiza, para elas, o cerne da casa existencial, um espaço que nos habita tanto quanto nós o habitamos, com a presença revivificada de Jorge e crença na transcendência divina.

4.2.2. Uma história de amor

Quando chegamos à lojinha que levava a uma imagem de que ali eram feitos *biscuit* para festas de criança e casamentos, não sabíamos o que iríamos encontrar. Quem nos recebeu foi a Marina ou Mari, como ela prefere ser chamada. Dentro de sua loja, tomamos a dimensão do ambiente que é um misto de papelaria com minimercado em um espaço diminuto. A conversa começou de forma muito descontraída e, logo, quem se junta a nós, é seu companheiro Cláudio, que junto com a Mari contam um pouco de sua história de construção da casa deles.

Cláudio e Mari estão casados há 34 anos; eles se conheceram quando Cláudio voltou para o nordeste, para a cidadezinha de Guarabira, para visitar alguns parentes e cruzaram seus caminhos. Eles contaram, de forma humorada, que a família de Mari não acreditava que aquilo iria durar muito, pois ele tinha que voltar para Campinas para trabalhar, mas sua parceira enfatizou que sempre acreditou que ele ia voltar. Cláudio contou que a família dela ficou surpresa quando ele voltou para lá nas férias, com o mesmo amor que tinha por ela e se casaram em 1992 e, em 1993, “tivemos a primeira filha”, Mari completa, ela que nunca havia saído de lá e, completa, “como diz o ditado, nem um gado pra puxar pelo rabo tinha”.

Então, eles vêm para Campinas e moram de aluguel por alguns anos, “daí, então, para sair do aluguel” eles foram morar em um barraco na Rua Moscou, um arruamento lindeiro ao Ribeirão Anhumas, eles contam, e que já chegaram a pegar enchentes, mesmo não sendo ao ponto de arriscar perder tudo, mas que chegavam a molhar o que tinham. Com receio de novas enchentes, eles compraram o lugar onde moram hoje, com muito sacrifício. Contam que começaram a construir de pouquinho em pouquinho.

A seguir apresentamos algumas fotografias de fases de construção da casa, cedidas por Cláudio, para a pesquisa (Figuras 43 a 44).



Figura 43: Fotografia da casa de Cláudio e Mari, disponibilizada por Cláudio, para a pesquisa.
Fonte: Cláudio (morador entrevistado, nome fictício), datada de em torno de 2002.



Figura 44: Fotografias da casa de Cláudio e Mari, como memória em um álbum de família, disponibilizada por Cláudio para a pesquisa. Fonte: Cláudio (morador entrevistado, nome fictício), datada em torno de 2002.

A loja hoje só existe por conta de que seu filho que, quando era criança, quebrou a perna e, para cuidar dele, Mari teve que sair do serviço e, dentro desse contexto, contou Mari, ela se descobriu artesã. Na necessidade de complementar a renda, Mari começou a fazer artesanatos para festas, utilizando a garagem para a “Presentes, Papelaria e

Artesanato” — ou “Maris’s Artes”, com uma plaquinha com uma noivinha de *biscuit* (Figura 46). Cláudio contou que ela fazia cada coisa que “ele ficava admirado, que tem peças dela na Austrália, Noruega, que as amigas que moram lá pedem e levam”.



Figura 45: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Mari. Fonte: Mari (moradora entrevistada, nome fictício), 08 dez. 2024.

Durante a pandemia, o casal contou que tudo quase foi destruído, porque não se tinha mais festas, escolas fecharam, não tinha mais casamentos — Mari completa, dizendo que quase entrou em depressão; foi aí que o genro sugeriu que eles deveriam aumentar o “mix de produtos” se aproximando mais da loja que existe hoje. Eles contaram que era uma mudança a que tiveram que se acostumar e acrescentam que sempre foi difícil morar em Campinas, pelo custo de vida.



Figura 46: Fotografia da frente da casa e loja. Fonte: Autoral, 08 dez. 2024.

Cláudio conta que ele tinha um tio, que morava próximo ao parque Taquaral, com o recebeu e que passou por alguns bairros de Campinas, até se estabelecer na Vila Moscou, após conseguir trabalho no supermercado Carrefour, próximo à região. Ele conta que Mari também trabalhou no mesmo supermercado quando veio para Campinas; ela completa, dizendo que ele gosta da cidade, mesmo achando muito cara e que não voltaria para o nordeste, “só para passeio mesmo”.

Ambos afirmaram que, antigamente, não havia asfalto naquela rua e somente uma linha de ônibus, o 411, linha que fazia o trajeto do centro até o Carrefour e que, até hoje, o acesso a este supermercado se dá pela pontezinha (bastante rudimentar) que atravessa o Ribeirão Anhumas e que, antigamente, se dava por um barranco para chegar até o outro lado.

Sobre a casa, eles contaram que compraram uma antiga construção que tinha apenas um cômodo e um banheiro e, então, Cláudio começou a construir “a parte de cima” e, “onde era o quarto virou o que é a loja hoje”. Como pagar alguém para construir estava

fora dos planos, Cláudio conta que foi se “formando sozinho” para a ampliação da casa, e afirma orgulhoso que, “até hoje, ela está em pé e sem nenhuma rachadura”. Cláudio acrescentou que havia muitos sonhos e que ele mesmo fez o projeto da casa (Figuras 47, 48 e 49). Cláudio conta que, para eles, era a realização de um sonho, da casa própria, mas o telhado era um problema, “aí, o telhado, fiz com mais pressa, aí queria sair de lá porque era área de risco, porque lá foi um refúgio para sair do aluguel”. Mari disse, então, que eles foram pagando a antiga proprietária por um ano e seis meses, R\$ 500,00 por mês, e adicionou que “foi Deus”, já que eles não conheciam a antiga dona, e que, na verdade, a conheceram no dia de passar o imóvel para o nome dele, Cláudio.

Não conhecia a mulher ainda, quem negociou foi o genro dela, nunca pensei que ia conseguir comprar essa casa, gente, tinha só um Chevetinho de dois mil reais que, se não tivesse conseguido pagar ele, ia entrar no rolo, aí juntamos tudo e pagamos a casa, Deus bota a mão em tudo, sabia de nossa condição e vendeu pra gente. Trabalhei dez anos nessa empresa e depois fiquei desempregada e virei artesã, agora, proprietária. (Mari, [Entrevistada, nome fictício], 8 dez. 2024)

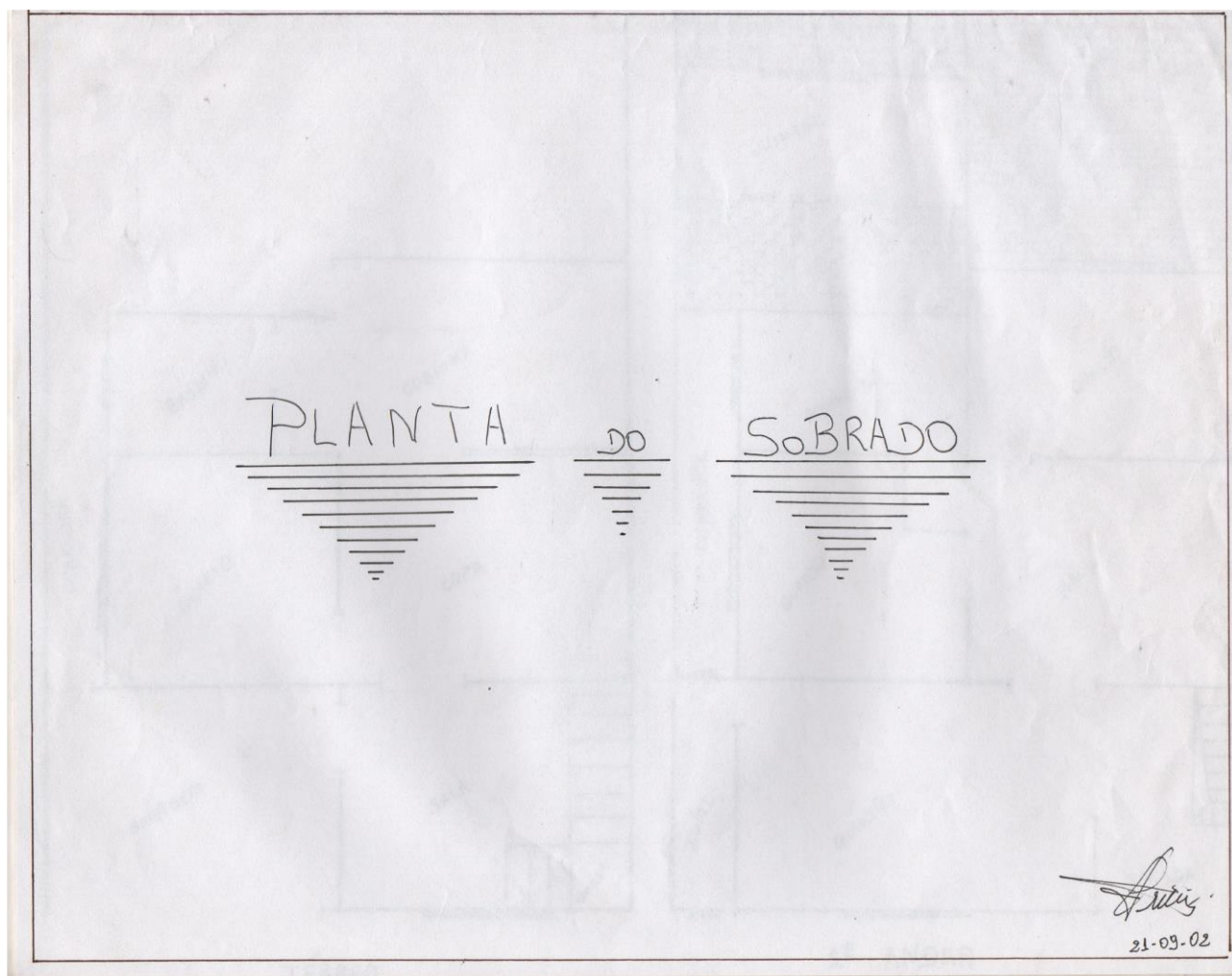


Figura 47: Folha de rosto do projeto da casa de Cláudio e Mari, disponibilizada por Cláudio, para a pesquisa. Fonte: Cláudio (morador entrevistado, nome fictício), 2002.

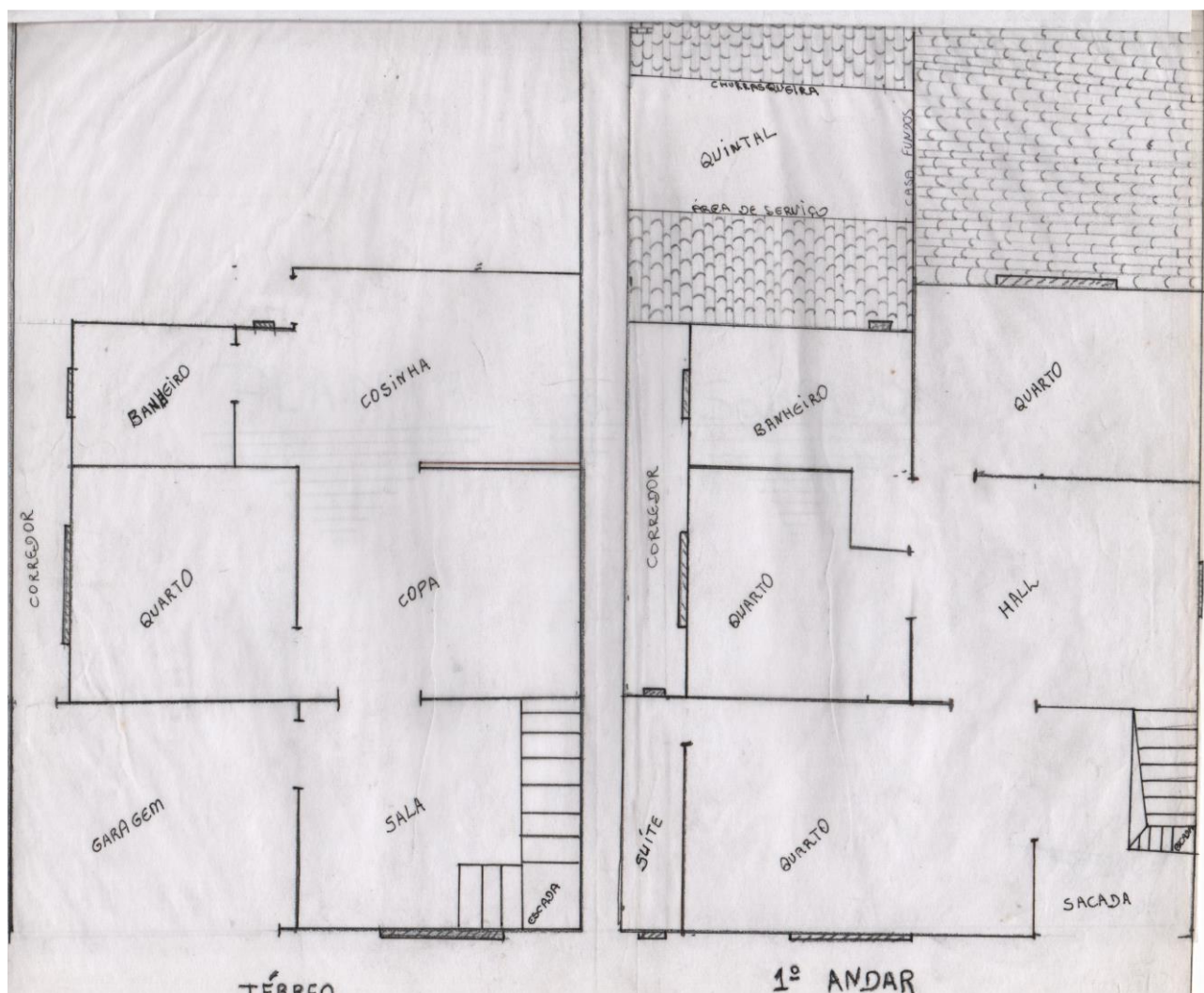


Figura 48: Plantas dos pavimentos térreo e superior da casa de Cláudio e Mari, disponibilizada por Cláudio, para a pesquisa. Fonte: Cláudio (morador entrevistado, nome fictício), 2002.

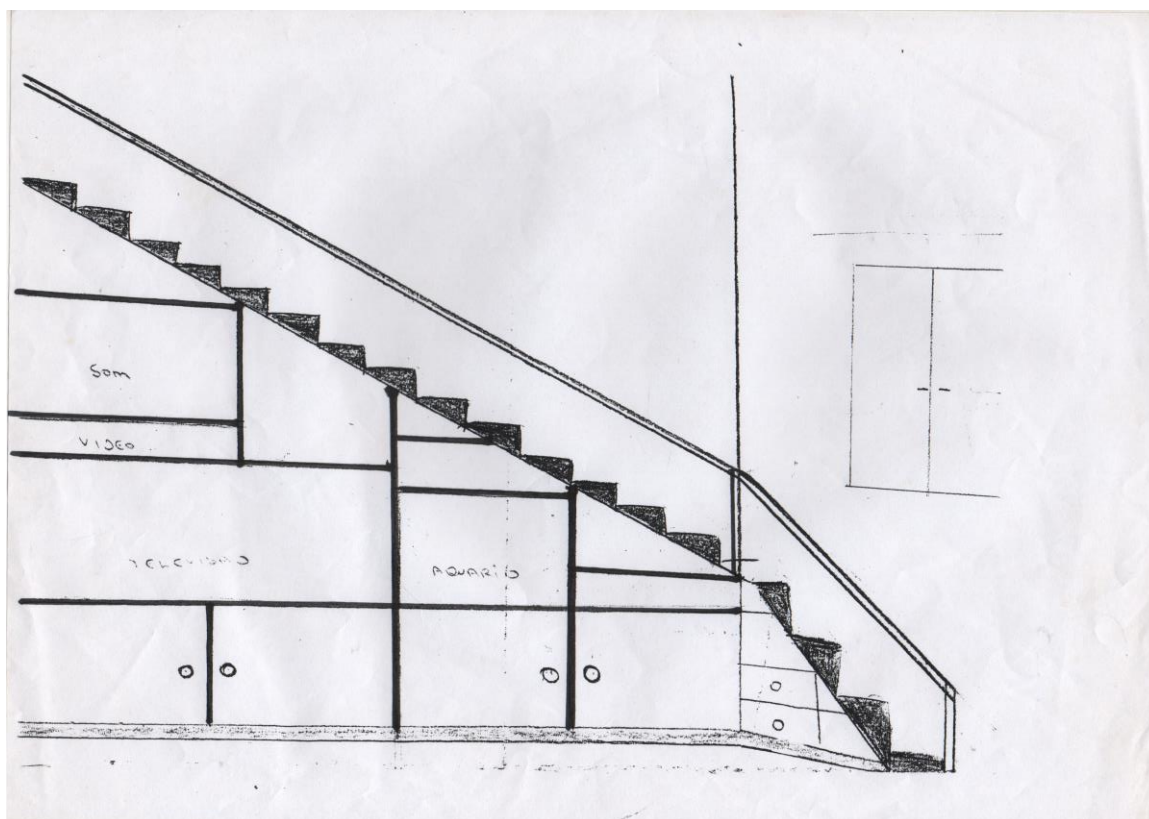


Figura 49: Elevação da escada e armários da casa de Cláudio e Mari, disponibilizada por Cláudio, para a pesquisa. Fonte: Cláudio (morador entrevistado, nome fictício), 2002.

Quando falamos mais sobre os sonhos, eles contaram que não querem uma loja maior do que a que lá está hoje, e que o que importa é se sustentarem e manter as contas pagas, já que está tudo caro, na visão deles. O sentido, assim, seria terminar a casa e deixar tudo bonito e confortável, e salientaram, mais uma vez, que isso está nas mãos de Deus.

A partir de minha pergunta sobre os ambientes mais confortáveis ou que mais gostam, a sala de jantar, que está quase terminando, surgiu como um ambiente de apreço, comum para o casal. Refletindo sobre os lugares prediletos, a respeito do quarto do casal, que é o ambiente de descanso de Mari depois do dia de trabalho, ela acrescenta que gostaria de um telhado melhor e mais alto, terminar o banheiro contíguo ao quarto, reformar e trocar a cama, mas isso só aconteceria depois da reforma do telhado. Já Cláudio gosta mais da área externa, onde ele tem uma rede e uma piscina, na qual brinca com o neto (Figura 50).



Figura 50: Fotografia da casa de Cláudio e Mari disponibilizada por Cláudio para a pesquisa. Fonte: Cláudio (morador entrevistado, nome fictício), 2002.

Cláudio e Mari contaram, ainda, que sempre recebem visitas em casa, mas que Mari não gosta da aflição que sentem com a bagunça, porque ainda têm muitas coisas desarrumadas; ela, então completou, com bom humor, que “tudo tem seu tempo e que continua jovem”.

Sobre a relação com os vizinhos, eles contaram que é muito tranquilo, que quando caía massa na casa da dona Maria, ela falava que estava “tudo bem”, e que sempre foi uma relação ótima e, havia “alguns do outro lado da rua”, que eles não conheciam, mas nunca tiveram problema com eles. Completam, dizendo que a loja tem ajudado a pagar os boletos

e que, graças a isto, conhecem muito mais gente na região, que logo a loja ficou popular como “Loja da Mari”.

A história de Mari e Cláudio revela a dimensão simbólica da moradia, que transcende a materialidade das paredes e se transforma em um espaço de sonho, resistência e pertencimento.

Bachelard (1993) afirma que a casa é um “espaço sonhado” antes mesmo de ser construído. Isso se manifesta claramente na história do casal, que saiu de um barraco em área de risco para, pouco a pouco, comprar sua própria casa. O relato de Cláudio — “até hoje, ela está em pé e sem nenhuma rachadura” — não fala apenas da solidez física da construção, mas da resistência do projeto produzido por ele. A casa, aqui, foi comprada e melhorada com as mãos, tijolo por tijolo, em um processo que mistura sacrifício e orgulho.

Além disso, a narrativa da compra — “Deus bota a mão em tudo” — revela que a casa é também um dom, um presente do destino, que se alinha ao esforço humano. Essa conjugação entre o divino e o trabalho pode reforçar a ideia de que a moradia é um espaço sagrado, um refúgio conquistado.

Podemos afirmar, com base em Bachelard (1993), que a casa não é um recipiente vazio, mas um espaço que se molda às histórias de quem a habita. A transformação da garagem em loja de artesanato — a “Loja da Mari” — mostra como o lar é também um lugar de reinvenção e sobrevivência. A necessidade de Mari, que deixou seu emprego para cuidar do filho e descobriu-se artesã, fez da casa um espaço de criatividade e resiliência. A loja, que começou como um complemento de renda, tornou-se parte indissociável da identidade do casal. O fato de suas peças estarem “na Austrália, Noruega” pode não ser apenas um dado comercial, mas, possivelmente, um símbolo de que a casa transcende seus limites físicos, projetando-se no mundo, através do trabalho de Mari.

Podemos observar, também, as projeções de melhorias sobre a habitação. Isso aparece na fala do casal sobre os planos de reforma: o telhado que precisa ser mais alto, o banheiro a ser terminado, a cama a ser trocada. Esses desejos mostram que a casa nunca está “pronta” — ela é um processo contínuo, assim como a vida de seus moradores — como luta constante.

A respeito dos ambientes íntimos, o quarto de Mari, onde ela descansa após o trabalho, e a área externa, onde Cláudio brinca com o neto, são cantos de intimidade que refletem personalidades distintas dentro do mesmo lar. Esses microespaços, são "ninhos" dentro da casa, cada um com sua função afetiva.

A entrevista revela, também, sua instância comunitária. Os vizinhos que "nunca deram problema", a dona Maria que compreendia as reformas barulhentas, e a popularidade da "Loja da Mari" mostram que a casa não existe isolada — ela se insere em uma rede de relações, o que nos aproxima de Santos (2021) — revelando uma “ecologia de saberes” próprios daquele ambiente, que fluem através do processo de construção coletiva, quase sempre informal. A loja, que começou como uma necessidade, tornou-se um ponto de encontro, um lugar onde a casa se abre para o bairro. Isso dialoga com a ideia de que o lar não é apenas um espaço de recolhimento, mas também de troca.

A frase "tudo tem seu tempo", dita por Mari, nos indica que o lar não é estático, mas cresce e se transforma com seus moradores, em uma vida dura, difícil, mas com sonhos. Assim, a casa de Mari e Cláudio não é apenas um lugar onde vivem, mas um espaço que os constitui — um verdadeiro "cantinho do mundo".

4.2.3. Tal pai, tal filha

Nessa conversa, fomos recebidos pela Vitória e sua mãe, dona Cleusa, que prepararam um bolo, que havia acabado de ficar pronto, e suco de laranja, para nossa visita. Importante sinalizar, o lar delas não se localiza na área convencionada por Favela Cafezinho, contudo a entrevistada, Vitória, guarda consigo as memórias de luta da Vila Moscou e abriga vínculos importantes por toda a comunidade, então a presente pesquisa entendeu como valorosa a contribuição de seu depoimento.

Vitória iniciou a conversa, contando sobre a história de sua família. Sua mãe, Cleusa, nasceu no norte do Paraná e seu pai, Camilo, era mineiro, nascido em Montes Claros. O pai de Vitória era um fugitivo político — na época da ditadura ele compunha um movimento de luta sindical rural. Ela contou que este foi um momento muito importante em sua vida, pois seu pai fora informado de que seu nome estava na lista de pessoas procuradas pelo regime. Nesse momento, ele resolve vender as terras que tinha arrendadas e, junto de sua mãe e os três filhos, vai para Campinas. Vitória contou que eles moravam próximos de onde é a casa atual; como viviam de aluguel, era muito sofrido para seus pais. Então, eles

decidem ir para a ocupação à beira do Ribeirão Anhumas. Com o tempo, seus pais conseguiram juntar economias e comprar um espaço em uma área livre, onde ela conta que nasceu e cresceu, e que hoje é conhecida por Vila Izi, uma ocupação que aconteceu entre os anos 1960 e 1970.

Vitória contou que ela nasceu na beira do rio e que não se recordava da casa nesta área que era toda vegetada, mas ela se lembra bem da casa na qual eles vieram a morar, morro acima, que também faz parte da ocupação da Vila Izi. Ela se recordado local como um terreno extenso, e que seu pai “plantava de tudo ali”, tinha bananeiras, milho, manga... Vitória contou que brincava muito nos pés de mangas e que seu pai fez uma casa para ela na amoreira enorme que tinham; então, ali era o lugar onde ela levava as amigas para brincar — e que essas memórias se conectam muito com seu pai. Ela lembra que, por ele ser um homem muito forte e muito respeitado, as mulheres que sofriam com violência doméstica vinham para perto dele, com medo de novas agressões, para se protegerem. Vitória conta que, ao lado da casa deles, havia muitas mães solo, que tinham medo dos maridos; mas, em 1986, seu Camilo faleceu, dona Cleusa tomou para si a luta do marido e criou os quatro filhos sozinha.

Quando conversamos sobre a casa em que ela cresceu, Vitória contou que era uma casa de madeira e que o telhado tinha infiltrações. “A rua [era] de lama... então, a gente ia para a escola com sacolinha nos sapatos que, quando a gente chegava no asfalto, a gente tirava para poder ir à escola”. Ela contou que também não havia energia elétrica, nem água e era necessário o improvisado com instalações provisórias de energia, “gatos”, mas que a energia caía com frequência. Vitória também lembrou que seus irmãos buscavam água de uma mina d’água próxima, para lavar louça, lavar roupas e tomar banho — ela salientou que era bem difícil na sua infância.

Relembrando sobre seu pai, Camilo, Vitória contou que “a vida era difícil, mas era confortável, sabe? Era uma vida mais difícil, mesmo, de se lidar.” Vitória ainda completou sobre o papel de sua mãe, Cleusa, nesse período: “A minha mãe foi uma grande guerreira, né? ... e que ela cuidou dos quatro, ainda ajudou na comunidade, tudo mais. Mas foi muito difícil depois da época do meu pai, sim”.

Perguntei, então, a Vitória, sobre seus irmãos e sobre esse período para a família. Ela contou que esses acontecimentos mexeram com seus irmãos, e que o mais velho,

Antônio, “se foi para as drogas, assim. Meu irmão virou casqueiro mesmo”. Continua Vitória, dizendo que seu irmão quebrava a porta da casa para entrar e pegar o que tinha de valor para consumir droga; ela lembra que sua mãe ganhou materiais para construir a própria casa, de um vizinho, que estava reformando a casa dele: “olha, tudo que tirar dessa casa a senhora pode levar?”. Então, continuou, os materiais eram de boa qualidade; assim, sua mãe pediu a um primo de Vitória, que tinha um caminhão, para pegar esses materiais, mas ele não tinha conseguido ir até a obra. Algum tempo depois, o irmão de Vitória buscou os materiais em nome de sua mãe e, depois contou para elas que tinha vendido tudo... e que foram muito difíceis de conseguir, completa ela. Vitória disse que a fé de Dona Cleusa se fortaleceu para que a casa existisse hoje. Houve um momento de mudança em Antônio, que, após conversas com dona Cleusa, decidiu morar com o tio, em Tupã, lugar de origem da mãe de Vitória. Depois de idas e vindas, com o tio de Vitória e com casas de reabilitação, seu irmão, Antônio, voltou depois de muitos anos, “já um homem casado e pai de quatro filhos, então ele mudou realmente a vida”. Sobre seu outro irmão, Cássio, Vitória contou que ele foi embora bem jovem, com vinte e dois anos, foi pai, casou-se e seguiu sua vida, ficando ela e sua irmã, Marta, com dona Cleusa.

Vitória contou que a razão de seu irmão cair nas drogas foi o falecimento de seu pai, que trabalhava na SANASA (Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento S/A) de Campinas, abrindo valetas para passagens das tubulações de abastecimento e coleta de esgotos. Seu pai, no entanto, morre em 1986, no desabamento de um barranco, enquanto fazia a abertura de uma valeta. Ela conta que foram aproximadamente treze anos para que a empresa pagasse a indenização à dona Dulce. Depois que ela recebe a indenização, consegue comprar o imóvel em que moram hoje. Foi, então, que a família sai da ocupação e se muda para essa casa, ainda na Vila Iza, já que dona Dulce não queria se mudar do bairro, pois já havia fincado suas raízes ali. “Então, a minha vida inteira foi morando nesse território, mesmo. Eu cresci aqui, morando aqui, a minha vida inteira morando aqui”, completa Vitória.

A gente cresceu na luta, né? Assim é. Eu sempre digo, assim, que eu fui formada por mulheres, mulheres muito fortes, não é? É, foram mulheres à frente do seu tempo. Assim, porque dentro das comunidades é... a força vem da mulher. Eu acho que o homem vem com trabalho braçal e tudo mais, não é? A gente tinha oito [homens] no final dos anos 80 para 90, a gente teve um Antônio da Costa Santos, que foi um divisor de águas para essa região aqui. Então, o que que era? Eles tinham um... Chamava assembleia do povo, onde a comunidade, ela se reunia, se

organizava, eles faziam mutirões... e que esses mutirões eram aqui, ajudava as comunidades. (Vitória, [Entrevistada, nome fictício], 4 nov. 2024)

Abaixo, segue imagem da vila onde o autor da pesquisa cresceu, o bairro era novo, localizado na periferia de três cidades, Arujá, Itaquaquetuba e Mogi das Cruzes. Marcado por lutas e adversidades, o Jardim Josely foi onde a família do autor criou raízes. Uma característica que se conecta com o relato de Vitória, é que as mulheres desse bairro lideravam a organização das famílias, enquanto os homens realizavam o trabalho braçal (Figura 51).



Figura 51: Autoconstrução do Jardim Josely, Arujá, bairro onde o autor morou na infância. Fonte: autoral. Data aproximada: anos 1990.

Vitória continua:

O Toninho foi fundamental nessa época, e meu pai começou a militar com o Toninho. Então, assim, eu me lembro muito bem, nos domingos, era muito pequenininha, devia ter três, quatro anos. Eu só tenho memórias daqueles domingos, como se estivesse acontecendo agora. Era as mulheres na cozinha, cozinhando, e era sempre macarrão, frango e maionese. E arroz. Essa era comida de domingo, e os homens fazendo trabalho braçal, carpir o mato, para fazer fundação das casas, e as crianças ali, brincando. Eu era muito observadora, então, observava, observava

tudo aquilo, ali, acontecendo. E aí, 86? Isso foi no começo de dos anos 90, dos anos 80... e [em] 86 meu pai falece, mas minha mãe continua; e o interessante, porque assim tinha homens que trabalhavam à noite, segurança, tinham guardas noturnos aqui... então, muitos dos nossos moradores homens trabalhavam nesse guarda noturno em que eles faziam [...] Então, eles davam dinheiro, para que se pudesse fazer o almoço para aqueles que estavam trabalhando; então, era uma grande comunidade, mesmo, sabe? Que todo mundo se ajudava, com que cada um tinha. [...] Assim, a gente começou com assembleias de dez, depois era de vinte, depois era de trinta, depois quarenta, cem, duzentas pessoas no domingo, sabe? É. Era incrível, assim, as primeiras casas que saíram. Era tudo igual, era tudo padronizado, coisa que se tinha numa planta que o Toninho tinha criado [...] Então, foi um trabalho bem bacana, assim, da comunidade. Eu cresci nesse movimento de moradia". (Vitória, [Entrevistada, nome fictício], 4 nov. 2024)

Vitória contou que crescer no contexto de luta da comunidade a incentivou a querer fazer parte dessas mudanças, também. Perguntada sobre como ela enxergava o que foi o movimento da comunidade com relação ao contexto atual, Vitória contou que tem poucas pessoas da idade dela, remanescentes na comunidade; ela conta que teve muitos amigos mortos, de formas horríveis, e que essa era a realidade, até o final dos anos 2000.

Então, eu e meus irmãos sobrevivemos a tudo isso. Nós somos sobreviventes, mesmo que a gente sobreviveu [a] uma época que era uma guerra, que eles falam que era contra a droga. Mas a guerra era para acabar com a gente, mesmo. Era um extermínio da juventude, mesmo. Isso é muito claro, assim, para a gente, sabe? Felipe, então, eu consigo... eu olho e, falo assim: sobreviver a isso, porque era um caos, mesmo. Era de ter cinco mortes num dia, jogados no rio, e a gente crescer com... aqui. E, aí, a nossa vida, como eu falei, é muito difícil, mas, aí, nossos pais foram conseguindo, foram conquistando. (Vitória, [Entrevistada, nome fictício], 4 nov. 2024)

Vitória mostrou uma carta que seu pai havia recebido do ex-prefeito de Campinas, Magalhães Teixeira, agradecendo-o, pelo seu trabalho na luta por energia elétrica na rua. Ela conta que, no dia que a energia chegou, foi uma festa na rua e, depois veio o asfalto, o saneamento básico, a água regularizada, "isso dá uma dignidade". Vitória completou dizendo que, quando ia procurar emprego, não podia dar o endereço da comunidade, que naquela época era favela, "era favelado, era discriminado, então não conseguia emprego".

Contextualizando a luta das novas gerações, Vitória enxerga que os jovens não têm mais essa preocupação: "se você chegar na comunidade, fala, gente, esse campo não está

legal? Vamos fazer uma mobilização? Eles nem sabem o que é, eles nem sabem para que serve, sabe?”. Para Vitória, essa desconexão das novas gerações se deve ao fato de que os adultos, da sua idade, ou foram mortos, ou se mudaram da comunidade, estabelecendo um distanciamento das gerações passadas que, através do processo de luta, criaram raízes nesse lugar, mas os mais jovens chegaram em condições já favoráveis.

Sobre as histórias da comunidade, ela contou que, o hoje conhecido Residencial Gênesis, era um brejo, as casas eram feitas com palafitas — e que, antigamente, era conhecido como “inferninho”. Vitória contou que, quando o ex-prefeito de Campinas, o Toninho, assumiu o cargo, ocorreu uma enchente “pavorosa”, que prejudicou muito os moradores do dito “inferninho”. Assim, ela conta que o prefeito foi até o bairro e prometeu mudanças, e que, em seis meses, a realidade mudou, através de um esquema de mutirão, onde a COHAB (Companhia de Habitação Popular de Campinas) e a Secretaria de Habitação doavam os materiais de construção. Com um projeto de casa com duas águas, projetado pelo Toninho (Figuras 52 e 53), os moradores do “inferninho” foram construindo suas casas.



Figura 52: Fotografia de uma das casas da Rua Julian Brice Mac Fadden, Favela Cafezinho, Campinas, que mantém a morfologia original, em duas águas, conforme projeto do prefeito Toninho. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.



Figura 53: Fotografia de uma das casas da Rua Julian Brice Mac Fadden, Favela Cafezinho, Campinas, que mantém a morfologia original, em duas águas, conforme projeto do prefeito Toninho. Fonte: autoral. Data: 16 fev. 2024.

Conforme expõe Vitória:

Final de semana ajudava um, e final de semana ajudava o outro. E, assim, o Gênesis foi construído. E, aí, ele [Toninho] chegou, naquele dia, e falou assim: “não, não pode ser mais inferno. Não aceito que seja inferninho, vai sair do inferno. E a gente vai pro começo, começou Gênesis, então. [...] A gente vai para Gênesis, porque é o começo de tudo, tudo vai começar e tudo se fez novo, que é uma frase que tem lá em Gênesis”. Então, tudo o que se fez, novo... isso, eu estava presente. Então, ouvi da boca do prefeito. (Vitória, [Entrevistada, nome fictício], 4 nov. 2024)

Quando perguntada sobre como enxerga o futuro da luta que dura décadas, Vitória expôs que tem pensado nisso há muito tempo, porque ela tem adoecido e que o território necessitaria apoio do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), mas que este não dá conta, portanto, se alguém está precisando de uma cesta básica, as pessoas a

procuram. “Aqui eu sou advogado, psicóloga, terapeuta, sou o que dá. E hoje, eu não vejo mais pessoas com essa vontade, esse ânimo, né”. Vitória contou que, como liderança, ela pôde conhecer outras realidades, lideranças e formas de luta por cidadania. “Foi um aprendizado super bacana, que valeu a pena. Sou muito grata pelo movimento de ter me proporcionado isso”.

Sobre a casa, Vitória relatou que ama mexer nas coisas, que quando está quieta ela pinta e reforma algumas partes da casa, mas disse não saber se irá conseguir fazer mais quartos. Agora que Vitória tem um filho adolescente, ela afirma que ele precisa de mais privacidade, mas que não sabe quando isso irá acontecer. “Agora sim, vontade, de no fundo fazer de repente uma área *gourmet* para receber os amigos, sabe? Eu gosto da casa cheia. De casa que tem movimento, sabe? Eu queria uma casa confortável para que eu pudesse receber os amigos assim, sabe?”.

Vitória também falou sobre seus sonhos — “dei os frutos que eu podia dar nessa Terra”, e que gostaria de experienciar outros “frutos” e ir para outros lugares. Ela disse que tem vontade, mas que não o faz por conta de sua mãe, da história que ela tem com a casa, que sua mãe conquistou com muito sacrifício. “Aqui, é mais a história dela, uma trajetória mais dela do que minha [...] se for pra escrever minha história, não me vejo aqui. Tudo que eu tinha pra fazer aqui, eu já fiz, sabe?”.

Conversando sobre os ambientes da casa mais aconchegantes, Vitória disse que gosta muito de estar na cozinha, pois gosta de fazer bolos e de estar sempre fazendo alguma coisa e, nos momentos que demandam maior atenção, prefere estar em seu quarto, lendo seus livros e fazendo suas pesquisas; assim é que, muitas vezes, ela prefere estudar de madrugada, por que é um “silêncio total”. Sobre sua mãe, ela falou que dona Cleusa prefere o quarto, para fazer tricô e descansar. Já seu filho, Cauã, gosta mais do espaço dele, ficar ali com os *games* no computador, que fica na sala. Contando mais sobre sua relação com a casa, Vitória disse que, quando vai viajar e pensa na casa, ela sente uma sensação de felicidade, que contribui com a sensação de bem-estar, de conforto e de querer voltar logo. “[Em casa] eu tenho a liberdade de ser quem eu quiser, da forma que eu quiser, pra quem eu quiser e receber quem eu quiser [...] aqui é meu espaço, meu domínio”.

Como a casa é dividida entre dois blocos, conversamos sobre essa relação entre os espaços que não são integrados. Vitória disse que em alguns momentos, a casa de cima

serve como refúgio, “lá ainda está a máquina de costura muitas outras bagunças”, que não foram trazidas para a casa de baixo, mas que ela gosta de lá. Também contou que as camas antigas, guarda roupa e os móveis da sala antiga ainda estão lá, e que só trouxe a cozinha para a nova casa.

Vitória completou a conversa falando sobre sua trajetória:

Eu acho que ‘tô aqui. Eu acho que meu propósito na vida era esse, sabe? De não querer pra mim, que ‘cês vêem aqui, olha, não moro em um palácio, não ganhei nada de falar assim: “ela tá lá, mas também ó...”, né, muito pelo contrário, eu gasto muito mais pra fazer a luta, do que a luta já me deu, entendeu? Então é... lutar, pra que as pessoas possam realizar seus sonhos e poder morar bem, viver bem, viver com dignidade, e eu acho que o Brasil é muito rico, e que dá pra todo mundo, se cada um contribuir um pouquinho, dá pra todo mundo morar bem, viver bem e só isso... Acho que é nosso papel, assim, né, sempre que eu vou lá na PUCG eu falo isso para as meninas, pro pessoal, não é, Vera. Qual que é o nome que você quer deixar? Né... Você pode ser o Niemeyer, mas você pode ser uma pessoa que vai construir uma casa sustentável pra milhões de pessoas, que hoje não têm...é isso, é mudar a vida, é transformar, é pra isso que eu ‘tô aqui. (Vitória, [Entrevistada, nome fictício], 4 nov. 2024)

A história de Vitória e sua mãe, Dona Cleusa, revela uma “topofilia” existencial da casa que transcende a materialidade das paredes e se funde com a memória, a luta e a identidade. Gaston Bachelard, em *A Poética do Espaço* (1993), propõe que a casa não é apenas um abrigo físico, mas um espaço íntimo de proteção, sonho e resistência, onde se constroem significados profundos. A história da família de Vitória ilustra essa concepção de habitar.

Bachelard (1993), afirma que a casa é um "cantinho do mundo" onde o ser humano se recolhe para existir plenamente. Para Vitória, o lar era um espaço de afeto e proteção, especialmente marcado pela figura do pai, Camilo. Sua história como fugitivo político e líder comunitário pode imprimir à casa uma dimensão simbólica de resistência. O quintal com bananeiras, mangueiras e a amoreira, onde ele construiu um "espaço de brincar" para Vitória, transforma-se em um lugar de memória afetiva, onde a natureza e a infância se entrelaçam.

A ocupação da Vila Izi, onde a família se estabeleceu, é um território marcado a partir da necessidade e da coragem. A casa não era apenas um abrigo, mas um ato político de

existência. A história de Vitória sobre as mulheres que buscavam refúgio junto a seu pai evidencia a casa como espaço de acolhimento coletivo, ampliando sua função para além do privado. Quando Camilo morre, Dona Cleusa assume esse papel, tornando a casa um lugar de luta feminina, onde a sobrevivência e a comunidade se sustentam mutuamente.

A morte do pai e a queda do irmão mais velho nas drogas revelam a fragilidade do abrigo simbólico. A casa, antes espaço de segurança, é violada pelo irmão em crise, onde o lar pode ser tanto proteção quanto vulnerabilidade. A construção da nova casa, com materiais doados, pode simbolizar um novo momento do espaço íntimo, agora marcado pela resistência de Dona Cleusa.

Vitória enfatiza: “Minha vida inteira foi morando nesse território”. Podemos interpretar a casa como um habitar existencial, onde as raízes se fixam. A recusa de Dona Cleusa em sair do bairro, mesmo após a indenização pela morte do marido, revela que a casa não é apenas um imóvel, mas um lugar de identidade e história. Os encontros comunitários e os mutirões, citados por Vitória, reforçam a ideia de que a casa se expande para o espaço coletivo, onde a luta por dignidade se torna parte indissociável deste lar matriz.

O lar, na história de Vitória, é corpo e alma: guarda a sombra do pai, a força da mãe, as cicatrizes da urgência e a resistência da comunidade — agora encarnados na pessoa de Vitória e em seu dia a dia como líder comunitária. Podemos afirmar que este seria um “espaço poético”, depreendendo de Bachelard (1993). Os mutirões comunitários, a casa na árvore, compõem uma geografia íntima, onde o afeto e a luta se fundem. A casa, portanto, não é onde se está, mas onde se é.

4.2.4. Jardim de sonhos

Chegando à casa de Elisângela, à primeira vista notei que ela tinha um jardim inteiro na calçada (Figura 59). Lembrei logo das plantas que meu pai havia plantado na calçada dele, desde a última vez que nos vimos. Quando Elisângela me recebeu, ela perguntou se poderíamos conversar na garagem de frente para a rua. Ela contou que aquele é um espaço em que ela passa bastante tempo, seja conversando com os vizinhos — que, durante todo o tempo, transitavam enquanto conversávamos — ou quando está cuidando do neto, ainda pequeno.

A origem da família de Elisangela vem de histórias de migração e resistência. Sua mãe saiu de Piritiba, na Bahia, em 1973, chegando a Campinas com a esperança de uma vida melhor. Sem escolaridade, trabalhou como empregada doméstica e, no início, dormia em um banquinho no centro da cidade, onde — embaixo da banca de jornal — guardava seus poucos pertences. Seu pai, nascido em Casa Branca (SP), chegou um ano antes, começou a trabalhar como motorista de ônibus. Ela contou que, na época, os ônibus eram vermelhos, e os motoristas usavam uniformes marrons, fechando as portas manualmente. Os dois se conheceram no Largo do Rosário, contou Elisangela. A vida não foi fácil, ela continuou, sua mãe precisava utilizar o orelhão constantemente, para ter notícias dos filhos que haviam ficado na Bahia. Algum tempo depois, um dos lojistas da região arrumou um emprego para sua mãe, dona Sônia. Para ser registrada, Elisangela contou que sua mãe tomou emprestado os comprovantes de residência de conhecidos da região, já que, até aquele momento, ela vivia na rua.

Dona Sônia foi uma das primeiras moradoras do bairro, erguendo seu barraco com restos de materiais de construção, pois ia de obra em obra, perguntando se os materiais ainda seriam utilizados e se poderia leva-los consigo. Elisangela continuou contando sobre como a água era buscada em minas distantes, em viagens a pé, que podiam levar até duas horas e que, para passar o tempo, as mulheres iam conversando até lá e, mais tarde, os moradores improvisaram carrinhos de madeira, para transportar baldes de água para cozinhar e lavar louças. Dez anos depois, ela não se lembrou ao certo, começou a haver um abastecimento de água por mangueiras. Elisangela contou que o abastecimento era controlado por um casal de idosos, seu Antônio e dona Francisca, que já faleceram, mas que verificavam a saída de água para não acontecer desperdícios.

Elisangela cresceu vendo seus pais lutarem por uma casa digna. Seu pai, pedreiro, não podia pagar por serventes que o ajudassem na construção; então, Dona Sônia foi sua servente, de modo que construíram tudo com as próprias mãos, usando até areia retirada do rio. “Eu me orgulho muito da história, dos meus pais. Sabe, [...] isso me dá um ânimo, sabe? Eu falo que eu passei por algumas dificuldades, mas nem chegou por perto do que eles passaram”.

Quando perguntei mais sobre sua história, Elisangela contou que, em 1998, conheceu Walter, seu marido, enquanto passava em frente à casa da mãe. Ele, vindo do Paraná, para Campinas. Juntos, enfrentaram dificuldades: moraram em um barraco de

madeira, em uma das ocupações, onde hoje fica o Residencial Gênesis. Em 2002, construíram um barraco com madeiras compradas no cartão de crédito. Já que Walter trabalhava em uma madeireira, ele comprou por lá as madeiras para construir sua casa. Elisangela relatou que a estrutura caiu após uma chuva forte, quase atingindo o berço da filha. Anos depois, através de um programa do Fundo de Apoio à População de Sub-Habitação Urbana (FUNDAP), eles tiveram acesso aos materiais, para a construção de sua casa, tendo que encontrar um pedreiro para executar o serviço.

Sobre a casa atual, Elisangela mora com o marido, os filhos e o neto, Ryan, casa que foi adaptada para acomodar a família de sua filha, que voltou para morar com ela (Figuras 54 a 58). O espaço é apertado, segundo Elisangela, mas ela sonha em construir um segundo andar: "Quero subir os quartos, deixar a sala e a cozinha embaixo". Ela contou que, um de seus sonhos seria ter mais espaço para receber as amigas vizinhas, para tomar um café da tarde e que, separar os ambientes seria muito bom, para dar mais conforto aos filhos.



Figura 54: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Elisangela. Fonte: Elisangela (moradora entrevistada, nome fictício), 04 out. 2024.



Figura 55: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Elisangela. Fonte: Elisangela (moradora entrevistada, nome fictício), 04 out. 2024.

Elisangela me disse que um dos prazeres do seu parceiro é o de preparar os bolinhos de chuva, nos fins de semana, e que Walter também adora passarinhos e cuida deles como um *hobby* (Figura 56). “Eu amo plantas, mas o espaço é pequeno, então sonho em ter um jardim quando reformarmos”. A respeito das reformas, Elisangela lembrou de uma história da janela da sala, que, antigamente não tinha claridade, então alguns amigos lhe deram um par de janelas e, depois de muita insistência com o marido, o mesmo decidiu colocar uma delas na sala, iluminando e tornando o ambiente mais confortável para ela (Figura 57).

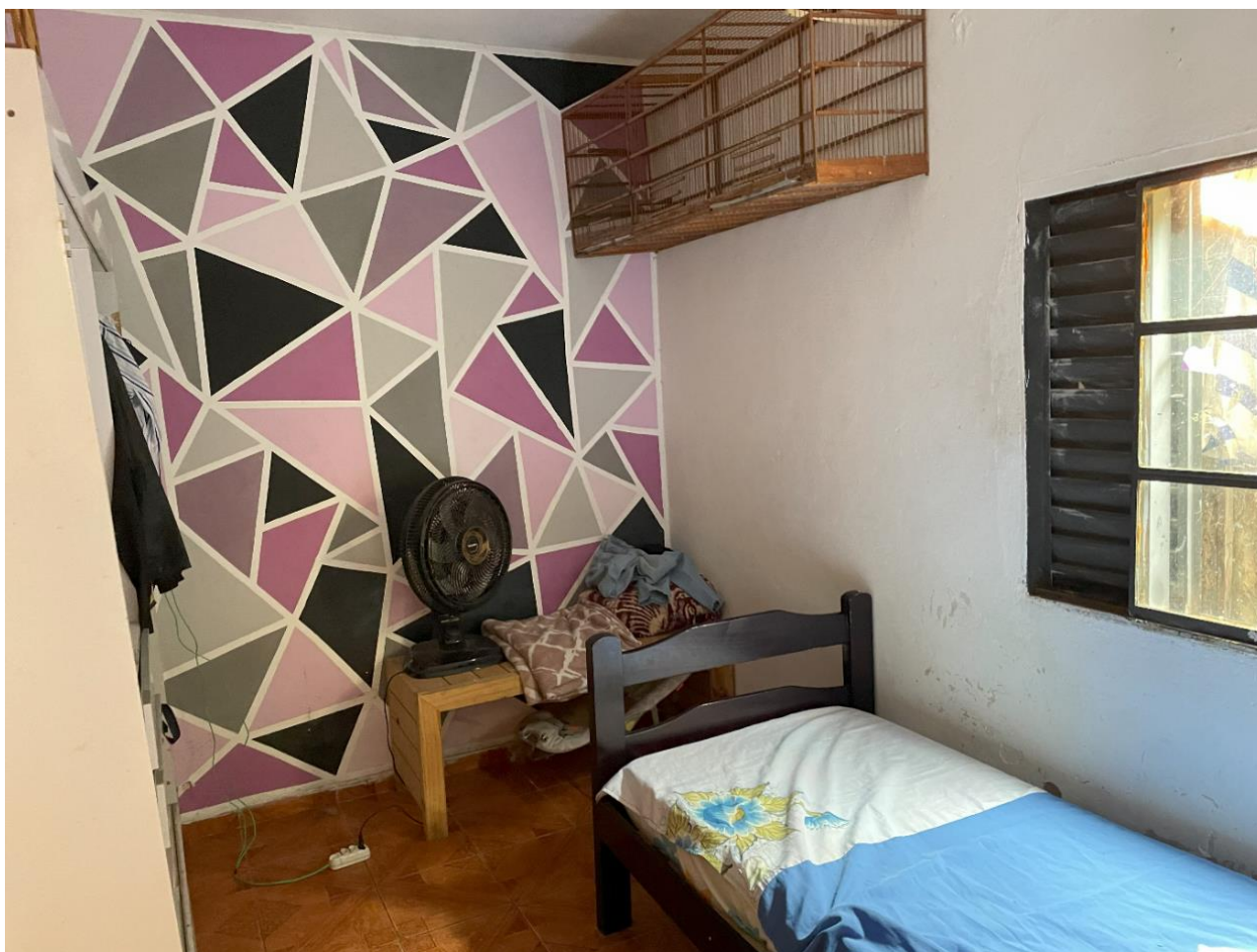


Figura 56: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Elisangela. Fonte: Elisangela (moradora entrevistada, nome fictício), 04 out. 2024.

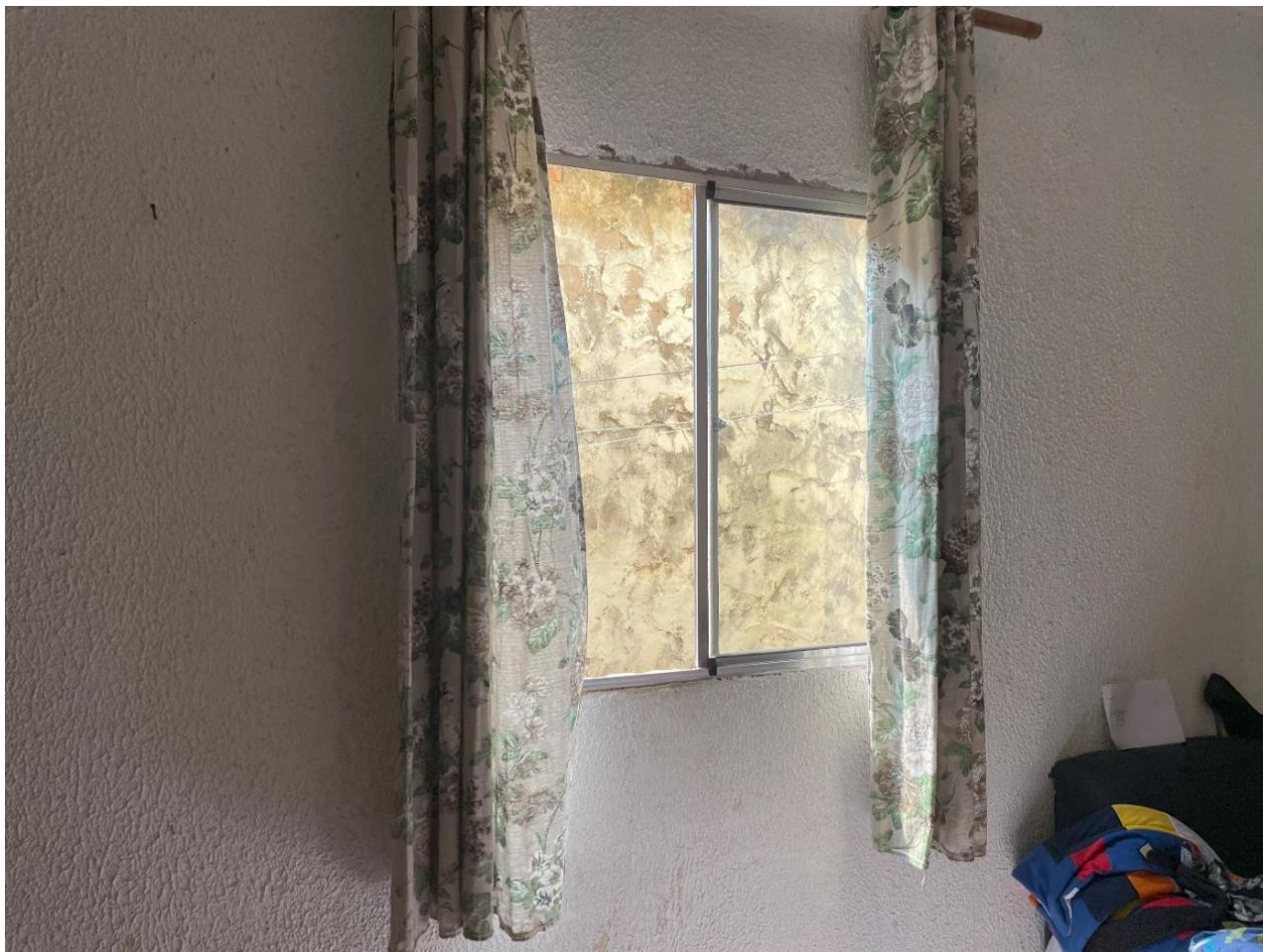


Figura 57: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Elisangela. Fonte: Elisangela (moradora entrevistada, nome fictício), 04 out. 2024.



Figura 58: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Elisangela. Fonte: Elisangela (moradora entrevistada, nome fictício), 04 out. 2024.

Carregar o orgulho da trajetória dos pais e do próprio lar é o que Elisangela traz consigo, "Nada veio fácil, mas tudo valeu a pena", disse, enquanto observava o neto brincar no quintal. Seu maior desejo? Que as crianças tenham a liberdade que ela teve: "Eu queria que, na verdade, as crianças pudessem brincarem mais. Sabe? Desligarem um pouco desconectado do celular e ter, tipo, brincadeira de amarelinha. Ficar na rua, sabe? Brincando com os vizinhos, poderem fazer como foi lá na minha infância". Ela se emocionou ao lembrar dos almoços de domingo da infância, com frango assado e refrigerante — hoje substituídos por praticidade, mas ainda cheios de significado.



Figura 59: Fotografia de ambiente no interior da casa, registrada pelo olhar de Elisangela. Fonte: Elisangela (moradora entrevistada, nome fictício), 04 out. 2024.

E, assim, entre memórias de lutas e planos para o futuro, Elisangela segue escrevendo sua história — uma história que, como a casa que construiu, é feita de pedaços recolhidos com amor e transformados em lar.

A história de Elisangela, tecida entre migração, resistência e construção cotidiana do lar, ilustra de maneira vívida os conceitos propostos a respeito do “espaço existencial” em Bachelard (1993). Sua casa — e os espaços que a cercam — não são meros cenários, mas extensões simbólicas de sua história, corpos que carregam as marcas do passado e as sementes do futuro.

O jardim na calçada e a garagem aberta para a rua podem ser interpretados como os primeiros indícios de que a casa de Elisangela é um espaço permeável, onde o público e o privado se entrelaçam. O jardim de Elisangela poderia remeter a um passado, que evocaria uma memória afetiva transgeracional, enquanto a garagem — lugar de conversas

com vizinhos e cuidado com o neto — revela a função social e familiar do lar. Ali, a casa deixa de ser um refúgio isolado, para se tornar um ponto de encontro, ecoando a ideia de um espaço acolhedor, que convidaria a compartilhar.

A trajetória dos pais de Elisangela — da migração ao barraco construído com restos de obras — mostra que a casa é, antes de tudo, uma conquista material e afetiva. Bachelard (1993) destaca que o ato de construir um lar é, também, a construção de si mesmo. Quando Elisangela diz orgulhar-se da luta dos pais, ela reconhece que a casa é um monumento à resistência: as paredes feitas de areia do rio, as janelas obtidas por doação e a água buscada em minas distantes são vestígios de um conhecimento epistemológico do fazer, conectando aos conceitos propostos por Santos (2007), onde o imprevisto se transforma em permanência, evidenciando a “ecologia dos saberes” de conhecimentos não reconhecidos pela ciência formal, mas que apresentam valor intrínseco.

O desejo de Elisangela de "subir os quartos", ou ter um jardim, revela que a casa é um projeto inacabado, sempre em construção. Para Bachelard (1993), o lar é um "espaço sonhado" antes de ser habitado, e os planos de reforma de Elisangela — como a janela que trouxe luz à sala — mostram como a casa se reinventa, para acolher novos significados. Até os bolinhos de chuva do marido e os pássaros que ele cria são gestos de domesticação do espaço, transformando-o em um lugar de afeto e pequenos rituais.

O emocionado relato de Elisangela, sobre as brincadeiras de rua e os almoços de domingo, ressalta um aspecto apresentado por Caldeira (2016): a casa como repositório de temporalidades. Seu desejo, de que o neto viva a mesma liberdade que ela teve, reflete a noção de que o lar ideal é aquele que preserva a memória da infância, como um espaço feliz. A casa, então, não é só um abrigo para o presente, mas um legado para o futuro, onde as crianças possam reviver a alegria de um quintal ou de uma amarelinha.

A história de Elisangela é, em última instância, a história de uma casa-poema, por assim dizer, um espaço onde cada objeto, cada reforma, cada planta no jardim é uma palavra em um discurso de resistência e pertencimento. Seu lar, construído com fragmentos de migração, lutas e sonhos, encarna a máxima de que "a casa é o nosso canto do mundo" (Bachelard, 1993). E, assim, entre janelas que deixam entrar a luz e planos de um segundo andar, Elisangela continua a escrever — com as mãos e o coração — a poética do seu próprio espaço existencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: EM DIREÇÃO AO ENTENDIMENTO DE UMA ARQUITETURA POPULAR

A pesquisa empírica, ao se confrontar com as histórias de Catarina, Dulce, Cláudio, Mari, Elisangela e Vitória, desvelou uma série de questões e afirmações que dialogam com os referenciais teóricos e, em última instância, se conectam com a própria vivência do autor.

A casa como espaço existencial e poético

A materialidade das moradias (tijolos feitos à mão, o “cantinho do sofá”, a escada de Mari e Cláudio) é impregnada de afeto e história, aproximando-se da ideia de que o lar seria um “arquivo vivo”, como no relato de Dulce e Catarina, onde a casa preserva a presença simbólica do falecido Jorge. Também, foi possível vislumbrar aspectos do lar ser um projeto inacabado, através do relato de Elisangela, de almejar um novo andar, para acomodar o ambiente de descanso e para receber as amigas, ou quando Mari e Cláudio mostram que a casa seria um “espaço sonhado”, pois ainda é necessário que o telhado passe por reformas, para que os outros cômodos possam ser reformados. A permeabilidade entre o público e o privado foi observada durante a pesquisa, através do jardim de Elisangela e a “Loja da Mari” e revelam que a casa não seria um refúgio isolado, mas um espaço de troca comunitária, em que o íntimo e o coletivo se entrelaçam.

Ecologia de saberes e resistência

A autoconstrução, com restos de obras, pelos pais de Elisangela, ou tijolos feitos a mão, no caso de Dulce, evidenciam saberes marginalizados pela ciência formal, um “improviso epistemológico”, todavia são essenciais para a sobrevivência. A ocupação da Vila Izi, na história de Vitória, e os mutirões relatados, também, por Catarina e Dulce, mostram que a moradia é uma forma de resistência contra exclusões estruturais, materializando a casa como um ato político, através de práticas concretas. Na história de vida do autor, seus pais tiveram que construir a casa própria com as próprias mãos e com a ajuda dos vizinhos, alguns, tal como o pai do autor, migraram do Nordeste para o Sudeste e criaram raízes no Jardim Josely. Através do compartilhamento de saberes, as casas foram sendo construídas, pouco a pouco.

Urbanização periférica e lógicas transversais

A construção gradual da casa de Mari e Cláudio, “tijolo por tijolo”, e a ajuda dos vizinhos, podem vir a explicar a urbanização periférica, como um processo coletivo e não linear. A vizinhança que, através de mutirões, constrói as casas da Favela Cafezinho, o jardim que fica sob a calçada, revelam que o lar se expande para o território, desafiando fronteiras rígidas entre o público e o privado.

Perguntas provocadas pela pesquisa empírica

- *O que a materialidade de urgências revela sobre o direito de sonhar?*

Apesar das condições adversas, barracos de madeira, falta de infraestruturas básicas, os moradores projetam futuros, novos cômodos e jardins. Mesmo com as urgências apresentadas, o autor se recorda dos processos de melhorias da própria casa, ao longo dos anos e, também dos vizinhos, no bairro em que cresceu.

- *Como a casa pode ser simultaneamente refúgio e vulnerabilidade?*

A história do irmão de Vitória, envolvido com drogas e a violação do lar podem mostrar que o espaço doméstico é ambivalente, serve como proteção, mas também pode ser cenário de crises, no universo íntimo. A luta por constituir uma casa, um lar, contrasta com momentos de extrema precariedade, com barracos improvisados, que, aos poucos, se solidificam como “cantos próprios de mundo”.

- *Como a memória dos ausentes habita a casa?*

A recusa de reformar a casa (Dulce e Catarina), pode sugerir que o lar seria um “abrigo transcendente simbólico”, se estendendo ao conceito de “topofilia” de Bachelard (1993).

- *A casa seria um lugar de afeto ou de trabalho?*

A “loja da Mari” e o artesanato que atravessa fronteiras, mostram que o lar pode ser também um local de produção, apresentando um diálogo entre a reprodução social e o afeto.

- *Como a dicotomia social pode ser compreendida a partir do ponto de vista dos moradores?*

A partir da história de formação política de Vitória e como seus companheiros de geração foram assassinados pelo aparato de opressão do Estado — que detém o monopólio da violência —, é possível buscar compreender como se dá, no âmbito da violência, a divisão dos espaços que sofrem com a repressão policial. Enquanto geograficamente separados do restante da Vila Moscou, por muros, no caso das Chácaras São Quirino, ou pelo rio, com respeito ao Residencial Gallery, podemos observar uma dicotomia entre espaços civilizados e ditos não civilizados (Favela Cafezinho, Residencial Gênesis, ocupação da APP Anhumas), portanto, nos avizinhamos de uma análise que permite enxergar tal separação nas camadas sociais, espaciais e políticas.

- *Qual o limite entre a casa e território?*

Os mutirões na Favela Cafezinho e bairros próximos sugerem que a casa é um “nó” em redes maiores, na escala comunitária do habitar. O autor da pesquisa vivenciou um processo similar, entre os anos de 2006 e 2011, no Jardim Josely, onde foram organizadas a partir do engajamento popular, reuniões da comunidade, para reivindicação de melhorias no bairro. Algumas pautas foram a construção de uma creche, novo trajeto do ônibus que fazia a linha Itaquaquetuba-Arujá, abrangendo mais bairros, pavimentação das ruas e troca dos postes de luz. As reuniões aconteciam no “Bar do Raimundo”, mensalmente.

A pesquisa contesta, em certo sentido, visões hegemônicas sobre a moradia, como mero abrigo ou mercadoria, através dos saberes da autoconstrução como alternativas ao capitalismo; reforça a periferia, como espaço de novas práticas políticas, e a casa como sendo o “primeiro universo” do ser, buscando propor uma metodologia de aproximação, replicável em atividades de extensão em ATHIS e mesmo em políticas públicas.

Este texto tentou desvelar que as casas da Favela Cafezinho são materialidade e símbolos, construídos com pouco, mas carregadas de sonhos. O espaço íntimo que se abre para a comunidade; Transversalidades através do tempo e do espaço; um memorial dos que partiram; e Herança para as gerações futuras.

Portanto, se a casa é um “poema”, seus poetas são os próprios moradores, que escrevem, com tijolos e memórias, versos de resistência.

REFERÊNCIAS

- ATLASBR. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. PNUD, FJP, IPEA, s.d.
Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/consulta/planilha>>. Acesso em: 10 out. 2024.
- ANTONINI, Natália; CAPOULADE, Pedro. Extrema pobreza cresce 17% em Campinas. **Redação Digitais**, 30 no. 2021. Disponível em: <<https://digitais.net.br/2021/11/extrema-pobreza-cresce-17-em-campinas/>>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Coleção Zero à Esquerda. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AAQQ. ASSOCIAÇÃO ANHUMAS QUERO-QUERO. Disponível em:
<<https://aaqq.org.br/>>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- BACHELARD, Gaston. A casa: do porão ao sótão. O sentido da cabana. In:
BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 23-53.
- BALDIN, Mateus de C. **A evolução do estado de direito (rechtsstaat) alemão**. Livro de Resumos, Salão de XIV Iniciação Científica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, dez. 2002. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/82880>>. Acesso em: 11 out. 2023.
- BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. CASA CIVIL. SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: , <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 14 set. 2023.
- BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. CASA CIVIL. SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001**. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Disponível em:
<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm> . Acesso em: 30 set. 2023.

BRASIL. **Lei 13.465, de 11 de julho de 2017**. Dispõe sobre a regularização fundiária rural e urbana, sobre a liquidação de créditos concedidos aos assentados da reforma agrária e sobre a regularização fundiária no âmbito da Amazônia Legal; institui mecanismos para aprimorar a eficiência dos procedimentos de alienação de imóveis da União; altera as Leis n^{os} 8.629, de 25 de fevereiro de 1993 _ 13.001, de 20 de junho de 2014 _ 11.952, de 25 de junho de 2009, 13.340, de 28 de setembro de 2016, 8.666, de 21 de junho de 1993, 6.015, de 31 de dezembro de 1973, 12.512, de 14 de outubro de 2011 _ 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil), 13.105, de 16 de março de 2015 (Código de Processo Civil), 11.977, de 7 de julho de 2009, 9.514, de 20 de novembro de 1997, 11.124, de 16 de junho de 2005, 6.766, de 19 de dezembro de 1979, 10.257, de 10 de julho de 2001, 12.651, de 25 de maio de 2012, 13.240, de 30 de dezembro de 2015, 9.636, de 15 de maio de 1998, 8.036, de 11 de maio de 1990, 13.139, de 26 de junho de 2015, 11.483, de 31 de maio de 2007, e a 12.712, de 30 de agosto de 2012, a Medida Provisória nº 2.220, de 4 de setembro de 2001, e os Decretos-Leis n^o 2.398, de 21 de dezembro de 1987, 1.876, de 15 de julho de 1981, 9.760, de 5 de setembro de 1946, e 3.365, de 21 de junho de 1941; revoga dispositivos da Lei Complementar nº 76, de 6 de julho de 1993, e da Lei nº 13.347, de 10 de outubro de 2016; e dá outras providências. Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13465.htm>. Acesso em: 08 jan. 2025.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34, EDUSP, 2000.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Peripheral urbanization: autoconstruction, transversal logics, and politics in cities of the global South. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 35, n. 1, p. 3-20, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/0263775816658479> . Acesso em: 20 nov. 2023.

CAMPINAS. PREFEITURA DE CAMPINAS. SEHAB. SECRETARIA DA HABITAÇÃO. **Programa de Regularização Fundiária Urbana-REURB do Município de Campinas REURB – CAMPINAS**. Campinas, [s.d.]. Disponível em: <<https://reurb.campinas.sp.gov.br/reurb.php#>>. Acesso em: 08 jan. 2025.

CAMPINAS. PREFEITURA DE CAMPINAS. SEHAB. SECRETARIA DA HABITAÇÃO. **Plano Municipal de Habitação de Campinas**. Campinas, 2011a. Disponível em:

<https://portal-api.campinas.sp.gov.br/sites/default/files/anexos_avulsos/pmhab_0.pdf>.

Acesso em: 08 jan. 2025.

CAMPINAS. PREFEITURA DE CAMPINAS. SEHAB. SECRETARIA DA HABITAÇÃO.

Plano Municipal de Habitação de Campinas. Anexo 4 – Anexo Técnico. Campinas, 2011b. Disponível em: <<https://drive.campinas.sp.gov.br/index.php/s/cqcTRe7A4a5LTAH>>.

Acesso em: 08 jan. 2025.

CAMPINAS. PREFEITURA DE CAMPINAS. **Lei Complementar nº 189, de 08 de janeiro de 2018.** Dispõe sobre o Plano Diretor Estratégico do município de Campinas. Campinas, 2018a. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-campinas-sp>>. Acesso em: 05 set. 2023.

CAMPINAS. PREFEITURA DE CAMPINAS. SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E URBANISMO. **Plano Diretor Estratégico. Anexo IX da Lei Complementar nº 189, de 08 de janeiro de 2018. Mapa dos Polos Estratégicos de Desenvolvimento.** Campinas, 2018b. Disponível em:

<https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/timeline/timeline/59_mapas_finais_pd2018/anexoIX_polos_estrategicos.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2025.

CAMPINAS. **Lei complementar nº 208, de 20 de dezembro de 2018.** Campinas, 2018c. Dispõe sobre parcelamento, ocupação e uso do solo no município de Campinas.

Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/c/campinas/lei-complementar/2018/21/208/lei-complementar-n-208-2018-dispoe-sobre-parcelamento-ocupacao-e-uso-do-solo-no-municipio-de-campinas>>. Acesso em: 08 jan. 2025.

CAMPINAS. PREFEITURA DE CAMPINAS. SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E URBANISMO. **Plano Diretor Estratégico. Anexo I da Lei Complementar nº 189, de 08 de janeiro de 2018. Mapa do Macrozoneamento.** Campinas, 2018d. Disponível em:

<https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/timeline/timeline/59_mapas_finais_pd2018/anexoI_macrozoneamento.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.

CAMPINAS. PREFEITURA DE CAMPINAS. SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E URBANISMO. **Plano Diretor Estratégico. Anexo III da Lei Complementar nº 189, de 08 de janeiro de 2018. Mapa das Áreas de Planejamento e Gestão - APGs.** Campinas, 2018d. Disponível em:

<https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/timeline/timeline/59_mapas_finais_pd2018/anexoII_areas_planejamento_gestao.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.

CAMPINAS. PREFEITURA DE CAMPINAS. SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E URBANISMO. **Plano Diretor Estratégico. Anexo IV da Lei Complementar nº 189, de 08 de janeiro de 2018. Mapa das Unidades Territoriais Básicas – UTBs e Unidades Territoriais Rurais – UTRs.** Campinas, 2018e. Disponível em:

<https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/timeline/timeline/59_mapas_finais_pd2018/anexoIV_utb utr.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.

CAMPINAS. PREFEITURA DE CAMPINAS. SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E URBANISMO. **Plano Diretor Estratégico. Anexo VI da Lei Complementar nº 189, de 08 de janeiro de 2018. Mapa da Rede Estrutural de Mobilidade – Eixos do DOT.** Campinas, 2018f. Disponível em:

<https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/timeline/timeline/59_mapas_finais_pd2018/anexoVI_eixos_dot.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.

CAMPINAS. PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO URBANO. **Zoneamento on line 2.6.1. Novo Aplicativo para disponibilização de dados do Zoneamento de Campinas.** Campinas, 1 fev. 2021. Disponível em: <<https://zoneamento.campinas.sp.gov.br/#>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

FERRO, Sérgio. A produção da casa no Brasil. A casa popular. In: FERRO, Sérgio. **Arquitetura e trabalho livre.** ARANTES, Pedro Fiori (Org. e Apresentação). São Paulo, Cosac & Naify, [1969] [1972] 2006, p. 61-67.

FJP. FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Déficit habitacional no Brasil. Painéis interativos de dados. Novidades - Divulgações 2024 (PnadC 2022). Déficit habitacional – Brasil e regiões (PnadC2022). Tabela de dados do déficit habitacional Brasil e regiões (PnadC2022).** 2024. Disponível em: <<https://fjp.mg.gov.br/deficit-habitacional-no-brasil/>>. Acesso em: 07 jan. 2025.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades. Campinas.** [c2023]. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/campinas/panorama>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produto Interno Bruto dos Municípios**. [s.d.]. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/campinas/pesquisa/38/47001?tipo=ranking>>. Acesso em: 06 set. 2023.

KOWARICK, Lucio. **A espoliação urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

LABIS. LABORATÓRIO DE IMAGENS. SIQUEIRA, Fernanda; CASAGRANDE, Marcela; VARONI, Plínio; FUCCHI, Sofia. **Meu lugar – Comunidade da Vila Moscou – Campinas**. Minidocumentário. Duração: 9'02". Edição: Cristiano Biazzi. Professora: Ivete Cardoso Roldão. Campinas, LABIS, Disciplina Telejornalismo B, Faculdade de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h439N3C70pE>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

MACHADO, Leandro. 'Quem a polícia defende? De que lado está?', questiona autor de foto símbolo da desigualdade no Brasil. **BBC News Brasil**, São Paulo, 4 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50666148>>. Acesso em: 11 out. 2023.

MAMDANI, Mahmood. Decentralized despotism. In: MAMDANI, Mahmood. **Citizen and subject: contemporary Africa and the legacy of late colonialism**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, Part I, Chapter II, p. 37-61, 1996. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=4X74KEphsHsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ViewAPI&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 25 out. 2023.

MASTRODI, Josué; BATISTA, Ana Carolina. **Direito fundamental à moradia: da relativização do conceito de propriedade**. Curitiba: Prismas, 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. DATASUS. **Índice de Gini da renda domiciliar per capita – São Paulo**. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibge/censo/cnv/ginisp.def>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além , do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, p. 3-46, 2007.

DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.753>. Acesso em: 23 mar. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul. Antologia Essencial. Para um pensamento alternativo de alternativas**. Volume 1. Buenos Aires: CLACSO, 2018. Disponível em:

<https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Antologia_Boaventura_PT1.pdf>.

Acesso em: 14 set. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul. Antologia Essencial. Para um pensamento alternativo de alternativas**. Volume 2. Buenos Aires: CLACSO, 2018. Disponível em:

<https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Antologia_Boaventura_PT2.pdf>.

Acesso em: 14 set. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora: da pandemia à utopia**. São Paulo, Boitempo, 2021.

SÃO PAULO [Estado]. **PDUI. Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado Região Metropolitana de Campinas. Região Metropolitana de Campinas (RMC)**. [s.d.].

Disponível em: <https://rmc.pdui.sp.gov.br/?page_id=127>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SÃO PAULO [Estado]. **Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado da Região Metropolitana de Campinas. PDUI RMC. Audiência Pública**. São Paulo, mar. 2022.

Disponível em: <https://rmc.pdui.sp.gov.br/wp-content/uploads/15_03_2022_Audiencias_Publicas_Final1666.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SILVA, Ciro Ruiz Vicente; MATIAS, Lindon Fonseca. **Vetores de expansão urbana: análise da cidade de Campinas (SP)**. Relatório Técnico. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, out. 2017. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/320982086_Vetores_de_expansao_urbana_analise_da_cidade_de_Campinas_SP#fullTextFileContent>. Acesso em: 12 set. 2023.

TORRES, Roseli B. (Coord. Geral); COSTA, Maria Conceição; NOGUEIRA, Francisco de Paula; PEREZ FILHO, Archimedes (Coords.). **Projeto Anhumas. Recuperação ambiental, participação e poder público**: uma experiência em Campinas. Campinas, Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento do Jardim Botânico – IAC, 2006. Disponível em: <<https://projetoanhumas.iac.sp.gov.br/>>. Acesso em: 08 jan. 2025.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo, Studio Nobel, 2001.

ANEXOS

Anexo 1: Transcrições das entrevistas realizadas

Link das gravações:

https://drive.google.com/drive/folders/1mDZctyd2E5wnd2ifeWAaDJJFjsitUYx6?usp=drive_link

Transcrição – Catarina e Dulce

00:00:01 Felipe

Então, para começar, eu queria que vocês pudessem contar de onde a família de vocês se origina, a origem da família de vocês.

00:00:13 Catarina

A minha mãe veio da Bahia, né mãe? Da Bahia, foi para o interior de São Paulo, na cidadinha de Ouro Verde, né? E foi lá que ela conheceu o meu pai, aí de lá eles vieram para Campinas, que aí já tinha outros irmãos do meu pai que já tinham vindo para cá e eles vieram pra morar na casa desses irmãos que saíram de lá.

00:00:33 Felipe

Ah, isso foi quando?

00:00:36 Catarina

A Rosa nasceu em 71? Ah, acho que foi em 68, porque foi antes da Rosa nascer.

00:00:42 Dulce

É, muito antes.

00:00:43 Catarina

Acho que em 68, 67.

00:00:45 Felipe

Ah, é? E onde que era a casa onde você nasceu, Raquel?

00:00:51 Catarina

Eu já era aqui.

00:00:52 Felipe

Já era aqui?

00:00:53 Catarina

Já era aqui.

00:00:54 Felipe

Mas já era dessa forma? Como é que...

00:00:56 Dulce

Não, era um barraquinho.

00:00:57 Felipe

Ah, tá.

00:00:58 Dulce

Era um barraquinho de tauba. que quando a gente vem pra cá, isso aqui não tinha asfalto. Era mato. Era cheio de sapo. O sapo cantava a noite inteira e já ninguém dormia.

00:01:10 Felipe

Agora não, agora... Tinha as taboas também?

00:01:13 Dulce

Tinha, tinha.

00:01:14 Felipe

Ah, era mais pra cima, né?

00:01:17 Dulce

É, a taboa era mais pra lá. Pra lá do... Como é que chama aqui?

00:01:22 Catarina

Do Gênesis.

00:01:22 Dulce

Do Gênesis. Mas aqui era só mato. Esse barraco aqui que nós fizemos, quando você batia aquela cavadeira, não sei se você sabe, aquilo que abre buracos. Quando a gente batia aqui assim, a água fazia... Saia a gente tudo sujo. Porque era água, aqui era brejo.

00:01:41 Felipe

Ah, tá. Era o brejo.

00:01:42 Dulce

Era o brejo.

00:01:43 Felipe

Pra gente isso também era.

00:01:45 Dulce

Era. Aqui quando a gente ficou pau pra poder fazer o barraco, nascia a árvore. Então, de tão molhado.

00:01:55 Felipe

E como é que... A senhora veio direto pra cá ou foi pra outro lugar e depois veio pra cá?

00:02:02 Dulce

Eu morei primeiro na Santa Cândida. Lá na Santa Cândida, lá morava meu cunhado,

morava lá. Depois nós fizemos esse barraco aqui até hoje.

00:02:12 Felipe

E como é que foi esse processo de construção da sua casa?

00:02:15 Dulce

Esse cômodo aqui foi nós que fizemos o broco no braço. Nós fazíamos o broco. Aí, não deixei de ficar tocando as galinhas, porque aqui todo mundo tinha galinha, né? Se a galinha subisse em cima, ela quebrava tudo. Aí, a gente ficava com cuidado, aí nós fizemos isso aqui. Só esse daqui que nós compramos o tijolo. Só esses dois contos. Aqui foi feito com o tijolo que nós fizemos no braço.

00:02:39 Felipe

Ah, vocês fizeram?

00:02:40 Dulce

É aquele bronco.

00:02:41 Felipe

E quem sabia fazer?

00:02:43 Dulce

Meu marido. Ele fez a forma. Aí, ele fazia um pouco cedo, enquanto eu ia pro serviço, que ele trabalha na prefeitura. Aí, quando era mais tarde, que eu acabava de fazer o almoço, eu ia mais trabalho, aí eu fazia mais. Tirava aqueles e ponhava mais.

00:03:00 Felipe

E ele trabalhava com isso?

00:03:02 Dulce

Não.

00:03:04 Catarina

O irmão dele tinha uma olaria. Quando eles vieram de Outro Verde pra cá, que moraram em Santa Cândida, era com esse meu tio que tinha uma olaria. Então eles trabalharam muito tempo fazendo isso lá com ele.

00:03:16 Felipe

Ah, entendi. Então daí que veio esse conhecimento aqui.

00:03:19 Catarina

Isso, aí quando ele veio pra cá pra construir a casinha dele, aí ele mesmo já fazia pra poder economizar, né? Que não tinha condição de comprar tudo.

00:03:26 Felipe

E aí, quando ele estava trabalhando aqui, ele não participava mais de um serviço de construção civil? Ele foi arrumar outro serviço?

00:03:32 Catarina

Não, meu pai era jardineiro. Ele trabalhava na prefeitura na parte de jardinagem.

00:03:37 Felipe

De jardinagem?

00:03:37 Catarina

Isso.

00:03:38 Felipe

Ah, entendi.

00:03:40 Catarina

Mas ele era curioso, adorava mexer com essas coisas.

00:03:44 Felipe

E pra você, qual a sua lembrança a partir de você? O que você lembra da casa? O que era quando você...

00:03:52 Catarina

O que eu lembro, assim, já era casa de tijolo, eu não lembro da época do barraquinho, eu era muito novinha, né? Foi logo depois que eu nasci e eles já construíram a casa, começaram a construir a casa de tijolo.

00:04:02 Felipe

Ah, entendi.

00:04:03 Catarina

Então, assim, nessa época do barraco eu não tenho nenhuma recordação.

00:04:06 Felipe

Ah, entendi. E daqui, de lá pra cá, todas as alterações foram vocês que fizeram ou tinha alguém da região que fazia?

00:04:16 Dulce

Nós fazíamos em mutirão, né? Os amigos. O amigo ia fazer uma casa hoje, aí meu marido ajudava. Aí, quando era no outro dia, era aqui. Era assim.

00:04:26 Felipe

Ah, era assim que ia fazendo. E aí foi assim que foi o processo?

00:04:30 Dulce

Foi assim que fizeram.

00:04:30 Felipe

Todas as casas?

00:04:31 Dulce
Todas.

00:04:31 Felipe
É?

00:04:32 Catarina
E é tudo se ajudando.

00:04:34 Felipe
Quando? Que época mais ou menos que era?

00:04:37 Dulce
Ai, sei lá.

00:04:38 Catarina
Eu nasci em 88. Então, acho que mais ou menos nessa época. Porque foi depois que eu nasci que vocês consumiram. Porque eu nasci quando eu era bebê e ainda era em barraco. Então, eu acho que mais ou menos nessa época. De 88 pra frente.

00:04:49 Felipe
Aham. Nossa. E como é que foi a história para trazer para os dias atuais? O que a senhora, vocês, pensaram para ir aumentando a casa, sair do barraquinho, ir para uma casa maior que é hoje? Como é que foi feito as partes? Foi feito aqui atrás?

00:05:10 Dulce
Foi feito aqui atrás dois corpos. Aí nós ficou morando aqui. Aí construiu aqui. Ficou quatro corpos.

00:05:18 Catarina
Aí a família foi crescendo e foi fazendo as adaptações, né?

00:05:20 Felipe
Ah, tá.

00:05:21 Catarina
Porque que nem aqui, essa sala, ela era pequena. Porque essa sala vinha... Tá vendo aqui que tem a marca como se fosse uma coluna?

00:05:29 Felipe
Ah, tá.

00:05:30 Catarina
Era daqui até aquela parte que tá ali na cozinha, aquela... A paredinha que tem ali. Então, a sala era ali, a cozinha era pra lá, menorzinha. E daqui pra cá, onde é a garagem, era um outro quarto. Aí depois, meu pai, ele não gostava da sala pequena, porque ele sempre

queria uma sala grande. e a cozinha também não gostava da cozinha pequena, aí ele pediu, comprou o amigo dele para fazer, então quebrou aqui, aumentou, a sala era daqui até lá no final da parede, era uma sala bem grande e a cozinha também grande.

00:06:01 Felipe

Entendi.

00:06:02 Catarina

Aí depois, quando eu tirei minha habilitação, eu precisava de uma garagem, aí ele reduziu a sala dele de novo para poder fazer a minha garagem.

00:06:09 Felipe

E esse processo de pensar nas melhorias e tudo mais, Quem sempre mais puxou essa parte?

00:06:19 Catarina

Meu pai.

00:06:20 Felipe

Seu pai sempre?

00:06:21 Catarina

Sempre foi ele.

00:06:22 Felipe

Nessa parte de... Sempre foi ele.

00:06:24 Catarina

Ele ia inventando o que precisava mudar, o que ele não gostava, o que ele queria ajeitar. Sempre foi ele.

00:06:30 Felipe

E quantas pessoas moram na casa hoje? Já moraram?

00:06:36 Catarina

Hoje somos só nós duas. Aqui na casa da frente e no fundo tem o meu irmão que mora na casa do fundo.

00:06:42 Felipe

Ah, tá.

00:06:43 Catarina

Mas aqui, na época do meu pai, a gente morava em seis pessoas aqui. Eram uns dois e quatro filhos.

00:06:48 Felipe

Dois e quatro filhos. Entendi. E tem essa parte de... Vocês tem animais domésticos?

00:06:56 Catarina
Não mais.

00:06:57 Felipe
Não mais?

00:06:58 Catarina
Não mais. A gente já teve, mas hoje não tem mais lá.

00:07:00 Felipe
Prefere não ter?

00:07:02 Catarina
Eu desenvolvi alergia, então acaba a gente não podendo ter mais.

00:07:06 Felipe
Ah, entendi. Deixa pra lá, né? Vamos contar um pouco do processo. Nessa parte de etapas para a construção da casa, vocês lembram mais ou menos quanto tempo foi até a primeira etapa? Demorou muito, né?

00:07:24 Dulce
Porque era de mutirão, né? Um rapaz dava uma semana, ajudava um outro, ajudava outro, e o outro vinha aqui. Demorou.

00:07:31 Felipe
Demorou, né?

00:07:32 Dulce
Demorou.

00:07:33 Catarina
E as condições também eram difíceis, né? Tinha vezes que ele tinha que esperar juntar um dinheirinho pra poder fazer a outra parte. Não tinha condição de fazer tudo de uma vez.

00:07:43 Felipe
E pros materiais de construção, como é que... como é que era? Tipo, tinha alguém que fornecia?

00:07:51 Dulce
Aí nós comprava fiado. Mas é lá só chegar até hoje. Nós, que ele já foi, meu marido já foi. Mas se nós chegar lá e pedir fiado, eles vendem pra nós.

00:08:02 Felipe
Ah!

00:08:03 Dulce

Ele que ajudou nós a fazer essa casa, o depósito.

00:08:06 Felipe

Ah, é? E esse depósito está aberto até hoje?

00:08:08 Catarina

Sim, é o material de construção, é o que fica ali na avenida.

00:08:11 Felipe

É o mesmo dono até hoje?

00:08:14 Catarina

É o mesmo dono até hoje.

00:08:15 Felipe

Quem é que é dono desse...

00:08:18 Catarina

É o Ego mesmo.

00:08:19 Felipe

Ah, é o nome dele, Ego. Isso, é. Ah, tá. E aí ele ajudou aqui o pessoal inteiro aqui nessa partida?

00:08:25 Catarina

É, pelo menos a questão do meu pai. Do meu pai, ele ajudava. Ah, entendi.

00:08:28 Dulce

Agora os outros, não.

00:08:29 Felipe

Ah, entendi.

00:08:30 Dulce

Os outros é diferente.

00:08:31 Catarina

Tinha essa amizade, então ele deixava. Meu pai comprava com ele e meu pai pagava conforme o meu pai podia. Então, meu pai pagando aos poucos e ele fornecia o material que meu pai poderia fazer na casa.

00:08:40 Felipe

Ah, entendi. E é, só até perguntar, você tá falando qual que é o nome do seu pai? João. E nessa parte... Pensando nessa parte interna, como é que foi, por exemplo, a chegada dos serviços públicos aqui? Por exemplo, água, energia, escola, ônibus, como é que foi esse processo?

00:09:09 Dulce

Aqui foi difícil, porque aqui era mina. Não tinha torneira, você pegava assim, não, era mina, todo mundo usava a mina. Aí depois que o colapso de água, depois da luz, mas demorou.

00:09:24 Felipe

E tinha muito desse processo de tal, uma organização das pessoas para poder reivindicar isso?

00:09:34 Catarina

Aqui nunca teve, pelo menos na nossa região. Aqui eu nunca senti isso. o presidente do bairro movimentar essas coisas pra ver se conseguia alguma benfeitoria pra cá. Era mesmo assim, às vezes um morador ou outro que ia lá brigar na prefeitura pra ver se conseguia, mas uma movimentação de todos os moradores, eu nunca vi isso acontecer por aqui não.

00:09:55 Felipe

Entendi, entendi. E tem algum lugar que hoje na casa vocês pensam que poderia mudar? Tem alguma coisa que vocês gostariam de fazer? O que vocês pensam dessa parte de sonhar, de almejar? O que vocês sentem? O que gostariam?

00:10:18 Catarina

É, agora a gente fica assim, na verdade depois que meu pai faleceu, a gente fica meio presa, porque a gente não gosta de mudar o que ele fez. A gente acha como se a gente estivesse entrando, extraindo a memória dele, tudo com ele, que batalhou tudo. Então, o que a gente faz é só tentar manter o que ele deixou. Então, às vezes a gente pinta a casa porque precisa, porque acaba sujando, se quebrou, deu um buraco em que a gente vai lá e tampa, mas fazer uma grande reforma mesmo a gente não pensa mais em fazer, não.

00:10:45 Felipe

Entendi. E pra quanto tempo que ele já se foi?

00:10:49 Catarina

Sete anos.

00:10:50 Felipe

Sete anos?

00:10:51 Catarina

Sete anos.

00:10:52 Felipe

Então, nessa parte vocês pensam em manter?

00:10:57 Catarina

Isso, só conservar o que ele deixou.

00:10:59 Felipe

A memória. Isso. E nessa parte de espaços livres e tudo mais, vocês sentem que atende a necessidade de vocês, o que vocês precisam de espaços livres dentro da casa, ou vocês pensam que poderia ter uma coisa diferente, por mais que não queira mexer por conta dessa memória, mas vocês sentem.

00:11:26 Catarina

Que É, a gente acha que a casa é bem apertadinha, né? A gente gostaria mesmo de ter uma casa um pouquinho maior, que nem a sala, ela é minúscula. Isso a gente pensava que poderia ter um pouquinho maior, se a gente tivesse mais espaço para ampliar alguma coisa nesse sentido.

00:11:39 Felipe

Entendi. E como é que foi nessa parte dessa decisão de como dispor ou amobiliar a casa, né? É Fábio, né? João. Como é que... Essa parte também era o João? Ou era mais a senhora, você? Como é que era essa parte de exposição?

00:12:07 Dulce

Era mais os filhos.

00:12:08 Felipe

Era mais os filhos?

00:12:10 Dulce

Ele não gostava muito que a gente mexesse com as coisas, não.

00:12:14 Felipe

É?

00:12:14 Dulce

É. Aí, como tinha as meninas, né? Então, falava assim, ah, nós temos que comprar isso, aí nós temos que comprar aquilo.

00:12:22 Felipe

Ah, tá. E era mais vocês, né, Raquel? Os mais novos.

00:12:25 Catarina

É, eu era mais novinha, né? Então, era mais as minhas irmãs, na verdade.

00:12:29 Felipe

Ah, entendi.

00:12:29 Catarina

Porque eu sou a filha mais nova. Depois eu tenho os meus irmãos mais velhos.

00:12:33 Felipe

Ah, e vocês são quantos?

00:12:34 Catarina

Quatro filhos.

00:12:35 Felipe

Ah, são quatro.

00:12:36 Catarina

São quatro. Três mulheres e um homem.

00:12:39 Felipe

Três mulheres e um homem.

00:12:40 Catarina

Isso.

00:12:42 Felipe

E qual, como que é, por exemplo, hoje São vocês duas que moram aqui, né? Como é que é os hábitos de vocês aqui no dia-a-dia da casa? O lugar que mais vocês ficam, o lugar que... Minha mãe fica mais nesse.

00:12:57 Catarina

Sofá o dia inteiro.

00:12:58 Felipe

O dia também, minha senhora tá agora. É mais aqui.

00:13:02 Dulce

É mais aqui.

00:13:04 Felipe

E por quê? O que esse espaço apresenta mais pra senhora?

00:13:08 Dulce

É porque eu pego um tábua e fico brincando, né? E o carro fazendo o serviço, né? Então, aí eu sento aqui e fico brincando.

00:13:14 Felipe

Ah, é?

00:13:15 Catarina

É que ela fica sozinha o dia inteiro, né? Eu saio para trabalhar, só chego à tarde. Então, aí ela fica aqui com o tablet dela jogando. Aí ela só fica prática, tomada, entrando e carregando.

00:13:26 Dulce

Aí eu fico com ninguém.

00:13:27 Felipe

Ah, é? E fica tranquila aqui? Fica. E você, Akel? Quando você tá em casa, assim, né? Depois do serviço, o que que...?

00:13:35 Catarina

Eu vou trabalhar de novo, porque... Ah, é? Eu trabalho na escola, né? Que eu sou funcionária pública estadual. trabalho o dia todo na escola, a hora que eu chego, aí eu sou formada em contabilidade, então eu vou fazer meu trabalho de contabilidade. Aí eu fico mais que o meu escritório é no meu quarto, então eu acabo ficando ali fazendo meu trabalho.

00:13:53 Felipe

E quando você tem um tempo livre depois, sabe, no final de semana, algum momento você tem... de descanso mesmo, você não tá nem fazendo o seu serviço, além de preparar a aula também porque tem uma rotina dupla da escola.

00:14:06 Catarina

Eu trabalho na secretaria, né?

00:14:08 Felipe

Não sou professora. Ah, entendi. Nossa, é porque minha mãe é professora, então você vê essa rotina dupla e é uma correria sempre, né?

00:14:16 Catarina

Sim.

00:14:17 Felipe

E qual que é o espaço aí que você mais se conecta pra ficar tranquila?

00:14:21 Catarina

Lógico que é o meu quarto.

00:14:22 Felipe

No quarto também? No meu quarto. Pra ficar mais tranquilo.

00:14:24 Catarina

Isso.

00:14:25 Felipe

E tem algum espaço que vocês evitam? Algum espaço que assim, aqui onde tem um pouquinho mais de desconforto, não sei, onde não fica tanto mais? Não, acho que não. Não?

00:14:37 Dulce

Não.

00:14:38 Felipe

Alguma coisa que possa até rememorar o seu pai?

00:14:41 Dulce

Não.

00:14:42 Felipe

Não.

00:14:43 Catarina

A gente não vai ficar nos cantinho que ele ficava, pra gente ficar louca?

00:14:46 Dulce

É.

00:14:49 Felipe

E como que é essa interação, por exemplo, no dia-a-dia assim da casa, né? Por exemplo, a senhora passa o dia aqui e aí vai fazer alguma coisa mais na cozinha ou lá de fora, ou às vezes...

00:15:06 Dulce

É tudo, né? Se eu fico na cozinha, eu fico no quarto, vou lá e passo fora, é tudo.

00:15:12 Felipe

Fica um pouco de tudo aqui?

00:15:13 Dulce

É, aí quando acaba tudo, então eu sento aqui, agora eu vou brincar.

00:15:18 Felipe

Dá uma descansada.

00:15:20 Dulce

Aí eu dou uma descansada. Aí eu fico jogando aqui.

00:15:23 Felipe

Olha só. E como que é nessa parte de outras pessoas da casa, por exemplo, quando vêm seus irmãos, até os sobrinhos da casa, assim, como que é a interação deles com a casa? O que vocês reparam? O que mais gostam de ficar? Onde gostam de passar?

00:15:45 Catarina

Ah, eles gostam de ficar no quarto.

00:15:47 Felipe

No quarto também. Entendi. Eles são mais jovens? Os sobrinhos são mais velhos?

00:15:54 Catarina

Eu tenho uma que vai fazer 22. Três que vão fazer 18. E o pequenininho que fez 7 agora.

00:16:01 Felipe

Ah, que veio aqui.

00:16:02 Catarina

Isso.

00:16:02 Felipe

Ah, tá. O flamenguista ali.

00:16:04 Catarina

Isso. Ele é o que mora aqui no fundo.

00:16:06 Felipe

Ah, o que mora aqui no fundo.

00:16:07 Catarina

Mora no fundo de casa. Ele é irmão dele.

00:16:09 Felipe

Como que é essa disposição? É o mesmo terreno ou é...?

00:16:12 Catarina

É o mesmo terreno.

00:16:14 Felipe

Ah, entendi.

00:16:14 Catarina

Aí tem uma escadinha que desce pra ir pro fundo, né? Aí a casa dele fica lá.

00:16:18 Felipe

Ah, entendi.

00:16:20 Catarina

É o mesmo terreno.

00:16:20 Felipe

E lá são mais quantos cômodos que tem?

00:16:23 Catarina

É a cozinha na parte de baixo e mais dois quartos e o banheiro lá em cima.

00:16:29 Felipe

Ah, entendi. Entendi. Aí, dentro daquela parte foi crescendo a família, vamos alocando

aqui, né?

00:16:36 Catarina
É.

00:16:37 Felipe
E os outros irmãos seus?

00:16:40 Catarina
Eles têm a casa deles. Uma mora no satélite Íris e a outra mora em Sumaré.

00:16:44 Felipe
Ah, em Sumaré.

00:16:45 Catarina
Isso. Aí cada um tem a sua casinha.

00:16:48 Felipe
E tem essa conexão? Eles vêm pra cá? Tem essa aproximação?

00:16:53 Catarina
De breve.

00:16:53 Dulce
De breve.

00:16:54 Felipe
É? Que coisa boa. É... Bom, a gente falou tempo livre, né? Vocês, assim, consideram A casa de vocês, a colhedora?

00:17:10 Catarina
Sim.

00:17:11 Felipe
Por quê?

00:17:12 Catarina
É nosso porto seguro.

00:17:13 Felipe
Por quê?

00:17:15 Catarina
Ah, foi a gente fazendo. É o que Deus preparou pra gente. É o cantinho que Deus nos deu pra ficar. Teve muito sofrimento aqui pra poder construir, como minha mãe te falou, né? Foi muita batalha pra conseguir estar no ponto que tá hoje. Então, assim, é reconfortante a gente ver que o tanto que eles batalharam, o tanto que meu pai e minha

mãe, de onde eles vieram pra ter hoje uma casinha assim, que ninguém acreditava que um dia eles teriam uma casinha dessa. Então, assim, é reconfortante, assim, saber que a gente tem esse espacinho pra gente poder ficar.

00:17:42 Felipe

Entendi. E pra senhora, como é que... Também. Por que que é, pra senhora?

00:17:47 Dulce

É porque foi muita luta. Aqui nós lutou bastante. A gente não tinha dinheiro pra fazer tijolo. Eles saiam catando no asfalto, aí que ponto fazer o asfalto, né? Então, põe aquele chapisco. Aí, ele pegava a carriola, ele e a minha filha, E ela arrastava aquelas coisas e trazia. E a gente fazia o tijolo que tem essa casa. Foi muito sofrido.

00:18:14 Felipe

Entendi. Até perguntando, o João, o seu marido, ele fazia essa parte de olharia, sabia fazer, né? Ele chegou a fazer também pra outros moradores aqui dentro desse sistema alimentar?

00:18:29 Dulce

Não, só pra nós não dava, porque era uma forma só. Ali ele fazia um pouco, daí quando secar um pouquinho, aí eu ia fazer. Então, era só pra nós mesmos.

00:18:39 Felipe

Fazia aqui, né? É. Entendi. Entendi.

00:18:42 Catarina

A laje pra bater também foi o pai que fez, né? Foi. O pai que fazia a laje.

00:18:46 Dulce

A vigota.

00:18:47 Catarina

A vigota. A vigota.

00:18:48 Dulce

A laje não. A vigota foi nós mesmos que fizemos.

00:18:50 Felipe

Colocou, botou o tijolinho também?

00:18:53 Dulce

Ponhemo.

00:18:54 Catarina

É. Foi tudo eles que fizeram.

00:18:56 Felipe

É. E aí, pra concretar, aí foi com o pessoal, foi no mutirão também?

00:19:01 Dulce

Foi. Foi.

00:19:08 Catarina

Eu que abri. Você já devia ter falado que a gente ia abrir aqui. Não, eu vou tomar um papo. Dei uma volta.

00:19:14 Felipe

Preciso de mais sangue. E, por exemplo, o que você acha que contribui, por exemplo, na casa para a felicidade de vocês aqui? Para ser esse ambiente acolhedor?

00:19:28 Catarina

A minha mãe está aqui.

00:19:29 Felipe

É?

00:19:31 Catarina

A presença dela.

00:19:32 Felipe

E para a senhora, como é que é?

00:19:34 Dulce

Ela. Porque é eu e ela na minha casa.

00:19:39 Catarina

Essas relações, né?

00:19:42 Felipe

Não é? E como é esse relacionamento com os vizinhos, assim? Sem discutir?

00:19:51 Catarina

Graças a Deus a gente tem vizinhos muito bons. São pessoas que a gente pode contar no momento de aperto. São pessoas muito queridas mesmo.

00:20:00 Felipe

Entendi.

00:20:00 Catarina

Graças a Deus.

00:20:01 Dulce

Esse vizinho aqui, olha, desde quando eu entrei aqui, todos nós somos amigos. Nunca teve discussão. Esse fica na casa dele, eu fico na minha. Quando a gente sai ali pra fora,

a gente conversa, pergunta, mas se eu precisar aqui, qualquer hora que eu precisar, tem gente que está aqui.

00:20:15 Catarina

É uma rede de apoio, né? Que acaba se formando, né? Aqui é uma gracinha, os vizinhos são muito bons. Minha mãe teve Covid em 2021. Aí a vizinha vinha aqui, trazia comida pra ela, trazia sopinha de fubá, trazia bolo, fez o que ajudava o pulmão, então assim, são vizinhos maravilhosos.

00:20:33 Felipe

Caramba, então tem muito dessa troca também, né?

00:20:36 Catarina

Tem, tem sim. O pessoal aqui é muito bom.

00:20:38 Felipe

E ao longo do tempo isso foi mudando de alguma forma ou desde sempre foi assim, essa relação com os vizinhos mudou de alguma forma, de algum tempo?

00:20:50 Catarina

Não, a única mudança que teve é que uns vão falecendo, né, então aí acaba mudando um pouco a estrutura, porque aí chegam pessoas diferentes e tudo, mas a relação dos que já estavam aqui mantém a mesma coisa. Mantém bastante a mesma coisa.

00:21:02 Felipe

E essa relação, por exemplo, com a comunidade, né? Você falou que é uma relação muito boa e até com o entorno da comunidade aqui, ainda mais pro Gênesis e tudo mais. Tem bastante interface, conexão entre vocês e os outros moradores?

00:21:18 Dulce

Não.

00:21:18 Catarina

Não, é mais só com os vizinhos daqui mesmo.

00:21:20 Felipe

Dos vizinhos daqui mesmo.

00:21:21 Catarina

Isso.

00:21:21 Dulce

Aquele povo dali a gente nem conhece. Ali de baixo, aquela rua ali de baixo, pouca gente a gente conhece. E fica lá pra baixo, a gente não vai pra lá e nem vem pra cá. Então, é a mesma coisa. Não tem esse rabo exato que nem tem aqui.

00:21:38 Felipe

Que nem tem aqui? É.

00:21:39 Catarina

E ali mudou muito, né? Conforme eles fizeram as outras comunidades que levaram as pessoas pra lá, tiraram da invasão, tudo ali. Então, muitas das pessoas que a gente conhecia dali mudaram. Então, acaba mantendo mais esse contato. E eu acho que assim, é o que eu sinto da parte dali, não sei se você não se lembra, é que tem muita rotatividade também. Muito. Fala assim, às vezes você vai lá na família, aí você volta, já é.

00:22:05 Dulce

Outra família, tem uma outra atividade.

00:22:08 Catarina

Aqui não, quando a gente mora são os mesmos vizinhos, a gente não teve mudança, a única mudança que tem é que eu falei, acaba falecendo, então vem outras famílias morar, mas fora isso são os mesmos vizinhos.

00:22:19 Felipe

Caraca, nossa. E teve alguma, mais algum uma coisa que vocês gostariam de contar da história da casa ou até sobre os sonhos que vocês tem com relação ao que vocês construíram, o que vocês imaginam, sonham.

00:22:43 Catarina

Eu não consigo pensar em nada, cara.

00:22:49 Felipe

E a senhora?

00:22:52 Catarina

Não dá pra escutar.

00:22:54 Felipe

Entendi. Ó, meninas, acho que essa era uma Todas as perguntas que eu tinha, né? Vocês gostariam de adicionar alguma coisa, assim, que vocês acham que...

00:23:04 Catarina

Não, acho que não, acho que a gente conseguiu abordar tudo.

00:23:07 Felipe

É? Olha, eu vou ensinar aqui a gravação.

Transcrição – Cláudio e Mari

00:00:00 Felipe

Não, mas pode continuar o que você tava falando, por favor. Porque já tá ótimo, vocês já tão começando. Pode continuar, por favor.

00:00:06 Cláudio

Daí eu voltei um ano e mês depois, eu voltei lá pra casar com ela. E já estamos casados há 34 anos.

00:00:15 Felipe

O nome completo aqui, pode abrigar de novo, por favor.

00:00:18 Cláudio

34 anos.

00:00:19 Mari

Eu tinha 16 anos quando fiquei noiva.

00:00:22 Cláudio

E eu 16 e eu 23, né? 22, aí casei com 23 e ela com 17.

00:00:27 Mari

Ele veio pra Campinas de volta das férias, eu continuei lá.

00:00:31 Vitória

E você acreditou que ele ia morar?

00:00:33 Cláudio

A família ficou surpresa, porque quando eu cheguei lá de férias, de repente encontramos, a gente foi assim, aquele amor assim, e a família falando que era folha de fogo de palha. Imagina que eles vão casar e se casar não vai durar, não vai... Foi difícil nos primeiros anos, mas...

00:00:54 Mari

É, porque foi em 90, 91.

00:00:57 Cláudio

Hoje a gente... Foi em 91, aí.

00:01:00 Mari

92 casamos, 93 nossa filha nasceu. Eu vim pra Campinas, eu não conhecia nada, nada, nada. Nunca tinha saído de lá.

00:01:10 Cláudio

Nenhum, como Deus lhe dar, nenhum gato tava com o chapéu no rabo. Daí a gente chegou aqui, nós dois começamos a trabalhar, a pagar aluguel. Muitos anos pagando aluguel, aquele sofrimento, né? Daí a gente saiu do aluguel, depois de algum tempo fomos morar num barraco ali na rua Moscou. Um barraco pra sair do aluguel, pra se livrer livre do aluguel. Mas era ruim, porque é perto do córrego. A gente chovia, meu cabelo acho que ficou branco, mas de preocupação quando eu.

00:01:42 Mari
Largava eles em casa.

00:01:43 Vitória
Chegaram a pegar algum enchente.

00:01:45 Cláudio
Pegamos enchente.

00:01:47 Mari
Não perigosa a ponto de perder muita coisa.

00:01:50 Cláudio
Chegava dentro da nossa casa, porém a gente foi só quando a gente saiu de lá, que a gente comprou aqui essa casa.

00:01:54 Mari
Compramos aqui com muitos sacrifícios.

00:01:56 Cláudio
Foi que deu um enchente enorme lá, que acho que não tinha estrutura pra aguentar ainda. Aí a gente comprou aqui, aí compramos aqui, fomos fazendo aos poucos, porque era uma casa bem simples, bem assim, né? Poucos cômodos. Aí a gente foi arrumando devagar, devagar, devagar.

00:02:18 Mari
Essa loja só existe porque eu trabalhava e meu filho, brincando na rua, quebrou a perna, né? Aí, de cara, assim, eu me virei um artesã, praticamente, A instrução dele, né? Que ele viu em mim um potencial. Aí ele falou, você vai fazer artesanato. Aí que eu fiquei desempregada, né? Pra cuidar do menino e tal. Aí ele falou, você vai fazer artesanato. Eu falei, mas que artesanato? Biscoito? Ele falou, não sei o que é biscoito.

00:02:46 Cláudio
Porque ela estava desempregada em casa e ela costumava trabalhar. Aí não tinha como a gente manter sozinha a casa, né? Falei, não, vamos fazer alguma coisa. Vamos usar a garagem para você montar alguma coisa. E montamos a loja, galera. Há mais de 20 anos. Aí era presentes, papelaria e artesanal.

00:03:07 Vitória
Eu lembro que tinha biscoito.

00:03:09 Cláudio
É.

00:03:09 Vitória
Eu lembro dos topos de bolo.

00:03:11 Cláudio

Isso, tá até na plaquinha lá da frente, tem uma noivinha ainda.

00:03:14 Vitória

Tem?

00:03:15 Cláudio

Aí a gente, depois de um... Depois da pandemia, aí começou a cair o movimento. Aí a gente falou, caramba, e agora meu filho e meu gênio orientando a gente, muda o mix, muda o mix, melhora.

00:03:27 Mari

Isso que a loja existe hoje.

00:03:28 Cláudio

E os clientes pedindo, ah, por que você não põe alimentos, comida, não sei o que. Eu fiquei meio, bem receoso pra colocar, segurei muito.

00:03:36 Mari

Aí deu certo.

00:03:37 Cláudio

Aí deu certo. Aí fomos colocando as pouquinhas coisas, três de cada, dois de cada, só pra sentir, né?

00:03:43 Mari

Mas foi bem difícil morar em Campinas, viu? Foi bem complicado. A vinda pra cá.

00:03:48 Vitória

E aí quando vocês... Ah, o primeiro empresariado é ele? Não sei não, mas a curiosidade da escorpiana não deixa. Quando vocês vieram pra Campinas, quando você veio, você já veio pra essa região ou você foi pra uma outra região?

00:04:01 Cláudio

Não, eu tava... Aqui, Taquaral. Meu tio morava no Taquaral. Aí do Taquara eu mudei pro Parque Imperador, mudamos pro Imperador. E do Imperador aí eu saí da casa dele e vim morar sozinho no Taquara novamente com um amigo meu. Aí depois minha mãe viu pra cá, a gente foi morar na Princesa do Oeste. Aí depois de tudo isso foi que eu vim pra cá, pra essa região de novo, que eu trabalhava no Carrefour. Aí achava melhor morar por aqui, porque é mais próximo. Aí quando eu casei com ela também fui trabalhar no Carrefour, também numa loja de perfumes. E eu na loja de bebida importada.

00:04:37 Mari

Depois que casamos, a gente não saiu dessa região, né?

00:04:40 Cláudio

Já vim pra cá.

00:04:41 Mari

Já vim pra essa região.

00:04:45 Cláudio

Na verdade, nós casamos e a gente foi morar em São Vicente. Eu gerenciava uma loja lá. Ela engravidou e antes de a neném nascer, a gente subiu pra Campinas. Minha mãe já morava aqui. Nunca mais.

00:05:00 Mari

32 anos eu tô aqui já.

00:05:02 Cláudio

Aí nunca mais saímos de Campinas. Eu amo aqui essa cidade.

00:05:07 Mari

Elefante Campinas.

00:05:09 Cláudio

E você?

00:05:11 Mari

Eu acho uma cidade cara, mas eu gosto dela, sim.

00:05:13 Cláudio

Volta para a Estrela, quer perguntar se.

00:05:15 Mari

Ela quer voltar para o Nordeste?

00:05:17 Cláudio

Não, nunca mais.

00:05:18 Mari

Só passeio.

00:05:19 Felipe

Só passeio, é.

00:05:21 Mari

E eu gosto dessa área aqui, dessa região, gosto bastante.

00:05:24 Cláudio

Perto de tudo.

00:05:25 Mari

É, a gente mora perto de muita coisa, vô.

00:05:27 Cláudio

É cômodo, pra gente que tem comércio, é fácil pra ir nos mercados grandes, pra repor, pra pesquisar preço, tudo mais, né? Então pra gente foi bem... mais fácil assim e ajudou muito nessa parte de não ter que ir muito longe pra poder buscar produto, né? E pesquisar preço. Então pra gente foi bem legal.

00:05:45 Mari

Mas quando a gente veio morar aqui nessa região, a gente morava no Lilópolis, né? A gente enfrentou bastante dificuldade pra ir trabalhar, né? Não tinha acesso pro Carrefour.

00:05:56 Cláudio

Essa rua aqui não era asfaltada, era muito barro.

00:06:00 Vitória

Só tinha uma linha de ônibus, era 377, que era do Bela Vista.

00:06:07 Mari

411.

00:06:09 Cláudio

Era do Carrefour. Até hoje... O ônibus aqui é difícil, só tem um. Só tem um de uma e uma horas. Hoje é difícil o ônibus aqui.

00:06:19 Vitória

É um risco. E o acesso também tá horrível.

00:06:26 Mari

É, a gente tem acesso só àquela pontinha ali, né?

00:06:29 Cláudio

Muito ruim, eu não gosto. Você, pra chegar aqui, tem que dar uma volta lá pela CPFL.

00:06:33 Mari

Agora aquela pontinha ali tá melhor. Antigamente era pior. Tinha muito barro. Tem uma escadinha que fizeram agora, né? Antes era um... Barranco. Barranco. Eu subia barranco.

00:06:44 Cláudio

Eu também, muitas vezes, pra trabalhar... Até.

00:06:47 Mari

Caía, saía limpando assim.

00:06:48 Cláudio

Com a criança no colo, a gente...

00:06:50 Vitória

Vou parar de falar, porque eu fico...

00:06:52 Felipe

Não, fica à vontade, porque... É tão orgânico também, mas até pergunto pra vocês como é que essa parte, por exemplo, que veio os serviços públicos, né? Água, esgoto, como é que...

00:07:03 Mari

Eu acho que quando a gente veio morar nessa casa, que a gente comprou essa casa, tava loteando o Gênesis, né? A gente até pensou em comprar o terreno em vez da casa, mas aí eu falei, não, eu não quero terreno, eu quero casa, pronta. Pra mim, arrumando, porque você levantar uma casa do zero é complicado, né? Então a gente quando veio pra cá, tava loteando esse bairro aqui do Gênesis.

00:07:25 Cláudio

Chegamos a ver tudo, mas... Então assim.

00:07:29 Mari

A gente já chegou aqui e já tinha tudo, né? Já a rua... Já tinha asfalto, né?

00:07:34 Cláudio

Já tinha asfalto, já... Aí a gente... Ainda bem, né? Porque tem muita gente que vai morar em muitos bairros aí que não tem nada, né? A gente já tinha, sim. Só o Gênesis, que tava loteando, não tinha nada lá. Aí eles fizeram esgoto, aí analisaram tudo, né? Ficou bem mais fácil.

00:07:50 Mari

A gente viu o asfalto, eles colocando os asfaltos ali, o Gênesis também. Essa região até ficou melhor. Mas pode melhorar, como sempre, né? Sempre tem alguma coisa que tem que melhorar.

00:08:01 Felipe

E aqui vocês construíram a casa de vocês?

00:08:04 Cláudio

É, aqui eu comprei. Compramos e tinha só a parte de baixo. Aí, como era muito pequena, aí eu acabei... Casal de filhos, né? Um casal de filhos, pequeno. E eu falei, caramba, e agora? Uma casa só com quarto cômodo e banheiro. Aí eu falei, vou ter que dar um jeito aqui, aí comecei a mexer em cima e aumentei.

00:08:23 Mari

Ele mesmo, tá?

00:08:23 Cláudio

Aí eu fiz em cima, além da casa, a parte de baixo aí.

00:08:27 Vitória

Arquiteto, engenheiro.

00:08:28 Cláudio

É, tudo. Aí eu fiz aqui, aqui era um quarto, eu fiz a loja. Aí onde era aqui outro quarto, eu fiz a minha sala de estar. E em cima eu fiz mais três quartos, dois banheiros e uma sala. Na parte de cima. Eu sozinho, hein?

00:08:45 Mari

Sozinho.

00:08:47 Cláudio

Tijolo por tijolo, telhado tudo sozinho, aos poucos fazendo. Na hora linda.

00:08:52 Mari

Felizmente não tivemos condições de pegar um profissional, né?

00:08:54 Cláudio

Eu trabalhava fora, aí eu tinha que ter opção ou de... Eu falava assim, se eu comprar material... Eu não vou ter dinheiro pra pagar a pessoa. O pedreiro, eu fui falar com alguns, eu tinha que derrubar essa casa pra poder fazer em cima. Eu falei, não, eu não posso. Se eu preciso de espaço, eu vou desmanchar o que tá pronto, não tem como. Fiz alguns reforços na casa, algumas colunas novas. Eu mesmo fui fazendo, fui ajeitando a gente.

00:09:18 Mari

Mas foi se formando, viu, com profissionais.

00:09:19 Cláudio

E até hoje tá de pé. Não tem uma rachadura, tá tudo ok. Até agora tá tudo certo. Nossa coluna nova, aí fui fazendo, cara.

00:09:29 Mari

A gente sempre se virou.

00:09:30 Cláudio

Eu trabalhava no shopping, aproveitava o meu horário livre. Pra de manhã, né, que eu trabalhava...

00:09:37 Mari

Trabalhava das duas às dez da noite.

00:09:39 Cláudio

Das duas às dez da noite, eu usava todo período da manhã pra fazer mais trabalho.

00:09:43 Mari

Até hoje ainda mexe, viu?

00:09:45 Cláudio

Até hoje eu falo que fazendo gosto.

00:09:47 Mari

Mas só pra ele, tá? Nada demais. Ah, de fora não.

00:09:50 Vitória

Então, já ia contratar hoje.

00:09:52 Cláudio

Faço bem, muita coisa. Aí eu fui fazendo, porque não tinha opção, não tinha condições de pagar um pedreiro.

00:10:02 Mari

Nem hoje também, até hoje, porque é muito caro.

00:10:06 Cláudio

Porque você não acha um profissional legal.

00:10:08 Vitória

Aqui no região, né? Aqui na nossa região é muito difícil, né?

00:10:12 Cláudio

É verdade, você tem que achar um pedreiro bom, que faça direitinho. Porque às vezes você tem um jeito, um projeto, aí vem um pedreiro que quer mudar o teu projeto. Não, mas ele falou, não, eu quero assim. Você tem que bater o pé e dizer como você quer. E ainda bem que eu tenho o dom de fazer. Eu faço do meu jeito, do jeito que eu sei, e fica bom.

00:10:31 Mari

A esposa do lado, dá uns tijolinhos, ajuda a pintar a porta, a pintar a parede, vai isso.

00:10:39 Felipe

É o companheirismo, né?

00:10:40 Cláudio

Companheirismo de 34 anos.

00:10:42 Mari

32, vai fazer 33.

00:10:45 Cláudio

33 anos.

00:10:47 Mari

Três netinhos.

00:10:49 Felipe

E até perguntar quantas pessoas moram na casa de vocês.

00:10:54 Cláudio

Aqui é nós dois, meu filho que casou e voltou pra casa. E a minha mãe, que tá na Paraíba agora no momento.

00:11:02 Mari

Ela mora nos dois lugares.

00:11:04 Cláudio

84 anos. Viajando sozinha de avião.

00:11:10 Mari

Ela mora metade do ano aqui e metade do ano com a filha lá no Nordeste. Que coisa boa! Tá super bem de saúde.

00:11:17 Cláudio

Melhor que nós. Não toma quase remédio ela.

00:11:21 Mari

Não toma não, só da tireoide. Que linda!

00:11:25 Cláudio

E precisa viver. Come tudo ali regradinho, tudo devagar, como as coisas, não come tudo, qualquer coisa, salgado, fritura, nem pensar.

00:11:35 Mari

É, é dela mesmo. Se cuida.

00:11:38 Vitória

Eu tô falando com o Tiago, né? Que a família das mulheres do lado da minha mãe, elas vivem muito, né? Mas é assim também.

00:11:46 Mari

Elas têm umas vidas muito regradinhas.

00:11:50 Cláudio

A gente come tudo.

00:11:51 Vitória

Parece passarinho pra comer.

00:11:53 Mari

E o pessoal come dez minutos e olha lá. Cinco minutos.

00:11:57 Cláudio

A gente senta na mesa com ela, ela vai comendo devagarzinho. Ela vai com a gente e

daqui a pouco ela sai e é a primeira que acaba. Aí eu fico, aí depois eu saio e fico com essa mulher.

00:12:08 Mari

Olha o tamanho da mulher por causa do... ficou bem errado.

00:12:12 Cláudio

Aí é assim.

00:12:14 Felipe

E como é que foi o sonho da construção da casa de vocês, de aumentar? Como é que foi?

00:12:21 Cláudio

A gente tinha muito sonho, por isso eu coloquei até um projeto no papel, fiz o desenho de como a gente queria a casa.

00:12:29 Mari

Ele desenhou.

00:12:29 Cláudio

Desenhei ali bonitinho o espaço como eu queria e ficou igual, cara. Eu que fiz o desenho da casa.

00:12:38 Mari

Todo mundo sonha com a casa pronta, né?

00:12:39 Cláudio

Eu falei, não, eu quero assim a.

00:12:41 Mari

Minha casa, desse jeito aqui.

00:12:41 Cláudio

Nós tínhamos um sonho. Aí fiz, peguei a regra e comecei a desenhar e falei, vou fazer. E fiz, ainda tá mexendo aos pouquinhos, né? Lá em cima tá pronto, só o telhado que tem que acabar, né?

00:12:52 Mari

É, o telhado é o mais complicado.

00:12:54 Cláudio

É, o telhado é... A gente fez assim, com muita pressa, porque tinha urgência de mudar logo pra cima. Os meninos...

00:13:00 Mari

A gente morava na favela, né, vamos dizer assim. Uma área de risco, então a gente

queria sair, não queria ficar lá. Então, quando a gente conseguiu aqui, que eu falo que foi um milagre de Deus, né? Vim comprar do jeito que a gente comprou. E tinha que sair de lá.

00:13:16 Cláudio

Quando a gente saiu... Tinha urgência de sair, porque lá não era um... Lá foi um refúgio, né? Pra gente sair do aluguel.

00:13:23 Vitória

Então foi um recomeço.

00:13:24 Cláudio

É. Então, a partir dali...

00:13:28 Mari

O aluguel é muito caro. Campinas, olha, não sei se é só Campinas, mas o aluguel é muito caro. Na nossa época já era muito caro, nos anos 90. Já era bem carinho, ganhava menos. Quanto mais você ganha, o aluguel sobe mais.

00:13:41 Vitória

Porque esse aluguel é dessa região aqui.

00:13:44 Cláudio

Agora aumentou muito. Qualquer dois, três cômodos é mais de mil reais. É.

00:13:49 Mari

É muito caro. Uma pessoa que ganha um salário mínimo não consegue pagar aluguel. Por que muita gente está na rua?

00:13:57 Cláudio

Então, lá em cima, Felipe, a gente foi fazendo de cômodo em cômodo. Foi fazer um cômodo, aí fazia e fazia outro. É assim, dificuldade financeira. Nós dois trabalhando mais tempo. Tava pagando ainda a casa aos poucos, né? E por sorte que a dona da casa vendeu pra gente assim. A gente deu um pedaço.

00:14:16 Mari

Como que chama? Um bigode, não?

00:14:19 Cláudio

É, na confiança. Aí a gente foi pagando pra ela. Um ano, quantos anos?

00:14:26 Mari

Um ano e seis meses pagando R\$500,00 por mês.

00:14:29 Cláudio

Foi pagando naquela época?

00:14:31 Mari

Tinha dado a entrada e o restante ela fez passar lá.

00:14:35 Cláudio

A gente foi pagando com muitas dificuldades.

00:14:36 Mari

Mas foi de Deus, porque como é que você passa ela para alguém que você nunca conhecia, nunca viu?

00:14:40 Cláudio

Ela tinha conhecido algumas pessoas que sabiam da nossa índole, né? Que a gente pagaria, né? Então, com muito sacrifício, pagamos. Fomos conhecer ela no dia de passar para o nosso nome, incrível. Foi difícil. Não conhecia a mulher ainda.

00:14:55 Mari

Quem negociou foi o gênero dela com a gente. Ela foi embora morar em Hortolândia.

00:15:01 Cláudio

Por isso que é bom você andar direito, porque outras pessoas dão a sua referência.

00:15:07 Mari

Mas eu nunca imaginava que eu ia conseguir comprar essa casa. A gente não tinha dinheiro pra nada. Eu tinha só um chevetinho de dois mil reais.

00:15:14 Cláudio

E que se não tivesse conseguido pagar e entrar...

00:15:16 Mari

Mas não entrou não, a gente continuou com ele. Eu tinha que fazer acordo da empresa que eu trabalhava, ele tinha também um acordo.

00:15:26 Cláudio

Tinha um dinheiro que eu tinha recebido também de outra empresa.

00:15:28 Mari

De outra empresa, aí juntou tudo e pagamos a casa. E eu continuei trabalhando pelo acordo que eu fiz, mas a gente... Assim, eu falo que Deus bota a mão em tudo, né? Porque ela poderia ter negado o acordo, né? Ter ficado desempregada.

00:15:43 Cláudio

Sabia também das minhas condições, que a gente precisava... Dois filhos pequenos... Conseguisse bastante.

00:15:47 Mari

E patrão bom também.

00:15:49 Cláudio

Receber...

00:15:50 Mari

Nesse tempo que eu tô aqui em Campinas eu trabalhei em dois lugares. Tenho 10 anos nessa empresa, que eu consegui comprar a casa junto com ele, e mais dois anos na outra, e depois fiquei desempregada.

00:16:00 Cláudio

Aí depois ficou... é o proprietário.

00:16:02 Mari

Aí depois virei artesã. Virei artesã, só tentando.

00:16:07 Cláudio

Empresário.

00:16:09 Mari

É empresária agora. Mas é muito bom. O tempo que a gente tá aqui em Campinas, a gente conquistou muita coisa. Eu gostei de ter vindo morar aqui. Ele ama Campinas. Fala o tempo todo que ama Campinas.

00:16:22 Vitória

Vamos pra praia, não. Fiquei em Campinas.

00:16:24 Cláudio

A gente gostava da praia, mas era mais, né? Eu nem tanto. Eu fui mais pra trabalhar.

00:16:30 Mari

Ele ama piscina. Agora você pergunta, tem piscina na casa?

00:16:34 Cláudio

Tem piscina na casa.

00:16:36 Mari

Dá uma olhada ali.

00:16:37 Cláudio

Olha!

00:16:39 Felipe

Olha!

00:16:43 Mari

Ele ama água, piscina, e o Netinho vai junto.

00:16:47 Cláudio

Mas a gente é assim, tamo aí, lutando, trabalhando muito, meu amigo, pra poder pagar as contas e correr atrás e terminar a casa ainda, que tem muita coisa pra terminar.

00:16:59 Felipe

Isso que eu ia perguntar, e os sonhos? De passar da casa, o comércio, o que vocês... Pensam, vocês planejam?

00:17:10 Cláudio

Ah, o começo assim, a gente não quer mais que isso. Porque quanto maior, mais trabalho, mais responsabilidade. Pessoas que você tem que contratar, você tem que lidar com elas, saber lidar e tudo mais. Então só nós dois, por enquanto, estamos trabalhando muito, mas dá pra gente ir tocando. E eu não almejo nada assim muito maior que isso, nem aumentar em outro lugar. Não, aí tá nas mãos de Deus também. A gente não quer... A gente não tem ambição, você sabe?

00:17:40 Mari

Não, o nosso foco é se sustentar.

00:17:43 Cláudio

A gente quer viver bem, ter condições de pagar nossas contas em dia e tá...

00:17:50 Mari

Não faltar o que precisa, né? As contas paga, água, luz, telefone, comida...

00:17:57 Cláudio

E tá tudo muito caro, né?

00:17:59 Mari

Isso que a gente almeja.

00:18:00 Cláudio

A luz, cada vez que você abre a luz, a água, você toma um susto. E você tem que pagar, é uma conta que é inadiável.

00:18:08 Mari

A gente tem o sonho, sim, de terminar a nossa casa, né? De deixar tudo bonitinho, confortável. Mas nada muito além disso, não.

00:18:17 Cláudio

Fala, Lita. Fala, Lita. Tudo bem, amor?

00:18:21 Vitória

Como você tá?

00:18:23 Mari

É teu marido?

00:18:26 Vitória

Não. Não, é meu amigo.

00:18:28 Cláudio

Fala, Lita.

00:18:28 Felipe

Tudo bom? Bom dia.

00:18:30 Cláudio

Guaraná de maçã, mãe Lita.

00:18:32 Mari

Já vai buscar pra você. É o xerê, tá casé? É o xerê, tá casé? Maçã. Ela deu sete.

00:18:45 Felipe

Vocês tem um pouco de tudo aqui, não é, Ju?

00:18:50 Mari

Então, quando eu montei a loja de artesanato e papelaria, era o que tinha. Artesanato e papelaria. Tinha essência? Deu. Só um minutinho que eu te dou o troco. Aí eu montei papelaria e artesanato e aí quando a gente resolveu montar a mercearia, a gente estava pensando em ficar só com a mercearia mesmo. E ia desistir do artesanato, da papelaria. Mas...

00:19:21 Cláudio

Subiu o Guaraná?

00:19:22 Mari

Subiu.

00:19:23 Vitória

É?

00:19:24 Cláudio

Não, não precisa... Quanto é o Guaraná?

00:19:26 Mari

É R\$ 6,95. A gente pensava em desistir da papelaria, né? Mas aí a mercearia ajudou nas vendas da papelaria. Então acabou que a gente ficou com a papelaria. Pode ver que tem um pouco de cada coisa. E as outras coisas, o pessoal vai vindo pedindo. Aí, ah, gente, você tem tal coisa? Aí, para atender o cliente, eu vou atrás e consigo. Então, por isso que tem muita coisa. Teve gente que veio atrás de bolsa, teve gente que veio atrás de tudo. Então, a gente vai colocando conforme o pessoal pede. É, por isso que a loja tem muita variedade.

00:20:10 Vitória

Mas eu sempre passei aqui, eu sempre admirei seu trabalho e não consegui.

00:20:13 Mari

Quero muito o bem de você.

00:20:15 Cláudio

Obrigada.

00:20:16 Mari

E agora com a mercearia eu não tenho mais tempo para trabalhar quase.

00:20:20 Cláudio

Tem muita coisa guardada ainda que a gente vai tentar vender, porque não tem muito pouco.

00:20:25 Vitória

Mas hoje tem net, seu trabalho é muito bonito.

00:20:28 Mari

Já uso, já gostei.

00:20:30 Cláudio

Tem noivinhos, noivinhos lindos, pronto, limpo, que a gente pode...

00:20:34 Mari

É muito lindo, realmente. Tem hora que eu não acredito que eu viria artesão sem curso nenhum.

00:20:39 Vitória

Eu vejo suas coisas matizadas.

00:20:42 Mari

Obrigada.

00:20:43 Vitória

Porque eu já fiz, eu vim aqui fazer xerox e aí você ficou registrada e eu sempre vejo suas coisas.

00:20:49 Cláudio

Ela fazia cada coisa que eu ficava admirado também. Eu falava, minha filha, você fez isso. Trabalhava muito bem. Fazia cada trabalho. Tem coisa dela na Austrália, né? Peças dela na Austrália, na Noruega.

00:21:08 Mari

As amigas que moram lá, vêm, gostam.

00:21:10 Cláudio

Leva, pede pra levar.

00:21:13 Mari

Mas eu gostei desse artesanato.

00:21:16 Cláudio

Vindo do trabalho, aí acho que virou a página, entende? Teve uma hora que a gente teve que virar a página porque já não dava mais resultado.

00:21:22 Mari

É que assim, quando era só a papelaria e o artesanato, Chegou uma época do tempo da loja que não tava dando mais, né? Aí veio a pandemia e destruiu tudo, porque casamento não tinha.

00:21:36 Vitória

Não tinha mais festa.

00:21:37 Mari

Não tinha escola aberta.

00:21:39 Cláudio

Não tinha mais festa, né?

00:21:41 Mari

Não tinha mais festa. Não tinha mais aniversário. Então assim, acabou que a gente quase... Eu quase tenho depressão, né? Porque eu só queria ficar dormindo. Ele, às vezes, chegava em casa e estava com cara de sono, porque eu queria só dormir.

00:21:53 Cláudio

A loja fechada, ou ele tinha mais vontade de abrir a loja?

00:21:55 Mari

Não tinha. Eu abria, ficava aqui.

00:21:58 Cláudio

Não tinha mais vontade de abrir a loja. Não entrava ninguém. Falei, mas...

00:22:01 Mari

Mal entrava alguém para perguntar alguma coisa.

00:22:03 Cláudio

Vai ter que dar um jeito. Ou fecha tudo, ou abre de outro jeito. Aí, graças a Deus, a gente abriu.

00:22:08 Mari

Depois que abriu a mecearia ajudou muito.

00:22:10 Cláudio
Aí eu trabalhava fora.

00:22:12 Mari
O pessoal só quer saber de comer, né gente?

00:22:15 Cláudio
A gente abriu a mercearia um ano depois que a gente tinha aberto. Eu continuei trabalhando. Abriu e ela ficava sozinha tomando pão. Aí eu trabalhava fora.

00:22:24 Mari
Tinha bem pouquinha coisa.

00:22:25 Cláudio
Eu trabalhando fora. Fiquei um ano trabalhando fora ainda depois que abriu. Depois que eu vi que ela não estava mais dando conta, sozinha, aí eu saí de onde eu estava e fiquei com ela.

00:22:35 Mari
Dez anos ele trabalhou nesse lugar?

00:22:36 Cláudio
Foi, por dez anos nessa empresa. Aí eu falei pra ele, olha, não dá mais, cara.

00:22:43 Vitória
Ele ia aposentar, não consegue.

00:22:45 Cláudio
Quatro anos, né, falta pra mim me aposentar.

00:22:47 Vitória
Vai estar pagando.

00:22:48 Cláudio
Já tinha que estar pagando, porque esse ano...

00:22:50 Mari
A gente não sabe por onde começar, né, porque... Eu tenho medo.

00:22:55 Cláudio
Eu tenho, só que eu não posso fazer.

00:22:56 Mari
Não pode fazer, a advogada orientou que não.

00:22:59 Cláudio
Eu perco o valor, porque eu tenho um valor, meu valor é mais que o salário geral.

00:23:04 Vitória

Então paga.

00:23:05 Cláudio

Aí eu tenho que pagar.

00:23:06 Mari

Mas a gente não sabe como ainda.

00:23:08 Vitória

É o carnezinho.

00:23:09 Mari

Mas qual o valor? É isso que a gente não sabe ainda.

00:23:12 Cláudio

Então eu tenho que ver com a advogada certinho, ver o... Aqui, a Raquel.

00:23:15 Vitória

Aqui nessa rua tem a moça que ela é...

00:23:18 Felipe

Contabilidade.

00:23:18 Vitória

Contabilidade aqui, conversa com ela.

00:23:21 Mari

Ah é?

00:23:21 Vitória

Ela sabe fazer as contas.

00:23:23 Mari

É, tem advogado que tá cobrando muito caro pra dar só essas informações.

00:23:28 Vitória

A Raquel aqui nessa rua. Não tem onde era o Bar do Prato ali?

00:23:35 Cláudio

Sim.

00:23:36 Vitória

Naquela rua do Bar do Prato.

00:23:37 Cláudio

Ah, na rua de trás, aquele que tá arrumadinhando ali. Isso. Tem alguma placa?

00:23:40 Mari

Essa é da rua Julian Brice.

00:23:42 Cláudio

Tem uma placa lá?

00:23:43 Vitória

Tem uma placa, tá assim. Contabilidade Raquel. Ela fez as contas com o meu irmão.

00:23:47 Cláudio

Ah, bom saber.

00:23:48 Vitória

O meu irmão tá pagando em cima daquilo que ela fez as contas.

00:23:51 Mari

É, porque, né?

00:23:53 Cláudio

Legal.

00:23:54 Mari

Falta quatro anos só.

00:23:56 Vitória

E ela não cobra.

00:23:57 Cláudio

Deixa eu virar o ano agora.

00:23:59 Vitória

Mas vai lá, conversa com ela, comece a pagar porque vale a pena.

00:24:03 Cláudio

É, não, só falta quatro anos.

00:24:04 Mari

O meu eu pago meio, né?

00:24:06 Cláudio

Mas ela é o normal. Tem, tem, tem. Aí tá sim, estamos.

00:24:12 Felipe

Tá indo, né?

00:24:13 Vitória

Porque trabalhou a vida inteira, merece.

00:24:15 Felipe

E até perguntando sobre a parte da casa, dessa parte assim, como é que é pra vocês dentro do ambiente? O que é o ambiente mais confortável pra cada um de vocês?

00:24:27 Vitória

Quero sol grosso.

00:24:28 Mari

Só um pouquinho. Ambiente mais confortável.

00:24:32 Cláudio

Você fica bem?

00:24:34 Mari

Eu gosto da minha sala, minha sala de TV, minha sala de jantar. Gosto muito. E minha área de serviço agora que a gente tá quase terminando.

00:24:44 Felipe

Ah é? E pra eles? O que você enxerga que eles gostam mais? Ficar no carro, seus filhos?

00:24:53 Mari

Meu filho fica muito no quarto dele devido ao computador que ele gosta muito. E ele trabalha com TI, então ele gosta muito do quarto dele.

00:25:01 Cláudio

Ah, tá.

00:25:02 Mari

Mas o meu marido, ele sempre comigo, sempre junto.

00:25:06 Cláudio

Ah, é?

00:25:07 Mari

O nosso quarto mesmo a gente só usa mesmo pra ir dormir. Porque por enquanto ainda não tá como eu quero.

00:25:15 Cláudio

É?

00:25:15 Mari

É. Gostaria muito que tivesse como sonho, né?

00:25:20 Felipe

E o que você imagina com o quarto?

00:25:23 Mari
Com o meu quarto?

00:25:24 Felipe
É.

00:25:25 Mari
Eu imagino um telhado melhor, porque... né? Um telhado mais alto, que é baixo. Ficou baixo o telhado lá em cima. E... Ah! Tem banheiro no meu quarto. Eu gosto muito desse jeito. Por querer não reformar o meu banheiro.

00:25:41 Cláudio
Reformar o quarto, né?

00:25:43 Mari
Porque eu acho que muita coisa precisa ser muda. A cama precisa trocar. Todas essas coisas. Um quarto confortável, só isso.

00:25:51 Cláudio
Na parte de cima a gente nem chegou a comprar móveis.

00:25:54 Mari
É, não tem guarda-roupa.

00:25:55 Cláudio
A gente sempre fica pingando quando chove. Então tem que arrumar o telhado, nem jeito. Mas me dá um frio da barriga só de pensar em ter que mexer no telhado.

00:26:04 Mari
Quando eu tô cansada, depois do dia inteiro aqui que eu tô cansada, eu gosto de ficar no meu quarto. Eu gosto de tomar banho, já ficar na minha cama, sentindo TV. Mas quando não, eu gosto de estar na minha sala, na minha área de serviço, que agora tá quase acabando. Acho que a área que ele mais gosta aqui é a área do quintal.

00:26:25 Cláudio
Porque eu deixei bem em rede, essas coisas.

00:26:29 Felipe
Ah, tem uma piscina aí também.

00:26:31 Cláudio
Então eu gosto da minha área ali.

00:26:33 Mari
Mas o meu sonho ainda é terminar essa casa, sabe? Assim, o telhado.

00:26:38 Cláudio

Agora a nossa prioridade é o telhado.

00:26:40 Mari

É, nossa prioridade é o telhado.

00:26:42 Cláudio

É, nossa prioridade é essa. Estamos tentando guardar um pouquinho pra ver se... porque é caro. E eu não tenho tempo, porque a gente tá aqui, se eu deixava ela sozinha subir pra mexer lá em cima, eu faria. Com certeza eu ia conseguir fazer.

00:26:56 Mari

Correndo de medo, né?

00:26:57 Cláudio

Meu coração fica assim... Só que quando você começa a fazer alguma coisa, você tem que ter uma sequência, você tem que fazer. Se você tiver que parar lá, surgir massa pra ajudar ela, já fica ruim.

00:27:09 Vitória

Vocês tem que fechar aqui e se dedicar lá?

00:27:11 Cláudio

Não, não, de jeito nenhum, aqui não pode fechar de jeito nenhum. Aí teria que contratar alguém, alguém que seja pelo menos conhecido nós, porque vai mexer na nossa casa lá em cima, né? Vai ter acesso dentro da nossa casa e tudo mais, mas não pode ser qualquer pessoa.

00:27:26 Felipe

O depósito fica lá dentro, né?

00:27:29 Cláudio

É, aqui na minha outra sala.

00:27:30 Mari

Na sala que era minha sala de artesanato. Eu trabalhava nessa sala.

00:27:36 Cláudio

E tem uma sala aqui que é a subida da escada.

00:27:38 Mari

E tem coisas minhas ainda lá, tudo guardadinho ali.

00:27:41 Cláudio

Tem uma sala aqui que a gente está usando como estoque da loja e que também tem a escada para subir para os quartos. Ah, tá.

00:27:50 Felipe

E como é que é a disposição da casa? Aqui é a parte debaixo do quintal?

00:27:54 Cláudio

Aqui é a loja, aqui do lado já é uma sala que dá acesso à escada para os quartos. Aí aqui eu tenho uma sala de TV, outra sala de jantar e a.

00:28:07 Mari

Cozinha e um banheiro.

00:28:11 Cláudio

Aí no fundo, no quintal, tem a casa da minha mãe.

00:28:15 Mari

Com dois cômodos, banheiro e o quintal com a piscina, churrasqueira.

00:28:20 Cláudio

Aí tem uma escadinha que eu tô fazendo pra uma sala ali em cima pra guardar o chão, a coisa que fica, né, quando chega uma visita.

00:28:27 Mari

A gente sempre reserve visita, família de fora, do Rio de Janeiro.

00:28:31 Cláudio

Ela não gosta de nada assim pelo chão, muita bagunça, aí a gente só vai deixando ela. É a que gosta de limpar e que esteja tudo livre pra ela passar lá as coisas. Não é o que tá acontecendo atualmente porque tá muita bagunça.

00:28:44 Mari

Você não sabe a aflição que eu fico de ver as coisas assim pelo chão.

00:28:48 Cláudio

Tô tentando botar em ordem ali a sala que tá, meu Deus do céu.

00:28:51 Felipe

Vai dar certo.

00:28:53 Mari

Vai. Tudo tem que ter sua paciência, seu tempo. Eu sou jovem ainda, não cheguei nem 50. Não, 32 ainda pra viver.

00:29:04 Felipe

E como é que é a relação com os vizinhos? Tem muito dessa troca com os vizinhos? Como é que é?

00:29:09 Cláudio

Tem. Olha, graças a Deus a gente tem uma relação boa com o vizinho aqui do lado. Desde o início, né, que a gente mudou pra cá. Eu precisava cair a massa do lado de lá, quando eu mexia na parte de cima. Dona Maria, eu vou e arrumo e limpo. Não, tudo bem. Nunca criou o caso. A gente tá mexendo com construção.

00:29:27 Felipe

Vai cair, vai cair.

00:29:28 Mari

Vizinho da frente também, não tem problema.

00:29:31 Cláudio

Aqui do lado tem aquele pessoalzinho também que a gente... Não conversa muito, mas se der bem. Nunca tivemos discussão com o vizinho nenhum aqui, graças a Deus. Nós somos do bem.

00:29:44 Mari

E nunca me incomodei também, sabe? Às vezes fazia festa à tarde da noite e nunca me incomodei com barulho de som.

00:29:51 Cláudio

Diga aí o que manda. Eu durmo de boa. Você quer a retornável? Meu amigo recebeu de dois litros e meio, mas tá quente ainda.

00:30:03 Mari

Ah, do mesmo jeito.

00:30:04 Cláudio

Eu pisei que tá no freezer aqui pra ver se dá uma... Mas eu acho que ela tá quente ainda, eu peguei.

00:30:09 Mari

O que foi?

00:30:10 Cláudio

Deixa eu tirar aqui. Põe a mão em ordem aí pra você ver.

00:30:20 Felipe

Tá um pouquinho fria só.

00:30:22 Mari

Tu vai ter que botar no freezer aí.

00:30:24 Cláudio

É, até a hora do almoço eu ia ter que fechar dentro dele. Guaraná normal pra mim. Guaraná normal, né? Você não quebra... Você quer o Guaraná original.

00:30:38 Mari

A Antártica ou das...

00:30:39 Cláudio

É, porque eu tenho ali o Guaraná mesmo e tem os fãs...

00:30:43 Mari

A Sukita.

00:30:44 Cláudio

Sukita, Xereta, tudo mais.

00:30:48 Mari

Você quer o Antártica? Ele quer pegar lá.

00:30:51 Felipe

Também é bem movimentado, né? Chegou...

00:30:53 Mari

É, tem sido...

00:30:55 Felipe

É tudo joelho. Bom dia.

00:30:57 Mari

O movimento tem sido bom, graças a Deus. A loja tem ajudado muito a pagar os boletos dela, né? Temos uns clientes bons também.

00:31:06 Felipe

Coisa boa.

00:31:08 Mari

É tudo gente conhecida, né? A maioria fala assim, vai lá na loja da Mari. Ficou como loja da Mari.

00:31:16 Cláudio

Ah, entendi.

00:31:18 Mari

Logo eu vou ter que tirar o Mari Arts, né?

00:31:22 Felipe

É verdade, que tá uns biscoitos.

00:31:24 Mari

É, vou ter que tirar aí, colocar mercearia. Já tem mercearia ali. Mas a maioria fala assim, vai na loja da Mari. Meu Deus, ficou como loja da Mari. Não teve jeito.

00:31:35 Felipe

Isso é boa. Bom, gente, eu acho que eu peguei a maior parte de vocês.

00:31:43 Cláudio

Bastante conteúdo aí que você vai ter que cortar muita coisa.

00:31:46 Felipe

Tem que colocar aqui. Não, mas muito obrigado. E teria alguma coisa que vocês queriam adicionar? Que vocês se lembrem da história de vocês aqui com a casa, com o bairro, com a... A curiosidade de o que aconteceu, o que aconteceu atrás.

00:32:04 Cláudio

Eu me lembro agora, assim, de cara. É a rua de trás aqui, que há muito tempo ficou com muita lama, né? Passando esgoto. E agora eles deram uma asfaltada agora pela política. [Ao mesmo tempo falando com um freguês: Super Bowl? Super Bowl é tempo. Tem o tubinho e tem ela grande. Essa daqui tá R\$12,50.]

00:32:35 Mari

Vou cobrar.

00:32:44 Cláudio

R\$12,50.

00:32:47 Felipe

Tá falando da rua de trás?

00:32:48 Cláudio

É, a rua de trás, que sempre foi terra, né? Uma bagunça, sempre ficou muito bagunçado aí, quando chovia, né? Lama, alicia a lama lá pra rua de trás, lá que já tá asfaltado. Agora, na época da política, eles fizeram, jogaram um asfalto lá, ficou bacana. Ficou bom pra caramba. Mas ainda continua, não fizeram guia, só colocaram asfalto, mas já ficou bom. Mas aí continua estourando.

00:33:14 Felipe

Alvo de ter o córrego ali, né?

00:33:15 Cláudio

Ali atrás.

00:33:17 Felipe

Ou é outra rua ainda? Ah, não, tem outra rua.

00:33:19 Cláudio

É uma rua aqui bem aqui atrás. Aí tem um esgoto. Quando chove, desce uma enxurrada ali, porque não tem contenção. Não tem um esgoto que paga a água que aí então desce.

00:33:30 Mari

E fica todo cheio de luz, de terra.

00:33:32 Cláudio

Aí suja tudo de novo, de terra, de pedra.

00:33:34 Mari

Tudo que desce ali de cima da onde é do mar.

00:33:37 Cláudio

Mas, melhorou.

00:33:38 Mari

Melhorou, porque tem o asfalto. A gente vai lá, limpa a terra.

00:33:41 Cláudio

Vamos dizer que melhorou 80%. Porque tirando como era antes...

00:33:47 Mari

Mas ficou só na frente da nossa casa, viu?

00:33:49 Cláudio

É, porque a última casa aqui, pra lá, e já para ali a sujeira. Eu nem estava guardando o carro na minha garagem ali atrás, por causa... Por causa disso. Muita lama.

00:34:03 Mari

Buraco.

00:34:03 Cláudio

Limpava o que tal tudo. Quando você colocava o carro dentro da garagem, cheio de lama. Caramba. Aí agora ele... Apagou?

00:34:11 Mari

Não, apagou.

00:34:13 Felipe

Gente, obrigadão por ter aberto. Espera aí, vou encerrar aqui a parte da gravação.

Transcrição – Cláudio e Mari parte II

00:00:00 Mari

Ele foi de férias pra lá, ele já morava aqui há 5 anos em Campinas, foi de férias pra lá, eu tava com 16 anos, tinha acabado de fazer 16 anos, aí a gente se conheceu, eu tinha ido pra igreja, Eu era católica, hoje nós somos evangélicos, né? Mas eu tinha ido pra igreja, aí ele chegou na casa da minha mãe e falou assim, ele chamou minha mãe de tia Maria. Tia Maria, se eu encontrar ela lá, eu posso levar ela pra tomar um sorvete? É, pode, né? Porque eu conheci ele desde pequenininho, deixou, né? Aí ele me achou lá na igreja, eu

já tava vindo embora, ele falou assim, vamos tomar um sorvete comigo? Aí eu falei assim, não, não posso, minha mãe sabe que é a hora que termina a missa, né? Aí ele, não, eu já conversei com ela, ela já sabe. Então tá bom.

00:00:54 Cláudio

Antes, quando eu cheguei lá, eu nem tinha visto ela ainda, quando eu cheguei de férias lá, né? Aí eu cheguei na cidade lá e como eu sempre gostei de cumprimentar todo mundo, as pessoas mais velhas, que gostavam de mim, né? Me conheci desde pequeno. Aí eu fui, tava sentado na calçada, porque o pessoal de lá tem que costumar sentar na calçada, né? Pra conversar. Aí eu sentei na calçada junto com um pessoal lá, uns conhecidos, conheci a mãe dela, o pai, todo mundo. Aí eu vi ela passando na rua, nem sabia quem era, não fazia ideia. Aí eu falei, quem é? Aí eu parei, olhei e falei, quem é aquela moça lá? Aí eu falei, é a filha de Ovídio, do Ovídio, que é o pai dela.

00:01:30 Mari

Meu pai chamou Ovídio.

00:01:31 Cláudio

Aí eu falei, filha do seu Ovídio, mas qual delas? Porque tem muitos irmãos e irmãs. Aham. Tudo bandido.

00:01:37 Mari

Ele tem M&M, bom? Tem. Tem azul?

00:01:42 Cláudio

Caraca, olha... Aí daí... Aí falaram, filha do Ovídio, aí eu falei, nossa, o... Mas qual delas? A Mari, eu falei, a Mari?

00:01:52 Mari

Nossa...

00:01:54 Cláudio

A Mari... Nem lembrava da Mari, pequenininha, sei lá, nem lembrava dela. Aí eu falei, caramba, é essa mesmo. Falei assim, falei pra eles. Caramba, é essa mesmo. Parecia que eu tava esperando mais uma esposa. Aí daí, foi nesse dia que ela falou que eu descí lá na casa da mãe dela depois. Eu tava lá na porta da casa da mãe dela.

00:02:16 Mari

Eu não tava mais.

00:02:17 Cláudio

Aí ela não tava. Aí eu tava na porta assim, escorado na porta, aí conversando com o pai dela e a mãe. Aí de repente ela chegou. Ela passou por mim assim, eu falei, nossa, muito bonita a sua filha, eu vou levar ela pra mim. Eu falei assim pra ele. E não é que deu certo. Aí quando a gente foi no... Aí quando ela... Uma vez eu decidi ir lá pra casa da mãe dela. De férias a gente tem que marcar um negócio vazio. Aí eu falei pra mãe dela assim, a Mari desceu pra igreja, posso encontrar com ela lá? Pode. Posso levar ela pra tomar um

sorvete? Pode, sim. Aí fui, pronto. Depois desse dia a gente começou a namorar.

00:02:56 Mari

Adivinha, ele tinha que voltar pra Campinas. Ele só tava lá, ia fazer oi, 19 dias que tu tava lá em Guarabira? Chama Guarabira a cidade. interior de João Pessoa.

00:03:07 Cláudio

Aí eu falei pra caramba, e agora como é que a gente vai deixar uma coisa certa? A gente gostou, né? Falei que precisava deixar alguma coisa certa, na sério. Aí eu falei pra ela, você quer ficar noivo comigo? Aí ela, quer, minha mãe não vai deixar, meu pai não vai querer muito novo. Dois dias de namoro, ficar noivo é.

00:03:26 Mari

Uma coisa muito inacreditável.

00:03:30 Cláudio

Aí no terceiro dia ia ser É dia dos namorados. Aí a gente ficou.

00:03:37 Mari

Como nome do dia dos namorados.

00:03:38 Cláudio

Comprei essa aliança nessa hora, que ela é forice. Comprei essa aliança e ela falou, minha mãe acho que não vai deixar.

00:03:45 Mari

Dois dias, gente.

00:03:47 Cláudio

Minha mãe vai deixar, mas como a mãe dela me conhecia desde pequenininho, tanto é que eu até hoje chamo a mãe dela de tia.

00:03:55 Mari

Ele chamou minha mãe de tia.

00:03:58 Cláudio

Porque o costume do pessoal do Rio é chamar tia pra todo mundo.

00:04:00 Mari

Ele é carioca.

00:04:01 Cláudio

Aí eu cheguei do Rio lá pequenininho, chamava todo mundo dela tio, tia. Aí eu acostumei. Fiquei achando o prato de ir pra vida toda. Aí ela falou de ganhar, a família toda ficou assim, como assim?

00:04:14 Mari

Aí ele veio embora, me deixou noiva, veio embora pra Campinas, porque ele tinha um outro serviço que era em Santos.

00:04:23 Cláudio

Gerenciar uma loja, ter um projeto.

00:04:25 Mari

E eu fiquei lá. Fiquei lá, esperando ele voltar.

00:04:29 Cláudio

Nesse ano foi tanta carta, tanta telefonema, telegrama... Porque hoje é mais fácil. Ligação, a gente ligava na casa da vizinha pra chamar ela pra conversar comigo.

00:04:39 Mari

É, porque não tinha condições. Naquela época ninguém tinha telefone assim. Ninguém tinha telefone? Ninguém tinha telefone. Não, em detalhe, ele que pagava as ligações, mandava o dinheiro pra lá. E era caríssimo.

00:04:50 Cláudio

Era? Interurbano, né? Ligava o Cláudio José, manda, chama a Mari, daqui a pouco eu ligo de novo. Quando chegar a conta, a senhora manda o valor que eu mando aí pra pagar.

00:05:01 Mari

Ou mandava telegramas, era a época de telegramas, mandava cartões.

00:05:07 Cláudio

Fazia caixa de presente, mandava pra ela lá. Enchia caixa de coisas pra ela, porque a família era bem humilde. Aí colocava tudo coisa que moça usa, ele mandava caixa cheia lá pra ela.

00:05:18 Mari

Na verdade, aí ficamos um ano longe, né? Aí ele voltou em julho de 92. que já estava com o casamento já marcado, ele pagou o vestido, que meu pai não tinha condição e minha mãe também não na época, o bolo, decoração de festa, tudo, ele que bancou. A noiva foi cara.

00:05:39 Cláudio

Ah, isso mesmo. Convite de casamento, eu mandei fazer as condas.

00:05:43 Mari

Meu gato, chegou lá dois dias.

00:05:47 Cláudio

O convite de casamento eu mandei fazer aqui também, mandei numa caixa pra ela distribuir lá pra todo mundo.

00:05:52 Mari

Mas convidou quase a Guarabira inteira. Ai, que lindo! Que ele gostava de ter o prazer de convidar quem ele conhecia.

00:05:59 Cláudio
É, mas foi bacana.

00:06:00 Mari
Foi um momento gostoso, temos algo, tudo, né? Foi muito bom. Era minha época de adolescente. O tempo de hoje infelizmente não é assim.

00:06:14 Cláudio
Depois a gente acabou virando líder de casais. Deus abençoe.

00:06:19 Mari
Obrigada. Hoje nós lidávamos com casais na igreja que hoje nós frequentamos.

00:06:25 Cláudio
Aconselhando os casais.

00:06:29 Mari
É que não foi fácil também. Você fala, ah, esses casados sempre se deram bem. Não, foi difícil. Até porque eu casei sem conhecer ele direito. Ele também sem me conhecer.

00:06:38 Cláudio
Foi assim, né?

00:06:38 Mari
Foi na raça. Fomos lutando. E eu acho que o que prevalece em tudo isso, na lição... Ah, hoje em dia, as pessoas falam que qualquer briguinha se separa. Ah, porque o gênio dela não é igual ao meu, porque o gênio dele não é igual ao meu, não sei o quê. Não é assim.

00:06:53 Cláudio
As pessoas têm que ser... Casas sem compromisso, né?

00:06:54 Mari
E a gente...

00:06:58 Cláudio
E a palavra, né?

00:06:59 Mari
Você sentiu que tinha que ter a palavra com ele. Hoje eles não querem mais.

00:07:05 Cláudio
A gente prometeu no altar de honrar, respeitar até o último dia de vida.

00:07:10 Mari

A gente tá... Teve meus momentos de rebeldia, porque eu era adolescente, era jovem, ele também. Teve meus momentos difíceis de briga um com o outro, até se entender. Hoje em dia você briga aqui, daqui a pouco quer se parar, vai pro lado do outro.

00:07:25 Cláudio

Bem nossa melhor do que ele vive.

00:07:29 Mari

O melhor momento da nossa vida né eu com 49 ele com 56 então assim tamo vivendo um momento já somos agora o melhor momento da vida é.

00:07:38 Cláudio

Agora que nós tamo junto trabalhando e conquistando nossas coisas devagarzinho.

Transcrição – Vitória

00:00:02 Felipe

Acho que tá indo. Beleza. E aí, vou começar por uma pergunta assim, de onde você e a sua família, qual que é a origem de vocês, da sua família?

00:00:19 Vitória

Bom, minha mãe é paulista, que nasceu mais ao norte do país, bem próximo ao Paraná já. Meu pai é mineiro, meu pai é de Montes de Claros, e aí eles se encontraram do lado de lá, no estado de São Paulo, na região de Tupã, Marília, aquela região ali, formaram uma família. Meu pai é um fugitivo político. Meu pai, na época da ditadura, ele fazia parte do movimento sindical rural, lá na cidade dele, e era um movimento muito forte lá na região. Só que naquela época, as pessoas sumiam, desapareciam. Meu pai foi alertado que o nome dele já estava na lista da ditadura. Então, ele resolveu vender um pouco das coisas que tinha. Ele era sitiante, rendava terra. Então, ele vendeu tudo que tinha lá e veio com minha mãe. três filhos, meus três irmãos, para Campinas. E aí foi... eles eram para o nosso lado daqui, ele pagava aluguel, era muito sofrido para eles, e aí eles foram para uma ocupação aqui na beira do rio, e depois ele conseguiu juntar um dinheiro e comprar um espaço numa área verde, que é onde eu nasci, cresci e criei, que é a região chamou hoje Vila Iza, que é uma ocupação que aconteceu no entorno do Vila Nogueira. Isso no final dos anos 60, começo dos anos 70.

00:01:59 Felipe

E aí como é que era essa casa que você nasceu?

00:02:07 Vitória

Eu nasci na beira do rio mesmo, né? E assim, dessa lembrança dessa casa, dessa época da vida deles, eu não me lembro, não me recordo muito. Eu me recordo muito de quando a gente veio morar aqui pra cima, no Vila Nogueira, que é uma ocupação do Vila Isa, e meu pai comprou essa área verde. E meu pai sempre se apropriou muito da... das lutas de moradia. O que eu me lembro muito é que era um terreno muito grande que nós tínhamos, era tipo uma chácara. Então, meu pai plantava de tudo ali também, bananeira. milho, então tinha pé de manga, a gente brincava muito nos pés de manga. Eu tinha casa

na árvore, que era uma amoreira enorme que tinha no quintal, e meu pai fez uma casa na árvore pra mim e pros meus amigos. E aí, uma das lembranças muito fortes que eu tenho do meu pai é porque, por ele eu acho que ser um homem forte, um homem muito respeitado, as mulheres que sofriam algum tipo de violência doméstica eram colocadas perto dele. para que aquelas mulheres não sofressem a violência ou se não eram mulheres que fugiam do marido. Eles meio que fugiam dos maridos violentos e vinham para perto do meu pai para que ele fosse a proteção delas. Do lado da nossa casa havia muitas mães solas que cuidavam dos seus filhos solos. medo do marido e tal, e meu pai era meio que o guardião delas. Só que em 86, meu pai faleceu. E aí ficou minha mãe com quatro filhos, com quatro filhos, e aí ela que tomou pra si a luta do meu pai, começou também a lutar pela moradia. Quando eu tenho essas lembranças assim, Morar em casa de madeira, que telhado quando chovia, a chuva levava. A rua de lama, então a gente ia pra escola com um saquinho de sacolinha nos pés, porque quando a gente chegava na solta, a gente tirava a sacolinha pra poder ir mais limpinho pra escola. Não havia energia elétrica, não havia água. Então, a energia elétrica não existia na rua. A gente tinha os gatos, que se fala que um pegava do outro, pegava do outro. Então, eu via caindo, porque se ligava o deixo-verão, ao mesmo tempo, a energia caía. A água, meus irmãos iam buscar para lavar louça, para lavar roupa, era tudo água da mina, porque nós tínhamos várias minas. E era também difícil, assim, na minha infância. Eu me lembro muito bem disso, assim, do meu irmãozinho buscar. Foi uma vida bem complicada no início. Quando o meu pai era vivo, a vida era difícil, mas era mais confortável. Aí, quando a gente partiu o meu pai, aí ficou uma vida mais difícil, não tinha mais tanto conforto, sabe? Era uma vida mais difícil mesmo de se lidar, assim. A minha mãe foi uma grande guerreira, né? Que ela cuidou dos quatro, ainda ajudou na comunidade e tudo mais. Mas foi muito difícil, depois da porca do meu pai, assim.

00:05:33 Felipe

Entendi. E você falou dos seus quatro, dos seus outros três irmãos, vocês eram em quatro, né?

00:05:40 Vitória

Sim.

00:05:40 Felipe

Aí vocês viviam todos juntos e depois como foi cada um? Indo pra sua própria família? Como é que foi essa?

00:05:48 Vitória

Aí nós éramos em quatro. O mais velho, meu pai morreu e eu acho que, de toda forma, mexeu com cada um de cima. Meu irmão, ele foi para as drogas. O meu irmão virou casqueiro mesmo. Então, a nossa casa, além de ser uma casa muito frágil, era uma casa que não tinha porta, não tinha janela, não tinha as coisas que o meu irmão era usuário. Então, ele quebrava as portas pra entrar nessa casa, pra poder pegar o que tinha de mais valor, pra poder consumir a droga. Então, eu lembro que uma vez a gente veio... minha mãe tava construindo a casa. Trabalho, assim, pra construir a casa de alvenaria. E um cara viu a nossa situação e deu tudo pra minha mãe, porque ele tava reformando a casa dele. E aí ele falou assim, olha, tudo que tirar dessa casa a senhora pode levar. Então era

telhado, era porta, era janela, tudo, tudo, tudo. E era coisas boas, assim, que ele tinha dado. O meu primo foi com o meu irmão, o cara encarregado da obra não tava. O meu primo tinha dinheiro de caminhão, aí não tinha conseguido pegar. Quando... Aí meu irmão viu onde era, meu irmão foi lá, falou em nome da minha mãe, pegou tudo, tudo e vendeu. Foi muito difícil pra conseguir. Quantos anos ele tinha? Tinha vinte, vinte e cinco anos. E aí com vinte e cinco, vinte e seis anos, acho que nele teve a fé da minha mãe, mas também teve a hora de falar assim, se eu ficar aqui ele ia morrer. Aí ele chegou para mim e falou assim, olha, eu quero mudar de vida. Eu quero ir para a casa do tio. O meu tio que ainda morava em Tupã, que é a origem da minha mãe. E a gente só não acreditava mais nele, porque a gente tinha levado ele para a clínica do Rio de Janeiro, ele já tinha vindo a pé e ir embora, fugia de clínica, ele ainda estava no trabalho. E aí minha mãe deu, eu lembro, a minha mãe, ele foi com a roupa do corpo e com o dinheiro da passagem, só para ir. Só dinheiro. Ele foi lá se subir, né? E minha mãe conversava com meu tio, mandava dinheiro pra ele ir pra casa do meu tio, se ele precisasse de alguma coisa, meu tio tinha pra dar suporte, mas não dava dinheiro pra ele. Então, ele foi primeiro a ir embora. E aí, quando ele volta, ele volta casado, ele é homem casado, pai de quatro filhos lindos. Então, ele mudou realmente a vida dele. Aí, o meu outro irmão foi pra Rio muito jovem, foi pai com vinte e dez anos. E aí, também casou e foi embora. E fica ele e minha irmã. E aí, meu pai, como eu falei pra você, faleceu em 86. Ele faleceu no... acidente de trabalho. Ele trabalhava na Sanasa, que é uma autarquia da Prefeitura de Campinas. Ele tinha uma profissão que se chamava valeteiro. Ele abria essas valetas pra passagem de água, de esgoto e tal. E ele foi fazer um dia esse trabalho num lugar muito perigoso, caiu um barranco em cima dele com mais de 30 toneladas de terra e ele morre em acidente de serviço. Isso eu tinha 6 anos, meu irmão mais velho tinha 20, a minha irmã tinha 17, meu irmão tinha 14. E aí, o mais velho começou a usar droga, foi 10 anos usando droga, então ele tinha 20, foi até os 30, ele casou com 32, é isso mesmo. E aí, ele casa, a gente tem esses 10 anos de viver com o vício dele, ele casa, vai embora pra Tupã, casa lá. O mais novo engravida, ele tinha 22 anos e vai, engravida, casa também. É o meu primeiro sobrinho, o Matheus. E eu e a Suça, e foi com a minha mãe. E aí, passou 13 anos, a minha mãe ganhou a indenização dessa casa. Porque até então, meu pai morreu, eles entraram com os absurdos pra não pagar. Aí, minha mãe recebe a indenização e compra esse terreno aqui. É essa casa, casa de cima. Aí a casa que eu morava, que já estava mais ou menos construída, não tinha acabamento, mas estava construída. Fica para o meu irmão que casou, que tinha um filho. Essa casa que a gente está aqui ficou com o meu irmão mais velho. E eu e minha irmã e minha mãe morando na casa de cima. Aí meu irmão em 2013... Não sei se foi em 2011, 2012... 2013 minha irmã casa e vai morar em Cosmópolis. E aí eu fico com a minha mãe. A primeira casa que a gente construiu foi lá na vila, foi lá na ocupação do...

00:10:51 Vera

Mas onde que é? Porque tinha as árvores, tudo. Esse lugar é aqui também?

00:10:55 Vitória

É aqui do lado. É no Anhumas. É no Anhumas. Aqui é na Vila Isa. A gente fez a mudança de carriola mesmo. A minha mãe, ela não queria ir longe, né? Quando a gente recebeu a indenização, ela queria ficar aqui. Ela fincou as raízes dela aqui, então ela queria algum lugar por aqui. E aí, por coincidência, a dona desse terreno estava vendendo e a gente

conseguiu comprar com o dinheiro da indenização. Então, a gente sai da ocupação e vem pra cá. Então, a minha vida inteira eu fui morando nesse território mesmo. Eu cresci aqui e morando aqui. A minha vida inteira eu morando aqui. Eu mudei da Vila Isa pra cá. que era uma ocupação. E aí meu irmão mais novo ficou na casa de ocupação por muitos anos também. Vendeu faz pouco, acho que faz 5, 6 anos que ele vendeu lá. E foi embora também. Mas a gente sempre teve laço aqui mesmo. A gente foi formado aqui, sabe?

00:12:01 Felipe

Entendi. E um pouco dessa... Acho que a relação que você fala das raízes aqui, como é que essa relação com o território, você falou, aqui é onde eu estabeleci minhas raízes, como é que essa relação com a região, até com as pessoas do entorno, como é que é essa história?

00:12:23 Vitória

A gente cresceu na luta. Eu sempre digo que eu fui formada por mulheres, mulheres muito fortes. que foram mulheres à frente do seu tempo, assim. Porque dentro das comunidades, a força vem da mulher. Eu acho que o homem vem com um trabalho braçal e tudo mais, né? A gente tinha... No final dos anos 80 para 90, a gente teve o Antônio da Costa Santos, que foi o divisor de água para essa região aqui. Então, o que era? A gente tinha um... chamava Assembleia do Povo, onde a comunidade se reunia, se organizava, eles faziam mutirões, e aqueles mutirões era que ajudava as comunidades. Então, ele chegou aqui, quando ele chegou no Vila Izi, ele que fez as demarcações de terreno. Então, ele ia lá com uma fita métrica, marcava, olha, esse terreno é esse, o fulano é aquele, e ele que foi fazendo isso. Se fosse eu hoje, talvez o Vila Izi não tivesse acontecido. Porque a gente soterrou uma várzea, a gente soterrou mais seis minas d'água, que era fluente do ribeirão. Hoje eu olho e falo, nossa, pro outro lado era nossa moradia. Então assim, olha que peso ali. Então foi soterrado, a gente passou por soterramento. Então metade do Vila Isa hoje ele é soterrado. E se fosse hoje, talvez eu lutasse ao contrário, porque a minha luta também é pelo meio ambiente, o meio ambiente que a gente vive. mas naquela época a consciência era que tinha que ter moradia, então vamos se aterrar para que tenha moradia. O Toninho foi fundamental nessa época, porque meu pai começou a militar com o Toninho, então assim, eu me lembro muito bem dos domingos, eu era muito pequenininha, devia ter 3, 4 anos, mas eu tenho memórias daqueles domingos como se estivesse acontecendo agora. Eram as mulheres na cozinha cozinhando, e era sempre macarrão, frango e maionese, e arroz, essa era a comida de domingo. Os homens fazendo o trabalho braçal, que era carpir o mato, que era fazer a fundação das casas e as crianças ali, brincando e eu era muito observadora, então observava tudo aquilo ali acontecendo. E aí, isso foi no começo dos anos 80. Em 86, meu pai falece, mas minha mãe continua. E o interessante que a gente cultivou na gente, porque assim, tinha homens que trabalhavam à noite, segurança, tinha guarda noturno aqui. Então, muitos dos nossos moradores, dos homens, trabalhavam nesse guarda noturno. O que eles faziam? Eles não conseguiam, de tia, fazer o trabalho braçal. Então, eles davam dinheiro para que se pudesse fazer o almoço para aqueles que estavam trabalhando. Então, era uma grande colmeia mesmo, sabe? Todo mundo se ajudava, cada um tinha o seu papel ali. naqueles domingos. E eram domingos incríveis. A gente começou com as assembleias de dez, depois era de vinte, depois era de trinta, depois quarenta, cinquenta, cem, duzentas pessoas num domingo. Era incrível. As primeiras

casas que saíram eram todas iguais, eram todas padronizadas, porque a única coisa que se tinha era uma planta. que o Toninho tinha criado, que era de águas. Então, todas as casinhas que você vê de água, que sim, na comunidade, é porque aquilo ali foi o Toninho que fez, e ainda tem, né, as duas caídas de água. E isso foi até de 80 até o começo dos anos 90, né? Então foi um trabalho bem bacana, assim, da comunidade. E aí eu cresci nesse movimento de moradia. E aí, eu fui fazer outras coisas da minha vida, né? Estudei, tive muita dificuldade de aprendizado, porque eu fui diagnosticada com TDAH muito velha, né? Então, tive muita dificuldade. Depois que a gente foi diagnosticada, eu aprendi que eu tinha um transtorno e que eu tinha que trabalhar aquilo. E aí um dia eu me vi assim perdida, não sabia mais o que eu queria fazer, tudo que eu já tinha feito. Já tinha preenchido, mas faltava alguma coisa. E aí, eu andando na comunidade, eu comecei a ver que precisava de mais. Não era só mais moradia, então, que a gente precisava voltar. A gente ainda tinha esgoto a céu aberto. As ruas ainda não eram iluminadas. A gente tinha muita coisa pra conquistar. E aí, foi quando eu entrei, realmente, num movimento de moradia. Isso com 18, 20 anos. E aí, tô nela até hoje, nessa luta até hoje. Então, a comunidade me forjou, né? Eu fui forjada na comunidade. Porque eu vi meus pais, eu vi os meus vizinhos, eu vi os amigos, tudo ali dentro desse movimento. E eu cresci com isso, e quando chegou a minha vez, eu falei, não, também quero fazer parte dessa mudança. E a gente conquistou algumas coisas. Tem muito ainda pra conquistar, mas a gente avançou muito aqui. A gente fez muita coisa.

00:18:02 Felipe

E como é que foi daquele processo para hoje? O que você enxerga que foram acontecendo de mudanças tanto de relação da comunidade com essa parte de luta por moradia, com essa união de você ter todos engajados ali? Como é que isso fez se transformando até hoje?

00:18:23 Vitória

Então, eu vejo que tem uma mudança que eu acho muito drástica. Primeiro que aqui nos anos 90 era uma comunidade Muito. Muito violento. Sabe? Se você for ver... tem poucos jovens da minha idade... na minha comunidade. Como eu falei para vocês, meu irmão foi um... um cara que... ele teve o clique de falar... se eu não sair, eu vou para a cadeia... ou eu vou morrer. Então, eu preciso mudar. E ele conseguiu mudar. Mas muitos dos nossos não conseguiam. Eu tive amigos mortos de formas horríveis... assim, eu tenho traumas de mortes, assim, de amigos que a gente brincou a infância inteira e que teve uma morte super violenta, e não foi um, nem dois, nem três. Ou eles morriam na mão do traficante, eles morriam na mão da polícia. Era essa a nossa realidade até o final dos anos 2000, né? Então, eu e meus irmãos sobrevivemos a tudo isso, nós somos sobreviventes mesmo, porque a gente sobreviveu a uma época que era uma guerra... que eles falam que é contra a droga, mas a guerra era só para acabar com a gente mesmo. Era um extermínio da juventude mesmo. Isso é muito claro para a gente, sabe, Filipe? Então, eu olho e falo, nossa, sobrevivi a isso, porque era um caos mesmo. Era de ter cinco mortes num dia, assim, jogadas no corpo, jogadas no rio, e a gente crescer com aquilo. E aí... A nossa vida, como eu falei, era muito difícil, mas aí nossos pais foram conseguindo, foram conquistando. Eu tenho uma carta que eu não achei, porque eu ainda tô com muita coisa lá em cima, mas eu queria mostrar pra vocês, eu vou achar e vou mostrar pra vocês. Era o prefeito Magalhães Teixeira agradecendo o meu pai pela luta por energia elétrica. E aí

ele tá agradecendo, olha, seu Manoel Viana, pelo seu trabalho, então quero agradecer a vocês, que a partir de tal tempo vai ser colocado os postos de energia. Então, a primeira vez que teve energia elétrica na rua, eu lembro que foi uma festa assim, sabe? Tudo clarinho, você saindo assim, equilibrei o que era, de repente tá tudo claro, tudo bonito, né? E depois veio o asfalto, veio o saneamento básico, veio o asfalto, veio a água regularizada, isso deu uma dignidade. E dá uma dignidade pra gente, né? Porque meus pais, quando iam procurar emprego, não podiam dar o endereço da nossa comunidade, porque naquela época era favela, era favelado, era discriminado. Então, eles não conseguiam emprego. Então, se fosse fazer um crediário, tinha que pegar o amigo e dar o endereço da casa do amigo, porque não podia dar da comunidade, sabe? Porque tinha essa discriminação. De repente, hoje, a favela começou até a ter outras mudanças. E hoje eu vejo que essa nova geração, eles não têm mais essa mesma preocupação, entendeu? Se você chegar na comunidade e falar, gente, esse campo não tá legal, vamos fazer uma mobilização. Eles nem sabem o que é. Eles nem sabem para que serve, sabe? E eles não valorizam a luta dos que antecederam, porque não fazem ideia de como aquilo foi duro, sabe? Eu acho que a minha geração, a gente não tem mais, porque muitos morreram, né? Os que sobreviveram não moram mais aqui, não estão mais aqui. E os que estão não fazem ideia da luta que foi, para que isso se tornasse o que é hoje, sabe? Então, eu acho que falta muita consciência de classe, assim. Acho que a gente tem consciência de classe porque nós tivemos pais que estavam na luta de realmente, né? E acho que isso acabou. Isso é muito... E aí você vai no centro de saúde e não tem as coisas, aí é ônibus que passa de uma em uma hora, mas que as pessoas não estão mais disponível para fazer a luta, sabe? Eu acho que é uma geração que não está disponível mais, que não entende, que não quer entender. que quer lacrar na internet, quer falar bonitinho na internet, mas se você for convidar ele para fazer parte do mundo real, quer ir lá, fazer um protesto, protestar, não vão, sabe? Porque não conhece, porque não sabe a luta que se foi hoje. Se vê assim, acha que foi tudo muito fácil, né? Ah, sempre existiu, sempre teve aí. Não é verdade, porque teve muita, muita luta mesmo para se conseguir tudo que se tem hoje. E ainda quando eu, com 20, 18, 20 anos, quando eu tive esse olhar, Eu ainda tinha os mais velhos, eu era a mais nova deles. Eu acho muito engraçado, porque vocês não chegaram a conhecer o Sr. Tião. O Sr. Tião andava com uma pá, ele era conselheiro de tudo que vocês possam imaginar. Era conselheiro do condena, ele era conselheiro da habitação, da saúde, e ele me levava. E ele tinha uma pastinha e eu falava, Onde ele ia, ele levava aquela pastinha. Se ele visse um secretário, ele cobrava. Um vereador estava com a pastinha, ele sabia cobrar. E hoje eu sou sutiã, sabe? Só que eu não vejo, eu não consigo ver um jovem que esteja com a disposição de fazer essa luta. Então, isso me preocupa, porque como que a gente faz a luta agora? Se ninguém quer se mover mais. Os que fizeram já não estão mais aqui. Os que estiveram, que participaram da luta, também já estão cansados. Porque fazer a luta também cansa, né? E eles, querendo ou não, eles alcançaram muitas coisas, eles fizeram muitas coisas. Se a gente for ver o PAC-1, o PAC-2, o próprio Vila Isa, o Cafezinho, os Gênesis. Os Gênesis se chamavam Inferninho. O nome dos Gênesis era Inferninho, que era o pior lugar pra se morar. Os Gênesis eram pela fita. Eram as pessoas que moravam no brejo, E eram palafitas, sabe o Cubatão? Já viu o Cubatão? Aquelas favelas de palafita do Cubatão. O Gênesis era assim. O Gênesis era daquele jeito. A gente andava pelo Gênesis em cima dos palafitas. Eram umas vielas de palafitas. Aí, quando o Toninho ganha, a gente passa por uma grande enchente. Uma enchente muito... que arrasou mesmo, assim. A gente tinha passado já por uma enchente

em 92, e aí o Antônio assume em 2000, é isso? É, 2000. No início de 2000 teve uma enchente assim, pavorosa, e o Antônio veio e falou, não, vamos mudar. E aí em seis meses ele mandou literalmente a realidade das suas sombras. Então, era esquema de mutirão também, onde a COHAB, que é a Secretaria de Habitação, doava os materiais de construção. Existia aquela planta do Toninho, que era duas casas com a água caída. Então, uma família ajudava, no final da semana ajudava uma, no final ajudava a outra, e a gente... Foi construído. E aí ele chegou naquele dia e falou assim, não, não pode ser mais um inferno nenhum. Não aceito que seja um inferno nenhum, então não vai sair do inferno e a gente vai pro começo. Começo é Gênesis, então a gente vai pra Gênesis porque é o começo de tudo. Tudo vai começar e tudo se fez novo. Que é uma frase que tem lá em Gênesis, acho que é uma das primeiras frases. Então, tudo que se fez novo. E isso eu tava presente. Estava ouvindo a boca do prefeito dizendo isso. Ele falou, não, então não pode ser mais uniforme. Então, tudo se fez novo. Se tudo se fez novo, é genes. Então, no começo, a gente vai começar. E aí, foi realmente o começo. Tá arrepiando de falar, porque... Nossa! Foi o início dos genes, do cafezinho, e aí começou a organização de verdade naquelas comunidades.

00:26:30 Felipe

Caramba! Nossa, é potente também.

00:26:36 Vitória

A gente era de uma luta, se falasse, vai ter reunião às 5 horas da tarde, as pessoas saíam daqui e iam a pé para a prefeitura, a pé. Eles chegavam em casa meia-noite porque eles voltavam a pé. E eles eram movidos por uma coisa que eu acho que é o que falta, a mudança real. Eles eram movidos. Para eles, a minha sobrevivência é a única coisa que vai me fazer ficar aqui, então eu tenho que lutar. Não eram os dois, era todo mundo. Era todo mundo muito movido. E hoje eu acho que as pessoas olham que já tenho água, eu já tenho esgoto, eu já tenho energia elétrica, pra que eu vou voltar? Pra que mais, né? Então não tem mais essa preocupação. Eu lembro assim que quando teve em 2006, teve também uma enchente bem grande, que a gente levou o pessoal pra Olímpia, né? Eu me arrependo. Eu preciso falar pra você qual é a coisa que você mais se arrepende. Foi de ter convencido as pessoas a irem pra lá. Eu tenho essa... Eu acho que... Eu sempre quero melhorar a vida deles lá e sempre que eles me pedem alguma coisa eu quero fazer. Porque eu acho que eu tenho essa... Eu levo essa culpa, né? Porque eu era que ia... Falava que ia tirar as pessoas daqui, as pessoas desmaiavam. E eu ia lá e convencia elas, falando, não, vai ser bom pra você. Você não vai correr mais risco. E verdade, não corre mais risco, eles estão em segurança, mas foram deixados lá de qualquer jeito. Só foi colocado lá, tipo assim, eu quero me livrar do problema, eu vou levar o problema pra longe, eu não vejo, não escuto, não ouço, então tá tudo certo. Foi isso que aconteceu quando a gente foi pro Vila Olímpia. Quando dá todos os problemas do Vila Olímpia e quando vem fazer o projeto para o Parque 1, Parque 2, como isso foi diferente, sabe? Da gente negociar e de falar, não, a gente quer que fique aqui porque dá para ficar, porque dá para urbanizar e deu, né? E aí tá aí, são 600 famílias locadas no mesmo lugar de origem, que não precisou ter essa coisa brusca de levar para um outro lugar, que não tinha escola, não tinha creche, não tinha centro de saúde. Aí ia para a escola de lá, as pessoas não queriam porque faziam parte daqui. Nossa, que inferno que foi essa mudança, sabe? Como foi difícil. Então, um dos meus arrependimentos de estar aqui foi

levar o povo para a Olímpia, mesmo sabendo que lá eles estavam em segurança, por que que eles não estavam? Por que que eles eram ouvidos lá? ele já não tinha mais rosto. A gente teve que fechar a rodovia para ter ônibus, aí teve que fechar o centro de saúde lá para que tivesse ampliação do quadro de funcionário e ampliação do centro de saúde. Era um ônibus que eles pegavam as crianças, olha que loucura, pegavam as crianças lá a 30 quilômetros para trazer para a escola aqui. É fora do bebê. Vinha bebê pra vir pras creches aqui, sabe? Tá sendo... É uma... ficou um horror, assim. Então... É, hoje que eu vejo que as pessoas se acomodaram naquilo. Tá bom. Tá ruim, mas tá bom. Então... Ah, mas o Poder Público tem que fazer. Ah, mas se você não for lá espertar, não vai fazer. Ah, mas se eles não fizer também, ah, tá bom. Então, eu acho que é porque... é isso, eles não... essa geração que aqui está não foi a geração que começou tudo isso, sabe? Essa geração já morreu, já estão cansadas e os que estão não fez parte disso. Então, não entende a importância disso estar fazendo parte.

00:30:37 Felipe

E como você enxerga, tipo, os seus próximos passos nessa luta aqui? vem de décadas, desde quando você nasceu, quando você enxerga o futuro? A partir dessa perspectiva que você tá trazendo, que é tão desafiadora.

00:30:54 Vitória

Então, eu tenho pensado nisso há muito tempo, porque eu tenho ficado adoecida, né? E aí, assim, a minha mãe fala que aqui a gente mora em Curva de Rio, Então, se precisa de uma assistência social, o caso não dá conta, é a Cássia. Ah, eu tô precisando de uma cesta básica, é a Cássia. Tudo é aqui. Aqui eu sou advogada, sou psicóloga, sou terapeuta, sou tudo aqui. E hoje eu não vejo mais pessoas com essa vontade, com esse ânimo. Então, o que vai ser dessa comunidade? Você entende? A minha preocupação é isso. O que vai ser? Quem que vai poder falar por eles? Eu lembro que na pandemia a gente levava, quando eu levava o sexta básica, uma vez a moça senhora falou pra mim, Cássia, você é a voz que nós temos, porque aqui a gente pode gritar, gritar, gritar, ninguém ouve. Você consegue sair daqui e levar a nossa voz lá pra fora. E é isso, Capadócia é isso, né? É um buraco, tá todo mundo ali, mundo ferrado, eles podem gritar, berrar, ninguém vai ouvir. que esteja fora da bolha para poder levar o grito deles. Isso me preocupa, porque hoje eu não vejo e não vejo porque as pessoas não querem se envolver. E aí por quê? Por comodismo? Porque não entendem da luta? Porque não querem? Não sei. Então, hoje eu vejo com muita preocupação e não vejo que é só aqui, eu vejo que Nós não estamos mais formando liderança, não tem mais liderança sendo formada. Eu como liderança, eu pude ir para Brasília, eu pude ir para Fortaleza, eu fui para tantos lugares, eu conheci tanta gente, eu conheci gente do Peru que faz luta de moradia, eu conheci tanta gente interessante e me formei, e dou graças ao movimento por ser a mulher que eu me formei hoje, mas o movimento não formou mais ninguém. Então, eu tenho medo que a luta acabe pelo desinteresse mesmo das pessoas, dos jovens que estão ali, porque não tem esse interesse, sabe? São jovens que querem ficar ali atrás de uma tela, mas que não entendem do mundo real, do que é real, do que realmente é a mudança, sabe? Porque a tela é legal, eu também acho que é legal. Bem, acho que é revolucionário, mas ela não faz luta. Ela faz uma luta dentro de uma bolha que você tem. É, incomoda. Você não sai para a verdade ali, para o que é real, sabe? É uma coisa muito mais fácil do que você... A gente já estava brincando com uma outra amiga

minha, que é lá no Campo Belo, e a gente falou assim, mano, se a gente pegar essa molecada e levar elas para ficar três dias em Brasília, Dormindo numa nega rinxá, com o edredonzinho só, dividindo um cafezinho. Eles não dormiam meia hora. Não, não, brincadeira. Nem a viagem aqui pra lá. Acho que chega aqui e em Ribeirão Preto já vão querer voltar pra casa. Porque, né? A gente leva 18 horas, 20 horas pra chegar em Brasília de ônibus, né? Quantas vezes a gente não foi? E foi bom, foi um aprendizado super bacana, que valeu muito a pena, sou muito grata pelo movimento de ter me proporcionado isso. Mas e essa galera? Porque os problemas estão aí, não adianta falar assim, mas eles não têm interesse? Porque se não tem mais esses problemas, tem. Olha lá, vamos pegar o Gênesis, aquela ocupação do lado do Gênesis, eles não vão poder ficar lá. Vão pra onde? Como é que era o seu nome? Do APP, do APP A1.

00:35:01 Vera

Ah, aquela faixa.

00:35:02 Vitória

Aquela faixa. Aquela ocupação. Não existia. Até 10 anos atrás, você começou com a gente, você foi uma dessas primeiras... Você testemunha viva de que aquilo ali não existia. Hoje vocês são o quê? Eu, por baixo ali, são 800 famílias. Vão pra onde? E aí, não tem luta? Tem, né? Por que que não lutam? Sabe? Por que não saem de casa? Porque na geração dos meus pais, eles não se incomodavam. Porque sabem que não vão ficar ali. Eles têm essa consciência. Mas por que eles não vão pra luta pra conseguir algo melhor, sabe? Pra dizer assim, não, eu quero. Eu mereço ter dignidade. Por que não vão? Sabe? O que é vendido pra esse povo? Porque a luta tem, cês tão vendo? Por que não fazem essa luta? Então, não sei. Não vejo de verdade. Eu vejo com muito receio e com muito medo do que possa ser daqui a 10 anos. Porque daqui a 10 anos aquilo lá vai estar pior. Entendeu? Então, assim, a tendência é só piorar. Não vejo melhora. E porque? As pessoas não querem se envolver nisso. Aí você vai num capa doce, os caras estão dentro de um prédio que tiraram as colunas que pode cair. Pode acontecer o que aconteceu no Rio de Janeiro. Por que tá lá? Olha... E esse é meu medo, meu receio de que eu acho que daqui a 10 anos as coisas vão estar muito pior. Não é por conta de político, não é por conta de políticas públicas, é porque as pessoas realmente se acomodaram. As pessoas não têm interesse mais de buscar melhorar algo, porque elas acham que vai cair do céu e a luta nunca cai do céu. Eu aprendi isso nos meus 20 anos de caminhada, que nada vem de graça. Nada bem sozinho, né? Como dizia um amigo meu, não existe almoço grátis. Estou te dando almoço porque te quero alguma coisa, né? Então, eu vejo com muito receio o que pode acontecer daqui a 10 anos. Eu acho que as coisas vão estar muito piores. Não vai ser por falta de políticas públicas, mas por falta de lideranças que não vão saber como levar a situação mesmo, de como vai fazer a situação.

00:37:23 Felipe

E aí, retornando até um pouco pra essa parte da sua casa, da residência da sua família, falando da sua residência. vocês compraram, depois se disse da indenização e tudo mais pra você e pra sua irmã. A casa, depois vocês aí, você na sua, vocês fizeram algum tipo de reformas, aumentaram?

00:37:51 Vitória

Sim, a casa, esse terreno a gente comprou, essa casa já existia, essa casa tem que ser aumentada. Essa que vocês... A de cima, ela era só um... A senhora que comprou, ela é uma senhora sozinha que tinha um sonho de fazer uma casa de novela, mas quando ela pega a planta e você olha para o que ela projetou, é totalmente diferente. Eu acho que ela... enfim. E a casa era um grande esqueleto, então a gente que rebocou, foi a gente que colocou o piso, foi a gente que fez os banheiros, tudo foi a gente que fez, mas ela era um grande esqueleto e a gente foi colocando o piso do jeito que a gente queria. A gente fez a casa do jeito que a gente sonhava, assim, com as condições que naquela época a gente podia. A casa de lá era a gente... Aquela casa da comunidade é uma casa que a gente tem... Eu tenho muito carinho, assim, tipo... A gente tinha dinheiro pra comprar um tijolo pra por lá, assim. Acho que o mais significativo foi quando a gente fez a lá. A gente teve dinheiro pra laje, que era muita grana, a gente não tinha. Mas a gente conseguiu dinheiro pra laje. Minha irmã perdeu o emprego, acho que foi a indenização, ela comprou tijolo. Mas a gente não tinha dinheiro pra pagar o pedreiro. Ou comprava a laje, ou você comprava. E aí um vô da minha amiga, que era o nosso vizinho assim, olhou e falou, ó, vou te dar férias. Na minha férias eu vou ajudar vocês a pôr a laje, porque eu sei por a laje. Só que tem um porém. Eu não consigo fazer sozinha. Eu vou precisar de um pedreiro, de uma ajuda de um servente. Isso não tinha dinheiro pra pagar. Aí a minha mãe, a gente virou o serviço de pedreiro. Então, a gente colocou a loja da casa inteira junto com os amigos, com os nossos dois amigos. E aí, no dia de pôr o concreto na loja, é aquele básico, né? Aqui de churrascão. Então, os rapazes da comunidade veio, ajudou a colocar a loja. depois no final, sabe? Aquela casa tem muita história, tem suor da gente mesmo. A gente acho que valorizou ela tanto porque a gente tinha coisa nossa ali. E ali também, a gente começou desde a fundação até... E foi uma planta do Toninho. Só que o meu irmão olhou, meu irmão mais novo olhou e falou, mãe, mas se a gente virar... Porque a planta do Toninho era pra dois quartos. Aí meu irmão falou assim, se a gente virar assim, a gente deixa um corredor só aqui e dá pra gente fazer três quartos. E aí eu falei, será? Será? E aí eu vou pro Pedro, porque não tem aqui dentro, né? A gente tem aqui dentro. Tem engenheiro, né? Mas mesmo. E aí eu levo pro rapaz um carregador e falo, nossa, cara, é verdade, se a gente virar esse daqui, Aí faz assim, assim, dá três quartos. E aí lá começou a ser construído três quartos através do projeto do meu irmão. Porque aí uma peça não... Ah, deu certo! Na lá do irmão eu vou fazer aqui também. Então, a planta principal era do Toninho, que era a qual a abe fornecia pra gente, só que o meu irmão mudou ela de lado e aí fez três quartos de vez dois. Fez três. Uma graça dela. A casa ficou muito bonitinha.

00:41:31 Vera

Tá lá?

00:41:32 Vitória

Tá lá. Hoje ela tem modificações, porque o meu irmão, né? Meu irmão esse que mudou. Aí, agora, ele... Ele fez um salão em cima, porque ele precisava trabalhar. Então, ele fez uma fundação e fez um salão em cima. Ele vendeu.

00:41:47 Vera

Tá, mas ele, tudo isso ele fez?

00:41:49 Vitória

Tá lá ainda. A casa existe. A casa de 374 da Rua José Ramon Aboim Gomes.

00:41:56 Felipe

Caramba. E até falando, por exemplo, da sua casa assim, você enxerga, por exemplo, outras coisas que você gostaria de fazer, o que você gostaria que tivesse a mais, o que você sonha, por exemplo, com relação a onde você mora, sabe?

00:42:17 Vitória

Nossa, eu amo mexer nas coisas, né? Eu tô quieta, mas eu podia pintar ali, eu podia fazer... Aqui é bem a vontade, eu não sei se eu vou conseguir, eu quero fazer mais quartos, porque aqui a gente só tem quarto, e eu tenho uma criança adolescente que ele quer privacidade, a gente que também quer, né? E aí, assim, eu queria construir mais um quarto. De que maneira fazer isso? Não sei. Daí a gente já fica planejando, ah, se a gente botar laje aqui, Aí, só uma escada aqui e faz o comando lá em cima. Ou se pular a parede aqui, botar uma porta aqui, fazer tipo um corredor e usar a casa de cima, né? Porque ali é um porão, que era onde eu morava antes, que tá fechado agora. Então, eu fico imaginando se eu abrir aqui, uma porta aqui, mais três cômodos pra lá. Imaginação vai, né? Se eu vou fazer, eu não sei.

00:43:16 Vera

É mais espaço que você pensa?

00:43:17 Felipe

Mais espaço.

00:43:18 Vitória

Eu quero mais espaço. Até por mais conforto também, né? Eu gosto muito dessa casa aqui, mas eu acho que tipo a sala, eu acho que é pequena. A cozinha, eu acho que o tamanho dela é bacana, mas eu acho que a sala é bem menor. Porque é uma casa antiga de 50 anos, né? Então, o modelo dela é diferente do que a gente tem hoje, né? E hoje também as materiais são mais... a gente tem outros tipos de materiais que pode ser usado, né? Então, se eu pudesse, hoje eu ampliaria, assim. Tem aluguel lá? Não.

00:43:53 Vera

Mas vocês vão... vocês querem que tenha aluguel, outra coisa ou não?

00:43:57 Vitória

Alugar a gente nunca mais. Porque as casas foram alugadas. Essa daqui a gente rodava.

00:44:01 Vera

E você morava lá?

00:44:02 Vitória

Eu morava lá. E essa daqui, dona de pandemia, a gente já alugou. Os caras destruíram essa casa de uma forma, que o dinheiro que o filho da mãe pagou de aluguel pra mim,

não pagou o que eu tive que fazer nela, entendeu? Então, assim, não vi vantagem, entendeu? Não vi vantagem, porque os caras destruíram, simplesmente, aqui. Ficou totalmente destruído. Eu tive que reformar ela praticamente inteira. E até hoje ainda tem prejuízo, porque aí sobe e vê que tá faltando não sei o que, aí não sei o que e falta não sei o que. Olha, uma dor de cabeça imensa, assim. Então, a gente tirou que alugar não vale a pena, sabe? Não vale. De verdade, não vale a pena. Então, a gente, ela tá fechada, ela tá como um depósito. De repente, é só vontade. De repente, sei lá, sabe? Porque lá são três cômodos também, um quarto, sala, cozinha. De incluir, fazer assim, sei lá, uma salona daqui pra lá, e aí ter mais dois quartos lá, com esse aqui, ficaria três, não sei. Porque sair daqui é muito difícil, porque minha mãe tem, como eu falei, minha mãe tem raízes, e ela não vai querer sair de uma coisa dela pra ir pagar aluguel, ela vai querer ficar aqui, então... Como eu tirei que vou ser acompanhante dela até os 150 anos dela, eu vou ter que ficar aqui também. Querendo ou não, a minha vivência vai ter que ser aqui, né?

00:45:36 Felipe

E pra você, já que você tocou nesse assunto, e pra você, assim, você... como é que suas raízes estejam aqui? Se você tivesse que falar...

00:45:45 Vitória

Eu já tinha ido.

00:45:45 Felipe

Já tinha ido?

00:45:46 Vitória

Já. Tenho muita vontade de sair, sabe? Eu falo assim, acho que tudo que o fruto que eu podia dar nessa terra, eu já dei. Então, de repente, eu queria experimentar outros frutos, ir para outros lugares, sabe? Eu tenho essa vontade. Não fiz ainda muito por conta da minha mãe, de uma história que ela tem com essa casa dela, que ela comprou, que estou com tanto sacrifício, né? Então, é mais uma história dela, uma trajetória dela do que a minha. Eu quero escrever a minha e a minha não. Eu não me vejo aqui. Se for para eu escrever minha história, eu não me vejo mais aqui. Eu acho que tudo que eu tinha que fazer, eu já fiz, sabe? Tudo que eu tinha que conquistar aqui, eu já conquistei. Então, eu queria ir para outras áreas. Eu tenho vontade de voar para longe daqui.

00:46:40 Felipe

Até pensando em... Em outros espaços, né? Por exemplo, você sente a necessidade de ter mais espaços livres? Aqui você falou dos cômodos, por exemplo, para aumentar e não sei o que, mas espaço livre da casa, espaço para plantas, essas coisas, eu vi que tem um jardim ainda à frente.

00:46:56 Vitória

Ela tem tanta erva. Essas orquídeas, essas coisas, é tudo dela. Ela ama cuidar. E aí ela faz do jeitinho dela, o jardim dela. Se ela puder pôr planta, o meu filho lá faz. Pode ver o plastiquinho, assim, ah, só.

00:47:13 Felipe

Plantar aqui... E até pensando, por exemplo, é... Quais, por exemplo, como é que hoje são vocês três na casa, né?

00:47:30 Vitória

Sim.

00:47:31 Felipe

Como é que é, por exemplo, Por falar em você, o seu hábito com relação a casa, o cômodo que você mais fica, o lugar que você mais gosta da casa, como é o seu hábito diário nessa relação?

00:47:47 Vitória

Eu não tenho muito um cômodo que eu mais gosto de ficar, sabe? Eu gosto da cozinha, porque eu gosto de estar mexendo, fazendo bolo, fazendo alguma coisa, mas eu gosto também muito do meu quarto, eu gosto muito de silêncio. É por causa do TDAH, o barulho me incomoda muito, então eu gosto muito de silêncio. Então, às vezes, eles estão aqui na televisão, eu gosto de estar no meu quarto, lendo meu livro ou fazendo minhas pesquisas, mas no silêncio. Tanto é que se eu estudo, eu estudo de madrugada, porque aí não tem barulho nenhum, silêncio total e é onde eu consigo me concentrar, é onde eu consigo... Então, às vezes, se é uma, duas, três horas da manhã, eu tô estudando aqui. Então, a televisão pode estar até ligada, mas ela tá sem som e eu tô estudando. Isso acontece muito. Na época de agora, que agora tem provas, eu fico estudando no mesmo lugar. E aí eu vou dormir 5 horas da manhã, 4 horas da manhã. Que eu gosto mesmo, mas 9 horas eu já tô de pé, pronta pra ir trabalhar, pra fazer o que eu tenho que fazer. Mas, assim, um espaço hoje na casa eu não tenho. Até porque a casa é pequena também. É tudo, é tudo. Entendeu?

00:49:01 Felipe

Entendi.

00:49:03 Vitória

Agora, assim, vontade, mas igual lá no fundo de fazer, de repente, uma aragumê pra receber os amigos, sabe? Eu gosto de casa cheia, eu gosto de casa que tem movimento. Eu gosto de receber. Eu gosto muito de receber. Então, eu queria uma casa confortável pra que eu pudesse receber os amigos, assim, sabe?

00:49:25 Felipe

E, por exemplo, sua mãe, o seu filho, você acha que qual que seria o ambiente que eles mais preferem da casa, por exemplo?

00:49:34 Vitória

Eu acho que o meu espaço dele é a sala, pra ficar ali os games, as coisas dele. E minha mãe, eu acho que é o quarto, que é onde ela faz o tricô dela. Ou a sala também, que ela gosta de fazer os tricôs dela, os tapetes e tudo mais. Eu acho.

00:49:49 Felipe

E... Deixa eu perguntar aqui, é... O seu tempo livre em casa, o que você mais gosta de fazer?

00:50:01 Vitória

Eu gosto de ler, eu leio bastante.

00:50:03 Felipe

Você gosta de estudar?

00:50:04 Vitória

É, estudar, ler. E eu fico muito em casa. Eu sou capaz de ficar três dias dentro de casa, assim, nem importando, assim. Porque eu gosto muito de ficar em casa. Eu já passei daquela fase de gostar de barulho, de gostar de coisas, sabe? Então, isso é só de falar, ai, cara, se eu vou num tal lugar... O pagode! Ai, que canseira! Já tô cansada só de você falar pagode, sabe?

00:50:29 Felipe

Nossa!

00:50:31 Vitória

Então, eu sou uma pessoa de... Eu sou a tiazinha, cara, só faltam os gatos, que ainda não tem, mas eu sou a tiazinha dos gatos, porque não tenho muita paciência a mais pra ir na escola. Não tenho mais tanta paciência mais pra ir nos lugares. Eu gosto da minha casa, de verdade.

00:50:50 Vera

Você gosta da minha casa?

00:50:51 Vitória

Eu gosto da minha casa. Eu posso sair pra qualquer lugar, ir no melhor hotel, ir na melhor casa, não sei o quê. Ai, eu gosto de ir na minha casa, sabe? Tem amigas que falam, ah, então hoje eu vou fazer um churrasco, vai ter não sei o quê, não sei o quê. Mas você dorme aqui em casa? Eu falo, não, eu vou dormir na minha casa. Ah, mas você... Não, pode ser às 5h da manhã, amada, mas eu vou dormir na minha casa. A noite vai terminar na minha casa, na minha cama, nas minhas coisas, entendeu? Eu não gosto. Eu amo minha casa. Eu amo de paixão mesmo, de verdade.

00:51:24 Felipe

Você sente ela muito acolhedora dessa forma que se enxerga?

00:51:28 Vitória

Ah, eu sinto. Aqui é onde eu me sinto... É a minha parte segura mesmo, assim, sabe? De saber que eu posso ir para qualquer lugar no mundo, mas eu vou ter minha casa, sabe? É isso. Eu adoro viajar, mas eu adoro voltar. Eu acho que eu gosto mais de voltar e eu acho que eu viajo mais porque eu gosto de voltar.

00:51:50 Felipe

É... Deixa eu ver... O que... E pra... Pensando até o que você sente de felicidade com relação à casa, o que você acha que contribui mais pra sentir essa sensação de bem-estar, de conforto, de você sair e querer logo voltar pra cá? O que você acha que te...

00:52:10 Vitória

Eu não sei. Eu acho que é segurança mesmo, de algum lugar que é meu, né? Porque aí aqui eu posso... eu não gostei daquilo, eu mudo, eu vou pra cá, sabe? De ter a liberdade de ser quem você é mesmo. Por mais que lá fora eu sou o que sou, eu ainda tenho os traços que a sociedade me obriga a ser. Dentro da minha casa não, dentro da minha casa eu posso torcer pro time A ser, ainda mais agora que tem essa polaridade, que você não pode ser assim porque senão você é daqui, que você não pode ser assado porque senão você é do outro lado. E aqui eu posso ser o que eu quiser, eu tenho a liberdade de ser quem eu quiser, de falar as besteiras que eu quiser pra quem eu quiser. Eu recebo o que eu quiser, porque às vezes no trabalho é sobre ada, receber o que você não topa. Aqui não, aqui é meu espaço, aqui é meu domínio, aqui é meu país, aqui é meu reinado. É sua irmã, né? Então, eu acho que é isso. A liberdade de ser quem eu quiser aqui dentro. E de ter aqui dentro quem eu quero também. De conviver com quem eu quero.

00:53:17 Felipe

Tem algum espaço que você, por exemplo, dentro aqui, a outra casa, que você acha que é o lugar assim, o menos agradável? Talvez, dentro de todos, você fala, aqui eu não fico tanto, não sei.

00:53:28 Vitória

Não, aqui não. Aqui é todos os lugares. Tanto aqui quanto na casa de cima também. A casa de cima eu acho que é um refúgio, assim, sabe? Porque lá é onde tem a máquina de costura, é lá em cima, porque não deu pra trazer toda a bagunça pra cá, então... Então eu também gosto de ir lá, sabe? É um lugar onde, sei lá, eu faço as minhas artes, eu faço as costuras, eu faço umas... Aqui é o.

00:53:58 Vera

Lugar que vocês usam, então, não é que tá fechado. Parece parte da casa.

00:54:02 Vitória

Parece parte da casa. Tem muita coisa lá.

00:54:04 Vera

A minha dúvida foi ajudar essa parede pra aumentar, mas...

00:54:06 Felipe

É que tem o sótão aqui, né?

00:54:08 Vitória

Tem o porão. Porque, assim, a gente morava lá. E aí, lá, fui empolhando, porque a gente tem muita bagunça. E aí a gente meio que deixou a bagunça lá e montou uma casa aqui. E essa casa, ela é praticamente... Lá é uma casa. As camas antigas estão lá. O guarda-roupa ainda tá lá. A única coisa que a gente trouxe de lá foi a cozinha. Mas a sala tá lá.

Então tá tudo lá. Agora tá mais empacotado porque teve um amigo meu que se desfez de um apartamento em São Paulo e pediu pra guardar algumas coisas aqui. Mas ele usa só um espaço, mas o quarto, o quartinho da bagunça tá tudo lá.

00:54:51 Vera

Mas você nunca dorme lá?

00:54:52 Vitória

Não. É que quando a gente mudou, eu quis um quarto novo. Então, eu comprei guarda-roupa novo, cama nova, tudo novo aqui embaixo. Isso é importante. É, tá um pertencimento maior, eu acho, assim, de as coisas, elas lá estão...

00:55:09 Vera

Tem uma passagem, então?

00:55:11 Vitória

Não, a gente tem que... Uma passagem? Sim, tem. Eu precisava disso, inclusive.

00:55:17 Felipe

Mas aí você tem que sair pela rua?

00:55:21 Vitória

É. Aí eu saio aqui, vou lá... Parece que aí eu entro numa outra dimensão, entendeu? do que daquilo que eu não quero, mas tá lá.

00:55:31 Vera

Tem um pouco lá.

00:55:32 Vitória

Tem um pouco lá. Então, o que eu não quero... Ah, sei lá. Deixa eu ver. A fritadeira quebrou, não tem funcionalidade, mas eu também tenho algum apego sentimental, emocional. Leva pra lá e fica lá. É, lá é meu... Minha Narnia tá lá. Eu quero ir pra Narnia, eu vejo o portão, vou, tô brava e eu saio. E é lá que é o refúgio também, acho que assim acaba sendo, né?

00:56:07 Felipe

Nossa. É um outro espaço também se sentir bem igual aqui.

00:56:13 Vitória

Sim. Às vezes pra pôr as coisas no lugar, às vezes pra... Aí eu vou pra Narnia.

00:56:20 Felipe

É a melhor descrição possível, né?

00:56:24 Vera

Ela tem dois mundos na casa. Isso é muito doido.

00:56:30 Felipe

Não é?

00:56:32 Vitória

E eu quis deixar lá.

00:56:34 Vera

É, porque você não abre aqui.

00:56:35 Vitória

Não.

00:56:36 Vera

Você falou que ia aumentar a sala, mas você não tá abrindo.

00:56:38 Vitória

Não tô abrindo.

00:56:38 Vera

Então, tem alguma coisa engraçada aí. Eu não sei, pelo menos eu tenho essa impressão.

00:56:43 Vitória

Não, mas eu não abro porque eu acho que vai dar muito trabalho.

00:56:45 Vera

É trabalho e custo.

00:56:46 Vitória

E custo.

00:56:47 Felipe

É.

00:56:48 Vitória

Porque aqui eu gastei muito. Nessa casa eu gastei um horror, assim.

00:56:53 Vera

Eu lembro quando você tava reformando.

00:56:54 Vitória

É, a reforma dava um horror.

00:56:56 Vera

Aqui você deu aquela renovada.

00:56:58 Vitória

Sim.

00:56:58 Vera
Novos ares.

00:56:59 Vitória
Aqui é tudo, pra mim, é tudo novo, entendeu? A casa tem 50 anos, mas é tudo novo. Então, agora eu vou ter que fazer pintura de novo, porque é Natal, então a gente quer dar aquela tapa, né?

00:57:11 Felipe
É.

00:57:12 Vitória
Mas deu muito trabalho essa casa. Muita gente veio trabalhar aqui. Eu tive, acho que 5, 6 fevereiro de fevereiro. Porque aí, olha, só Deus. Não vou comentar. E aí, eu fico com medo. Eu falo, se eu abrir aqui, quem que vai abrir?

00:57:34 Vera
Ficou meio sagrado aqui, eu não quero ninguém mexendo.

00:57:37 Vitória
É, não quero mais. Você tem uma ideia, aí eu mexi na área, porque essa área, o cara que fez o caimento, aí tava voltando pra porta, um cara estragou a porta. Aí, eu chamei um tiozinho, aí esse tiozinho veio na conversa, aí mudou o telhado, mudou o telhado do fundo, Mano, chega uma hora. Era um trabalho de... Ele falou pra mim que levava duas semanas. Ele ficou aqui um mês. Um mês! Chegou no último. Terminou de pôr as telhas, desse tipo de coisa. E aí, tanto é que lá no fundo, eu nem lembro, você tá assim... É a bagunça da casa e da duva. Porque eu tirei os armários, porque ele ia pôr prateleira. Eu falei, moço, quando eu tiver bem, você vem pôr nessa prateleira, mano. Porque eu não tô bem. Sai daqui! Não aguento mais você aqui! Sabe? Ele terminou... Não, mas eu tenho que... Ah, eu tenho que fazer não sei o que ali, não sei o que... Deixa. Deixa. Não precisa fazer mais. Por favor, não venha mais. Porque, assim, vai pôr a torneira... É só ele aí colocar a torneira na minha cabeça. Ele quer chegar assim pro lado da classe. Essa torneira...

00:58:57 Vera
Ele é carente?

00:58:59 Vitória
É, ele é carente. Essa torneira, a gente foi por ela. E aí, se eu não pôr aqui um negócio aqui, e outro aqui, aí isso, não sei o que. Não quero saber, mano. Tá aí, dá pra você fazer? Faz uma... Foi assim, ele conversava, parecia que eu era a terapeuta dele. Aí foi chegando uma hora que eu saía pra trabalhar e minha mãe não queria nem ficar com esse cabelo. Minha mãe tava apavorada. Aí também eu falei, olha... Mas eu preciso por essa parte? Preciso. Também acho que é uma bagunça. Mas o dia, como é que você estiver bem? Tudo bem, já faz dois meses. Não sei se ele... Eu mesmo vou colocar as

prateleiras. Eu falo comigo mesmo, gente. Olha... É, é... Olha, é dolorido. E aí, há três horas me explicando para um serviço que ele podia fazer em meia hora. Ele pode ter espírito. É. Entrava dentro das pessoas. Entra, é. Vai sugando, né? Vai sugando. É uma coisa que vai te sugando, que vai te sugando, que vai te sugando. É impressionante, assim. Nossa! É, aquele mocinho... Ele é bonzinho, tadinho, né? Lá na casa dele. Na minha não dá mais. Não dá. E ele fez umas coisas que eu olhava e falava, gente, isso não dá mais. Isso vai dar. O senhor sabe fazer? Não, mas fulano, eu vi na internet... Tchau. Tchau pra nunca mais, gente. Pra nunca. Então, agora eu tô aprendendo. Por mais que seja caro, eu prefiro hoje pagar uma empresa que tenha CNPJ. Porque os caras vêm... Eu já contratei um cara que tem CNPJ. O cara veio em três, eles arrumaram, passaram o valor pra mim, eu fiz o Pix pra eles e foram embora. Nossa, realmente, isso consumiu demais. Esse mês e pouco ele ficou consumindo demais. Mas é isso. Então, assim, eu não quero mais... Por isso, às vezes, eu não abro, porque eu não sei se eu tô preparada.

01:01:09 Felipe

A Nárnia fazer parte do mundo...

01:01:14 Vitória

É, do mundo real. Vocês querem por, sabe?

01:01:17 Vera

Alguém aqui dentro?

01:01:19 Vitória

É, não sei se eu tô preparada, papai. Porque uma coisa, você fazer o óbito, você não tá aqui, né? Você passa aqui, vem e vai embora. Você tem que tá aqui, com aqueles homens martelando e tirando o pó e... a falação? A falação, eu acho que é uma falação. A pessoa é carente e vai te subindo, né? Vai. Aí chega oito horas da manhã, é três horas da tarde, o cara não fez nada, mas você já tá com a cabeça destona, querendo esmagar o coitado. Então, acho que é por isso. Mas eu queria muito ter mais quartos. Eu acho que nem é... é precisão mesmo, né? Se ter filho adolescente agora, acho que já quer ter a privacidade dele, né? Eu sempre quis ter um quarto. Essa história é bem interessante. Quando a gente morava em outra casa, ficava no quarto eu, minha mãe, minha irmã e meu irmão num quarto. Porque a casa não era terminada ainda, só os três cômodos da frente eram, os três do fundo eram, os dois da frente que eram a sala e mais um quarto não. E era fechado. A gente foi comprar e foi procurar as casas pra comprar, aí eu falava que eu queria um quarto só pra mim. Aí meu irmão mais do meio, uma tentada, falou assim, você vai ficar com banheiros, vai no banheiro, banheiro, banheiro, porque você quer quarto. E aí quando a gente comprou essa casa, a mulher, ela tinha um sonho de ter um banheiro de novela. Então, ela pegou um quarto desse tamanho, um banheiro desse tamanho, E aí, em cima ia ter dois quartos e esse banheirão, assim. Aí minha mãe falou, não, esse banheiro pode ser o quarto da Cássia. Porque aí tinha uns banheiros menores. Eu acabei ficando com o banheiro. Virou quarto. Aí virou três quartos.

01:03:17 Vera

E aí tinha...

01:03:18 Vitória

Abraço. Minha mãe falou, não precisa de banheiro de novela. Dá pra ser o quarto da Cássia. O quarto da Cássia vai ser o banheiro. E aí a gente mudou, né? que a casa já era duas casas, então ficou uma casa só. Então, em cima tinha três quartos, aqui embaixo tinha um quarto, um banheiro, sala e cozinha. E aí ficou assim, mas a gente pôs uma escada, porque não tinha, que dava acesso pra casa de cima, que era duas salas e três quartos. Aí, depois minha irmã ficou noiva, ia casar, minha irmã falou, ah, vamos fazer o seguinte, fechar a parte de baixo, A gente tira a escada, volta a escada, não sei como era antes.

01:04:00 Vera

Aqui são duas então, a de cima.

01:04:02 Vitória

E a de baixo. É, aí acima ficou dois quartos, duas salas e uma cozinha, porque aí a gente pegou um quarto e fez virar cozinha.

01:04:12 Vera

E aí ele ficava lá em cima ou ficava embaixo?

01:04:14 Vitória

Aí a minha irmã ia ficar embaixo e eu e minha mãe em cima. Quando teve aquele mini tornado, eu tava com a casa de cima fechada em 2016, né? E essa casa aqui foi totalmente destruída, essa casa aqui. Esse teto foi embora, o portão foi embora, o muro caiu, o muro de lá caiu, o quarto, as telhas do quarto saíram todas, entrou água, a área também. Aí a gente reformou essa daqui, mas ela realmente ia ficar muito, muito, muito cara pra reformar. E a de cima só tinha saído o telhado. Então, meus amigos vieram, lembra? E me fizeram... Foi mesmo um tchau pra eu fazer, em 2016. Aí eles fizeram o telhado tanto dessa, mas não fizeram da sala. Continuou a de cima. Aí minha mãe falou assim, ah, vamos pegar o Davi e vamos levar ele lá pra cima. Porque eu queria reformar lá em cima. E foi ficando. A família dele é maior que a minha e a gente ficou no porão. Aí essa, a gente veio, arrumou aqui, só pôs o telhado, dar uma garimpada e aí entrou inquilino. Depois a gente alugou com uma outra pessoa, mas aí eles destruíram a casa. Aí quando eu vi, eu falei, aí, tô morando lá, o porão é menor que aqui. Os cômodos são menores. Aqui é maior. Aí eu falei, sabe, de novo, eu vou reformar lá embaixo e a gente fica com mais conforto lá embaixo. E aí foi o que eu fiz. Mas não tenho pretensão mais nenhuma de alongar mesmo. A ideia de repente é de, se não conseguir fazer pra cima, sei lá, abrir e fazer um quarto pra lá também. Não sei como faria isso. Mas a ideia é essa.

01:06:04 Felipe

Cara, você dentro de todas as perguntas aqui, Foi maravilhoso, você respondeu tudo na conversa. E aí, eu queria te perguntar se tem mais alguma história que você se recorda, que você gostaria de comentar?

01:06:22 Vitória

Nossa, são tantas histórias, né? Tantas, assim. Eu lembro da Dona Francisca. Dona

Francisca era uma tiazinha, era uma senhorinha já. E os filhos dela todos teve problema psicológico, eles tinham problemas sérios psicológicos, sabe? E aí teve uma enchente de 2004, que foi uma das maiores que a gente teve. E era a Dona Francisca... Não, foi a de 2000, foi a Nathalie. A Dona Francisca, ela chegou pra mim e falou que... Se um dia ela ia ter uma casa... Se ela um dia... Ela tinha quase 60 anos. Se ela um dia ia ter uma casa de tijolo. Ela tava tão cansada de ter sua casa de madeira, sabe? Santa Maria. E aquilo mexeu profundamente comigo, assim. E aí eu falei pra ela que a gente ia lutar e que ela ia conseguir. E ela foi pro Gênesis, sabe?

01:07:22 Felipe
Caramba.

01:07:23 Vitória

Ela foi pro Gênesis e o dia que ela pegou... A chave da casa, ela fez questão de me levar pra pegar a chave da casa junto com ela, sabe? Quando ela pegou o título da casa dela, eu fui com ela pra ela tá com o título na mão. Bem, já tava bem senhorinha já. Com seus 80 anos já. Sabe? Mas ela foi pra casa de alvenaria dela. E ela falava, eu nasci em casa de taipa e barro. Minha vida inteira morando em casa de madeira. E eu queria ter uma casa pra mim, sabe? Uma casa de verdade, de alvenaria. Será que algum dia eu vou conseguir? Que ela consiga. Então, essa foi uma... foi por isso que a luta me conquista, sabe? Porque... não é pra mim, entende? É poder dar pro outro aquilo que eu acho que é justo pra todos, é da dignidade, sabe? Eu acho que... existe casa, existe lá, E é pra dignidade mesmo. Não é possível. Tanta coisa abandonada, tanta terra sem nada, sabe? E as pessoas morando mal, vivendo mal, né? Se não tem um CEP, não... sabe? Eu tava outro dia com o presidente Lúcio Corrêa e eu falei isso pra ele. Eu falei pra mim, que vi no momento de moradia, uma das coisas que... da dignidade para as pessoas. Você é pedida a dignidade, você ter o seu endereço ali e poder falar, eu moro no 13-088-130-110 Fundo. A dignidade, sabe? Muitas pessoas não têm. Uma pandemia, velho. Você lembra que a gente pedia para mandar alimento para minha casa, porque o povo do Capadócia não tem CEP. Não tem CEP. Não dava para mandar alimento. O que que eu fiz? Eu fiz um esquema de que... Ah, você quer ajudar? Eu te dou um CEP, o número de uma casa, você vai lá e manda esse CEP pra mim. O povo das comunidades não tem CEP. E aí, pra quem que você manda? Entendeu? Então, CEP é dignidade. Então, ter uma luz, uma energia elétrica não é luxo, é tranquilidade mesmo. A pessoa chega do trabalho muitas vezes super cansada, poder relaxar, tomar um banho, sabe? Pra enfrentar o outro dia. Então, é pra isso. Eu acho que eu tô aqui. Eu acho que o meu propósito na vida era esse, sabe? De não querer pra mim. Que seja em que, olha, eu moro em um palácio, não dei em nada, que a gente fala assim, ah, ela tá lá, mas também, né, ó... Né, mas não é... Muito pro contrário, viu? Eu gasto mais pra fazer a luta do que a luta já me deu, entendeu? Então, é... é lutar. para que as pessoas possam realizar sonhos e poder morar bem, viver bem, viver com dignidade. E eu acho que o Brasil é muito rico e que dá para todo mundo, se cada um contribuir um pouquinho, dá para todo mundo morar bem, viver bem, sabe? Só isso, acho que é o nosso papel, assim, né? Sempre que eu falo isso para as meninas, para o pessoal, né, Vera? Qual que é o nome que você quer deixar? Você pode ser um Niemeyer, mas você pode ser uma pessoa que vai construir uma casa sustentável para milhões de pessoas que hoje não tem. É isso, vai mudar a vida mesmo, vai transformar a vida. É pra isso que eu tô aqui.

01:11:14 Felipe

Bom, eu acho que a gente meio que fecha essa parte do hotel.

01:11:22 Vitória

Já tenho foto na casa que eu não vou achar a dada na frente.

Transcrição – Elisangela

00:00:04 Felipe

A primeira pergunta que eu queria fazer pra você é de onde que é a origem da sua família?

00:00:12 Elisangela

A origem da minha família é essa família que eu sou casada ou a minha família de pai e mãe.

00:00:23 Felipe

Pode começar pela sua família de pai e mãe.

00:00:25 Elisangela

A minha mãe veio da Bahia, Peritiba. Ela chegou aqui em Campinas em 1973. E meu pai, ele nasceu em Casa Branca, no estado de São Paulo também. E veio pra cá no ano anterior, a minha mãe, em 1972. Ele chegou aqui em Campinas, né? E... E os dois vieram, chegaram aqui, segundo eles, no objetivo de uma vida melhor. São Paulo era muito grande, mas naquela época, Campinas estava com um crescimento, uma oferta maior de trabalho para as pessoas que eram nordestinos. Até hoje é assim, mas naquele tempo eles chegaram aqui nessa esperança de ter mudança de vida e arrumar trabalho e se instalarem mesmo em Campinas. Foi assim que a minha família chegou aqui.

00:01:48 Felipe

Que legal.

00:01:50 Elisangela

Meus pais se conheceram no Largo do Rosário. Naquele tempo, eu até um tempo. Uma criança me perguntou por que Lago do Rosário se não tem lago nenhum, mas antigamente tinha um lago lá. E a minha mãe disse que foi lá que ela conheceu o meu pai, no Lago do Rosário. Pra minha mãe foi um pouquinho mais difícil pra ela se instalar, pra se achar. Ela arrumou o serviço de empregada, porque não tinha escolaridade nenhuma. Ela estudou só a primeira série, né? E foi bastante complicado pra ela. Ela morou por um mês e meio atrás daquela banca do alemão, que tem ali em frente o Palácio da Justiça. Ela conheceu o dono, que eu acho que hoje deve ser os netos, deve ser outras pessoas que estão lá. Minha mãe, inclusive, ela queria agradecer esse homem, né? Porque foi quem acolheu e deu a promessa pra ela que ninguém mexeria com ela lá, né? Por ela ser mulher, né? Então, ela guardava as coisas dela embaixo da banca do alemão ali. Ainda se encontra ela lá, né? E aí minha mãe trabalhava, e aí então tinha que dar um endereço, né? Aí a minha mãe falava que, tipo, tava morando na casa de um

parente, com vergonha, né? Da mulher que morava ali no Cambuí, que foi onde ela arrumou a primeira casa pra trabalhar. Pra mulher não despedir ela, sabe? Por ela não ter endereço fixo.

00:03:46 Felipe

Sim.

00:03:47 Elisangela

E eu falei, mãe, e aí como é que você fazia? Ela falou, eu almoçava ou jantava, que era o término do serviço, e ia lá pra banca lá. Então eu servia pra tomar conta da banca do homem e dormia lá num banquinho que tinha atrás dessa banca. Já o meu pai, foi mais fácil pra ele, ele veio pra cá depois de ter terminado o casamento, ter se separado. E ele foi morar numa pensão ali perto da rodoviária velha. Ali pertinho tinha uma pensãozinha e lá ainda cheia de pensão. E meu pai se instalou lá. De princípio ele acordou lá com a moça de ficar uma semana. E arrumou já o serviço, né? Meu pai começou a trabalhar de motorista de ônibus, né? E foi assim que ele começou, na CCTC. Eles trabalhavam... Eu até vi uma foto do meu pai, que agora eu não sei de que parente tá mais, mas... Os motoristas de ônibus daquele tempo, os ônibus eram vermelhos, e os motoristas trabalhavam de cap.

00:05:14 Felipe

Nossa!

00:05:16 Elisangela

Capa e calça, blusa e cinto era o uniforme da época, marrom. Eu achei bem legal. Aqueles ônibus que o próprio motorista tinha que fechar a porta. Você imagina, né? Meu pai não lembrava muitos detalhes, mas os poucos detalhes que ele lembrou eu achei muito legal. Não era essa loucura que é hoje em dia. Ainda tinha, não podia atrasar na viagem. Minha mãe conta que o meu pai, quando ela conheceu ele, era muito magro, porque Ele passava da hora de comer, por causa do horário, sabe? Se ele atrasasse uma viagem, então não daria tempo dele comer. Um mês depois ele conheceu a minha mãe, e aí eles foram morar nessa pensão. E aí, nesse pequeno período de um mês, eles conseguiram conquistar algumas coisas, fogão, geladeira, essas coisas, para levar para a pensão. E era um quarto, foi quando eles foram morar com essa mulher, e aí a mulher chamava Rosa. E eu não sei o que foi que aconteceu lá, que a mulher encrencou com a minha mãe, Então, queria que minha mãe se saísse. Ela queria, acho que, aumentar o valor. Eu imagino que foi isso que eles queriam, aumentar o valor. E aí, por isso, ela ficou com todas as coisas da minha mãe. Foi o primeiro tomo que minha mãe tomou aqui em Campinas, foi isso. Então, ela falou assim, quase que eu desisto. Porque, naquele tempo, estavam surgindo os orelhão, assim, tipo, né? E eram fichas, né? E, tipo, todo mundo que veio, todo mundo ia pra um orelhão só. Que era no centro da cidade. Ali tinha um posto da Telebrás. E minha mãe ficava lá. E, por diversas vezes, ela reclamava. Que era difícil pra ela e tudo. Então, a Telebrás foi mudada pra Mogi Mirim. E a minha mãe, de tanto ela ia lá falar pro homem que ela precisava, né, conversar com os parentes dela, porque ela tinha deixado os filhos na Bahia, eles acabaram arrumando um serviço pra ela, pra gostar do jeito dela.

00:08:10 Felipe
Na Telebrás?

00:08:11 Elisangela

Na Telebrás. Foi o segundo trabalho da minha mãe. E foi quando ela veio pra cá. E ela, através de uma amiga, né? Essa amiga lá do serviço falou que tinha um bairro começando, né? Que teria expectativa. Quando minha mãe chegou aqui, ela só tá boa. Minha mãe falou que ficou horrorizada com aquilo. E era mato pra todo lado. Tinha algumas áreas de café, né? Mas, na realidade, não era só a área de café. Era onde o pessoal pegavam esses poucos moradores que ficavam pra ir pra colheita de café. E aqui era mais Taboa. Taboa, bem alto. E foi assim que minha mãe... Minha mãe chegou aqui, nesse período. E aí, nesse período, estavam, tipo, fazendo a reviria, o cadastro, né, pro pessoal. Que ela até hoje não sabe como é que foi feito o cadastro, mas foram feitos. E nessa rua, a minha mãe escolheu um lugar pra fazer um barraco dela. Aí ela fez o primeiro barraco. E a minha mãe é a primeira moradora desse bairro. Dessa rua. E aí o pessoal começou a chegar atrás de Minas, de Mato Grosso, Paraná. E aí foram chegando. Chegaram e chegando, entendeu? E minha mãe fez um barraco meio que provisório. que teria que buscar água numa mina, uma única mina que tinha no liceu. Era lá que buscava água. E depois, de muito tempo depois, aí que eles conseguiram uma mina aqui no Gênesis, né? Antigamente, né? Mas isso bem depois. Achei bacana demais.

00:10:41 Felipe

Quanto tempo que andava para pegar água?

00:10:44 Elisangela

Eu lembro que minha mãe falava assim, que era desanimador, porque era, no mínimo, mais ou menos uma hora e meia, duas horas e pouco de caminhada. Mas ia todo mundo, entendeu? Então, as mulheres iam conversando e tudo. vinham com... começaram a fazer, tipo, aqueles carros de madeira, né? E colocavam os galões lá dentro, pra ir lá buscar água. Tipo, a princípio, água pra fazer comida e lavar algumas louças, mas não poderia. Tinha que era bem regrado, né? Aí, tempo depois, Eu não sei se era mais de... mais de dez anos depois, foi que começaram a vir a água. Que eram as mangueiras, né? E o controle dessa mangueira ficava aqui embaixo, aqui nessa esquina de cima, né? Na rua Brice McFadden, né? E aí, tinha um morador chamado Seu João, E a Dona Iraci, hoje eles são falecidos. E eram eles que controlavam a água que subia, quem que ia usar primeiro, entendeu? E tinha bem isso, né? Um não poderia ficar enrolando pra lavar roupa porque os demais precisavam usar essa água, né? E foi nesse tempo também que a minha mãe conseguiu recurso financeiro pra ir buscar alguns dos filhos dela que tinham ficado na Bahia. A primeira viagem que a minha mãe fez depois que chegou aqui, né? Segundo ela... financeiramente não tava rico, né? Nem tinha como tá rico, né? Mas ela chegou lá numa situação... favorável para pegar os filhos dela e trouxe, conseguiu trazer dois deles, né? Que é o meu irmão Jailson e a minha irmã Gidalva. E os demais filhos, tipo, foi passando de parente para parente e, tipo, deram a notícia para minha mãe que eles tinham morrido, né? Até, nós estamos no ano de 2024, No ano de 98, foi que a gente descobriu que eles não morreram. Simplesmente o pai deu as crianças para parentes, entendeu? Tipo, com raiva da minha mãe, deram para parentes, né? E aí foi assim que começou.

00:13:54 Felipe

A gente tem contato com ele?

00:13:56 Elisangela

Agora, eu tenho contato com a Gidalva, com o Jailson, e a minha mãe descobriu que tem um filho dela que mora na casa que ela morou, em Bom Fim de Feira, bem no norte da Bahia. E ainda existem alguns parentes que vivem em Carnaíba de Baixo.

00:14:27 Felipe

Meu pai é de Carnaíba.

00:14:28 Elisangela

É?

00:14:29 Felipe

É.

00:14:30 Elisangela

Incrível, não é? Os parentes da minha mãe é de Carnaíba de Baixo. E a cunhada da minha mãe, que é a primeira esposa do irmão dela, que ficou lá, que conta que foi assim que aconteceu com os filhos da minha mãe, que foram dados. Esse filho da minha mãe, Chegou pra gente que ele era muito revoltado, porém casado e já pai de cinco filhos, já era avô e tudo e tal, em 98. E tipo, o pai contou a história que ele bem quis, né? Pro José Luiz Gonçalves do Nascimento, né? O filho da minha mãe, que ela queria tanto conhecer, rever na realidade. Então foi bem assim que começou toda a história da minha mãe aqui nesse lugar. Não tinha nada, não tinha nada, não tinha... Cada vez que mudavam o prefeito, a minha mãe disse que já havia essa promessa de... pavimentação, de urbanização e tudo, e foram tipo... Segundo a minha mãe, eles foram empurrando com a barriga, entendeu? Um homem empurrando com a barriga. E agora que a gente vê, né, que passou uma asfalta, a gente olha assim e fala assim, meu Deus. Eu percebi que a alegria da minha mãe ontem, ontem foi a primeira vez que ela viu aquilo, O asfalto, né? A alegria dela, o contentamento dela foi diferente dos demais. Ela conhece, ela sabe o quanto lutou, batalhou, demorou, né? Por isso, né? Por conta de tanta lama que tinha, ônibus não vinha aqui. Um ônibus ia se pegar lá em cima, pra lá da padaria. Era bem... Você sabe onde fica a padaria, né? Chico Lima. Então, era bem longe. Era muito longe pra ir pegar lá. E isso, tinha que ir lá pegar o ônibus. Aí depois, foi passando o tempo, aí foi mudando pra cá. Mas era sacolinha amarrada até a meia da canela, né? Porque senão você chegava no serviço todo lambeado. Foi assim.

00:17:18 Felipe

Aí, a sua mãe da Bahia e o seu pai?

00:17:21 Elisangela

Meu pai é de Casa Branca.

00:17:25 Felipe

Casa Branca.

00:17:26 Elisangela

Isso.

00:17:27 Felipe

Casa Branca fica... São Paulo, no interior de São Paulo. No interior de São Paulo.

00:17:32 Elisangela

Tá legal.

00:17:37 Felipe

E ele já, a sua mãe tinha feito a primeira série, o seu pai, ele tinha continuado?

00:17:42 Elisangela

Meu pai estudou até terceiro ano.

00:17:45 Felipe

Ah, terceiro.

00:17:46 Elisangela

Terceiro ano. mas assim, perto da minha mãe ele já era mais esperto, mas as facilidades para ele foram e as oportunidades para ele foram bem maiores do que para minha mãe. Foi bem diferente mesmo. Parando assim para você escutar, o meu pai teve a oportunidade de serviços melhores, né? Quando ele saiu da CCTC, que era essa empresa de ônibus, ele entrou numa outra empresa, né? E essa empresa foi um divisor de águas pro meu pai, foi quando realmente meu pai começou, era a Trans Gonçalves, ali... que fica localizada ali pra cima do Terminal Central. Era ali, a CCTC. É a TransMonsalvo. Lá o meu pai trabalhou e a gente começou... Eles começaram a comprar material de construção. Meu pai trabalhava de dia e à noite, quando eles chegavam, eles começaram a construir. Lembra do carrinho que eu contei de madeira? A minha mãe ia até perto do liceu, e aí ela vinha passando em frente às casas, porque aí as outras pessoas já estavam mais na frente, então já estavam começando as suas construções. E a minha mãe fez a casa dela com o resto de construção dos outros. as outras pessoas lá, que era uma área melhor, pessoal mais bem de vida. Ali, a Nossa Senhora de Fátima, assim. Aí ela passava em frente, ela via tijolo, via areia, via pedra. Aí ela falava com a tia lá e falava pro morador, né? Você vai fazer o que com isso? Vou jogar fora e tudo. Eu posso pegar? Pode pegar. Aí tijolo de um, aí era tijolo... Tanto que a casa da minha mãe era feita de tijolo baiano e tijolinho à vista. E tijolo de outro jeito e resto do resto mesmo, entendeu? E foi assim. O que ela comprava mesmo foi cimento, né? E começou a comprar areia, né? Mas até a areia estava cara. Aí eles começaram a tirar do rio. A população começou a tirar areia de dentro do rio para fazer as construções das casas. E areia grossa, então já era mais próximo, né? Mas cada um... Minha mãe disse que as pessoas vinham, retiravam a areia, deixavam a areia secando. acabavam tirando muito, né? E só levava aquilo que usava e a minha mãe, por ela não ter essa agilidade de limpar a areia e tudo pra fazer a construção, ela acabava se aproveitando dessas areias que as pessoas deixavam, né? E foi assim que a minha mãe começou a construção da casa

dela. E ela era... o meu pai, ele já tinha sido pedreiro, Já tinha uma experiência como pedreiro. E a minha mãe, como meu pai e nem minha mãe não tinha condição de pagar um servente, então a minha mãe era o servente do meu pai. E foi assim. Eu me orgulho muito da história dos meus pais, sabe? Isso me dá uma... Isso me dá um ânimo, sabe? Eu falo que eu passei por algumas dificuldades, mas nem chegou perto do que eles passaram. Eu acho muito bacana, eu tenho muito orgulho da história deles.

00:22:19 Felipe

E a sua? Como é que começou a sua?

00:22:23 Elisangela

Ah, a minha história... Olha, depois de ter... de ter os meus pais já terem criado a gente, né? Eu, meu irmão e minha irmã. Minha irmã casou. Aí meu irmão casou também, no primeiro casamento, os dois.

00:22:45 Felipe

Você se uniu em três, então?

00:22:47 Elisangela

Três. Eu peguei no ano de 98. Eu conheci o meu esposo nessa rua. Bem na frente da casa da minha mãe tinha um banco e a gente ficava sentado lá batendo papo no tempo que não existia internet e que você podia ligar um som, escutar uma música, né? Tipo Rock 7, eu lembro que a gente ouvia muito Looser Rolls e Rock 7. E a gente ficava lá, como... Adolescente mesmo, né? Então, o Cleverson passou junto com o primo dele, né? Subindo a rua. E aí eu dei uma cantada que eu nem sei se ia valer alguma coisa, mas dei aquela, sabe, ó lá em casa, né? E ele riu, ele gostou, e então a gente começou a conversar. Começamos a conversar e estamos até hoje. 25 anos juntos. A princípio, meu pai não gostou muito, porque eu havia acabado de sair de um relacionamento que meu pai foi contra. Mas eu e o Cleber, só assim que a gente se conheceu, a gente se apaixonou de cara. E assim, ele queria casar logo de início, né? Ele queria casar, ele tinha certeza que eu era a mulher da vida dele e eu ainda tava meio assim, né? Mas eu queria ter a minha casa, já era certeza, eu queria ter a minha casa, o meu cantinho. Mas aí nós fomos, se apressamos, né? Por ele estar apaixonado e tudo, e fomos morar junto, a princípio na casa da minha mãe, num quarto. E eu e o Cleverson, a gente, ele trabalhava na madeireira Floresta Verde. Ele do Paraná, né, de Luanda, Paraná. Eu nasci aqui mesmo. Aí, o Cleverson veio do Paraná e eu nasci aqui mesmo. Só que ele foi criado no Grande ABC, em São Bernardo do Campo. Ele chegou em São Paulo com três anos de idade. Ele é um ano mais velho do que eu, ele tem 45, eu 44. E a família dele também veio com esse mesmo objetivo dos meus pais. De crescer na vida, de conseguir uma vida melhor e tudo tal. Mas segundo foi passado pra eles que o ABC era quando tava começando e eles, já casados, no Paraná, veio o meu sogro e a minha sogra pro grande ABC. São Bernardo do Campo. E o Cleverson deu algumas cabeçadas na vida, cometeu alguns delitos, passou por esse período bem turbulento da vida dele, já com 18 anos, mas aí decidiu mudar de vida e veio se refugiar na casa de um tio dele que morava ali na Nossa Senhora de Fátima. Você vê que a rua tem um pouco da história da gente, né? Então, ali era madeireira e o tio dele era caseiro dessa madeireira. Então, ele chegou lá, pediu ajuda e aí ele lembra que foi em junho que ele chegou e ele começou... o tio dele

falou, você tá querendo mudar de vida? Ele falou que tava. estava disposto a mudar de vida e ele começou a morar com esse tio dele, que hoje voltou de volta para o Paraná. Voltou para o Paraná, já está há 14 anos lá no Paraná de novo, mas foi quem acolheu o Cleverson e o dono que era o Mário abriu deu essa oportunidade pro Cleverson, né? E ele começou a trabalhar, foi o primeiro emprego dele. E quando eu conheci ele, ele já tava um ano, um ano e pouquinho já trabalhando nessa madeireira. Já não estava mais vivendo com o tio, porque ele trabalhou, viveu na casa do tio seis meses. Juntou dinheiro, aí já se estabilizou. Ele alugou uma casa numa fazenda que fica ali perto do Jardim Miriam. Que era uma fábrica de tijolos. Era uma sede de uma fazenda. Uma colônia de fazenda que tinha as casinhas antigas. Os moradores foram embora a busca de uma vida melhor. E o Cleverson acabou alugando. Bem barato na época, né? E ele contou pra mim que quando ele chegou, esse rapaz que trabalhava na madeireira falou pra ele, eu tomo conta de umas casas lá e tem casa lá pra alugar, você não quer alugar? Aí ele falou, eu não tenho nada, aí ele falou que foi comendo, comia na firma e trazia marmita pra comer, porque não tinha nada, não tinha fogão, não tinha nada, nada, nada. Um ano depois, ele acabou recebendo a notícia que o pai dele estava numa dificuldade muito grande no ABC. E aí ele trouxe o pai, que já era separado da mãe, que já tinha uma segunda esposa, e trouxe o pai para viver com ele. Continuou a trabalhar. Continuou a trabalhar e aí um ajudava o outro, sabe? Foi assim. Aí quando a gente se conheceu, né? Aí ele falou pro pai dele, né? Ele falou, eu quero viver a minha vida. Encontrei um lá. Conheceu a mim e ele queria fazer a vida dele, né? E foi assim. que a gente começou. A princípio morando nesse quarto, na casa da minha mãe, que nos acolheu. E quando nós tivemos a... quando eu engravidei..., já na gestação eu já comecei a ficar mais incomodada, porque eu queria ter o meu canto. E o quarto tinha algumas infiltrações, né? Algum problema de mofo, essas coisas, né? E naquela época, eu... gestante, eu tava... eu tinha crise de bronquite. Então, eu falei, meu Deus, e agora? O que eu vou fazer? Aí, o Cleverson... eu e o Cleverson, a gente lembra que a gente procurou muito casa pra alugar. Mas já naquele tempo, No ano de 99 já estava bastante difícil de conseguir alugar uma casa. E a gente foi ficando. Boa tarde, tudo bem?

00:31:25 Felipe

Não estão trazendo internet aí não?

00:31:26 Elisangela

Não. Aí eu peguei e falei para o Cleverson que eu ia na Cohab ver se eu conseguia deles lá uma oportunidade de uma casa, de um terreno, pra gente pagar pouquinho por mês. Não sabia como é que funcionava. Só falaram pra mim, se você quiser casa pra você morar, você vai lá na Vai lá. Não me deu nome de ninguém, referência de nada. E eu fui lá, com a cara e com a coragem. Aí fiz um cadastro, a princípio, já gestante. grávida por 5, 6 meses. Quando a Eveline nasceu, quando a Eveline nasceu e ela completou 3 meses, eles me chamaram lá pra dizer que tinha saído uma casa pra mim lá no Itajaí, que era quando eu tava começando no Itajaí, pra ser construída. Aí eu falei que lá não, porque eu queria pra cá. E aí eu falei pra moça, mas eu posso recusar? Ela falou assim, a gente dá três oportunidades. E lá eu não quis ir pra lá, por conta também da rede de apoio que eu tinha aqui com a minha filha. Minha filha nasceu com alguns problemas de saúde, refluxo, algumas coisas assim. Então, eu e ele, a gente ficou morando aqui. Aí, logo depois, em 2002, aí teve uma ocupação de terra. Na realidade, foi uma reunião que

fizeram, porque estavam desacampando toda essa área aqui do Gênesis, que era o antigo inferninho, E era muito mato, mas tinha aquele terreno. Então, disseram que iam fazer invasão naquele local. E segundo o pessoal, que não entendia de engenharia, não entendia de nada, de nada, mas eu lembro que a gente foi à noite, tipo umas 10 da noite. Fizemos a reunião lá no Gênesis. Então, vamos fazer a ocupação, vamos fazer a ocupação. E aí eles mediram como se fosse a rua, porque até então eles teriam tirado um eucalipto que estava caindo nas casas. Então, foi aquele terreno que sobrou. E aquele terreno que hoje é a Capadócia, que era a moradia do sol, uma coisa assim. Que era a construção de um condomínio. A gente nem saberia entender como ia funcionar aquilo lá. Eu não me lembro porque quedas d'água, ninguém quis invadir lá, mas quis invadir, fazer ocupação desse lado de cá. Então eles fizeram a medição da rua, né? Eu lembro que eles fizeram a marcação de oito.

00:35:20 Felipe
Os moradores?

00:35:21 Elisangela

É, os próprios moradores. É uma loucura. fizeram... a rua ia medir oito metros, né? E as casas, segundo eles, eram... Todas as casas à frente teriam nove, nove e onze. E deu terreno pra todo mundo. E eu lembro que eram mais de 62 famílias, que deu terreno para todo mundo. Mas naquela madrugada mesmo, chamaram a guarda municipal, que chegou e teve uma confusão imensa, porque eles queriam que a gente desocupasse. E aí a gente conversou, porque a gente ia fazer ocupação ali, porque a gente estava reivindicando um terreno pra gente. Nesse período, a gente ficou três dias acampados e ficou nessa negociação. Então, eles chamaram os líderes, que eram quatro pessoas, entre elas o Cleverson, E aí foram pra Cohab conversar lá. Onde é a Cohab hoje mesmo? E lá eles falaram que até teriam o terreno, mas falaram quantos terrenos eram, que eram 62 terrenos, mas eles queriam desses 62, 11 lotes que já eram de pessoas que estavam para receber esse lote. E aí a gente falou, mas e agora? Como é que vai fazer? Foi quando eles deram a ideia de quem era parente, irmão, tio, sobrinha, deles se agregarem na família. Isso também deu um grande problema. Porque é mais fácil você conviver com alguém que você não conhece do que conviver com parente. No começo foi a coisa mais linda, emocionante viver e tudo, mas a gente viu que depois de um tempo deu muita confusão. É claro, no meio deles existiam pessoas que não queriam a habitação mesmo pra conseguir conquistar a sua casa, mas que pegaram o terreno somente pra negociar. Isso, eu lembro que isso foi o que me tirou um pouco o sono, tanto a mim quanto o Cleberson, porque era o contrário do objetivo que a gente estava querendo. Porque o objetivo em fazer a ocupação era você conquistar o local que era seu. Não era para fazer negociar. E a gente teve que fazer com A gente continuou ainda por 15 dias. Durante o dia eu ficava lá e a noite o clérigo saía dormir para não desocupar o terreno. Essa notícia se esparramou e veio pessoas de Sumaré, veio pessoas de Indaiatuba, veio muita pessoa. Quando a gente foi ver, a gente já estava sem controle nenhum, porque havia mais de 300 famílias. e a gente foi fazendo um cadastro, eu lembro que assim, quem tinha direito era o casal que tivesse pelo menos um filho, aí se tivesse mais filhos, aí que teria mesmo o direito, né? Mais pessoas solteiras, né? Que não tinha. Então, aí a gente foi eliminando assim, né? Então, você tá solteiro, né? Você já tem mais oportunidade de conquistar do que essas pessoas que tão aí. Eles fizeram esse... tiveram essa... essa imaginação,

assim, de tá... fazendo essa pré-seleção, né? Aí... e aí depois a gente foi falando mesmo, né? Olha, não tem mais lote, não tem mais lote, porque não tinha mesmo, né? E aí quando a gente viu que as pessoas estavam negociando os terrenos, eu fiquei muito frustrada, porque não era de objetivo da gente isso. A gente queria que todo mundo tivesse seu tantinho. E tempo depois, eles falaram que a gente teria que, nesse lugar, fazer o barraco. Aí tá, né? Fazer o barraco, fazer o barracão. Aí, algumas das pessoas que estavam lá, nessa ocupação, trabalhavam ali na maria-fumaça. E chegava as madeiras pra botar fogo, punhar fogo, pra funcionar a maria-fumaça. E os caminhões chegavam lá. E aqueles caminhões eram direcionados ao Gênesis pra gente fazer os barracos. E foram assim que eu fiz o meu primeiro barraco ali. Fiz o meu primeiro barraco ali, o Cleverson trabalhando na madeireira. Ele pegou algumas taubas melhores, né, pra fazer, tipo, a divisão do banheiro. A princípio a gente fez um, sem noção nenhuma de estrutura, nem nada, né. O rapaz só explicou como é que era pra fazer o barco, a gente fez. Aí descobrimos que o terreno ficou com oito e onze de comprimento. Aí, depois, por causa do muro, teria que ter esse recuo, de 20 metros, para não ter... do barranco não cair. O que no meu caso, você vai entender que não adiantou muito. E esse terreno que ficou atrás, não era para ser feita a construção nele. Por conta que tinha que respeitar, porque aquele terreno foi passado para a gente, que aquele terreno era particular. A gente não poderia invadir. Era um recuo de 15 a 20 metros. Se a gente quisesse fazer alguma coisa lá, a gente poderia plantar. Bom, mas não foi isso que foi feito. E eu, no caso, plantei. Plantei diversas coisas, né? Horta, pra comida, alimentação da gente mesmo, né? Mas outras pessoas começaram a cavar. E aí você imagina, né, que tá aqui o barranco, aí a área do meu barranco tá aqui. Aí você começa a cavar aqui, o que vai acontecer com aqui? Vai começar a moronar, né? Ceder. E foi isso que foi feito. Cedeu. Uma chuva que deu naquele ano, um ano de... em 2022, deu uma chuva bem forte e aí eu tava no barraco ainda. Eu lembro que o barraco cedeu todo e o peso da terra, eu nunca tinha visto algo daquele jeito. Cedeu e caiu na parede do barraco. Atrás daquele peso tava o berço da Evelyn, da minha filha, minha primeira filha. Ela tava com dois aninhos e pouco e por conta disso eles pediram para retirar novamente os moradores e eu ia ter que fazer o segundo barraco e fazer com mais segurança. Então eu retornei, algo que eu não queria, eu tive que retornar para a casa da minha mãe. Minha mãe recebeu a gente bem Foi o primeiro retorno que eu fiz depois de ter saído de casa. Retornei para a casa da minha mãe para a gente poder estar fazendo o segundo barraco. Naquele período, o Cleverson ainda trabalhava na madeireira e ele pegou as madeiras, fez a compra das madeiras tudo na madeireira. E aí a gente fez um barraquinho bem melhor. Ficamos ali até sermos retirados novamente. Mas aí já no ano de 2007, 2008, saímos. Retornei pra casa da minha mãe novamente. E aí foi quando começou a chegar a... as famílias, né? Fazer o cadastro do... que no tempo era o... é o Pipo? É o Púrpura, será? Que era um dos diretores de lá da Cohab. Ele falou que se as pessoas quisessem construir já as suas casas, poderiam construir, né? Mas... a gente... eles iam tá dando um subsídio, né? Pra construir as casas da toalha, no Gênesis. E foi assim que a gente fez, né? Eles recebemos essa casa que... A minha casa mesmo demorou muito tempo pra ser construída. Muito tempo. Boa tarde.

00:46:24 Felipe
Boa tarde.

00:46:25 Elisangela

Aí... Recebemos essa casa e era num valor de R\$ 25 mil, com esse subsídio de R\$ 4.500. Mas, olha, na época era um valor mais ou menos simbólico de R\$ 22,41. as primeiras prestações. Eu lembro que era mais de 100 e pouco prestação. E a gente começou a pagar aquele carnê da Fundap. Os materiais foram cedidos pela Fundap. É o pedreiro, a gente teria que escolher um pedreiro. E a gente escolheu o pedreiro pra tá construindo, que era... Eles faziam esse pagamento, tipo, em três... Em, tipo assim... Três datas diferentes, né? De processos diferentes da construção da casa, em etapa, né? Construir uma etapa, ia lá no banco, aí... Recebia, assinava e o dinheiro ia direto para a conta do pedreiro. Aí o pedreiro ficava responsável para pagar o servente. E foi assim. E eu lembro que quando eu peguei a minha casa, eu fiquei com o coração muito grávido. depois a gente começamos a comprar piso as coisas porque a casa era coberta e no piso tipo no contrapiso o banheiro era pequeno eu lembro que a pia era por lá de fora pra fora mas era uma algo pra você chamar de lar, né? E o valor não se sabia ainda qual era o valor, né? Que ia ficar ao final da casa, né? Não sabia. Se sabia que ficaria mais de 25 mil, né? Naquele tempo. E depois pra fazer o piso, pra fazer algumas melhorias na casa e tudo, era entregado com, com a janela, né? Porta, mas tudo de qualidade bem inferior, sabe? O pessoal falava até que era de sardinha, sabe? De lata de sardinha, porque as janelas eram muito fraquinhas, né? Mas, pra quem não tinha nada, aquilo era o top, né? E foi assim que a gente mudou pra casa, né? Eu e a minha família. Aí o meu esposo começou a fazer as melhorias, né? Nessa casa, né? No fundo da casa fizemos essa horta, né? Pra consumo da família mesmo. Foi bem assim. Tempo depois, bem depois, em 2011, eu resolvi, por conta dos meus pais, resolvi retornar pra essa rua de novo. Falei, eu vou voltar pra cá, tô aí, eu não sabia como é que eu ia voltar. Aqui morava, nessa casa aqui, morava o Marquinho e a Aline, E a gente resolveu, entre si, fazer a troca dos terrenos, né? Fizemos a troca dos terrenos da casa, em real, e tivemos que ir lá pra fazer a documentação. Inclusive tá até hoje pra terminar ainda essa documentação, né? Pouco tempo agora, eles me chamaram lá pra estar levando a documentação, pra estar pegando a escritura, né, dessa casa, né, que eu ainda não tenho. Quando eu saí do Gênesis, ainda não tinha saída do Gênesis. Agora todo mundo lá já tem a documentação da casa. E aqui, agora, as pessoas conseguiram. Muitas já têm a escritura da casa por moradia capiã, que, se eu não me engano, é por ter vivido muito tempo, né? Pagado os impostos e tudo, né? Ficou há muito tempo a ameaça, eu lembro quando criança, a ameaça da gente ser expulso aqui do local. Mas nada se concluía, nada acontecia de fato. Só tinha essas ameaças de retirar a população daqui pra remanejar pra outro canto. Mas não sabia pra onde ia mandar, então ia empurrando com a barriga. E hoje a gente já gosta de uma casa melhor. Foi quando eu vim pra cá em 2011, pra Catuaí, e a Lime e o Marquinhos foram pra lá e a gente veio pra cá. A minha filha tinha 11 anos, eu já tinha um segundo filho, que é especial, que é o Eric, que nasceu em 2004. A gente... fez mudança praticamente tudo na mão de madrugada os vizinhos dormiram com um vizinho quando acordaram a gente já tava aqui a gente mudou até começamos a mudar era dez e pouco nós fomos mudando até uma e pouco da madrugada e tamo aqui até hoje agora Esse ano, o ano de 2023, a minha filha, a Rebem, tá azul. Aí, eu fiz com ela o que minha mãe fez comigo, acolhi ela, acolhi o esposo. A gente fez um tipo de um puxadinho, né? Colocou essa tauba aí, é onde ela fica. Ela teve o filhinho dela, que é o meu neto, o Brian. E aí a gente tá nessa expectativa também pra que ela tenha o cantinho dela, né? Eu falo que é gostoso demais ser... Com todas as lutas que a gente passou, mas é bacana demais você ter o que é seu.

Eu quero que ela tenha a casinha dela. É claro que se futuramente eu... Se eu conseguisse comprar uma casa com duas casas no quintal, pra gente viver tudo junto, seria uma benção, né? Mas pra cada um ter a sua individualidade e tudo e tal. Mas ainda estamos... Isso aí é outra história. A gente pode até esperar pra contar depois. É o futuro, né? Por enquanto eu tô vivendo um dia de cada vez. E assim, eu tenho orgulho de saber que a gente foi criado na periferia e graças a Deus eu não tenho passagem na polícia. com todas as dificuldades, né? Manter meu réu primário e tô aqui, graças a Deus, batalhando. Não é fácil, não. É um dia de cada vez, mas é muito bacana.

00:55:50 Felipe
Legal.

00:55:50 Elisangela
É isso aí, filho.

00:55:54 Felipe
Bom, você falou de várias aqui, Eu ia ter perguntado. E aí, outro ponto dos animais de estimação que tem na casa. Eu vi que tem um aqui, entre os passarinhos.

00:56:12 Elisangela
Tem um Max, né? O Max foi resgatado. Ela é do aeroporto da casa de um pessoal. O Max tá com sete anos. E o meu esposo gosta de passarinho. Deu pra reparar, né? É coleirinha, é picharro, esses passarinhos assim a gente gosta bastante, né? Mas o Cleverson tem os passarinhos como hobby, né?

00:56:51 Felipe
São esses três aqui?

00:56:53 Elisangela
Isso. E tinha mais, né?

00:56:56 Felipe
Ah, tinha mais.

00:56:57 Elisangela
É, tinha bem mais. Mas aí com a idade vai chegando, a idade vai chegando e a paciência vai indo embora, aí você não pode pegar muita coisa que você não dá conta. Porque parece que vai ficando com o freio de mão puxado, então... A gente tem... Eu teria, até esses tempos atrás, eu ganhei do meu esposo mesmo um vassouro alemão, né? Que era o sonho da minha vida, né? O meu sonho era ter um pássaro alemão e eu tenho um pincher, nada a ver, né? Mas tudo bem. E aí eu trouxe... Eu tive esse cachorro, só que por questão, assim, de ficar com dó mesmo, por causa do espaço do imóvel, eu peguei e dei para o meu sogro, né? Meu sogro que mora lá em Betel, ele mora num sítio, E aí lá tá o Hulk, que é esse cachorro, que também foi um cachorro que foi resgatado na rua, né, por uma moradora ali de perto do Alto Taquaral, que deu pro meu esposo e eu por ficar com dó dele, peguei e dei pro meu sogro. E hoje ele tá lá, vivendo felizinho da vida.

00:58:27 Felipe

Nessa casa que agora vocês estão aqui, ela sempre foi assim? Ou vocês foram construindo ela aos poucos?

00:58:34 Elisangela

Sempre foi assim. A única mudança que a gente fez, na realidade, depois da troca, foi pouquinho coisa. Foi ter colocado um box no banheiro, foi ter feito pequenas pinturas anual, né? E agora que a Ebony veio pra cá, a gente Aqui era a garagem, então a gente se adaptou pra eles terem o cantinho deles, mais a privacidade deles, né? E foi assim.

00:59:07 Felipe

Aí hoje mora você?

00:59:11 Elisangela

Mora eu, o Cleber sou meu esposo, o Eric é o meu filho que é especial, a Evelyn com o esposo dela, com a filha dele do outro casamento e o Brian. São sete pessoas. Olha, não me faça a pergunta de como que a gente consegue se encaixar nisso. Eu sei que acontece. Eu falo que é família típica brasileira, que um vai acolhendo o outro. As pessoas às vezes até falam assim pra mim, assim, nossa, mas você deveria pedir pra eles alugar uma casa e tudo e tal. Eu falo, cada um sabe das suas condições, né? E por enquanto tá dando bom, né? Então tá bem pra eles, tá bem pra gente também. A gente acredita que com o trabalho e a força de vontade, como a gente teve, eles vão conquistar o que é deles também. Deu pra minha mãe, deu pro meu pai, deu pra mim, pro Cléber, sempre dei de longe. E eu falo que nada é por acaso. Deus tem o trabalho dele em tudo. E é glorioso saber que você, que nem no meu caso, eu ter sido acolhida pela minha mãe e hoje eu posso acolher minha filha, isso me dá muito orgulho. E eu poder, né, também acolher. Os sonhos de acolher. Vai dividindo tudo. Bom.

01:01:03 Felipe

Acho que teve várias aqui que você já contou em detalhes. Um pouco dessa parte é, por exemplo, você contou como chegaram os serviços públicos, né? Água, esgoto, você contou um pouco daquela relação que os vizinhos cuidavam da água, né? Por exemplo, mas esses processos, pra eles chegarem aqui, vocês tiveram que tomar providência?

01:01:42 Elisangela

Sim.

01:01:42 Felipe

Como é que foi essa...

01:01:44 Elisangela

Eu lembro que foi feito uma... eu era pequena e eu lembro que por conta de ficar fechando a água, a vizinha estar fechando a água no momento que o pessoal queria tomar banho, essas coisas, né? Foi feito uma baixa assinada, né? Pra que a Sanasa viesse e colocasse registro, né? Nas águas, né? Então, das casas das pessoas, né? e eles vieram fazer. A princípio, eu acho que a luz demorou mais pra chegar do que a água. Demorou mais pra chegar do que a água. A água chegou mais rápido. Eles foram Eu

lembro que tinha ali no... não era no Taquaral, era perto do liceu, a Sanasa. Então, era lá que eram feitos os cadastros, né? E aí vinha com a caixa, né? Com a caixa pra... pra cada um colocar a sua água.

01:03:02 Felipe

O cavalete.

01:03:03 Elisangela

O cavalete, isso. O famoso cavalete. É... conforme as casas ainda não teriam concluído a construção. Então ficou muito esquisito depois, porque os cavaletes ficaram pra dentro das casas. E aí foi se fazendo e não foi adaptando nada. Então eu lembro que o pessoal vinha medir e aí não tinha como. Abra aqui o portão pra fazer a medição. O cavaleiro da minha mãe era dentro da garagem dela. Tipo, e aí começou, eles fizeram. Aí eles vieram atrás dos moradores pra falar que tinha que tirar. Pra tá colocando pra fora. De repente, acaba de melhorar. algumas pessoas eu lembro que colocava aqueles canos de 100 assim e aí a pessoa ficava olhando assim Eu colocava assim pra estar fazendo leitura e eu lembro também que conforme chovia ou fazia muito calor, ficava embaçado. Aí eles jogavam água com vidro de perfume, sabe? Assim, pra tentar enxergar lá a medição do relógio. E aí foi colocado pra fora. Aí foi tudo daí pra cá. Eu falo que se passou dificuldade, passou muito pouco. Perto da dificuldade que tinha antes. E o poste também tinha ficado pra dentro. O da minha mãe, inclusive, ficou até a construção dessa casa nova dela. porque a casa acabou sendo condenada pela defesa civil e pela engenharia da Coab, por ele ser idoso. Meu pai já estava com Alzheimer. E aí a gente já estava vendo a progressão da doença, então foi quando foi para destruir aquela casa que foi tão sacrificioso pra ele, sabe? Eu lembro do meu pai ter ficado com depressão por conta que ele viu derrubando a casa, né? Você construía tudo, tijolinho por tijolinho. E até o rapaz falou pra mim, nossa, como essa casa era antiga. 45 anos. Aí derrubou tudo, jogou tudo no chão. para construir uma nova casa. Eu lembro que essa casa é da minha mãe. Eu nunca fiz engenharia, mas foi eu que fiz o desenho dela. A minha mãe escolheu um banheiro enorme, de grande, porque na primeira casa a gente passava muita dificuldade, porque o banheiro era pequeno. A sala sempre foi espaçosa, mas o banheiro era pequeno, então a minha mãe disse um banheiro de três por cinco. O banheiro, até o pessoal quando vai lá na casa da minha mãe fala assim que o banheiro dá pra você botar uma cama de solteiro lá e dormir praticamente lá, porque foi um banheiro bem grande, né? Aí a gente fez aquela adaptação, colocamos porta bem maior, né? Por causa da progressão da doença do meu pai. A porta do quarto, a porta do quarto do meu pai e a porta do quarto da minha mãe eram medidas diferentes, né? O quarto do meu pai tinha uma, eu coloquei, eu lembro que no pedido que eu fiz eu queria uma porta de um metro, uma porta bem grande, né? Porque eu Já fiquei imaginando que essa ambulância chegasse lá pra pegar ele, pra colocar lá. E foi o que aconteceu. Um ano depois deles terem mudado pra casa, o meu pai caiu de cama. E foi esse... O planejamento da casa em si, o projeto da casa, ajudou com que o meu pai tivesse uma dignidade. para ele estar tendo seus últimos períodos na casa. Ficou conseguindo uma cama hospitalar para ele, o ambiente era bem favorável para ele. Tivemos que mudar a princípio Meu pai ficou no quarto da minha mãe por um período, mas quando a gente viu que não tinha mais jeito, eles deslocaram ele para o quarto dele e a minha mãe ficou no quarto dela. E a gente cuidou e meu pai ficou acamado um ano de cama. Foi quando ele veio a óbito, em 2015.

Meu pai sempre foi um homem trabalhador. O que me consolou bastante foi que, por causa da progressão da doença, o Alzheimer é uma doença que agedia muito. Então, meu pai lembrava, ele até falava que ele lembrava quando ele tinha construído a casa. Meu pai não fez coluna na casa. Não fez coluna na casa. Então, foi emendando tijolo baiano. Isso, fazendo as amarrações, né? Pra fazer essa casa, eles fizeram colunas, fizeram aquela parte de cima da casa bem mais alta e tudo, né? fez a... o... quintal, deixou um espaço pro quintal, lavanderia, bem arejado e tudo, né? Eu acho que ficou bom.

01:10:01 Felipe

Aí foi uma construção deles, vocês se juntaram pra fazer? Como é que foi essa construção?

01:10:08 Elisangela

Não, a construção da minha... da casa da minha mãe foi a... a Fundap que fez, né? A Cohab... é... Fizemos um contrato lá, a casa da minha mãe é para ser paga em 30 anos. Ela até fala que provavelmente ela vai morrer e hoje em dia não se caduca mais essa dívida com a morte da pessoa. Então quem ficar com a casa vai ter que continuar pagando a casa e os seus tributos. Eles construíram a casa, eles derrubaram a outra casa. E aí a minha mãe ficou certo deles dar um subsídio pra minha mãe, né? E o restante, os demais, também foram feitos igual foi feita da minha casa. Lembra que eu te contei das etapas? Fez tal etapa, vai lá no banco, recebe o pedreiro, recebia e pagava o ajudante, né? Foi o Sr. Isaías, um senhorzinho, que fez a casa da minha mãe. E tudo foi essa amostra do desenho. A engenheira veio no meio da construção e ela falou que teria que fazer um metro de recuo. Eu não pensei nisso, mas... Depois eu fui ver que ela estava com a razão, porque com o método de recuo, a casa ia ficar mais arejada. A casa da minha mãe é quente, mas é bem quente. Mas a porta, eu escolhi uma porta de dois e poucos da sala. Dois e vinte, dois e pouquinho. Ficou bem grande. E aí tem a sala, né? Sala de sete. E aí já tem aquela paredinha tipo americana, sabe?

01:12:22 Felipe

Sim.

01:12:23 Elisangela

Que eu não sei se chama ilha, eu não sei como é que chama. Que ficou aquele balcão e do outro lado lá já é a cozinha. É bem conjugado. E ficou muito bom.

01:12:35 Felipe

Fica bem arejado, né?

01:12:36 Elisangela

Bem arejado.

01:12:37 Felipe

Bem espaçoso, né?

01:12:38 Elisangela

Sim.

01:12:39 Felipe

Ah, legal. E aí pensando também, por exemplo, nessa parte pública, eliminação pública, você disse que demorou mais.

01:12:51 Elisangela

Demorou.

01:12:52 Felipe

Demorou bem mais também.

01:12:53 Elisangela

Demorou.

01:12:54 Felipe

Tem alguma reivindicação de vocês para isso também? Coleta seletiva também?

01:13:00 Elisangela

Sim. A coleta seletiva sempre foi um... bem complicado aqui, né? Eu falo que... Hoje a gente ainda tem alguns problemas, né? Porque as ruas, com o tempo, as ruas eram grandes. Aí, conforme cada vez que foi passando alguém, parece que as ruas foram diminuindo. Então, os caminhões de colete de lixo que faziam as ruas, não fazem mais isso hoje. Agora tem que levar nas esquinas. Então, aí tem aquele problema, né, que eu até falei pro menino que talvez teria que falar com o prefeito, com o vereador, sei lá, pra colocar, sabe aqueles latão grande? Porque os cachorros bagunçam tudo.

01:14:01 Felipe

Aqui não tem.

01:14:02 Elisangela

Aqui não, só na Moscou que tem. O ginásio lá embaixo tem, aqui não. E a iluminação foi bem complicada também, porque teve que puxar a afiação de lá de cima pra cá.

01:14:24 Felipe

Da avenida.

01:14:25 Elisangela

Isso, da avenida pra cá. Mas, valeu a pena. Foram trocados os postes, Ainda ficou, né? Aquele poste ali de madeira, aí colocaram poste de cimento, de concreto. Achei que ficou bom. Lá no Gênesis, na casa onde eu tinha, era de ferro. Eu não sei se tá ainda, não tenho notícia se ainda tá ou se eles colocaram poste de, de alvenaria, não cheio de zinco, mas aqui tem, tem um poste. Aqui o poste é pra dentro, igual que eu faz tanto tempo que sei, mas eles deram um jeito de colocar o relógio pra fora, deu certo.

01:15:28 Felipe

E aí até pensando da sua casa, assim, tem... Tem algum lugar que você pensa em algum melhoramento? Alguma coisa que você poderia mudar?

01:15:42 Elisangela

Ah, com certeza! Eu queria construir pra cima, sabe? Eu tenho uma vontade, porque eu ainda não entendi... Porque essa casa é uma das casas antigas daqui do bairro. Então, eu não tenho certeza se eles fizeram igual o meu pai. Junção de tijolo com tijolo e não fez pilar. Isso, pilar. Eu queria estar fazendo, nem que fosse para não construir para cima, mas fazer um pilar melhor, sabe? Umas colunas bacanas para poder subir para cima. Eu tenho esse sonho de subir ela pra cima, fazer... Deixar aqui embaixo a garagem, um espaço, né? E a cozinha e subir a sala lá pra cima e os quartos. Eu tenho esse sonho. Só não sei se compensaria, porque... Já tem casa, assim, nesse modelo, né? Eu não sei se compensaria tá fazendo essa construção, né? Mas é um dos sonhos que eu tenho.

01:17:03 Felipe

E aí, pensando, você tinha falado do espaço até com relação ao cachorro que você acabou não trazendo, né? O pássaro alemão que você queria. Mas pensando, por exemplo, nos espaços livres hoje, você acha que atende ou seja a forma que tem hoje o espaço livre na casa?

01:17:28 Elisangela

Não, não sei. Tinha que aumentar. Eu não sei aumentar pra onde, mas teria que aumentar. Porque eu até falo, né? Cachorro aqui não dá mais. Cachorro de porte pequeno até suporta, né? Porque ficou o espaço do pneu. Eu tenho um caninho, né? Tem a casinha, o caninho e tudo. Agora tá abarrotada de coisa pra lá. Você vai e tudo que tá sobrando tá... Ah, não sei... O que é que vai fazer com essa cadeira? Será que se doa? Será que se não doa? Põe lá no quartinho do fundo. Ah, tem o quartinho da Barbosa. Tem o quartinho da Barbosa.

01:18:07 Felipe

Que pena.

01:18:08 Elisangela

E é isso, né? O povo vai se relocando, vai... Mas eu falei que ficou só na nossa imaginação o canil mesmo. Porque o Max, ele não fica. Eu falo que é um projeto do canil que ficou assim, voando, né?

01:18:33 Felipe

Um canil, como assim? Você queria fazer um...

01:18:36 Elisangela

Não, é assim. Se eu fosse ter um cachorro, assim, maior, assim, de porte médio, Teria o caninho pra ele ficar, né? Mas, tipo assim, o Max não quer ficar lá. Porque ele vai ficar mais preso, então tem que deixar ele aí, do jeito que ele tá aí.

01:18:59 Felipe

E ele é bonzinho, né?

01:19:00 Elisangela

Ele vai. É uma benção.

01:19:03 Felipe

Eu vi que ele vai até ali e volta, mas ele não tá nem aí, né?

01:19:06 Elisangela

É.

01:19:11 Felipe

E até pensando, você já falou de crescer aqui a casa também. Como que você decidiu, por exemplo, mobiliar a casa, né? Por exemplo, em questão de armário, cozinha, cama, sofá, como que vocês, eu penso.

01:19:36 Elisangela

Assim, Decoração, já falas?

01:19:39 Felipe

Decoração, mobiliação, mobília toda.

01:19:43 Elisangela

Assim, o projeto que eu tinha, o projeto da decoração da casa, não é nada do jeito que eu queria. Não é nada do jeito que eu queria. Eu queria, nos quartos, guardar roupa embutida, A cama poderia ser uma cama maior, né? Mas o espaço é limitado. É limitado. Prima, tu fica na minha onde? Não posso. Não posso. Oi, filha.

01:20:31 Felipe

Oi.

01:20:31 Elisangela

Quer o que?

01:20:35 Felipe

É... Meio de meio.

01:20:39 Elisangela

Vai, Lita, que eu estou ocupada. Não tem, Lita. Não tem. Vai. Vai passear. Aí... Eu... A cozinha... Eu... Eu gosto da... Da cozinha, mas... Tipo assim, a janela eu achava que eu ia mudar. Colocava uma... Uma janela... tipo, diferente, né? Abrir mais assim, com menos vidro, né? É assim que eu acho.

01:21:17 Felipe

O projeto foi você... foi fazendo... Foi.

01:21:21 Elisangela

Fazendo conforme as condições, né? Foi chegando o armário de cozinha. Eu lembro que eu comprei um armário de Cozinha pequena, com aquele... Eu lembro que era verde e branco. Na minha cozinha era verde e branco. Eu comprei naquelas lojas de imóveis

usados. Comprei o armário de cozinha. Aí, depois, com o tempo, meu esposo fez... Colocou a pia. Ele fez um armário embaixo. pra colocar as panelas, coisas, né? E... Fizemos pra fora o... Que era lá pra dentro, né?

01:22:17 Felipe

O...

01:22:18 Elisangela

O botijão, né? Que na minha opinião, acho que é o correto.

01:22:29 Felipe

Pra fora.

01:22:30 Elisangela

Pra fora, né? Apesar que tem essa casinha aqui, era a casinha do boião, né? Era a casinha do botijão. E aí tem a mesa com... com as bancadinhas, porque a gente não quis cadeira. Como meu esposo voltou a trabalhar na madeireira, meu esposo fez esses banquinhos. Então, é esses banquinhos que ficam na mesa. A mesa também foi ele que fez, de madeira. E com o gabinete da FIA, que também foi ele que fez de madeira. E a gente gostou. Por enquanto, é isso. O armário de cozinha mudou, porque é um armário planejado, que a gente comprou de segunda mão, mas que é muito bom. E o Cleverson, pra arrumar esse armário na parte de cima e de baixo pra fazer o balcão, ele arrancou as portas do... Porque pobre é assim, né? Pobre reinventa tudo, né? Ele arrancou as portas do armário, do guarda-roupa e fez o balcão. E acabou combinando que as portas do guarda-roupa eram cinzas e os armários são brancos. Então combinou, destacou as cores e assim que ficou. Aí você olha assim, você fala, nossa, que lindo, que balcão lindo. É, mal sabe, né, que é um armário embaixo, né, de colocar as compras, né, colocar as coisinhas do neném, alguns utensílios domésticos. E em cima é a porta do guarda-roupa. E em cima, na outra parte, é a porta do bico. É a segunda porta do guarda-roupa, que era de correr. Guarda-roupa de correr. Que por conta de colocar muita coisa lá, ele acabou não aguentando, ele correu, né?

01:25:02 Felipe

Correu.

01:25:03 Elisangela

Correu, né? Literalmente. Aí a gente fez isso, né? E eu achei que ficou legal pra caramba.

01:25:10 Felipe

Ficou legal, cara.

01:25:12 Elisangela

Ficou incrível. Ficou incrível, né? Não dá pra fazer conta, né? E tá na expectativa, né? De ter melhoria, né? Por enquanto tá só no sonho, né? Planejamento, mas ainda tá cedo, né? É bom ver.

01:25:32 Felipe

O que acontece, né? As coisas acontecem no tempo dela, né?

01:25:37 Elisangela

É. O importante agora é colocar a cabeça no lugar, né? Se organizar. e se planejar, né? Hoje a gente já tem uma cabeça bem melhor do que tinha antes, né? Que a gente era aventureiro, saía fazendo as contas e tinha cartão de crédito, você passava as madeiras que a gente fez o barraco no Gênesis. O meu marido passou o cartão de crédito lá onde ele trabalhava lá e recebia uma ninharia, porque ficou caro. as madeiras para fazer o barraco. E depois, quando a gente viu a máquina passando e levando aquelas madeiras, deu uma dor no coração. Deu uma dor porque eu falei, meu Deus, ali tem dinheiro, tem suor, dia de trabalho, sabe? Bastante dificuldade. E eu acho que é por isso que a gente tem mais o pé no chão. A gente não tá querendo mais se mudar a torta de leite. E tudo leva tempo, leva trabalho. Isso é um muito sacrifício.

01:26:59 Felipe

Entendi.

01:26:59 Elisangela

Tem que abrir mão de muita coisa pra chegar onde a gente tá querendo chegar.

01:27:04 Felipe

Até entendo, por exemplo, do momento que vocês saíram, foi lá do Capadócia, né?

01:27:09 Elisangela

Do Gênesis.

01:27:10 Felipe

Do Gênesis. Pra mim, pra cá. Foi uma escolha de vocês, vocês compravam, vocês trocaram.

01:27:19 Elisangela

A gente fez tipo um contrato de permuta, foi uma permuta, que naquele tempo, eu te contei, que eu fui pagando as prestações, e aí já estava em 51 reais, Todo esse tempo, em 2011, já era 51 reais. E aí, o pessoal achava que a dívida estava muito alta, porque eu não troquei pau a pau aquela casa por esse móvel. Teria que quitar a casa. Então, foram 1.800 reais de quitação pra quitar a casa lá. E aí eles fizeram a aplicação porque já não existia mais contrato de gaveta. Antes eles faziam aquele contrato de gaveta e quando a gente foi fazer esse negócio não existia mais. Então, eu teria que pagar a casa e aí faria a troca. Aí, trocamos os lotes e os documentos ficaram dessa maneira. no lote meu lá, quadra N, lote 11 e vim pra esse endereço aqui, da Catuaí 147.

01:28:54 Felipe

E até... perdão, você quer fazer uma pausa ou tá...

01:29:00 Elisangela

Não, pode, pode.

01:29:02 Felipe

E aí continuando, por exemplo, falando dessa parte do... os hábitos que você tem em casa, né? Como é que é os seus hábitos dia a dia e aí como é que tem essa relação com os espaços, né? Os hábitos que você tem diários, como.

01:29:21 Elisangela

É que... Tipo, você fala limpeza, organização... É o dia a dia. Ah, o dia a dia é bem tenso, né? É bem tenso, porque por conta do espaço, agora tem bebê, então todo lugar que você vai tem coisa de bebê, né? Queria até, eu falo até pro meu esposo, né? Eu queria que a gente nem fosse fazer um armário suspenso pra colocar as coisas do bebê. Tipo, o Rico tem brinquedoteca, essas coisas, né? A gente sabe que espaço a gente não tem, né? Mas, assim, o que me deixa bastante, assim, tensa é que Aonde você olha tem coisa dele, tem brinquedo dele, tem um andador dele, tem... das fases, né? Do bebê, né? Carrinho, andador, berço, tudo, sabe? Tudo. E aí você vai sair num canto, aí esbarra numa coisa, né? E cada vez que se passa, você tem menos tempo. Então eu costumo falar que eu não tenho tempo, né? Que eu não tô tendo tempo pra fazer aquela limpeza que eu gostaria de fazer. E também não tem espaço, porque tudo aonde você vai tem coisa de beber. É das seis da manhã às seis da tarde. é aquela correria, pra fazer comida. Aí tem a sala onde o bebê fica, onde a sala que o bebê fica, pra não passar pra cozinha, que eu tenho essa noção de medo dele se acidentar com panela, essas coisas, eu ia colocar uma manderite, mas aí o que eu acabo colocando? Uma tábua de passar roupa. limitando a sala e o quarto do meu filho aonde ele pode engatinhar, porque ele tá nesse momento agora de engatinhar. Agora, dia 20 agora, ele faz um aninho com o Brian, então o espaço dele é aquele ali. O espaço dele. E aí, se a gente tem que limpar ou fazer qualquer outra coisa, tem que tirar ele de lá e levar para o quarto, né? E criança, você sabe, ele não quer ficar aí parado, né? Criança tá parada, só que tá doente. Mas se não tiver aqui, eles têm energia. Têm energia.

01:32:15 Felipe

E acorda cedo e vai?

01:32:16 Elisangela

Acorda cedo, vai pra creche, quando volta, volta naquele pique todo. Se tiver com um atestado, que nem tá agora, de manhã até de noite é correrinho. Todo mundo se locomovendo pra lá e pra cá.

01:32:39 Felipe

Tchau, tchau.

01:32:40 Elisangela

Tchau sim.

01:32:41 Felipe

Tchau, tchau. E a creche não é muito longe daqui?

01:32:45 Elisangela

Não, a creche é o São João Batista. Até que é perto. A creche é ali, ali na Moscou, né?

São João Batista.

01:32:55 Felipe

Eu sei que tem a Fadinha.

01:32:57 Elisangela

Tem a Fadinha e tem a São João Batista.

01:32:59 Felipe

São João Batista.

01:33:00 Elisangela

Isso. É onde o Brian fica. Aqui, pra cá, ele vai vim quando ele tiver com três anos. Né? Esperem, Deus, que até lá ele já tenha o cantinho deles, né? É que passa muito rápido, viu, Felipe?

01:33:17 Felipe

Passa, né?

01:33:18 Elisangela

Passa muito rápido. E olha, a Evelin tava grávida esses dias. Ele já vai completar um ano, dia 20. Passa bem rápido.

01:33:27 Felipe

O bebê já tá andando, né?

01:33:29 Elisangela

Já. E, assim, na minha mente, toda casa deveria acompanhar o crescimento da família. Se tivesse um projeto, sabe? Ah, o quarto. Põe a cama. Tipo, põe o berço pro neném. Depois, o berço tem que vir à cama. Será que cabe? Não sei. A cama é a maior. Cama de solteiro, né? Aí é ele e a irmã dele. Eu acho que daqui a uns tempos vai ter que... colocar, como é que fala? Beliche. Tomara que fique um dos dois, mas aí senão vai ser trilhiche, não vai caber, quadrilhiche, não sei. E vai se relocando. Eu, pra mim, eu achava que no caso deles, né, seria a cama de casal, né, beliche, guarda-roupa e prateleira. Sei lá, é assim que a gente pensa, né? Lá no meu quarto não tem guarda-roupa, não tem guarda-roupa, então meu esposo fez tipo um cabideiro assim, de madeira também, ele trabalha na madeira, né? E a gente colocou as roupas no cabide, que é assim que a gente se vira lá. E aí tem uma cômoda, com umas gavetas que põe as roupas de dobrar nessa gaveta. São uma, duas, três, quatro. Quatro gavetas pra mim. Na realidade, é mais gaveta pra mim. E é sempre... É que eu ia falar se meu marido tivesse aqui, ia falar quantas que é mesmo. No caso seria quatro pra ele e quatro pra mim, mas nunca é, viu, Felipe? Então, eu acabei ficando com mais gaveta, né? Peguei umas gavetas do meu marido, acho que duas no caso. Se apertar sai três. Mais gaveta pra mulher e... E agora na cozinha não tem espaço, mas se tivesse eu queria fazer tipo um lugar pra colocar a compra, sabe? Eu achava que ia ficar muito bacana. Só pra colocar a compra.

01:36:28 Felipe

E já emendando, qual que é o seu espaço preferido da casa?

01:36:34 Elisangela

Meu espaço preferido da casa é a sala. Por quê? Porque é onde eu me reloco, me reúno com os meus familiares para conversar, para a gente assistir um filme, para a gente bater um papo. É bem bacana. Eu gosto. Eu gosto da minha sala. E assim, quando eu mudei para cá, não tinha, só tinha essa janela ali, né? E aí eu falei pro meu esposo, falei, não, eu quero... pro meu esposo a gente tem essa divergência. Ele, quanto mais a casa fechada pra ele, é melhor. Eu não, eu gosto de ar. Então, de claridade, essas coisas. Então, eu pedi pra ele colocar uma janela, né? Aí, A gente foi na casa de um dos amigos da gente, um casal de amigos da gente, eles doaram duas janelas. Eu queria trazer as duas pra colocar, ele não. Ele trouxe uma só e colocou a janela lá, que foi o que deu esse app na sala. Ficou mais claro, né? Eu gostei. Fiquei me sentindo assim, vitoriosa.

01:38:03 Felipe

E os lugares que você acha que é o preferido deles, como o seu marido, a sua filha, o seu filho?

01:38:10 Elisangela

Meu marido, o canto preferido dele é o quarto. Depois que ele ficou... mais de idade, né? Ele tá com 45 anos. Ele, às vezes, por causa do barulho do neném, barulho do pessoal e tudo, ele quer ficar um pouquinho mais sozinho, mais isolado, quieto no cantinho dele, às vezes assistindo no celular no quarto mesmo. Eu não, eu quero movimento, entendeu? E eu falo que A obra do Senhor pra gente tá dando certo, porque são questões de visão totalmente diferentes. Nesse momento agora, eu não quero ficar sozinha. Não quero ficar sozinha, então por isso eu prefiro a sala. Eu prefiro... Mesmo o Tano, né? Ele fala assim, nossa, você não consegue, tanta gente assim. Não, não consigo, sabe? E aí quando eles saem, vai pra algum lugar que eu tenho que ficar sozinha totalmente deslocada. A casa pra mim fica imensa.

01:39:30 Felipe

É?

01:39:31 Elisangela

É, pra mim. Aí eu olho e eu falo, meu Deus, a casa tá imensa. Porque eu acho que eu já tô acostumando, sabe? com a família, esse espaço assim limitado e tudo. A questão até do revezamento do banho, a gente costumou agora falar que de 3 em 3 meses a gente tem que trocar de chuveiro porque o chuveiro não suporta, não dá conta não, filho. Falei que agora tá calor. Falei, pode desligar a chave lá do chuveiro lá, vai tomar, todo mundo vai tomar banho gelado e tá tudo certo. Água do neném, só põe água no balde, um solão desse daí, minha filha, com 20 minutos a água tá fervendo já. Se bobear, tem que botar mais água gelada pra dar banho no neném. Muito bacana.

01:40:20 Felipe

Você falando da casa aí até... É a próxima pergunta, porque eu ia perguntar como é a sua interação quando você tem o tempo livre? Você tá sozinha em casa. E aí, o que que...

01:40:31 Elisangela

É, quando eu tenho tempo livre eu quero assistir. Eu quero assistir TV, eu quero ficar relaxada no sofá. Eu quero... Antigamente eu fazia muito trabalho social, né?

01:40:48 Felipe

Aham.

01:40:49 Elisangela

Aí... depois, conforme foi apertando mais, né? Aí agora eu quero ficar em casa e tem a Adriele, a gente... A Adriele vem pra casa e a gente assiste TV, fica lá e faz uma pipoca, assiste uma Netflix e...

01:41:10 Felipe

A Adriele, né?

01:41:12 Elisangela

A Adriele, eu falo que ela é um pouco a minha filha, mas ela é a vizinha e pode ser É a vizinha aqui do lado, filha da vizinha. E aí ela fica bastante tempo aqui, que é a melhor amiga da minha filha e madrinha do meu neto, do Brian. Só estamos aqui. Fala que nós estamos em casa. Se tiver que ponhar mais água no feijão e tudo, estamos em casa. Legal.

01:41:44 Felipe

E é tipo, e do tempo em que as outras pessoas ficam, né? Seu marido, quando tá um tempo aqui em casa também, sua filha, não sei se... Você imagina o que que eles gostam de fazer quando tá aqui, sossegado também?

01:42:02 Elisangela

Meu marido, geralmente, ele gosta de mexer com passarinho. Ele passa bastante tempo olhando os passarinhos, vendo se estão com comida. Eu falo que mais de 13% do tempo dele ele gasta para alimentar e cuidar dos passarinhos. limpar a gaiola, fazer essas coisas. Demanda um tempinho, sabe? E ele gosta. Ele até fala que num projeto futuro, se a gente construir isso pra cima, ele ia fazer uma área pra botar as gaiolas lá em cima, fazer a sacada, sabe? Isso. Colocar os passarinhos lá e eu colocar umas plantas, sabe? Eu gosto muito de planta. Isso aí não era nada do projeto que eu queria. Eu só sinto muita falta de espaço. Por quê? Eu gosto de horto. Eu gosto de planta. Só que a casa, sendo pequena, não tem esse espaço. E, tipo, eu gosto de orquídea. Eu gosto... Não tem, assim, aquele... Não tem aquele tipo de planta específica que eu gosto, mas eu gosto de planta que dá flor, entendeu? Então eu gosto de tudo muito colorido e tudo, e aqui não tem espaço. Por isso que eu falo que subindo pra cima, eu faria isso lá em cima na sacada. aí ele fala de colocar os passarinhos dele, aí eu falo de colocar as minhas plantas, aí ele fala assim, é, mas e aí se sair do limite, né? Porque quem gosta de planta, você sabe como que é, né? Ah, é um vasinho hoje, amanhã já é dois, depois três e por aí vai. Aí, colocaria também nesse Nesse espaço lá em cima, um sofá, tipo uma namoradeira, sabe? Pra gente ficar sentado, papiando, lembrando o tempo que a gente se conheceu. É isso que eu imagino. É um espaço, eu não sei se daria, mas eu queria também um espaço que ponhasse uma churrasqueira, tipo área de uma mesa, sabe? Eu

não sei se o povo tem isso, mas eu sei que o rico tem e é bacana pra eles, porque que não seria pra mim?

01:44:55 Felipe
Lógico.

01:44:56 Elisangela
Né? Eu queria. Um espaço lá de churrasqueira pra gente fazer o churrasquinho, ficar a família junto. Uma mesa não muito grande pra gente estar fazendo as refeições em cima. Eu imagino assim.

01:45:16 Felipe
Pensando na casa, você acha ela acolhedora pra você, pra sua família?

01:45:23 Elisangela
Eu acho, eu acho a minha casa acolhedora. Por quê? Porque todo mundo gosta de ficar aqui, né? Todo mundo gosta de ficar. Eu falo assim que, o que que era a casa se o morador não for acolhedor? Se o morador for acolhedor, fi, ele acaba acolhendo todo mundo. A gente sempre tem um colchão de solteiro pra alguém que quer chegar e dar uma descansada. Eu até falei com minha esposa, falei que a minha próxima aquisição é comprar dois colchões de solteiro inflado. Por quê? Porque quando vier as pessoas pra minha casa, a gente... Infla o colchão, põe um no quarto do Eric, ou na sala, pro pessoal dormir. E depois, a hora que murchar, acabou. Guarda, né? Então economiza espaço e acolhe as pessoas. Mas eu acho que... Minha esposa sempre fala pra mim assim, se você morasse em uma fazenda, com pouco tempo você ia ficar sem espaço. Porque eu gosto e quero muita coisa. Quero espaço e muita coisa. Espaço, assim, pra colocar a pessoa, pra ficar imaginando, sabe? Aquelas mesas imensas, todo mundo em volta da mesa, fazendo proteção, conversando com a piana. dando risada. Eu gosto de tudo. É gostoso demais.

01:47:19 Felipe
E aí, já falando disso, então, o que você acha que contribui pra sua felicidade aqui na sua casa?

01:47:28 Elisangela
Ah, o que contribui de verdade é o amor na família mesmo. Acho que contribui muito. Sabe, a paz, o sossego, aquilo que o dinheiro não compra. Entendi. Eu vendo todo mundo tá bem, se a gente tiver, não precisa ser a melhor comida, mas aquele arroz, aquele feijão fresquinho, aquela coisa que é marcante, que fez parte da minha infância. Eu lembro que na minha infância, e eu até falo para os meus filhos, a gente tinha roupa de domingo, que hoje Depois que eu passei a ser crente, a gente fala que é a roupa de ir pra igreja, que é uma roupa melhorzinha, já não é aquela roupa surrada, né? E tipo, o final de semana era... que marcou muito, né? Na minha infância, Felipe, era que o meu pai e a minha mãe, pra eles trabalharem direto, o que sobrava pra gente era o almoço de domingo. E eu lembro que todo domingo tinha refrigerante. Então, era o único dia. Se eu tivesse ficado nisso, eu não estava obesa. Não estava gorda. Aí, tipo assim, era arroz, era macarrão, maionese e frango assado. E o refrigerante. Isso era... Eu lembro que eu ficava torcendo para chegar o domingo, era o meu dia preferido da semana. Eu falo que com a correria da

vida as famílias se mudaram muito. Então, hoje em dia tem até os apartamentos e o canto do pet. Eu não sei, parece que as famílias foram diminuindo e o povo foi... vasectomizando, sei lá o que foi fazendo aí. Até os cachorros, eles castraram, nem filho de pet, vô de pet não vai ser mais. Eu acredito que com o tempo não vai ter mais isso. As famílias tradicionais. Que é isso que eu acho que dá um charme mais, né? Isso que alegra o coração, né? Pai, mãe, o filho, o neto, passear na casa.

01:50:05 Felipe

Você ainda consegue fazer esse domingo com a família?

01:50:11 Elisangela

De vez em quando eu até consigo. Só que assim, a gente não tem mais tempo de assar o frango. Porque é tudo muito corrido, tá muito corrido. Então, aqui no bairro, tem o meu sobrinho que tem o Big Frank. Então, o que a gente faz quando quer ter um? A gente vai pra escola dominical, quando a gente volta, são 11 horas. A escola dominical começa às 9, quando é às 11 a gente tá chegando em casa. Então não tem mais esse... até pegar o frango, botar pra assar, não sei o que, não. Então o que a gente faz? A gente compra o frango assado, já vem o refrigerante e a maionese. Eu faço só o macarrão. Olha aí! Minha mãe não teve isso. Mas eu até percebo que o sabor é diferente. Eu ainda lembro do gosto do frango assado da minha mãe. Sabe essa memória? Que é muito bacana, que eu guardo pra sempre.

01:51:23 Felipe

Dessas memórias na casa da sua mãe, você ainda consegue replicar na sua casa hoje? As memórias que você tinha desse dia, por exemplo, de um almoço de domingo. Tem alguma coisa aqui que você consegue capturar que traz essa história?

01:51:41 Elisangela

Então, às vezes eu até tento, mas hoje é outra coisa. Quando eu tenho um filho, o outro já não tá, entendeu? Então tem que me virar com quem tá ali à volta, entendeu? Quando conseguir dar a Evelyn folgar no mesmo dia que o Eric, até dá. mas são momentos muito raros. E aí, quando tenho esse almoço em família, esse, sabe, o cochilo, que também tinha na casa da minha mãe, cochilo depois do almoço, né, que o que a gente sempre costumava falar, que é ganhar os quilinhos. Eu não tô precisando ganhar quilinho, né, mas naquele tempo era muito bacana que a gente desligava a TV, né, depois do almoço e tudo, e cada um ia pro seu cantinho dormir. Hoje em dia, as pessoas vão pro celular e tudo, então eu falo pro pessoal de casa, eu falei, é o momento da gente se desligar e ter o coração grato, sabe? Esse período de dar aquela descansada e tudo, revigora. É tipo uma hora de descanso, uma hora e meia e tudo, e fica tudo muito bem.

01:53:14 Felipe

E tem algum lugar que você acha menos agradável da casa?

01:53:19 Elisangela

Menos agradável da casa... Eu acho que não tem. Tem o meu lugar preferido, mas menos não tem não. Porque depois da sala, o meu local preferido é a cozinha. É a cozinha. É lavar louça, limpar fogão, organizar pra fazer o almoço, pra estar ali. Na cozinha também

é quando a gente faz as receitas ali junto. Meu genro também gosta de fazer pudim, bolo, pão, essas coisas. Ontem mesmo a minha mãe veio aqui, E a gente fez pão caseiro, né? E assim, é tudo muito diferente, sabe? Pãozinhoquentinho, aquela manteiguinha derretendo, aquele cafezinho fresquinho. Ai, já dou até fome, né? É tudo muito bom, muito bom. Traz memórias também da minha infância. Eu não sei fazer, o meu esposo sabe fazer, mas o que a gente gosta muito de comer de vez em quando é bolinho de chupa com cafezinho fresco. O meu esposo faz e a gente gosta muito. E eu falo que isso já faz parte da memória afetiva dos meus filhos. Desde pequeno, o meu esposo sempre gostou de fazer. É raro, né? mas ele sempre gosta de fazer. Quando eles pedem... Seu esposo que faz? Meu esposo que faz. É o bolinho de chuva, pintado ali, e aí ele coloca açúcar e canela, né? E a gente toma com aquele cafezinho e tudo. E aí, daqui a pouco, chega um... Ô, boa tarde! Como é que tá? Tudo bem? E a gente já senta ali no sofá, ali com a... com a... com a baciinha, com a... A vasilhinha de plástico e os bolinhos de chuva.

01:55:31 Felipe

Muito bom. E aí, tem perguntas que você falou da relação com a sua vizinha, que é mais próxima, né? Que ela vem aqui.

01:55:40 Elisangela

É, a Adriana.

01:55:41 Felipe

E com os outros vizinhos também, como.

01:55:43 Elisangela

É que... Ah, é o bom dia, né? O bom dia, como é que você tá. Aí tem uns que... A gente costuma reclamar do tempo e a gente já corta o assunto, né? Porque eu falo que dá graças a Deus a tudo, né? Mas quando eu converso muito com a dona Maria, né? Eu costumo cumprimentar ela e ela tem a cachorrinha dela, né? Que o Marcos acabou fazendo amizade com a cachorra. A gente pode se dizer isso. Aí ela, de vez em quando, a Belinha vem aqui, o Marcos vai lá e conversa. Ficam brincando um pouquinho junto. E é isso. Relação com os meus vizinhos é uma relação até boa, graças a Deus. A vizinha daqui de baixo, eu não tenho muito contato, mas é só bom dia, boa tarde, boa noite, porque ela trabalha muito, né? Mas... e assim, no finalzinho da tarde é o horário que a gente pode estar recebendo eles. Né? E foi. Isso aqui é meu tesourinho. O rapaz responsável por ocupar o espaço de 99,9% de tudo.

01:57:17 Felipe

Tem que colocar a tábua lá pra ele não passar pra cozinha.

01:57:20 Elisangela

Sim, tem que colocar a tábua de passar roupa pra ele não ir pra cozinha. Ficou um bichinho pequeno.

01:57:26 Felipe

Ai, que bonito. Nossa, e o cabelinho enroladinho, parece aqueles anjinhos, sabe?

01:57:35 Elisangela

É, é um anjinho maluco. Ele é super anjinho. Mas ele tá começando a falar, tá começando a... Aí que eu falo assim, que é a fase melhor, né? Tá começando a andar e a gente tá descobrindo, caiu a ficha que a gente tem um bebê em casa, né? É quando as crianças começam a andar que eles mexem em tudo, né? Relocando todas as coisas de lugar, né?

01:58:05 Felipe

Nossa, que bonitinho. Ó, Rosa, já estamos acabando, tá? Faltam mais três perguntinhas.

01:58:17 Elisangela

É mesmo? Nossa, foi o que foi, né?

01:58:20 Felipe

Foi o que foi, né?

01:58:21 Elisangela

Foi.

01:58:22 Felipe

Aí até falando dos vizinhos, assim, continuando, Mudou muito a relação com o vizinho, com o passar do tempo? Dos anos que você tá de lá pra cá?

01:58:32 Elisangela

Ah, sim! Meu Deus, mudou muito.

01:58:35 Felipe

Como?

01:58:36 Elisangela

Mudou muito, porque antigamente tinha as festas de aniversário, né? Forró no quintal, todas essas coisas. Aí com o tempo a gente viu que as casas foram perdendo esses espaços, né? que nem no caso. Eu e o Cleber, só ainda a gente conseguiu preservar esse espacinho aqui que eu uso, que de vez em quando eu uso pra mim fazer as unhas, né? As unhas das clientes, né? E de vez em quando tá conversando com alguém num local mais reservado, né? Pra gente conversar. Mas com o tempo eu percebi que o... As pessoas perderam também os espaços. Eu perdi um espaço. E os vizinhos também perderam o espaço deles. Não existe mais. Hoje, festa de aniversário, é aquele micro bolo. Eu lembro da minha infância de ter minha mãe fazer bolo de três andares. O recheio era doce de leite com ameixa. refrigerante variado e tudo e pouco carne moída e essas coisas e hoje em dia o povo vai pro buffet aqueles negocinhos assim sei lá como é que chama, aqueles bolinhos sem recheio, só de copo e queijo. Então, vocês sabem, mudou muito. Mudou muito.

02:00:12 Felipe

E chamava todo mundo da região?

02:00:14 Elisangela

Todo mundo, claro.

02:00:15 Felipe

Todo mundo.

02:00:16 Elisangela

Aqui na rua eu lembro que na festa junina a gente combinava que com todos os moradores a gente enfeitava com bandeirinha, na minha infância. Era um pedido... o meu pai fazia fogueira, né? A gente... eu lembro que eu chamava a criançada do bairro, da rua, pra gente ir no bosque, Chico Mendes, né? Pra pegar, recolher madeira, né? Pra fazer aquelas fogueiras, né? E ali a gente já combinava, pedia pra mãe da gente, né? Papel alumínio e uma batata. Poderia ser batata comum, aquela batata que o povo frita hoje em dia, ou batata doce. Que enquanto a gente estava brincando e tudo, a gente pegava a batata doce, enrolava no papel alumínio e jogava lá na brasa. Depois que terminava, recolhia aquela batata para comer.

02:01:23 Felipe

Era muito bom. E aí, pensando nisso aí, Como é que você descreveria, tipo, uma... essa relação, assim, com a comunidade? Você acha saudável?

02:01:37 Elisangela

Ah, sim, claro. Hoje em dia?

02:01:40 Felipe

É, hoje em dia.

02:01:42 Elisangela

Eu, assim, eu sinto falta desse... mais esse contato, calor humano e tudo. Eu sinto falta. Mas eu falo que hoje, pela colheita que é, é saudável.

02:01:55 Felipe

É?

02:01:56 Elisangela

É. A gente dá o que tem, sabe? Tipo assim, não é com todo mundo, mas com as pessoas que a gente tem amizade, a gente consegue manter o relacionamento, tranquilo.

02:02:17 Felipe

E aí, encerrando, né? Se existe alguma coisa que você gostaria de contar da história, dos ambientes. Eu sei que você falou do futuro também. Você espera alguma outra coisa a mais que você...

02:02:33 Elisangela

Eu espero, de verdade, eu espero mais segurança para as crianças. Eu queria que, na verdade, as crianças pudessem brincarem mais, sabe? se desligarem um pouco, desconectar do celular e ter tipo brincadeira de amarelinha, ficar na rua, sabe? Brincando,

os vizinhos poderem fazer como foi lá na minha infância, botar a cadeira pra fora, ficar até seis, sete horas da noite na rua, brincando de pular corda, de beds, essas coisas assim, sabe? Porque antigamente criança não fazia dieta, não fazia regime, essas coisas, né? Hoje em dia já tem que fazer, porque é tudo no celular, sabe? E isso, particularmente, sou eu que estou dizendo, me incomoda bastante. Me incomoda bastante. Dentro de casa não tem um espaço, tipo, para brincar com uma dama, os amiguinhos mais pra brincar com a dama, brincar com alguma coisinha assim, né? Pedrinha igual. Eu jogava muito pedrinha, jogava elástico na rua e tudo tal. Mas me incomoda bastante. Eu queria que no futuro as crianças pudessem ter esse espaço pra elas poderem tá assim, inteirando mais, né? Conversar com... O pai conversar com o outro, né? Ah, hoje a minha filha pode dormir na sua casa e tá brincando até mais tarde.

02:04:27 Felipe

E tudo que tal.

02:04:28 Elisangela

Eu queria que fosse assim.

02:04:29 Felipe

Legal.

02:04:31 Elisangela

Bom, eu espero.

02:04:32 Felipe

Rosane, eu acho que foram todas aqui. Eu agradeço que eu tenho que encerrar aqui.

Anexo 2: Cópia do processo realizado junto ao Comitê de Ética

Campinas, 24 de junho de 2024.

Ilma. Sra.

Professora Dra. Alessandra Borin Nogueira

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da PUC-Campinas

Venho, por meio desta, solicitar autorização para realização do Projeto de Pesquisa intitulado “Amostra de Vida, Ação e Construção de Mundo na Favela Cafezinho”, que tem como objetivo de revelar como se dão, concretamente, as morfologias de ocupação de contingentes periféricos trazendo à luz determinadas formas que se fizeram presentes, na realização de suas próprias casas, e será orientado pela professora Dra. Vera Santana Luz, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo.

Sendo assim, solicito à PROPPE a assinatura na Folha de Rosto da Plataforma Brasil, autorizando o desenvolvimento desta pesquisa.

Atenciosamente,

Felipe Perpetuo Costa

DECLARAÇÃO DE CUSTOS E RECURSOS

Eu, Felipe Perpetuo Costa, responsabilizo-me pelas despesas decorrentes do Projeto de Pesquisa intitulado “Amostra de Vida, Ação e Construção de Mundo na Favela Cafezinho”, sendo estas descritas abaixo:

Quantidade e Valores dos Materiais que Serão Utilizados na Pesquisa		
Material	Quantidade	Valor
Impressões	20,00	R\$ 30,00
Combustível	3	R\$ 60,00
Total		R\$ 90,00

Os custos serão assumidos por meio de financiamento próprio.

Atenciosamente,

Felipe Perpetuo Costa

Campinas, 24 de junho de 2024.

DECLARAÇÃO DE INFRAESTRUTURA

Declaro para os devidos fins necessários, disponibilizar de infraestrutura adequada para o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa intitulado “Amostra de Vida, Ação e Construção de Mundo na Favela Cafezinho”.

A pesquisa ocorrerá na Favela Cafezinho, e para isso não necessitarei de infraestrutura específica.

Atenciosamente,

Felipe Perpetuo Costa

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE, COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE

Eu, Felipe Perpetuo Costa, RA 23028909, na qualidade de **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS**, referente à **PESQUISA** intitulada de Amostra de Vida, Ação e Construção de Mundo na Favela Cafezinho, proposta por mim, vinculado ao Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que será realizada na **Favela Cafezinho**, firmo a presente **DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE, COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE**, que se regerá pela Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD), e demais normas pertinentes, conforme disposições a seguir:

O **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS** possui o compromisso de manter a confidencialidade e sigilo sobre todas as informações institucionais, técnicas e científicas, metodologias, processos e observações a serem utilizados no âmbito da **PESQUISA**. Serão consideradas informações confidenciais e/ou sigilosas quaisquer informações transmitidas na forma escrita, oral e eletrônica, incluindo, mas não se limitando a, técnicas, desenhos, cópias, diagramas, modelos, fluxogramas, croquis, fotografias, programas de computador, discos, disquetes, *pen drives*, processos, projetos.

O **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS** deverá zelar pelas informações recebidas, dispensando os mesmos cuidados que teria com seus próprios dados confidenciais e/ou sigilosos, limitando o acesso somente às pessoas autorizadas, desde que devidamente supervisionadas, mantendo-as em local seguro, o que não exclui a sua responsabilização tanto no âmbito civil quanto, eventualmente, no penal, sem prejuízo das indenizações e ressarcimentos por perdas e danos, eventual lucro cessante, danos indiretos e/ou quaisquer outros prejuízos patrimoniais e/ou morais ocorridos em decorrência deste descumprimento. O **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS** ficará como responsável, perante a Instituição, pela utilização, armazenamento (banco de dados), tratamento e, por fim, eliminação dos dados necessários para a **PESQUISA**.

1. O **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS** tem a responsabilidade em relação às informações que serão utilizadas durante o período em que a **PESQUISA** ocorrer.

1. O **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS** se compromete a tomar todas as precauções para assegurar a confidencialidade, integridade e não disponibilidade de

1 , sejam eles externos, que tenham sido confiados a ele(a).

1. O **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS** assume, pessoalmente, irrevogável e irretratavelmente, a obrigação de não revelar, reproduzir, repassar, expor ou divulgar, sob qualquer meio, pretexto, fundamento ou justificativa, as informações e/ou dados pessoais a que, por qualquer razão, tiver acesso, bem como de manter a confidencialidade de tais informações, que vierem a ser de seu conhecimento, por prazo indeterminado, permanecendo a obrigação de proteção da confidencialidade mesmo após o período de vigência do contrato de trabalho.

1. A vigência desta **DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE, COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE** começa da data de sua assinatura, tendo caráter irrevogável e irretratável, terminando com a conclusão ou descarte de serviços e, mesmo que a prestação de serviços não venha a ser executada, o dever de confidencialidade persistirá e se manterá indefinidamente.

1. Em caso de descumprimento das obrigações, compromissos e confidencialidade constantes desta Declaração, as medidas legais cabíveis serão aplicadas.

Campinas (SP), 24 de junho de 2024.

Felipe Perpetuo Costa

AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

AMOSTRA DE VIDA, AÇÃO E CONSTRUÇÃO DE MUNDO NA FAVELA CAFEZINHO

Projeto de Pesquisa de Mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, na Linha de Pesquisa “Projeto, Inovação e Gestão em Arquitetura e Urbanismo”, para submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Santana Luz

FELIPE PERPETUO COSTA

Campinas

junho, 2024

Resumo

De maneira sistêmica, áreas urbanas informais e vulneráveis são alvo de discriminação, sendo submetidas à desvalorização e desprestigiadas culturalmente, como saber coletivo. Tanto o fator de localização da terra urbana, como a informalidade, são recorrentes e apresentam a dura estratificação socioespacial dos territórios invisibilizados pelo Estado e pelo *establishment*. Entretanto, tais tecidos desvalorizados e desprovidos de infraestrutura e qualidade espacial apresentam, pelo contrário, a expressão máxima da luta por moradia concretizada nas pequenas casas, em sua morfologia, seus quintais e seu arcabouço erguido, ocultando, ou melhor, revelando, nos espaços domésticos e exteriores, toda uma forma de vida cotidiana e de fazer a cidade, como um processo cultural, em oposição às formas de fazer do capital hegemônico. A Favela Cafezinho, nosso estudo de caso, compõe a região convencionada pelo nome de Vila Moscou, aglomerado de bairros inseridos na zona nordeste de Campinas, nas bordas do tecido urbanizado. No entanto, trata-se de uma área que apresenta vulnerabilidades significativas e se caracteriza por construções realizadas de modo informal, em sua maioria residenciais, o que comparece como uma contradição diante do estatuto legal urbanístico. Como metodologia, primeiramente, o arcabouço teórico da presente pesquisa concebe a casa, de modo arquetípico, como cerne da memória simbólica e de acolhimento, que compreende a poética subjacente da casa primordial, como um estado de topofilia, inerente à própria condição do habitar. Nossa fundamentação também assinala a “linha abissal” em semelhança concernente aos territórios do Sul Global em relação ao Norte, porém em escala local, como uma reverberação de separação na cidade, incluídos os campos epistemológicos e culturais. Nos baseamos, também, na corrente que pressupõe que espaços urbanos se submetem a lógicas transversais e agentes sociais relacionados a sua inserção socioterritorial, ou seja, diferem, no mundo globalizado, conforme se inserem em países centrais ou periféricos. Como objetivo, buscamos revelar como se dão, concretamente, as morfologias de ocupação dos ambientes periféricos, que têm sua memória enraizada na luta pelo direito à moradia, à cidade e à cidadania, no recorte do estudo de caso proposto. Pretende-se trazer à luz determinadas formas presentes, na realização destas casas, em movimento de autoconstrução e luta por garantia de posse, com uma exemplaridade que busca apontar caminhos para configurações concretas e significados simbólicos assentados nesse modo de vida das periferias brasileiras.

Palavras-chave: Favela Cafezinho, Campinas; vulnerabilidade socioterritorial, arquitetura popular; periferias brasileiras; ecologia dos saberes.

Introdução

As referências condutoras principais desta pesquisa se estabeleceram a partir de Caldeira (2016), Santos (2007) e Bachelard (1993). Caldeira discute que espaços urbanos se submetem a lógicas transversais e agentes sociais que se relacionam conforme sua inserção socioterritorial, ou seja, diferem em áreas centrais ou periféricas do mundo globalizado. Santos, por sua vez, ao se voltar aos territórios submetidos ao conceito de Sul global, perante as lógicas dos países do Norte, chega ao pressuposto de uma “linha abissal” que os divide. Assim, “deste lado da linha”, ocorreria uma submissão através da lógica de apropriação e violência, que Santos denomina como pensamento abissal. Este permaneceria enraizado nos dias atuais, incluindo o campo epistemológico e cultural. Santos (2007) estabelece, como eixos de opressão, três matrizes de longa duração, de certa forma ressoando na contemporaneidade: o capitalismo; o patriarcado e o colonialismo. Por consequência, consideramos que isto ocorra inclusive na confecção dos espaços urbanos, mais especialmente nas periferias — ou seja, nas relações de subalternidade entre áreas centrais e periféricas haveria, assim, uma subalternização, não só de fornecimento de infraestruturas e qualidades do espaço, como na própria leitura objetiva e subjetiva de significado dos lugares.

Como indicação de ruptura destes processos, Santos (2007) aponta para as “Epistemologias do Sul”, ou seja, a valorização dos saberes tradicionais, banais, ancestrais submetidos à invisibilidade para uma possível “ecologia dos saberes” — pluralidade de conhecimentos na troca ou choque epistemológico que possa suavizar a linha abissal.

A inação ou projeto de não priorização do Estado perante esses territórios — submetidos a condições de informalidade e vulnerabilidade — pode se aproximar do que Santos (2007) predica como fascismo social, que floresce na “ausência” do Estado, podendo chegar a estabelecer uma forma de *apartheid* social. Nesse sentido, conforme Caldeira (2016), a heterogeneidade dos espaços produzidos de modo informal, ao se desenvolverem através da temporalidade, e, na medida em que estes tecidos urbanos se fazem mais ou menos consolidados, tornam-se, por sua vez, refratários a populações pobres que os assomam em busca de moradia.

Outra referência que conduz o percurso deste trabalho é Bachelard (1993), na medida em que pretendemos “pedir licença” para entrar em algumas casas da Favela Cafezinho, na busca por trazer à luz as memórias desses lugares em seus cotidianos. Para Bachelard, este acesso se daria, por exemplo, por uma toponálise e, mais profundamente, a partir de um estado de topofilia, inerente à condição do habitar, da casa, da poética subjacente à casa primordial como memória de acolhimento — em certa medida profundamente arraigado em cada um de nós. Através dessas memórias pessoais de moradores de nosso recorte de estudo, que trarão significados ocultos aos espaços de nossa investigação, pode ser possível vislumbrar perspectivas sobre a urbanização periférica, como um caminho embrionário para uma epistemologia das periferias. Tentaremos, pois, a seguir, esclarecer conexões entre estas referências elencadas, que possam conduzir pistas para nossa metodologia.

Segundo Santos (2007), as distinções visíveis e invisíveis de ambos os lados da linha se promovem a partir do surgimento das sociedades metropolitanas, de sorte que, como desdobramento da mesma base, as distinções visíveis fundamentam tanto os conflitos modernos quanto os fatos subjetivos, em seus procedimentos. Contudo, implicitamente a esta distinção existe outra, invisível, que se funde à anterior. Esta distinção se dá, grosso

modo, entre as sociedades metropolitanas e territórios de matriz colonial, até a contemporaneidade. Seu funcionamento, conforme destaca o autor, se dá de duas formas distintas e dicotômicas: enquanto nas sociedades metropolitanas (Norte), é prioritária a dinâmica regulação/emancipação, nos territórios de origem colonial, aplica-se a apropriação/violência que, por sua vez, seriam inconcebíveis “daquele lado da linha”, ou seja, no Norte.

O pensamento abissal, segundo Santos (2007), consiste no estabelecimento de que existe uma distinção hierárquica entre os saberes; deste modo haveria os conhecimentos tidos como válidos, os “deste lado da linha”, ou seja, do que se entende como Norte Global, e os pensamentos marginalizados, ou fora da área hegemônica do Ocidente, os “do outro lado da linha”, correspondentes ao Sul Global — espaço este, de certa maneira, compreendido pelos países periféricos subalternizados. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha.

A conceituação de pensamento abissal, para Santos (2007), esclarece que a lógica moderna faz distinção entre as formas científicas e não-científicas, concedendo à ciência moderna o monopólio da distinção universal de verdadeiro e falso. Há, portanto, divergências entre ciência, filosofia e teologia historicamente evidentes, mas todas têm lugar daquele lado da linha ao qual o autor denomina Norte Global. Em contrapartida, nesse sistema, os conhecimentos populares desaparecem, como irrelevantes, estando mesmo fora do universo do verdadeiro e do falso. Para o autor, no Sul Global não há validação do conhecimento real; existem crenças, opiniões, das quais podem vir a se formular hipóteses, ou se tornarem objetos de inquietação científica. Desta forma, a incomunicabilidade moderna, que separa a ciência da filosofia e da teologia — estas últimas como conhecimentos incomensuráveis — do lado de cá da linha abissal torna invisível e desvia conhecimentos incompreendidos, por não obedecerem aos critérios científicos de verdade.

No ambiente contemporâneo neoliberal, a tendência é que o Estado abdique de sua centralidade como poder e regulação das relações capital/trabalho e da volatilidade do capital financeiro, e que as próprias forças do capital passem a apresentar um papel hegemônico, como uma espécie de “novo governo indireto”. Para Mandani (1996), o novo governo indireto propõe uma forma de despotismo descentralizado, de tal modo que este não chocaria com a democracia liberal, tornando-a, progressivamente, mais inexpressiva para a qualidade de vida de populações cada vez mais vastas. Neste novo modelo de governo indireto, referenda Santos (2007), o pensamento abissal moderno iria além da regulação dos conflitos sociais, mas, ao contrário, passaria a suprimir estes conflitos e ratificar a impunidade do lado de lá da linha, como sempre sucedeu deste lado da linha (Sul Global).

Para Santos, o pensamento abissal, que, do lado de lá da linha, vem sendo chamado para regular as relações entre os cidadãos, entre estes e o Estado, é agora convocado nos domínios sociais sujeitos à lógica de apropriação/violência, para lidar com os cidadãos como se fossem não-cidadãos, e como se se tratassem de perigosos selvagens coloniais. O fascismo social coexistiria, então, com a democracia liberal, o Estado de exceção coexistiria com a normalidade constitucional. Segundo Santos (2007), este estado de coisas é o projeto original da moderna epistemologia e legalidade, mesmo que a linha abissal que, desde o primeiro momento determinou o metropolitano do colonial, tenha sido deslocada, transformando o colonial numa dimensão interna do metropolitano.

À luz dos argumentos formulados por Santos (2007), o pensamento abissal prosseguirá a autorreproduzir-se, por mais supressores que sejam as práticas que origina. Logo, a oposição política deve ter como eixo central a resistência epistemológica. Para o autor, não existe justiça social global sem justiça cognitiva global — de tal forma que a tarefa crítica que se avizinha não pode ser limitada à proposição de alternativas, requisitando, então, de fato, um “pensamento alternativo de alternativas”, ou seja, a proposta é que seja necessário um pensamento pós-abissal.

O pensamento pós-abissal, para o autor, parte do pressuposto de reconhecer que a exclusão social, no sentido mais amplo, apresenta diferentes formas que são determinadas por uma linha abissal e, enquanto a exclusão abissalmente definida persistir, não será possível nenhuma alternativa pós-capitalista progressista. No sentido do conceito de cidadania, o autor reivindica que os direitos dos cidadãos não estarão seguros enquanto qualquer não cidadão sofrer um tratamento sub-humano. O pensamento pós-abissal seria um pensamento não-derivativo, que pressupõe uma ruptura radical com as formas ocidentais modernas de pensamento e ação, de modo que a emergência do ordenamento da apropriação/violência só poderia ser enfrentada se a perspectiva epistemológica na experiência deste lado da linha, do Sul global não-imperial, se concebesse como a metáfora do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo.

Em face desta radicalidade predicada pelo autor, o pensamento pós-abissal pode ser sumariado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul, que confrontaria a monocultura da ciência moderna com uma “ecologia de saberes”. É, portanto, uma ecologia que se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos e nas interações e dinâmicas entre estes.

Como primeira condição para um pensamento pós-abissal, o autor aponta para a co-presença radical, que implica que as práticas e os agentes de “ambos os lados da linha” são contemporâneos em termos igualitários, em simultaneidade. A ecologia de saberes e o pensamento pós-abissal têm como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo e o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico.

Nosso trabalho não terá esse grau de radicalidade. Seu alcance pressupõe que possa haver, subjacente a um pequeno recorte de um tecido urbano periférico e subalternizado, traços de conhecimento importantes, tanto nas histórias de vida pessoais e familiares como em sua possível concretização no universo das arquiteturas — estas formadas na luta e na contracorrente do status quo da urbanização oficial. Serão delimitadas, portanto, algumas indicações sobre significados impressos em arquiteturas populares, domésticas e anônimas, como componentes inerentes à cidade, constitutivos e que podem revelar, pelo avesso, a presença ou ausência de direitos conquistados.

Para nosso entendimento, vamos denominar inversamente “lado de cá da linha” justamente onde estamos, ou seja, o Sul Global e, por sua vez, “lado de lá”, o Norte Global.

O estudo de caso em tela, a Favela Cafezinho, em escala diminuta, segundo nosso entender, ecoa estes preceitos fundamentais, sendo como que invisível à cidade formal, de escala metropolitana — esta conduzida, em grande medida, pela busca de seu destino globalizante e centralizador na produção e circulação de bens e capital, incluindo seu estatuto imagético (Fix, 2007).

Partimos, também, de Caldeira (2016), no artigo “Peripheral urbanization: autoconstruction, transversal logics, and politics in cities of the global South”, em que propõe uma noção de urbanização periférica que, conforme a autora, seria recorrente no Sul Global. A autora argumenta que diferentes cidades ao redor do mundo são construídas pelos residentes, os quais, não somente fazem as próprias casas, mas, frequentemente, formam a vizinhança como um todo, o que não ocorre necessariamente de forma clandestina e muito menos isolada. Durante este processo, essas populações interagem com o Estado e suas instituições, embora isto aconteça de forma transversal. Enquanto os habitantes têm expectativas e planejam cuidadosamente cada etapa, suas ações escapam dos olhos do planejamento oficial, dado que eles operam dentro do mercado de terras, mas normalmente em espaços fora da lógica dominante do Estado. Nesta forma de construir cidades e casas, muitos tomam consciência da cidadania e se tornam agentes políticos, fluentes no assunto sobre direitos e exigem a cidade para si. O modo de produção das urbanizações periféricas é complexo, e Caldeira (2016) joga luz sobre as instabilidades desse processo nas cidades do Sul Global — estruturas ambíguas e contestadas que estão em constante transformação.

Caldeira sintetiza, portanto, que urbanização periférica se refere menos à determinação de espaços geográficos, como o binômio centro-periferia e que as práticas apontam para diversidades caso a caso, e não a uma teoria universalizante, privilegiando os modos de produção dos espaços dos pobres na cidade, que resultam em alguns eixos recorrentes: (a) operar com temporalidade e agentes específicos; (b) engajar transversalidade através de lógicas oficiais; (c) gerar novos modos de políticas; e (d) criar grandes desigualdades e cidades heterogêneas¹³.

A seguir, apresentamos as Figuras 1 e 2, a seguir, dois momentos de outro bairro, o Jardim Josely, local de moradia na infância, deste autor, onde se vê um certo espelhamento do que este texto busca descrever.

¹³ Tradução própria do texto original: “(a) operate with a specific temporality and agency, (b) engage transversally with official logics, (c) generate new modes of politics, and (d) create highly unequal and heterogeneous cities. (Caldeira, 2017, p. 4)



Figura 1 – Autoconstrução do Jardim Josely, Arujá. Data aproximada: anos 1990. Fonte: autoral.



Figura 2 – Jardim Josely na data de dez. 2023. Fonte: autoral.

Da mesma maneira, acreditamos que o caso da Favela Cafezinho se insere nesta forma de produzir, usar e viver a cidade. A perspectiva para o entendimento das práticas

das urbanizações periféricas e o alçar propostas de teorização significa, no texto de Caldeira, deslocar e descentralizar a teoria urbanística convencional conforme a leitura e interpretação do urbanismo moderno de formação das cidades industriais do Norte Global e oferecer uma caracterização ousada dos modos de produção de espaço, que são diferentes entre si e diversos do padrão internacionalista. Salientamos, entre os argumentos de Caldeira, alguns que serão pressupostos para nossa metodologia de aproximação ao tecido urbanizado e às casas da Favela Cafezinho: de que as cidades, em suas diferenças, abrigam histórias, conhecimentos, modos de fazer e condicionantes políticas, mas, embora estejam em contextos distintos, podem ter pontos em comum; e, que cada caso pode tratar de importantes processos de transformação das urbanizações periféricas e apontar para diferentes futuros.

Consideramos importante, portanto, realizar alguns apontamentos a partir do clássico estudo de Bachelard (1993) “A poética do espaço”, especialmente buscando uma aproximação a seus argumentos sobre a casa humana, no sentido de abarcar aspectos subjetivos e existenciais. É, para nós, indissociável da localização e configuração urbana, do próprio agenciamento edificado e de espaços livres, o ambiente interior das residências da Favela Cafezinho, pois lá está o aspecto íntimo — em uma atitude de atenção multiescalar. Logo, no que se refere às ideias de Bachelard (1993), salientamos, inicialmente, o que é caracterizado pelo autor como “topoanálise”, ligada à natureza poética, à essência íntima, porém concreta, que seria um modo de captar aspectos expressivos de valores singulares de intimidade protegida, na estruturação de um ambiente doméstico. Estes espaços são denominados pelo autor como “espaços de linguagem”. Dessa forma, uma topoanálise estaria preocupada com as nuances de um fenômeno psicológico estrutural, lançando luz sobre a construção de imagens íntimas singulares em relação aos espaços habitados e seu significado.

Independentemente da tipologia específica de habitação, Bachelard (1993) argumenta que sua proposta fenomenológica pretende abarcar o esforço de compreensão do cerne da felicidade, central, segura e imediata, que o autor associa à condição arquetípica da morada. Se todos os espaços de intimidade se designam por uma atração, o autor reitera que o ser do espaço é o bem-estar, dessa forma, a topoanálise traz a marca de uma topofilia.

Porém, se quisermos encontrar a realidade profunda de cada uma das nuances do nosso apego a nosso lugar de morar, seria necessário dizer como habitamos nosso vital com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, todos os dias, num “canto do mundo”. Pois a casa é nosso canto do mundo. Isto se daria como uma constante, caracterizando uma primitividade que pertence a todos, em que classe, riqueza, ou qualquer outra distinção não impede. Bachelard situa, na psique humana, esta condição no sonhar, ou, mais precisamente, no devaneio e na memória.

Para Bachelard (1993), sempre que evocamos as lembranças, nós adicionamos valores de sonhos, portanto, se nunca somos verdadeiramente historiadores, somos, em certa medida poetas. Assim, sobre os maiores benefícios, diríamos que a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. O autor afirma, então, que a casa é uma das maiores forças que integram os pensamentos, lembranças e os sonhos do homem. Nesse sentido, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano e, sem ela, o homem seria um ser disperso.

Através do horizonte antes da pousada se revelarão, segundo o autor, concretamente, os valores do espaço habitado — o não-eu que protege o eu. A imaginação que constrói paredes como sombras impalpáveis e se reconforta sobre a sensação de proteção, ou que treme atrás de grades ou muros; isto constitui a mais intensa dialética do ser abrigado, sensibilizado pelos limites do seu abrigo. Vive-se a casa em sua realidade e sua virtualidade através dos sonhos. Para Bachelard (1993), todos os refúgios, todos os abrigos, todos os aposentos têm valores oníricos e os verdadeiros bem-estares têm um passado, moradas de nossas vidas que guardam os tesouros dos dias mais antigos, uma síntese do imemorial, ou pré-textual, com a lembrança.

Uma das premissas desta pesquisa é a de buscar o acesso aos ambientes domésticos da Favela Cafezinho, no sentido de contemplar, através de depoimentos, memórias, as poéticas contidas naquele lugar, como que descortinando algo sobre aqueles espaços, posto que, como nos indica Bachelard (1993), o espaço retém o tempo comprimido. Para o autor, toda pessoa deveria fazer o cadastro de seus campos perdidos, pois, não há intimidade que repila. Nesse sentido, o cuidado durante a pesquisa ao ser permitido o acesso a essas memórias, traz consigo a responsabilidade em respeitar os espaços íntimos dos moradores da Favela Cafezinho.

Campinas

Campinas é um município do interior paulista, localizado a 100km da capital, São Paulo, diverso e relevante para o estado. Compreende uma área de 795km² e população de 1.139.047 (IBGE, c2023), sendo cidade polo da Região Metropolitana de Campinas (RMC). Contempla várias rodovias estaduais e um importante aeroporto estratégico; tais aspectos tornam Campinas um centro urbano atrativo para negócios. Conforme estabelece o Plano Diretor de Campinas (Campinas, 2016):

Os Polos Estratégicos de Desenvolvimento são áreas de desenvolvimento socioeconômico do município, visando garantir o potencial econômico aliado à urbanização de qualidade, cujas áreas são abaixo indicadas:

I – Unicamp/CIATEC II;

II – Aeroporto Internacional de Viracopos;

III – Área Central (Campinas, 2016, art. 23)

A região de interesse de nosso estudo de caso está relativamente próxima ao Polo Estratégico de Desenvolvimento Unicamp/CIATEC II. No entanto, trata-se de uma área que apresenta vulnerabilidades significativas, o que comparece como um paradoxo diante do estatuto legal urbanístico, salientando que, entre as diretrizes deste Polo, consta: “VI - proteção das áreas de maior suscetibilidade à inundação, decorrentes das planícies e várzeas características da região.” (Campinas, 2016, art. 24), que é uma das características da referida área.

Mediante o exame da expansão da mancha urbana de Campinas, nota-se que, já em 1940, existem bairros dispersos — fato este que se intensifica até o registro de 1965. A partir de 1979, estes bairros dispersos vão sendo incorporados à mancha urbana principal (Silva; Matias, 2017).

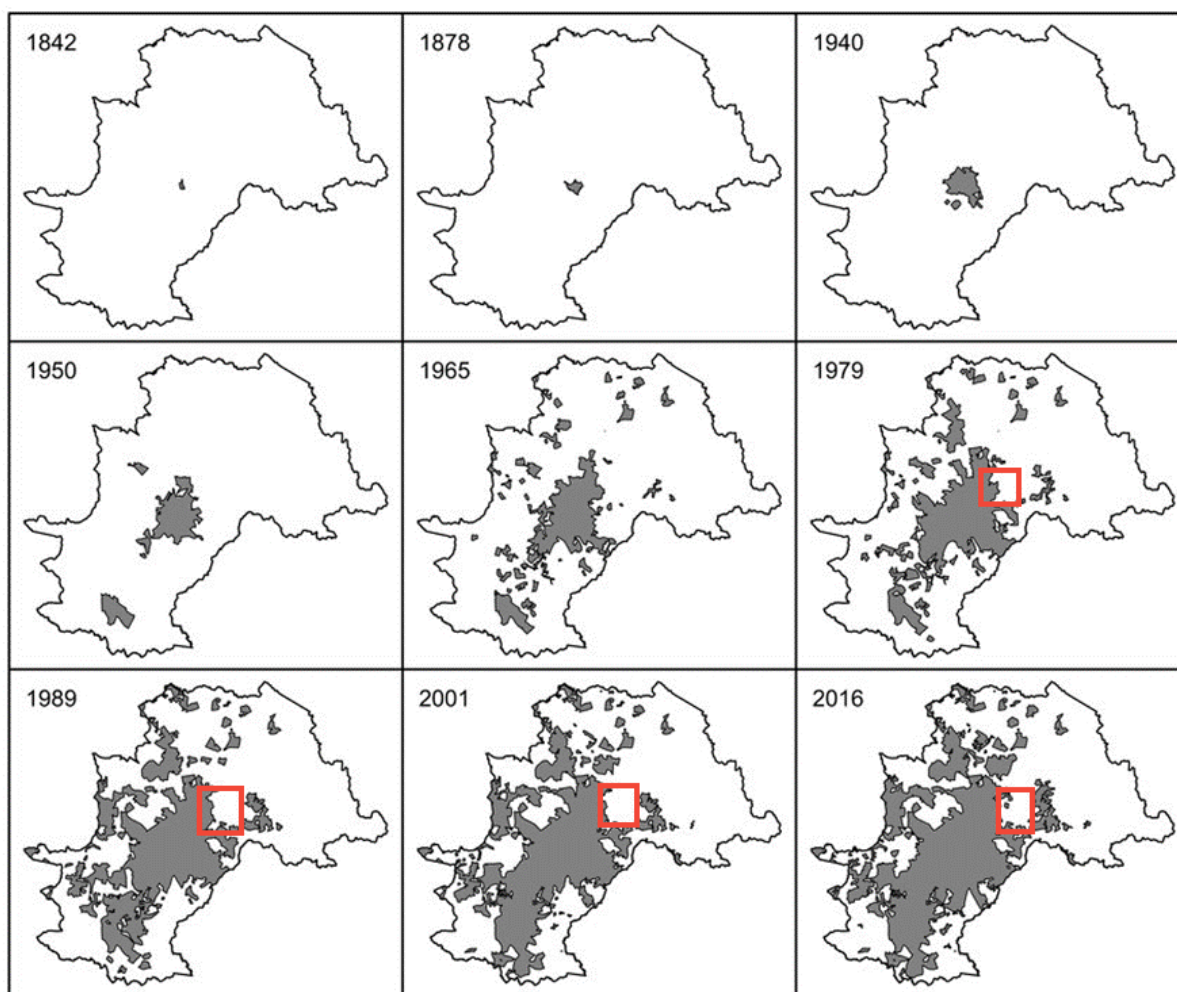


Figura 3 – Expansão urbana da cidade de Campinas. Fonte: Silva; Matias, 2017, p. 13, trabalhada pelo autor. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/320982086_Vetores_de_expansao_urbana_analise_da_cidade_de_Campinas_SP#fullTextFileContent>. Acesso em: 03 set. 2023.

Ao examinar o tecido urbano mais recente, é visualizável que a área de interesse do estudo de caso desta pesquisa se encontra às suas frondes finais, limitada pela Rodovia D. Pedro I, a norte e leste, a partir do que se dispersam alguns fragmentos urbanizados e a uma profusão de áreas livres vegetalizadas. Do ponto de vista da expansão urbana, esta área permaneceu praticamente a mesma, enquanto a região sudoeste da cidade se expandiu de modo evidente, bem como algumas áreas esparsas a sudeste e norte, como é visualizável na Figura 2, acima.

Pode-se considerar a estrada de ferro (antiga Companhia Mogiana de Estradas de Ferro) a leste deste tecido urbano, como um fator limitante, aliada ao córrego Anhumas, bem como a diferença topográfica entre o vale deste córrego e o entorno imediato, em cota mais alta, e, posteriormente, a Rodovia D. Pedro I, que emoldura a região, também como um limitador.



Figura 4 – Imagem aérea do município de Campinas, indicando a área de estudo de caso no retângulo vermelho. Fonte: Google Maps, trabalhada pelo autor. Acesso em: 06 set. 2023.

Em 2000, foi criada a Região Metropolitana de Campinas, com aproximadamente 3 milhões e 700mil habitantes (IBGE, 2022), constituída por 19 cidades, sendo uma região econômica estratégica do país, que contava com um parque industrial extenso, presença de empresas multinacionais em diversos segmentos, estrutura agrícola considerável e polos de pesquisa e desenvolvimento consolidados, além de excelência internacional.

A região compreende uma malha viária diversa e integrada com rodovias importantes, como Anhanguera, Bandeirantes e Dom Pedro I e um dos maiores aeroportos de carga da América Latina, Viracopos, para o qual são propostos projetos de expansão e modernização, se mantendo entre os aeroportos mais relevantes do mundo.

Com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) classificado como muito alto (IBGE, 2010), incluindo seus desdobramentos (renda/ educação/ longevidade), Campinas apresenta bons indicadores (Tabela 1):

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M)	
IDHM	0,805
IDHM - RENDA	0,829
IDHM EDUCAÇÃO	0,731
IDHM LONGEVIDADE	0,860

Tabela 1: IDHM

Fonte: ATLASBR, 2010, s.d. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/consulta/planilha>>. Acesso em: 09 set. 2023.

Embora Campinas seja uma cidade com os índices considerados excelentes, é necessário observar com atenção os índices de desigualdade que acompanham o desenvolvimento econômico da cidade. Pois, como será apresentado a seguir, os contrastes socioeconômicos acompanham essa região, tal como tantas outras do Brasil. Observando o quadro de desigualdades através do Índice de Gini relativo a 2010, equivalente a 0,578, este demonstra a falta de distribuição de renda sobre o território de Campinas (AGEMCAMP, 2010).

Por mais que Campinas apresente historicamente uma trajetória de desenvolvimento — primeiramente impulsionado pela indústria do café, passando para a indústria de manufatura e mais recentemente se posicionando como um polo gerador de conhecimento, inovação, tecnologia e logística — a cidade avançou pouco em democratizar o acesso ao desempenho econômico. Recorrendo ao PIB, em dados do IBGE, Campinas, em 2020, estava com o 4º índice mais alto do Estado de São Paulo e 10º do país e, tendo como referência o ano de 2010, a mesma classificação se estabelecia com respeito ao Estado de São Paulo e estava em 12º em relação ao Brasil (IBGE, s.d.).

Partimos da premissa, na eleição do nosso estudo de caso — o território periférico da Vila Moscou, em Campinas, e, de modo mais específico, a Favela Cafezinho — que a discriminação ocorra no tecido intra-urbano, entre outros, pelo fator de localização (Villaça, 2007). De forma corriqueira, áreas que são alvo de discriminação socioterritorial seriam submetidas à subvalorização, incluindo a mais evidente, que se referem justamente ao direito fundiário de posse e direito à moradia, embora sejam estes garantidos pela Constituição (Brasil, 1988, arts. 6, 182 e 183) e regulamentados por decreto, pelo Estatuto da Cidade (Brasil, 2001). Desdobrando o argumento, tanto o valor de localização (Villaça, 1998) da terra urbana, como a informalidade, são recorrentes e, por vezes, invisibilizados, na cidade (Rolnik, 1997; Maricato, 2000). Nosso debruçar sobre o estudo de caso vai em

busca de detectar valores cotidianos nos modos de fazer dessas habitações, procurando pistas além de sua evidente precariedade.

Vila Moscou

Embora a Vila Moscou esteja nas franjas da área urbanizada de Campinas, não se pode dizer que sua condição seja de periferia absoluta, dado que o tecido urbano é contínuo e bastante próximo à área central, o que faz com que se possa indagar porque esta região ainda não foi alvo de gentrificação. Diversos bairros próximos são condomínios de alta renda e há equipamentos de porte regional nas áreas de influência direta e indireta, como *shopping center*, hipermercado, indústrias, universidades, um grande parque público e a denominada Cidade Judiciária. Entretanto, na Vila Moscou se alternam bairros com maior ou menor consolidação, construções relativamente precárias e áreas de favelas. A provisão de equipamentos públicos de saúde e educação é praticamente nula e a de transportes bastante reduzida.



Figura 5 – Arruamentos da Favela do Cafezinho e contabilização do número de residências em número de 96. Fonte: Autoral, a partir da plataforma Google Earth Pro.

A eleição da Favela Cafezinho (Figura 2) como recorte de estudo vem da premissa de investigar um espaço doméstico vulnerável dentro de um contexto urbano igualmente vulnerável, onde a luta por cidadania e moradia são centrais, em que o conflito com o direito ambiental também se faz presente, visto que há também contingentes de moradias mais precárias que se encontram às margens do Ribeirão Anhumas, e um de seus afluentes também é contíguo ao tecido urbano específico da Favela Cafezinho. Abaixo, apresentamos algumas imagens externas de residências desse recorte pretendido (Figuras 6, 7, 8 e 9). Nestas casas há algumas especificidades que chamam atenção, em suas relações com os ambientes externos públicos, tais quais: transbordamento de vasos, canteiros e jardins, utilização de espaços públicos para varal, materiais e sistemas construtivos bastante elementares, porém uma certa preocupação com acabamentos, como pinturas com cores e revestimentos com pedras. Entende-se, como possibilidade, que o vaticínio de Sérgio Ferro (2006a), sobre a condição de precariedade extrema das moradias populares, em leitura, em fins da década de 1960 — que não daria ensejo a nada mais do que a constituição de aparatos para a sobrevivência — possa ser nuançada, para

uma circunstância onde aspectos simbólicos e mesmo de ornamentos, se configurem, no presente.

Evidentemente, mediante o devido cotejamento, o recorte urbano e as residências a serem investigadas serão tema de aprofundamento para sua devida delimitação e eleição.



Figura 6 – Fotografia de uma das casas da Rua Bruna Ventura Di Grazia, Vila Moscou, Campinas. Data: 16 fev. 2024. Fonte: autoral.



Figura 7 – Fotografia de uma das casas da Rua Julian Brice Mac Fadden, Vila Moscou, Campinas. Data: 16 fev. 2024. Fonte: autoral.



Figura 8 – Fotografia de uma das casas da Rua Sebastião Marcelino de Freitas, Vila Moscou, Campinas.
Data: 16 fev. 2024. Fonte: autoral.



Figura 9 – Fotografia de uma das casas da Rua Sebastião Marcelino de Freitas, Vila Moscou, Campinas.
Data: 16 fev. 2024. Fonte: autoral.

Objetivo Geral

A pesquisa, mediante determinado recorte de tecido urbano, em região do extremo sudeste urbanizado da cidade de Campinas, busca desvelar como se dão, concretamente, as morfologias de ocupação de contingentes periféricos, que têm sua memória enraizada na luta pelo direito à moradia, à cidade e à cidadania. Busca-se apresentar uma pequena envoltória de um tecido vulnerável irregular, do ponto de vista da garantia fundiária, dentro de um bairro também vulnerável, mas relativamente consolidado, e proceder à leitura desse pequeno arcabouço. Pretende-se trazer à luz determinadas formas que se fizeram presentes, na realização de suas próprias casas, em movimento de autoconstrução e luta por garantia de posse, com uma exemplaridade que busca apontar caminhos para configurações concretas e significados simbólicos assentados em modos de vida das periferias urbanas brasileiras, como uma amostra de vida, ação e construção de mundo.

Objetivos Específicos

Buscar como se dão, concretamente, as morfologias de ocupação de contingentes periféricos, no estudo de caso, tanto na configuração externa como em sua interioridade.

Diagnosticar os ambientes familiares no sentido de se aproximar de determinadas tipologias ou aspectos arquetípicos, como raiz da memória simbólica e de acolhimento que os estratagemas da autoconstrução possam configurar.

Método

Os processos metodológicos se pautarão, inicialmente, pela fundamentação teórica, e análise territorial relativa ao estudo de caso, compreendendo aspectos físicos, urbanos e sociais, baseadas em referências bibliográficas e documentais mediante cartografias e imagens aéreas. Será realizado estudo de campo de determinadas edificações selecionadas, da Favela Cafezinho, compreendendo suas características externas, sua interface com os espaços públicos — tais quais coberturas, volumetria e espaços livres, estruturação, vedações, aberturas, muros, jardins e quintais — e ambientes internos, em seu agenciamento, organização e uso, arranjos de mobiliário e ambiência, mediante observação direta e entrevistas semiestruturadas com os moradores, buscando captar aspectos subjetivos e da história afetiva dos mesmos, bem como qualidades e fragilidades destas moradias, constituindo, portanto, prioritariamente, processos indutivos, ou seja, partir das particularidades do recorte selecionado, em direção à formulação simultânea da configuração de uma metodologia de aproximação e leitura, em direção à construção hipóteses preliminares de ordem geral. Para Lakatos e Marconi (2007),

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam. (Lakatos; Marconi, 2007, p. 86)

Nesse sentido, mediante essa generalização por intermédio da observação e experimentação, a indução parte de um fenômeno determinado para chegar a uma conclusão geral. Na Favela Cafezinho, a observação apriorística, como processo de investigação, pretende uma escuta e olhar atentos, para então elaborar algumas linhas de uma etnografia espacial e material preliminar, dos modos de vida nas periferias brasileiras.

Desse modo, a pesquisa tentará formular, em seu próprio curso, a proposição de uma metodologia própria para investigação de morfologias arquitetônicas em tecidos periféricos. Nesse sentido, a pesquisa segue alguns passos já realizados em pesquisas anteriores do mesmo Grupo de Pesquisa e orientação (Jeronimo, 2023).

Prevê-se que, partir de contatos com lideranças locais, já concretizados por intermédio de relações pessoais anteriores, poder-se-á acessar um conjunto de moradores que se disponham a participar, livre e esclarecidamente, da pesquisa, consoante o que é postulado pelo procedimento ético institucional. Após estabelecer uma rede de contatos, o próximo passo será através das entrevistas semiestruturadas e solicitar que os próprios moradores registrem os espaços internos e externos de suas casas e compartilhem suas narrativas e, eventualmente, possam compartilhar memórias, sentimentos e aspectos de suas vidas cotidianas, que transpareçam aspectos simbólicos e de visões de mundo que estariam abarcados naqueles espaços íntimos, registrando o ponto de vista dos moradores sobre os seus ambientes.

Armazenamento de dados

Os dados analógicos, colhidos mediante anotações de campo, serão digitalizados e armazenados, com o devido sigilo. Esse processo ocorrerá tanto em computador e HD externo, pessoais, do pesquisador, quanto em nuvem, em pasta do OneDrive disponibilizada pela PUC-Campinas.

Confidencialidade

Todos os questionários e depoimentos cedidos são confidenciais. Os dados obtidos serão tratados, descritos e analisados para a redação do trabalho, porém em momento algum o nome dos participantes será divulgado, seja na dissertação, artigos científicos, apresentações orais ou demais publicações. Apenas o pesquisador e sua orientadora terão acesso aos dados na íntegra, bem como cada participante terá acesso ao seu próprio material, a fim de verificar a precisão das transcrições das informações compartilhadas, para sua devida autorização.

Divulgação

Serão criadas listas de transmissão por e-mail e whatsapp, por meio das quais os participantes que se dispuserem a colaborar serão comunicados sempre que houver algum tipo de publicação dos dados da pesquisa, seja através de comunicação oral em eventos acadêmicos, publicação de artigos científicos, banca de defesa da dissertação de mestrado, entre outros.

Riscos e benefícios

Por se tratar de estudo no campo das Ciências Sociais Aplicadas, que não envolve nenhum tipo de investigação física ou biológica, a pesquisa apresenta baixo impacto aos participantes.

Tempo e infraestrutura

Pretende-se coletar os depoimentos através de entrevistas semiestruturadas orais e presenciais, demandando, de modo livre e esclarecido, dos participantes, sua disponibilidade para a pesquisa. O tempo estimado para a coleta dos depoimentos de forma presencial é de em torno de 50 minutos a 2 horas.

Crítérios para suspender a pesquisa

A pesquisa será suspensa nas seguintes situações:

- a) Se nenhum dos convidados do público-alvo aceitar responder o questionário ou dar seu depoimento;
- b) Se os participantes relatarem algum tipo de prejuízo para além dos riscos previstos no item “Tempo e infraestrutura” e descritos no TCLE;
- c) Por solicitação do Comitê de Ética que aprovar este projeto.

Retorno dos benefícios aos participantes

A pesquisa não prevê nenhum tipo de remuneração financeira aos participantes. A participação na pesquisa poderá colaborar na sistematização de projetos que busquem compreender os contingentes periféricos em escala diminuta e, possivelmente, de forma indutiva, bem como para a legitimação dos movimentos sociais organizados de luta por moradia na formação das políticas públicas e, ainda como de forma preliminar de apontar caminhos conceituais para uma leitura da arquitetura popular brasileira.

Orçamento financeiros amostra, a pesquisa é considerada de baixo custo, e as eventuais despesas serão integralmente cobertas pelo pesquisador.

Os equipamentos eletrônicos a serem utilizados (computador, HD externo, câmera digital e *smartphone*) são do próprio pesquisador, não sendo necessária a aquisição de novos.

Os recursos *online*, como armazenamento na nuvem, transporte, e-mail e formulários serão ferramentas disponibilizadas gratuitamente (de uso livre) ou fornecidos pela própria instituição de ensino, especificamente com respeito a armazenamento em nuvem de dados. Os custos de internet serão arcados pelo próprio pesquisador.

Critérios para inclusão de um participante

Trata-se de amostra selecionada e reduzida com fins de abordar, de forma direcionada, perfis que representem os atores delimitados em nossa pesquisa, que são moradores da Favela Cafezinho:

Morador(a) da Favela Cafezinho

Representante dos moradores: (mulher ou homem arrimos de família ou familiar adulto(a))

Acima de 18 anos

Critérios para exclusão da pesquisa

Serão excluídos da pesquisa os participantes:

Que não concordarem com os termos;

Que não representarem o perfil selecionado;

Que possuam algum impedimento legal.

Tamanho da Amostra

Trata-se de amostra selecionada e restrita, com representação de perfis selecionados: 6 (seis) moradores da Favela Cafezinho, totalizando 6 (seis) participantes.

Resultados Esperados

Esperamos formular uma proposição metodológica de leitura e interpretação de morfologias arquitetônicas que, ancorada na materialidade dos ambientes construídos e em aspectos subjetivos expostos pelos moradores, possa se aproximar de uma etnografia epistemológica de modos de morar nas periferias brasileiras, mediante um recorte particular como primeira aproximação, trazendo à luz histórias e memórias dos moradores, enraizadas na luta por moradia e na forma de construção de seu mundo.

Cronograma

A pesquisa terá o seguinte cronograma:

ATIVIDADES	2024						2025					
	1º Semestre						1º Semestre					
	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.	jan.	fev.	mar.	abr.	mai.	jun.
Abertura do processo, análise e aprovação no CEP												
Coleta dos depoimentos												
Análise, sistematização e interpretação dos dados das entrevistas e imagens												
Síntese dos dados												
Redação da dissertação de mestrado												
Defesa da Dissertação de Mestrado												

Referências

ARANTES, Otília Beatriz Fiori; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Coleção Zero à esquerda. Petrópolis: Vozes, 2000.

BACHELARD, Gaston. A casa: do porão ao sótão. O sentido da cabana. In: BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 23-53.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Peripheral urbanization: autoconstruction, transversal logics, and politics in cities of the global South. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 35, n. 1, p. 3-20, 2016. DOI: 10.1177/0263775816658479. Acesso em: 11 nov. 2023.

CAMPINAS. **Lei Complementar nº 189 de 08 de janeiro de 2018**. Dispõe sobre o Plano Diretor Estratégico do município de Campinas. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-campinas-sp>>. Acesso em: 05 set. 2023.

FERRO, Sérgio. **Arquitetura e trabalho livre**. ARANTES, Pedro Fiori (Org.). Coleção Face Norte. São Paulo: Cosac & Naify, 2006a.

FERRO, Sérgio. A produção da casa no Brasil. In: FERRO, Sérgio. **Arquitetura e trabalho livre**. ARANTES, Pedro Fiori (Org.). Coleção Face Norte. São Paulo: Cosac & Naify, 2006, p. 61-101..

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Biblioteca. Catálogo**. c2023. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=420571>>. Acesso em: 05 set. 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

MAMDANI, Mahmood. Decentralized despotism. In: MAMDANI, Mahmood. **Citizen and subject: contemporary Africa and the legacy of late colonialism**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, Part I, Chapter II, p. 37-61, 1996. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=4X74KEphsHsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ViewAPI&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false> Acesso em 25 out. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 78, p. 3-46, 2007. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/753>>. Acesso em: 23 mar. 2024.

SILVA, Ciro Ruiz Vicente; MATIAS, Lindon Fonseca. **Vetores de expansão urbana: análise da cidade de Campinas (SP)**. Relatório Técnico. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Geografia, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320982086_Vetores_de_expansao_urbana_analise_da_cidade_de_Campinas_SP#fullTextFileContent>. Acesso em: 12 set. 2023.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo, Studio Nobel, 2001.

Campinas, 26 de junho de 2024

CRONOGRAMA

Prezados(as),

Declaro para os devidos fins que a pesquisa intitulada “Amostra de Vida, Ação e Construção de Mundo na Favela Cafezinho” seguirá o seguinte cronograma:

ATIVIDADES	2024						2025					
	2º Semestre						1º Semestre					
	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.	jan.	fev.	mar.	abr.	mai.	jun.
Abertura de processo, análise e aprovação no CEP												
Coleta dos depoimentos												
Análise, sistematização e interpretação dos dados das entrevistas e imagens												
Síntese dos dados												
Redação da Dissertação de Mestrado												
Defesa da Dissertação de Mestrado												

Atenciosamente,

Felipe Perpetuo Costa

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE, COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE

Eu, Vera Santana Luz, RP 861834, na qualidade de **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS**, referente à **PESQUISA** intitulada de Amostra de Vida, Ação e Construção de Mundo na Favela Cafezinho, proposta pelo Felipe Perpetuo Costa - RA 23028909, vinculado ao Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que será realizada na Favela Cafezinho, firmo a presente **DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE, COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE**, que se regerá pela Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD), e demais normas pertinentes, conforme disposições a seguir:

A **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS** possui o compromisso de manter a confidencialidade e sigilo sobre todas as informações institucionais, técnicas e científicas, metodologias, processos e observações a serem utilizados no âmbito da **PESQUISA**. Serão consideradas informações confidenciais e/ou sigilosas quaisquer informações transmitidas na forma escrita, oral e eletrônica, incluindo, mas não se limitando a, técnicas, desenhos, cópias, diagramas, modelos, fluxogramas, croquis, fotografias, programas de computador, discos, disquetes, *pen drives*, processos, projetos.

A **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS** deverá zelar pelas informações recebidas, dispensando os mesmos cuidados que teria com seus próprios dados confidenciais e/ou sigilosos, limitando o acesso somente às pessoas autorizadas, desde que devidamente supervisionadas, mantendo-as em local seguro, o que não exclui a sua responsabilização tanto no âmbito civil quanto, eventualmente, no penal, sem prejuízo das indenizações e ressarcimentos por perdas e danos, eventual lucro cessante, danos indiretos e/ou quaisquer outros prejuízos patrimoniais e/ou morais ocorridos em decorrência deste descumprimento. A **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS** ficará como responsável, perante a Instituição, pela utilização, armazenamento (banco de dados), tratamento e, por fim, eliminação dos dados necessários para a **PESQUISA**.

1. A **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS** tem a responsabilidade em relação às informações que serão utilizadas durante o período em que a **PESQUISA** ocorrer.

1. A **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS** se compromete a tomar todas as precauções para assegurar a confidencialidade, integridade e não disponibilidade de

1 , sejam eles externos, que tenham sido confiados a ele(a).

1. A **AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS** assume, pessoalmente, irrevogável e irretratavelmente, a obrigação de não revelar, reproduzir, repassar, expor ou divulgar, sob qualquer meio, pretexto, fundamento ou justificativa, as informações e/ou dados pessoais a que, por qualquer razão, tiver acesso, bem como de manter a confidencialidade de tais informações, que vierem a ser de seu conhecimento, por prazo indeterminado, permanecendo a obrigação de proteção da confidencialidade mesmo após o período de vigência do contrato de trabalho.

1. A vigência desta **DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE, COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE** começa da data de sua assinatura, tendo caráter irrevogável e irretratável, terminando com a conclusão ou descarte de serviços e, mesmo que a prestação de serviços não venha a ser executada, o dever de confidencialidade persistirá e se manterá indefinidamente.

1. Em caso de descumprimento das obrigações, compromissos e confidencialidade constantes desta Declaração, as medidas legais cabíveis serão aplicadas.

Campinas (SP), 24 de junho de 2024.

Vera Santana Luz

AGENTE DE TRATAMENTO DE DADOS

Questionário Semi Estruturado

- 1. De onde você e sua família se originam?**
- 2. Como era a casa onde você nasceu?**
- 3. Quem mora em sua casa além de você?**
- 4. Vocês têm animais domésticos?**
- 5. Você poderia contar a história de sua casa?**
- 6. Como foi o processo de construção de sua casa?**
- 7. Você e sua família realizaram a construção de uma só vez ou em etapas diferentes ao longo do tempo?**
- 8. Como chegaram e são, atualmente, os serviços públicos disponibilizados no seu bairro? Vocês tiveram que providenciar algum(uns) dele(s) por conta própria? (ex. água, esgotos, energia, iluminação pública, coleta de lixo, drenagem de águas pluviais, telefonia, internet)**
- 9. Há algum lugar de sua casa que você acha necessário melhoramentos ou reformas?**
- 10. Os espaços livres de sua casa atendem suas necessidades cotidianas?**
- 11. Você acha que seria necessário alterar os espaços livres de alguma forma?**
- 12. Como você e sua família decidiram a forma de mobiliar e equipar os ambientes de sua casa?**
- 13. Quais são os seus hábitos no dia-a-dia em sua casa?**
- 14. Como você interage com os diferentes espaços da sua casa ao longo do dia?**
- 15. Os diferentes ambientes atendem as necessidades cotidianas de vocês?**
- 16. E as outras pessoas de sua família — como interagem nestes espaços ao longo do dia?**
- 17. Existe algum lugar da casa que é seu preferido, seu canto especial? Por quê?**
- 18. E as outras pessoas de sua família — você considera que tenham ambientes preferidos?**
- 19. No seu tempo livre em casa o que você gosta mais de fazer?**
- 20. E as outras pessoas de sua família?**
- 21. Você considera sua casa acolhedora para você e sua família? Por que?**

22. O que você acha que contribui, em sua casa, para sua felicidade? (ex: espaço, materiais, iluminação, temperatura, ventilação, mobília, decoração, cores, lembranças, etc.)
23. Existe algum espaço que você acha menos agradável? Por quê?
24. Você cultiva relacionamentos com seus vizinhos?
25. Sua proximidade com a vizinhança se alterou ao longo do tempo? Como?
26. Como você descreveria esta relação com a vizinhança para o bem-estar seu e da comunidade?
27. Existe mais alguma coisa que você gostaria de contar sobre a história de sua casa, seus ambientes e sonhos para o futuro?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa de mestrado intitulada “Amostra de Vida, Ação e Construção de Mundo na Favela Cafezinho”, de responsabilidade do pesquisador Felipe Perpetuo Costa, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com o objetivo de revelar como se dão, concretamente, as morfologias de ocupação de contingentes periféricos, que têm sua memória enraizada na luta pelo direito à moradia, à cidade e à cidadania. A amostra será composta por moradores da Favela Cafezinho, a fim de identificar determinadas formas que se fizeram presentes, na realização de suas próprias casas, em movimento de autoconstrução e luta por garantia de posse.

O seu envolvimento nesse estudo é voluntário, e se dará mediante de coleta de depoimento detalhado, a partir de entrevista que ocorrerá de forma presencial. O depoimento será gravado via áudio para análise posterior do conteúdo, com duração de 50 minutos a 2 horas. Garante-se que seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho, exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada.

A participação nessa pesquisa não lhe trará qualquer prejuízo ou benefício financeiro ou profissional e, se desejar, a sua exclusão do grupo de pesquisa poderá ser solicitada, em qualquer momento.

Por não se tratar de uma pesquisa científica, a investigação apresenta baixo risco e espera-se não causar nenhum tipo de constrangimento com as perguntas. Como pesquisador, estarei à disposição para realizar pausas e esclarecer quaisquer dúvidas que possam surgir durante a coleta dos dados.

Os dados serão armazenados em computador e HD externo pessoais do pesquisador, e na nuvem, em pasta pessoal do *One Drive*, disponibilizada pela PUC-Campinas. O material é sigiloso, apenas o pesquisador e a orientadora terão acesso a ele, bem como você terá acesso aos seus próprios dados escritos, a fim de verificar a precisão das transcrições das informações compartilhadas.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade da PUC-Campinas**, telefone de contato (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 - Campinas – SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h às 17h, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos quanto à avaliação

de caráter ético do projeto. Dúvidas com relação ao projeto/pesquisa, favor entrar em contato com a pesquisador responsável Felipe Perpetuo Costa, telefone de contato (11) 98885-7698, e-mail: felipeperpetuocosta@gmail.com.

Caso concorde em dar o seu consentimento livre e esclarecido para participar do Projeto de Pesquisa supracitado, assine o seu nome abaixo.

Atenciosamente,

Felipe Perpetuo Costa - pesquisador

Estou esclarecido(a) e dou consentimento para que as informações por mim prestadas sejam usadas nesta pesquisa. Também, estou ciente de que receberei uma via integral deste Termo.

Nome/assinatura do(a) participante da pesquisa

Data:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, _____ portador(a) do RG n.º _____, inscrito(a) no CPF sob o n.º _____, AUTORIZO o uso de minha voz, constante na gravação como parte da coleta de dados da pesquisa de Mestrado intitulada “Amostra de Vida, Ação e Construção de Mundo na Favela Cafezinho” que tem como pesquisador responsável o discente Felipe Perpetuo Costa mestrando em Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Declaro ainda que fui informado(a) que as imagens serão somente para fins de estudo entre os pesquisadores envolvidos, não havendo divulgação em outros meios, garantindo a preservação e o sigilo.

Local e data: _____

Nome por extenso do(a) participante: _____

Assinatura do(a) participante: _____

Telefone para contato: (____) _____

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA TRATAMENTO DE DADOS PESSOAIS

TITULAR: _____

Este documento visa registrar a manifestação livre, informada e inequívoca pela qual o(a) Titular concorda com o tratamento de seus dados pessoais para finalidade específica, em conformidade com a Lei nº 13.709 – Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).

Ao declarar que concorda com o presente termo, o(a) Titular consente que a **SOCIEDADE CAMPINEIRA DE EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO (SCEI)**, Mantenedora da **PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS (PUC-Campinas)**, sediada à Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1.516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, CEP 13087-571, Campinas/SP, inscrita no CNPJ sob o nº 46.020.301/0001-88, doravante denominada Controladora, tome decisões referentes ao tratamento de seus dados pessoais, bem como realize o tratamento de seus dados pessoais, envolvendo operações como as que se referem à coleta, produção, recepção, classificação, utilização, acesso, reprodução, transmissão, distribuição, processamento, arquivamento, armazenamento, eliminação, avaliação ou controle da informação, modificação, comunicação, transferência, difusão ou extração deles.

Dados Pessoais

A Controladora fica autorizada a tomar decisões referentes ao tratamento e a realizar o tratamento dos seguintes dados pessoais do(a) Titular:

- Nome completo
- Data de nascimento
- Idade
- Nacionalidade
- Gênero

Finalidades do Tratamento dos Dados

O tratamento dos dados pessoais listados neste termo tem a finalidade de:

- possibilitar que a Controladora utilize tais dados em Pesquisas Acadêmicas e de Mercado;
- possibilitar que a Controladora preste contas aos órgãos governamentais e/ou judiciais responsáveis por fiscalizar as Pesquisas Acadêmicas;
- possibilitar que a Controladora utilize tais dados na elaboração de relatórios e emissão de Pesquisa Acadêmica.

Compartilhamento de Dados

A Controladora fica autorizada a compartilhar os dados pessoais do(a) Titular com outros agentes de tratamento de dados, caso seja necessário para as finalidades listadas neste termo, observados os princípios e as garantias estabelecidas pela Lei nº 13.709/18.

Segurança dos Dados

A Controladora responsabiliza-se pela manutenção de medidas de segurança, técnicas e administrativas aptas a proteger os dados pessoais de acessos não autorizados e de situações acidentais ou ilícitas de destruição, perda, alteração, comunicação ou qualquer forma de tratamento inadequado ou ilícito.

Em conformidade com o art. 48 da Lei nº 13.709, a Controladora comunicará ao(à) Titular e à Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD) a ocorrência de incidente de segurança, que possa acarretar risco ou dano relevante ao(à) Titular.

Término do Tratamento dos Dados

A Controladora poderá manter e tratar os dados pessoais do(a) Titular durante todo o período em que estes forem pertinentes ao alcance das finalidades listadas neste termo. Dados pessoais anonimizados, sem possibilidade de associação ao indivíduo, poderão ser mantidos por período indefinido.

O(A) Titular poderá solicitar via e-mail (dpo@puc-campinas.edu.br) ou correspondência à Controladora, a qualquer momento, que sejam eliminados os dados pessoais não anonimizados do(a) Titular.

O(A) Titular ficará ciente de que, com a eliminação de seus dados pessoais, ficará excluído da Pesquisa Acadêmica.

Direitos do(a) Titular

O(A) Titular tem o direito de obter da Controladora, em relação aos dados por ela ele tratados, a qualquer momento e mediante requisição:

1. confirmação da existência de tratamento;
2. acesso aos dados;
3. correção de dados incompletos, inexatos ou desatualizados;
4. anonimização, bloqueio ou eliminação de dados desnecessários, excessivos ou tratados em desconformidade com o disposto na Lei nº 13.709/18;
5. portabilidade dos dados a outro fornecedor de serviço ou produto, mediante requisição expressa e observados os segredos comercial e industrial, de acordo com a regulamentação do órgão controlador;
6. portabilidade dos dados a outro fornecedor de serviço ou produto, mediante requisição expressa, de acordo com a regulamentação da autoridade nacional, observados os segredos comercial e industrial;
7. eliminação dos dados pessoais tratados com o consentimento do(a) Titular, para as seguintes finalidades: (i) cumprimento de obrigação legal ou regulatória pela Controladora; (ii) estudo por órgão de pesquisa, garantida, sempre que possível, a anonimização dos dados pessoais; (iii) transferência a terceiro, desde que respeitados os requisitos de tratamento de dados dispostos nesta Lei; ou (iv) uso exclusivo da Controladora, vedado seu acesso a terceiro, e desde que anonimizados os dados, excetuada a hipótese do inciso VII do artigo 18 da Lei nº 13.709/18, com relação à informação das entidades públicas e privadas, com as quais a Controladora realizou uso compartilhado de dados;
8. informação sobre a possibilidade de não fornecer consentimento e sobre as consequências da negativa;
9. revogação do consentimento, nos termos do § 5º do art. 8º da Lei nº 13.709/18.

Direito de Revogação do Consentimento

Este consentimento poderá ser revogado pelo(a) Titular, a qualquer momento, mediante solicitação via e-mail dpo@puc-campinas.edu.br para a Controladora.

Por ser esta a expressão da verdade, firma o presente em **duas vias** de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo identificadas, para que produza seus efeitos jurídicos e legais.

Campinas, ____ de _____ de 20__.

TITULAR:

Testemunhas:

1) _____

Nome:

CPF:

2) _____

Nome:

CPF:



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: Amostra de Vida, Ação e Construção de Mundo na Favela Cafezinho			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 6			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas			
PESQUISADOR			
5. Nome: FELIPE PERPETUO COSTA			
6. CPF: 455.622.608-24		7. Endereço (Rua, n.º): DOUTOR JOAO BUENO VILA AUGUSTA GUARULHOS SAO PAULO 07023040	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 11988857698	10. Outro Telefone:
		11. Email: felipeperpetuocosta@gmail.com	
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: 20 / 06 / 2024		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS		13. CNPJ: 46.020.301/0001-88	14. Unidade/Orgão:
15. Telefone: (19) 3343-6777		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: Alessandra Borin Nogueira		CPF: 182.004.368-10	
Cargo/Função: Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão			
Data: 28 / 06 / 2024		 Profa. Dra. Alessandra Borin Nogueira Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão PUC-Campinas	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

Anexo 3: Imagens da Favela Cafezinho autorais, realizadas em 16 de março de 2024





























































































